

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

KARINE FRANCISCONI

**CONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DO CAMPO CIENTÍFICO EM ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS NO BRASIL: O PERÍODO 1997-2007**

**CURITIBA
2008**

KARINE FRANCISCONI

**CONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DO CAMPO CIENTÍFICO EM ESTUDOS
ORGANIZACIONAIS NO BRASIL: O PERÍODO 1997-2007**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração, área de concentração Estratégia e Organizações, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Clóvis L. Machado-da-Silva

CURITIBA

2008

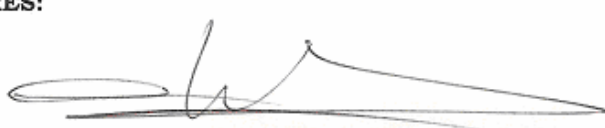
“CONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DO CAMPO CIENTÍFICO EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO BRASIL: O PERÍODO 1997-2007”

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA ADEQUADA PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO (ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: ESTRATÉGIA E ORGANIZAÇÕES), E APROVADA EM SUA FORMA FINAL PELO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ.



**PROF. DR. PEDRO JOSÉ STEINER NETO
COORDENADOR DO Mestrado**

APRESENTADO À COMISSÃO EXAMINADORA INTEGRADA PELOS PROFESSORES:



**PROF. DR. CLÓVIS LUIZ MACHADO-DA-SILVA
PRESIDENTE**



**PROF. DR. EDSON RONALDO GUARIDO FILHO
MEMBRO**



**PROF. DR. JOÃO MARCELO CRUBELLATE
MEMBRO**

A Deus.
Aos meus pais.

AGRADECIMENTOS

Devo agradecer, acima de tudo, a Deus por dar-me novo ânimo a cada dia, por conceder-me a graça abundante de falar e de escrever, a acuidade para entender, a sutileza de relevar e a atividade calma. Por fazer-me aceitar a crítica e evitar a dispersão na desordem, por reger-me a continuar e perseverar até o término e por me escolher, para que eu dê frutos e que estes permaneçam, não por méritos meus, mas por graça Tua.

À minha bela família: pai (Francisconi), mãe (Elza), irmãos (Marco e José) e cunhadas (Andressa e Camile), pelo apoio, carinho, compreensão e paciência, que embora quase esgotada, resistiu até o fim. Em especial à minha mãe, que além de superar a minha ausência nos negócios da família, deu-me o seu carinho materno diariamente. Aos meus lindos sobrinhos e afilhados (Gabrielle, Marco Aurélio, Guilherme e Camila), simplesmente por existirem e por “compreenderem” a minha ausência neste período de dedicação exclusiva à pesquisa. Em particular, agradeço ao Marco Aurélio, por “entender” que aos 2 anos de idade, seria quase impossível ajudar-me a digitar este trabalho. Aos meus parentes: avó, padrinho, madrinha, tios, tias, primos e primas pelo apoio espiritual, incentivo, palavras de otimismo e compreensão.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Clóvis L. Machado-da-Silva, pela compreensão, paciência, confiança e acima de tudo, pelo conhecimento e competência a quem devo a oportunidade de crescimento intelectual.

Aos meus coorientadores e amigos, Edson Guarido Filho e Luciano Rossoni, os quais estimo e admiro pela inteligência, paciência, preocupação, dedicação, apoio e amizade.

Aos professores Sérgio Bulgacov e Paulo Mussi, que como membros da banca de projeto trouxeram considerações relevantes para o desenvolvimento deste trabalho. Também sou muito agradecida aos professores membros da banca examinadora, Edson Guarido Filho e João Marcelo Crubellate, pela maneira humilde e sensível de aconselhar, sugerir, dar ideias e apoiar a finalização desta dissertação.

É uma alegria poder agradecer aos grandes amigos que fiz neste mestrado: Augusto pelo carinho nos momentos difíceis; ao Bonfim pelos sábios ensinamentos; ao Caio pelos créditos depositados; à Elizangela pela confiança, pelo suporte e

amizade que se formou; à Claudia, Édvin e Érika pela torcida e apoio; à Eneida pelo carinho e incentivo nos mais diversos campos da vida; ao Flávio pelo interesse, vibração com esta pesquisa e pela alegria; ao Juliano por seus conhecimentos em informática e quantitativos, além do ombro amigo nos momentos delicados. E, por último, mas não menos importante, ao Rodrigo pela ideia de fazermos um mutirão.

Em especial, agradeço a uma pessoa mais do que especial, Filipe, que de amigo passou a ser namorado durante esta etapa da vida. Agradeço por seus ensinamentos, valores, princípios, inteligência, fé, companheirismo, cumplicidade, admiração, paciência e acima de tudo, pelo seu grande amor por mim capaz de superar tudo.

Meu débito às alunas de mestrado de 2007 e grandes amigas: Thaís pelos esclarecimentos de assuntos que fugiam do meu domínio, e em especial à Vivian, Débora e ao amigo Rodrigo, pela grande ajuda em uma etapa do desenvolvimento desta pesquisa, quando o tempo se mostrou traiçoeiro.

Aos integrantes do grupo de pesquisa orientado pelo professor Clóvis: Cláudia Coser, Débora Pessoa, Edson Guarido Filho, professor João Marcelo Crubellate, José Bonfim de Albuquerque Filho, Júlia Graeff, Luciano Rossoni, Luis Henrique França, Regina Nakayama, Sergio Filipe Chaerki e Vivian Ribeiro de Oliveira, pelas discussões, ideias e companheirismo.

Ao professor e amigo Cláudio Luchesa que me incentivou a fazer este mestrado. A ele toda a minha admiração pelo apoio em seguir a carreira de docente, pelas longas conversas, pelos ensinamentos e pelos valores de um professor imortal. Agradeço também à Cristiane Ribas Machado pela grande amizade e apoio.

Ao professor e amigo Maurício Reinert pelo incentivo e tempo investido com minhas dúvidas sobre ajustes curriculares mesmo em meio ao término da tese de doutorado em Michigan. À Fabiane Verdu pelo apoio no início desta jornada.

À Ana Cláudia Souza e Vandete Mendonça pelas palavras motivadoras.

Ao professor Ademir Clemente pelo incentivo e pelas palavras de conforto.

Ao brilhante Irmão Virgílio Balestro pela revisão ortográfica e gramatical.

E àquelas pessoas que, pelas vias do destino, tomaram rumos diferentes, mas que, ainda assim, são merecedoras do meu agradecimento, pois enquanto pertencentes ao meu mundo, apoiaram, incentivaram, admiraram e sofreram comigo.

A todos, o meu muito obrigado.

“... toda a ciência seria inútil se,
por detrás de tudo aquilo que faz os homens conhecer,
eles não se tornassem mais sábios,
mais tolerantes, mais mansos,
mais felizes, mais bonitos...”
Rubem Alves

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	ix
LISTA DE QUADROS	x
LISTA DE TABELAS	xi
LISTA DE GRÁFICOS	xii
RESUMO.....	xiii
ABSTRACT.....	xiv
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA.....	3
1.2 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DA PESQUISA.....	3
1.2.1 Objetivos Específicos	3
1.3 JUSTIFICATIVAS TEÓRICA E PRÁTICA.....	4
1.4 ESTRUTURA DO PROJETO DE PESQUISA.....	5
2 BASE TEÓRICO-EMPÍRICA.....	7
2.1 TEORIA INSTITUCIONAL	7
2.1.1 Os pilares das instituições	12
2.2 PRODUÇÃO CIENTÍFICA	17
2.2.1 Produção científica em Administração no Brasil.....	21
2.3 OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS	26
2.4 CAMPOS E CAMPOS CIENTÍFICOS	28
2.5 PARADIGMAS	31
2.6 PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS	35
2.6.1 Funcionalismo	38
2.6.2 Estruturalismo.....	44
2.6.3 Interpretativismo	49
2.6.4 Estruturacionismo	57
2.6.5 Teoria crítica.....	66
2.6.6 Estudos críticos	71
2.7 INTEGRANDO TEORIA INSTITUCIONAL E CONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DO CAMPO CIENTÍFICO	75
3 METODOLOGIA.....	78
3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	78
3.1.1 Perguntas de Pesquisa	78
3.1.2 Apresentação das Categorias Analíticas.....	79
3.1.3 Definição Constitutiva e Operacional das Categorias Analíticas	79
3.1.4 Definição de outros termos relevantes	81
3.2 DELINEAMENTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA.....	82
3.2.1 Delineamento da Pesquisa.....	82
3.2.2 População e Amostragem	84
3.2.3 Coleta e Tabulação dos Dados	86

3.2.3.1	<i>Identificação do perfil de participação dos autores no campo</i>	89
3.2.3.2	<i>Identificação das perspectivas epistemológicas</i>	90
3.2.3.3	<i>Identificação dos temas</i>	93
3.2.4	Análise dos dados	94
3.3	FACILIDADES E DIFICULDADES NA COLETA, TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	95
3.4	LIMITAÇÕES DA PESQUISA	96
4	ANÁLISE DOS DADOS	98
4.1	PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS	98
4.1.1	Temas abordados pelos artigos	105
4.1.1.1	<i>Temas e veículos de comunicação dos artigos</i>	112
4.1.2	Perspectivas epistemológicas dos artigos	116
4.1.2.1	<i>Perspectivas epistemológicas e veículos de comunicação dos artigos</i>	121
4.1.3	Temas e perspectivas epistemológicas adotados pelos artigos	124
4.1.4	Perfil de participação dos autores no campo	131
4.1.5	Perfil de participação dos autores e temas adotados nos artigos	136
4.1.6	Perfil de participação dos autores e perspectivas epistemológicas dos artigos	137
4.1.6.1	<i>Perfil de participação dos autores e veículos de comunicação</i>	139
4.2	ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO BRASIL	142
5	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	151
	REFERÊNCIAS	162
	APÊNDICE A – INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE O PERFIL DE PUBLICAÇÃO DOS AUTORES	184

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 TEORIA INSTITUCIONAL E TEORIA DA ESTRUTURAÇÃO.....	11
FIGURA 2 CONSEQUÊNCIAS IMPREMITADAS: CONTRA O FUNCIONALISMO	58
FIGURA 3 MODELO DE ESTRATIFICAÇÃO DO AGENTE.....	60
FIGURA 4 DIMENSÕES DA DUALIDADE DA ESTRUTURA	62
FIGURA 5 ARTICULAÇÃO DOS SISTEMAS SOCIAIS	63
FIGURA 6 CIRCUITO DE REPRODUÇÃO INSTITUCIONAL	64
FIGURA 7 ESTRUTURA DO ESTUDO	79
FIGURA 8 CRESCIMENTO DA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS.....	132

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 OS TRÊS PILARES DA INSTITUIÇÃO	13
QUADRO 2 PILARES INSTITUCIONAIS E CONDUTORES	14
QUADRO 3 VARIANTES DA TEORIA INSTITUCIONAL	16
QUADRO 4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE CAMPOS ORGANIZACIONAIS	29
QUADRO 5 PERIÓDICOS E EVENTOS CIENTÍFICOS AVALIADOS ENTRE 1997 E 2007	85
QUADRO 6 ÁREAS TEMÁTICAS DA DIVISÃO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS - 2007	88
QUADRO 7 <i>WEBSITES</i> DOS PERIÓDICOS E EVENTOS CONSIDERADOS	89
QUADRO 8 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DOS AUTORES	90
QUADRO 9 FUNCIONALISMO SOB DOIS ENFOQUES	91
QUADRO 10 ESTRUTURA DE REFERÊNCIA DAS PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS	92
QUADRO 11 SUBTEMAS E CONTEÚDOS MAIS FREQUENTES POR GRUPOS TEMÁTICOS ...	110

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 EVOLUÇÃO ANUAL DO NÚMERO DE ARTIGOS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	98
TABELA 2 ARTIGOS PUBLICADOS POR PERÍODO E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	99
TABELA 3 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR PERÍODO E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	100
TABELA 4 NÚMERO DE EDIÇÕES COM PUBLICAÇÃO NA ÁREA PESQUISADA.....	104
TABELA 5 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR TEMAS E POR PERÍODO.....	105
TABELA 6 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR TEMAS E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	113
TABELA 7 EVOLUÇÃO DOS TEMAS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO E POR PERÍODO	114
TABELA 8 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS EM CADA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA POR PERÍODO	119
TABELA 9 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	121
TABELA 10 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO E POR PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA	122
TABELA 11 PERCENTUAL DE ARTIGOS DOS ENFOQUES FUNCIONALISTAS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	123
TABELA 12 PERCENTUAL DE ARTIGOS PESQUISADOS POR TEMA E PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA.....	126
TABELA 13 PERCENTUAL DE ARTIGOS PESQUISADOS POR TEMA E PELOS ENFOQUES DO FUNCIONALISMO	130
TABELA 14 DISTRIBUIÇÃO DE PESQUISADORES SEGUNDO CATEGORIAS DE PRODUÇÃO	133
TABELA 15 REPRESENTATIVIDADE DAS CATEGORIAS DE PRODUÇÃO E CONTINUIDADE	134
TABELA 16 PESQUISADORES MAIS PROLÍFICOS (10 OU MAIS ARTIGOS PUBLICADOS)	135
TABELA 17 PERCENTUAL DE AUTORES POR TEMA E PERFIL DE PUBLICAÇÃO	136
TABELA 18 PERCENTUAL DE AUTORES POR PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA, PERFIL DE PARTICIPAÇÃO E POR PERÍODO	138
TABELA 19 PERCENTUAL DE AUTORES SOB OS ENFOQUES DO FUNCIONALISMO E PERFIL DE PARTICIPAÇÃO	139
TABELA 20 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA TEMÁTICA	144
TABELA 21 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA EPISTEMOLÓGICA.....	146
TABELA 22 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA DO PERFIL DE PUBLICAÇÃO	147
TABELA 23 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA DA VEICULAÇÃO	148
TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE ...	184

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 COMPARAÇÃO ENTRE ARTIGOS PUBLICADOS POR MEIO DE COMUNICAÇÃO	102
GRÁFICO 2 ARTIGOS PUBLICADOS POR EVENTO	102
GRÁFICO 3 ARTIGOS PUBLICADOS POR PERIÓDICOS	103
GRÁFICO 4 EVOLUÇÃO DOS TEMAS PESQUISADOS POR PERÍODO	107
GRÁFICO 5 PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS DOS ARTIGOS.....	117
GRÁFICO 6 EVOLUÇÃO DO FUNCIONALISMO COM ENFOQUE PRESCRITIVO vs. DESCRITIVO	118
GRÁFICO 7 EVOLUÇÃO DAS PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS POR ANO	119
GRÁFICO 8 PERCENTUAL DE ENFOQUES FUNCIONALISTAS POR PERIÓDICOS E EVENTOS	124
GRÁFICO 9 PERCENTUAL DE AUTORES POR PERIÓDICO.....	139
GRÁFICO 10 FREQUÊNCIA DE AUTORES POR EVENTO	140
GRÁFICO 11 PERCENTUAL DE AUTORES POR EVENTO	141
GRÁFICO 12 PERCENTUAL DE AUTORES POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO.....	142

RESUMO

Partindo da premissa de que o conhecimento científico é socialmente e historicamente produzido, buscou-se revisitar a área dos Estudos Organizacionais, a fim de investigar de que maneira a trajetória da relação entre o perfil de participação dos autores nacionais, temas e as perspectivas epistemológicas contidos nos artigos por eles produzidos influenciou a estruturação do campo no Brasil, no período de 1997 a 2007. Adotou-se como quadro teórico a teoria institucional com lógica estruturacionista. O delineamento do estudo foi descritivo-qualitativo com amplitude de análise longitudinal. Para tanto, utilizou-se como método a pesquisa documental, caracterizando meta-estudo e análise de conteúdo para tratamento dos dados. Foram analisados 1791 artigos e 1583 autores. Dos artigos foram levantados os temas e as perspectivas epistemológicas. Os autores foram categorizados em continuantes, transientes, *one-timers*, entrantes e retirantes. Tomaram-se como fonte de coleta de dados os anais do EnANPAD e do EnEO e os principais periódicos científicos brasileiros: BAR, O&S, RAC, RAC-eletrônica, RAE, RAE-eletrônica, RAP, RAUSP e REAd. Os resultados indicam que, embora a produção da área tenha aumentado significativamente em volume, qualitativamente esta mudança está sendo lentamente modificada. Os dados demonstram que a área vem sofrendo modificações que sustentam o campo, seja pela incorporação de perspectivas epistemológicas, ou por temas, a fim de resolver as novas questões que se vão colocando na análise organizacional. Houve crescimento no número de estudos desenvolvidos sob as perspectivas epistemológicas: interpretativista, estudos críticos, teoria crítica, estruturacionista e estruturalista. Porém a base epistemológica predominantemente é a funcionalista, com estudos mais descritivos do que prescritivos. Alguns temas emergiram e vêm gradativamente conquistando espaço: *Institucionalização e Campos*, *Diversidade e Gênero* e *Redes e Confiança*, sendo o primeiro com maior incremento quantitativo. Porém, temas voltados para a prática administrativa são os mais pesquisados, fundamentalmente sob a perspectiva funcionalista, com exceção de *Cultura*, *Simbolismo*, *Identidade* e *Outras Abordagens Interpretativistas*, *Institucionalização e Campos* e *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica*. O presente estudo demonstrou que mais de 60% dos pesquisadores da área são classificados como *one-timers*, que ao mesmo tempo demonstram pouco comprometimento com o desenvolvimento do campo, assim como porta de entrada e atratividade para explicação de fenômenos organizacionais; esta categoria é a que mais pesquisa sob o enfoque funcionalista: 56% dos autores, com geração de conhecimento mais prescritivo; os continuantes, por sua vez, apresentam maior média de envolvimento em trabalhos: 11,8, porém, há concentração de publicações em número reduzido de autores, sendo Clóvis L. Machado-da-Silva o mais prolífico. Enquanto a categoria dos *one-timers* pode representar expansão, a categoria dos continuantes representa as bases de sustentação, legitimação e continuidade da pesquisa no campo, devido à regularidade de suas publicações. Com exceção do funcionalismo e da teoria crítica, a categoria dos continuantes apresentou maior percentual em todas as perspectivas epistemológicas investigadas e respectivos temas. A O&S e RAC são os periódicos mais representativos, assim como o EnANPAD. Todos esses elementos contribuíram para a configuração estrutural do campo de Estudos Organizacionais.

Palavras-chave: estudos organizacionais; produção científica; perfil de publicação dos autores; perspectivas epistemológicas; temas.

ABSTRACT

From the proposition that knowledge is socially and historically produced, we sought to revisit Organizational Studies area in order to investigate in what way the relationship path between the national authors' publication profile, themes and the epistemological perspective included in the articles they produced influenced structure of the field in Brazil during the period that goes from 1997 to 2007. Institutional theory was adopted as theoretical board with structurationist logics. The study delimitation was descriptive-qualitative with longitudinal analysis extent. To reach that, it was used documental research method characterizing a study-target and content analysis for data treatment. 1791 articles and 1583 authors were analyzed. From the articles the most broached themes were surveyed and epistemological perspectives. The authors were categorized in continuants, transients, one-timers, newcomers and terminators. The source for data collection was the annals of EnANPAD and EnEO, and the most important brazilian journals: BAR, O&S, RAC, RAC-electronic, RAE, RAE-electronic, RAP, RAUSP and REAd. The results show that although the area production had increased significantly in volume, qualitatively this change has been slowly modified. The data show that the area has been facing changes that support the field, by the incorporation of epistemological perspectives and by themes, which intention is to solve the new questions of organizational analysis. The epistemological perspectives gained representativeness: interpretativist, critical studies, critical theory, structurationist and structuralist. But the epistemological base is still predominantly functionalist, with descriptive studies. Some themes emerged and are among the most researched: *Institutionalization and Fields*, *Diversity and Gender* and *Network and Confidence*, the first one presented the quantitative increment. However, themes about administrative practice are the most researched, basically under the functionalist perspective, except *Culture, Symbolism, Identity and Others Interpretative Focus*, *Institutionalization and Fields* and *Theory, Method, Epistemology and Scientific Production*. The preset study showed more than de 60% of the researched in the are is classified as one-timers which demonstrate little commitment with the development of the field as well as door of entrance and attractiveness for explanation of organizational phenomena; the functionalists works are more researched by that category: 56% of the authors, with generation pf prescriptive knowledge; the continuants present a broader average of involvement with works: 11,8; however there is concentration of publications in reduced number of authors, Clóvis L. Machado-da-Silva is the most prolific in the field. While the one-timers' category can represent expansion, the continuants' category represent the bases of sustentation, legitimating and continuity of the research in the field due to regularity of its publications. With exception of the functionalism and the critical theory, continuants' category present greater percentile in all the excessively epistemological perspectives investigate and respective themes. The O&S and RAC are the most representative periodic, as well as the EnANPAD. All those aspects contributed to the structural configuration of the field of Organizational Studies.

Key-words: organizational studies; scientific production, authors' publication profile; epistemological perspectives; themes.

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a academia brasileira de Administração tem-se voltado para si mesma, no sentido de reavaliar a sua postura e procedimentos em relação à sua própria pesquisa acadêmica, bem como visitar a produção nacional do conhecimento em Administração. Em análise crítica retrospectiva, busca-se indagar se, além do evidente crescimento quantitativo, a produção na área cresceu também em qualidade, rigor e relevância. Meta-estudos, cuja finalidade está na reflexão e no balanço crítico da produção científica, têm crescido especialmente desde 1990, abrangendo múltiplas dimensões e variáveis de análise em quase todas as áreas da administração (CALDAS, TONELLI e LACOMBE, 2002).

Especificamente o campo dos Estudos Organizacionais tem proporcionado amplo ambiente de trabalho e discussão dentro das ciências administrativas. As discussões relativas às diferentes abordagens têm proporcionado uma ebulição de ideias com diferentes enfoques (RIGATTO, 1999). Isto fortalece a ideia da necessidade de meta-estudos neste campo de conhecimento.

Os indicadores de produção científica também vêm ganhando importância crescente como instrumentos de análise da atividade científica e das suas relações com o desenvolvimento econômico e social. Os indicadores podem ser compreendidos como dados estatísticos usados para medir algo intangível: ilustram aspectos de uma realidade multifacetada. A construção e o uso de indicadores de produção científica são objetos de estudo de várias áreas do conhecimento, sendo usados tanto para o planejamento e a execução de políticas para o setor como também para que a comunidade científica conheça melhor o sistema no qual está inserida (FAPESP, 2005).

Sabe-se que gerar um saber científico requer um processo cuidadoso de avaliação, tanto por parte de quem o produz, quanto dos envolvidos no processo de aprovação institucional ou consagração cultural, ou seja, aqueles que exercem o “monopólio da autoridade científica definida como capacidade técnica e poder social” (BOURDIEU, 1983, p. 123).

Neste contexto, o conhecimento de nuances e aspectos da vida acadêmica e científica contribui no sentido de melhorar a própria atividade – seja por meio de melhoria do desempenho dos professores e pesquisadores, seja por meio da

aquisição de dados e conhecimentos que permitem planejar e refletir melhor sobre a realidade em que estão inseridos (VIEIRA, 2000).

O pressuposto fundamental deste trabalho é que, dada a extensão do conhecimento humano, a produção de conhecimento ocorre no tempo, ou seja, é historicamente produzida, e para ser compreendida é preciso analisar sua trajetória. O conhecimento não é obra de uma ou algumas pessoas, mas tende a ser uma cadeia em que mãos e esforços se unem, levando a que um prossiga aquilo que o outro iniciou, gerando assim acumulação de conhecimento (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005). À medida que se estabelece uma produção inicial, engendra-se a possibilidade de constituir um fluxo onde a noção mais importante para o avanço do conhecimento é a noção de continuidade (VIEIRA, 1998). Além disso, os produtores de conhecimento, as linhas de pesquisa, os conceitos de relevância, as metodologias adotadas e os periódicos acabam definindo e estruturando o campo do conhecimento científico (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

Buscando integrar-se nesse esforço, este trabalho tem como objetivo suprir, ao menos em parte, a ausência de dados sistemáticos relativos à evolução e à realidade da produção científica da área de Estudos Organizacionais, mapeando a identidade da área, a fim de verificar de que maneira a configuração estrutural do campo foi influenciada pela trajetória dos estudos realizados entre 1997 e 2007, avaliando a qualidade dos artigos científicos assim detalhados: temática, perfil de participação dos autores e perspectivas epistemológicas.

Sabe-se que o desenvolvimento de um campo de conhecimento pode ser avaliado observando-se sua produção (MACHADO-DA-SILVA; CUNHA e AMBONI, 1990). Por estas razões, é importante analisar, criticar e reformular posturas, para legitimar práticas de pesquisa. Nesse sentido, avaliar o conteúdo dos artigos, buscando identificar a temática, as perspectivas epistemológicas e o perfil de participação dos autores, podem esclarecer de que maneira o campo de estudos organizacionais no Brasil foi estruturalmente configurado.

A teoria institucional compõe a estrutura teórica sobre a qual o presente trabalho está assentado, e baseia-se em grande parte nas recentes tentativas de complementá-la com os princípios da teoria da estruturação, que considera a institucionalização de práticas como processo recorrente, garantindo e condicionando a estabilização dos sistemas sociais, neste caso, o campo de produção científica (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Escolheu-se delimitar o estudo somente na área de Estudos Organizacionais, pois acreditou-se que esta área é a mais tradicional do campo, fornecendo um quadro bem próximo da realidade. Além de ser considerado eixo estruturante dos cursos de graduação em administração, reflexivo da estabilidade e transformações paradigmáticas das disciplinas que contribuem para o campo (FISCHER, 2003, p. 47).

A partir desta introdução, serão apresentados nos tópicos seguintes o problema e os objetivos de pesquisa que guiaram a elaboração deste estudo.

1.1 FORMULAÇÃO DO PROBLEMA

A partir das considerações até aqui apresentadas, pretende-se analisar, sob uma perspectiva institucional, com contribuições da teoria da estruturação, o seguinte problema de pesquisa:

De que maneira a trajetória da relação entre o perfil de participação dos autores nacionais, temas e as perspectivas epistemológicas contidos nos artigos por eles produzidos influenciou a estruturação do campo de Estudos Organizacionais no Brasil, no período de 1997 a 2007?

1.2 DEFINIÇÃO DOS OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo central e orientador deste trabalho consiste em evidenciar de que maneira a trajetória da relação entre o perfil de participação dos autores nacionais, temas e as perspectivas epistemológicas contidos nos artigos por eles produzidos influenciou a estruturação do campo de Estudos Organizacionais no Brasil, no período de 1997 a 2007.

1.2.1 Objetivos Específicos

- a) Identificar os artigos publicados nos anais do EnEO e EnANPAD e nos periódicos acadêmicos brasileiros classificados como “A Nacional” no sistema *Qualis* da Capes na área de Estudos Organizacionais entre 1997 e 2007.

- b) Classificar os temas dos artigos da área, no período considerado.
- c) Classificar as perspectivas epistemológicas dos artigos da área, no período considerado.
- d) Classificar os autores dos artigos da área, no período considerado, em conformidade com o seguinte perfil: continuantes, transientes, *one-timers*; entrantes e retirantes.
- e) Identificar a relação entre os três fatores considerados: perfil de participação dos autores, temas e perspectivas epistemológicas dos artigos.
- f) Verificar a influência dos três fatores considerados na configuração estrutural do campo dos Estudos Organizacionais no Brasil, no período compreendido entre 1997 e 2007.

1.3 JUSTIFICATIVAS TEÓRICA E PRÁTICA

A teoria institucional, segundo Machado-da-Silva, Fonseca e Crubellate (2005), apresenta uma útil perspectiva para a análise deste trabalho, pois considera estrutura, interpretação e agência, sendo os elementos mais importantes da institucionalização como processo recorrente, garantindo e condicionando a estabilização dos sistemas sociais.

O campo dos Estudos Organizacionais, visto aqui como sistema social, tanto constrange quanto habilita as práticas de pesquisa vigente em contexto de pesquisadores imersos institucionalmente. No entanto, tais práticas não só reproduzem as estruturas anteriores, mas também as transformam, e por conseguinte refletem na produção do conhecimento e na trajetória dos Estudos Organizacionais no Brasil.

Desta maneira, para se verificar como o campo de Estudos Organizacionais foi estruturalmente configurado, o elemento “estrutura” forneceu o conjunto de regras e recursos implicados na reprodução de práticas de pesquisa. O elemento “interpretação” deu suporte para entender como os pesquisadores interpretam sua realidade e projetam seus estudos, considerando as suas escolhas temáticas e epistemológicas. Já o elemento “agência” forneceu suporte para explicar a capacidade dos pesquisadores de fazerem algum efeito, ao conduzirem pesquisas que gerem conhecimento para a área de Estudos Organizacionais.

Nesse sentido, a justificativa teórica desta proposta de estudo constitui-se em avanço no conhecimento sobre as aplicações da teoria institucional no desenvolvimento de pesquisas na área de Estudos Organizacionais, contribuindo para maior compreensão do campo. Contribui também na construção de uma tradição de pesquisa cumulativa e para o estado da arte da produção científica em administração no Brasil.

Este estudo também busca fazer com que a academia brasileira de administração, especificamente a área de Estudos Organizacionais, se volte para si mesma, em uma análise retrospectiva que busca indagar se, além do evidente crescimento quantitativo, a produção na área cresceu também em qualidade, ou seja, verificar se “produção científica” está sendo sinônimo de “conhecimento científico”.

Neste sentido a justificativa prática deste trabalho se pauta pela intenção de contribuir para um aumento da reflexividade sobre a produção científica, tanto dos pesquisadores da área de Estudos Organizacionais, como dos programas de pós-graduação em administração e suas respectivas linhas de pesquisa, principalmente aquelas relacionadas com a área de Organizações. Igualmente, visa-se a encontrar nos resultados deste trabalho uma contribuição para a solução dos problemas de interesses acadêmicos e da sociedade.

1.4 ESTRUTURA DO PROJETO DE PESQUISA

Organizou-se o presente trabalho em cinco partes, incluindo-se esta. A primeira parte compreende breve introdução ao tema de estudo proposto, juntamente com o problema de pesquisa, objetivos geral e específicos, bem como justificativa teórica e prática para a realização do estudo.

A segunda parte apresenta a fundamentação teórico-emprática que fora construída para sustentar a análise do problema proposto, subdividida em seis seções, a saber: Teoria Institucional, Produção Científica, Estudos Organizacionais, Campos e Campos Científicos, Paradigmas e Perspectivas Epistemológicas.

A terceira parte destaca os procedimentos metodológicos que norteiam e delinham a investigação empírica do estudo, bem como os procedimentos analíticos. São apresentadas as perguntas de pesquisa, as definições constitutivas e operacionais das categorias analíticas, e outros termos relevantes para o estudo. Também são elaborados o delineamento e a delimitação da pesquisa, em que se apresentam a população e a amostra, os procedimentos de coleta e tabulação dos dados e as fases da análise dos dados.

Na quarta parte são discutidas as conclusões do presente estudo bem como suas implicações para os estudos na área e algumas recomendações de ordem prática. Por fim, na quinta e sexta parte são expostas as referências bibliográficas que deram suporte ao estudo, bem como os anexos.

2 BASE TEÓRICO-EMPÍRICA

No intuito de promover sustentação teórico-empírica para o estudo, a revisão bibliográfica a que se procedeu é apresentada a seguir. Para facilitar a explicação e a compreensão do problema, a base teórico-empírica do trabalho está dividida em seções e subseções. Na primeira seção se revisa a abordagem institucional, assim como sua lógica de análise e variantes, focando a sua vertente multiparadigmática que a aproxima da teoria da estruturação. A segunda seção discute as noções sobre produção científica e revisa os estudos sobre produção científica em administração no Brasil. A terceira seção discute o que são os Estudos Organizacionais. Na quarta seção se aborda o conceito de campos e campos científico e organizacional sob uma perspectiva institucional de análise. A quinta seção sugere uma reflexão sobre o conceito de paradigma; finalmente, na última seção são apresentadas as perspectivas epistemológicas que deram suporte à classificação dos artigos e análise dos dados.

2.1 TEORIA INSTITUCIONAL

Embora contribuições ao pensamento institucional remontem ao século dezenove (SCOTT, 2001), a teoria institucional é abordagem relativamente recente no meio acadêmico (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005). O desenvolvimento desta abordagem nasce nas ciências sociais, especificamente em economia, ciência política e sociologia, com os estudos de Merton e Selznick, cientistas estes que sucederam aos trabalhos de Durkheim, Weber e Parsons (SCOTT, 2001).

No Brasil, a abordagem institucional na área de Estudos Organizacionais ganha seu devido espaço a partir do final da década de 1980, com pesquisas realizadas por Machado-da-Silva et al (1989, 1990, 1993, 1994) inicialmente em Santa Catarina e Paraná, posteriormente no Rio Grande do Sul e Pernambuco, e atualmente em outros Estados brasileiros.

As principais características da teoria institucional podem ser assim descritas: a importância das instituições para a sociedade; a configuração intersubjetiva da realidade; a rejeição de explicações puramente individuais ou estruturais; a

centralidade dos conceitos de interpretação e legitimação; o caráter rotineiro das práticas sociais; a aceitação da formulação da racionalidade limitada; a visão cultural baseada na cognição; e padrões de comportamento, de normas e de valores, crenças e de pressupostos, em que se encontram imersos indivíduos, grupos e organizações (DIMAGGIO e POWELL, 1991; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005; SCOTT, 2001; ZUCKER, 1987; MACHADO-DA-SILVA e GONÇALVES, 1998; CORAIOLA, 2006).

O domínio institucional representa a atual rede de regras e de tipificações que resultam da história da ação e interação social, visualizada pela teoria da estruturação de Giddens (BARLEY e TOLBERT, 1997). Neste sentido, para fortalecer as premissas da teoria institucional, alguns autores utilizaram os preceitos e recomendações da teoria da estruturação¹.

Para tratar do relacionamento entre a teoria institucional e a teoria da estruturação é preciso separar, por um lado, o funcionalismo e o estruturalismo e, por outro, a hermenêutica e das várias formas da “sociologia interpretativista” (GIDDENS, 2003).

Tanto o funcionalismo como o estruturalismo tendem a expressar um ponto de vista naturalístico e se inclinam para o objetivismo. Essas duas correntes de pensamento enfatizam, também fortemente, a preeminência do todo social sobre suas partes individuais, isto é, seus atores constituintes, ou sujeitos humanos (GIDDENS, 2003). Especificamente, a noção funcionalista de determinação ambiental definia as instituições como “fatos sociais em relação aos quais autonomia e vontade própria eram seriamente afetadas” (CRUBELLATE, 2007, p. 200). O desenvolvimento da teoria institucional foi realizada por muito tempo no âmbito funcionalista e estruturalista (ZUCKER, 1977, 1987, 1991), prevalecendo a ideia de cooptação, condicionamento e persistência por parte das instituições.

Por sua vez, a hermenêutica foi a base daquele “humanismo” contra o qual os estruturalistas se opuseram de modo tão vigoroso e persistente. Nas sociologias interpretativistas, é concedida primazia à ação e ao significado na explicação da conduta humana (GIDDENS, 2003). Contudo, a noção interpretativista não negava a importância de condicionantes sociais, mas, “resguardava espaço para a autonomia

¹ A teoria da estruturação está descrita adiante, no tópico deste trabalho.

no âmbito do processo de significação, elemento necessário de toda ação” (CRUBELLATE, 2007, p. 200).

As diferenças entre esses pontos de vista sobre a ciência social têm sido frequentemente consideradas epistemológicas, quando, de fato, são também ontológicas² (GIDDENS, 2003). Isto indica, o “conflito básico como marco das discussões em torno do fenômeno das organizações, qual seja, a discussão a respeito dos fundamentos da ação social, sendo as explicações racionalistas e contingencialistas as alternativas predominantes”. Neste contexto, a teoria institucional se mostra alternativa promissora, no sentido de busca de superação de dicotomias tradicionais nas teorias social e organizacional, “dicotomias quanto a níveis de análise ou quanto à relação entre estruturas e ação como fontes das práticas sociais” (CRUBELLATE, 2007, p. 200).

O advento do neoinstitucionalismo, após a divulgação das ideias propostas por Meyer e Rowan (1977) e Zucker (1977, 1991), disseminou a possibilidade de analisar a teoria institucional sob uma perspectiva interpretativista, resgatando o papel do ator no processo de reprodução das instituições e sua capacidade de mudança. Além disso, Meyer e Rowan (1977), realizaram a grande ruptura com a forma convencional de pensar sobre a estrutura organizacional, ao destacarem seu sentido simbólico (TOLBERT e ZUCKER, 1998).

DiMaggio e Powell (1991) afirmam que o neoinstitucionalismo, em estudos organizacionais, enfatiza a maneira em que a ação é estruturada e ordenada por sistemas compartilhados de regras que, ao mesmo tempo, constroem e capacitam atores sociais.

Neste sentido, faz-se necessário adotar uma abordagem recursiva do processo de institucionalização. As atividades sociais humanas são recursivas, ou seja, elas não são criadas por atores sociais mas continuamente recriadas por eles através dos próprios meios pelos quais eles se expressam como atores. Sendo assim, práticas sociais são ações regularizadas e recorrentes de atores sociais que continuamente constroem e reconstróem um sistema social espaciotemporalmente delimitado. Sistema social são as “relações reproduzidas entre atores ou

² Natureza ontológica: pressupostos que dizem respeito à verdadeira essência do fenômeno sob investigação (BURREL e MORGAN, 1979).

coletividades, organizadas como práticas sociais regulares” (GIDDENS, 2003, p. 29; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Apesar de a manutenção recursiva das estruturas acontecer por meio das práticas sociais, o caráter institucionalizado da sociedade é adotado em três sentidos integrados mas analiticamente distintos: no entendimento das estruturas existentes como traços cognitivos, a partir dos quais os indivíduos realizam suas ações e, por conseguinte, as reproduzem; no caráter da existência de normas e padrões esperados de conduta, que são compartilhados e orientam as ações individuais em determinadas situações de seu cotidiano; e por fim, na identificação de uma base mandatária dos comportamentos e práticas sociais (DIMAGGIO e POWELL, 1983; SCOTT, 2001).

Boa parte dos adeptos da teoria das organizações parece encontrar dificuldade para pensar além das fronteiras paradigmáticas rigidamente estabelecidas por eles, para reconhecer a impossibilidade de ajuste nos tipos convencionais de perspectivas teóricas. Entretanto, isto se aplica aos princípios da teoria neoinstitucional (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELATTE, 2005).

De conformidade com Machado-da-Silva, Fonseca e Crubellate (2005), a teoria neoinstitucional parece ser bem mais apreendida, ao se esforçar para superar certas barreiras paradigmáticas. Neste sentido, ela deve ser encarada como abordagem multiparadigmática, em consonância com a teoria da estruturação, situando-se em posição intermediária em um *continuum* entre as orientações determinista e voluntarista da ação organizacional, cuja estrutura afeta a ação, e a ação afeta a estrutura, conforme Figura 1. Lewis e Grimes (1999) definem pesquisa multiparadigmática como aquela em que os pesquisadores se movem além da revisão da literatura e aplicam lentes de paradigmas divergentes.

Por conseguinte, esta perspectiva não tem uma visão dicotômica que imponha limites à sua progressão. O uso da sua proposta é uma abordagem sistêmico-processual recorrente, garantido e condicionado, não determinado, por certo grau de estabilização dos sistemas sociais (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

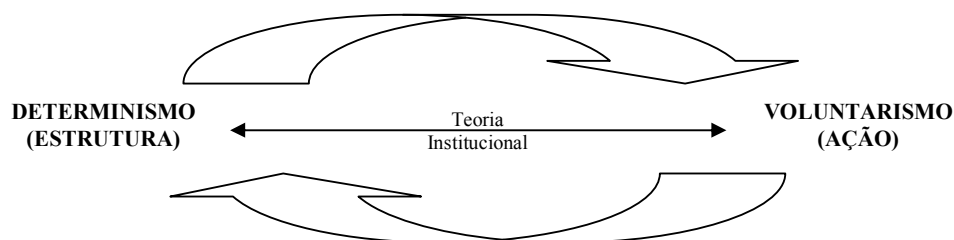


FIGURA 1 TEORIA INSTITUCIONAL E TEORIA DA ESTRUTURAÇÃO

FONTE: Adaptado de MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005

Diante da necessidade de se entender a institucionalização como processo recursivo, conciliando a relação entre estrutura e ação, a análise institucional, auxiliada pelos princípios da teoria da estruturação de Giddens (2003), está assentada no teorema da dualidade da estrutura que considera a estrutura, o conjunto de regras e recursos implicados, de modo recursivo, na reprodução social. Este teorema é relacionado por três eixos: significação, dominação e legitimação, e: “o grau no qual a instituição se encontra codificada no estoque de conhecimento dos atores (na forma de esquemas interpretativos, recursos e normas, adaptados a um particular cenário, chamado por Giddens de modalidades) que influencia como as pessoas se comunicam, exercem poder, quais comportamentos sancionar ou premiar” (BARLEY e TOLBERT, 1997, p. 98). É por meio destes eixos que se dá o processo de estruturação.

Segundo Reed (2000), a ênfase na estrutura implica salientar a importância dos padrões e relações externas que condicionam a interação social dentro de formas institucionais específicas, e a ênfase na ação significa uma busca de um entendimento da ordem social e organizacional que destaque as práticas sociais por meio das quais os indivíduos criam e reproduzem instituições.

Apesar das concepções institucionais sublinharem as fontes de estabilidade e ordem social, o esquema de estruturação promovido por Giddens (2003) permite, simultaneamente, teorizar e examinar as fontes da ordem e mudança social. Essas são concepções relacionadas de forma crescente que guiam o desenvolvimento da teoria e pesquisa institucional e fornecem uma estrutura produtiva para examinar a influência mútua entre essas forças (SCOTT, 2001).

2.1.1 Os pilares das instituições

Instituições são estruturas sociais duráveis e multifacetadas, feitas de elementos simbólicos, atividades sociais e recursos materiais (JEPPERSON, 1991). São práticas transmitidas através de gerações, a fim de serem mantidas e reproduzidas (ZUCKER, 1977). Instituições, por definição, são as características mais sólidas de uma sociedade, ou então os aspectos mais duradouros da vida social, que se dão através do tempo e espaço. As instituições têm alto grau de estabilidade e funcionam como mecanismo de continuidade social (HERTZLER, 1961). Porém, esta durabilidade é dinâmica, o que implica ser durável, mas não estática (GIDDENS, 2003). Em outras palavras, “instituições são fenômenos sociais provisoriamente estáveis, sujeitas sempre a processo de construção social” (CRUBELLATE, 2007, p. 218). É impossível compreender adequadamente uma instituição sem entender o processo histórico em que foram produzidas (BERGER e LUCKMANN, 2005).

Contudo, a legitimidade é um aspecto fundamental de toda instituição, pois a regularidade de práticas por si só não é considerada instituição. Os indivíduos submetidos à sua vigência têm de aceitar a sua legitimidade (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Os três pilares, como indicado no Quadro 1, constituem os elementos que dão suporte às instituições.

Apesar da distinção entre os aspectos regulativo, normativo e cultural-cognitivo, Scott (2001) os vê interdependentes e mutuamente reforçadores, não descartando a existência de elementos que os distingam em relação a pressupostos, mecanismos e indicadores.

No pilar regulativo as estruturas institucionais regulativas constroem e regulam o comportamento por meio de regras, monitoramento, sanções e punições de maneira formal. A legitimidade das ações dos atores está associada ao cumprimento destes requerimentos (SCOTT, 2001).

Esse pilar está associado ao mecanismo coercitivo proposto por DiMaggio e Powell (2005, p. 77), resultante “tanto de pressões formais quanto de pressões informais exercidas sobre as organizações por outras organizações das quais elas dependem, e pelas expectativas culturais da sociedade em que as organizações atuam”. Coleman (1990) considera organizações como atores coletivos significantes.

QUADRO 1 OS TRÊS PILARES DA INSTITUIÇÃO

PILARES			
	Regulativo	Normativo	Cultural-Cognitivo
Bases de Concordância	Utilitarismo (custo benefício)	Padrões Sociais	Identidade (crenças, valores, interesses)
Bases de Ordem	Regras reguladoras	Expectativas de conduta	Esquemas constitutivos
Mecanismos	Coercitivo	Normativo	Mimético
Lógica	Instrumentalidade	Moralmente desejável	Ortodoxia
Indicadores	Regras, Leis e Sanções	Certificação e Acreditação	Crenças e Lógicas compartilhadas de ação
Bases de Legitimidade	Legalmente sancionado	Moralmente governado	Culturalmente apropriado

FONTE: SCOTT (2001, p. 52)

No pilar normativo as estruturas institucionais normativas introduzem uma dimensão prescritiva, avaliativa na vida social, incluindo valores e normas que definem os significados legítimos para fins validados (SCOTT, 2001). Esse pilar normativo está associado aos mecanismos normativos dispostos por DiMaggio e Powell (2005), que são derivados principalmente da profissionalização.

O pilar cultural-cognitivo representa a dimensão que mais caracteriza o neo-institucionalismo dentro da sociologia. Ele representa modelos de comportamento individual com base na subjetividade, compreensões internalizadas – frutos da interpretação da realidade social em que se atua, servindo como categorias aplicadas para o pensar e o agir (SCOTT, 2001). Sendo assim, a interpretação é um mecanismo operacional, de natureza cognitivo-cultural, da recursividade inerente à institucionalização (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Contudo, apesar da importância dada à cognição no processo de institucionalização, Scott (2001) reconhece que o processo de interpretação é influenciado pela estrutura cultural externa, o que se aproxima do processo mimético

proposto por DiMaggio e Powell (2005), resultando em respostas padronizadas em face das incertezas. Segundo os autores, situações ambíguas e ambientes turbulentos influenciam as organizações a adotarem práticas de outras organizações que as consideram como “válidas”.

A concepção cultural-cognitiva das instituições se mostra como papel central da mediação na construção social de uma estrutura comum de significado (SCOTT, 2001).

Instituições, sejam regulativas ou normativas ou elementos culturais-cognitivos, são impulsionadas por vários tipos de condutores. Scott (2001) identifica quatro tipos: sistemas simbólicos, sistemas relacionais, rotinas e artefatos.

QUADRO 2 PILARES INSTITUCIONAIS E CONDUTORES

Condutores	PILARES		
	Regulativo	Normativo	Cultural-Cognitivo
Sistemas Simbólicos	Regras, Leis	Valores, Expectativas	Categorias, Tipificações, Esquemas
Sistemas de Relacionamento	Sistemas de Controle, Sistemas de poder	Regimes, Sistemas de autoridade	Isomorfismo estrutural, Identities
Rotinas	Protocolos, Padronização dos processos operacionais	Tarefas, Funções, Obediências às responsabilidades	Roteiros
Artefatos	Objetos consentidos com mandatos especificados	Objetos encontrando convenções, Padrões	Objetos com valores simbólicos

FONTE: SCOTT (2001, p. 77)

Nos sistemas simbólicos, a institucionalização é conduzida pela cultura, utilizada aqui nas noções mais convencionais de regras, valores e procedimentos, assim como as mais novas concepções de cultura, ou seja, aqueles esquemas simbólicos que incluem modelos, classificações, representações e lógicas. Tudo pode ser examinado como fenômeno social externo para qualquer ator particular,

mas também como subjetivo, internalizado em crenças e culturas cognitivas (SCOTT, 2001; JEPPELSON, 1991).

Nos sistemas de relacionamento, as instituições podem ser conduzidas por sistemas relacionais. Tais sistemas são condutas que dependem de expectativas padronizadas conectadas em redes de posições sociais. Neste sentido, os sistemas restringem e autorizam o comportamento dos atores, ao mesmo tempo que eles são reproduzidos e transformados por esses comportamentos. Como condutas culturais, algumas disposições relacionais são amplamente compartilhadas por meio de muitas organizações, criando isomorfismo estrutural (formas similares) ou equivalência estrutural (relações similares entre formas) (SCOTT, 2001; SELZNICK, 1957).

Segundo DiMaggio e Powell (1983), há três tipos de isomorfismo: coercitivo, mimético e normativo. Coercitivamente, o isomorfismo resulta de expectativas culturais da sociedade e de pressões exercidas por uma organização sobre outra, que se encontra em condição de dependência. O isomorfismo mimético consiste na imitação de arranjos estruturais e procedimentos bem sucedidos implementados por outras organizações, em face da incerteza decorrente de problemas tecnológicos, objetivos conflitantes e exigências ambientais. Já o isomorfismo normativo refere-se à profissionalização, que envolve o compartilhamento de um conjunto de normas e métodos de trabalho pelos membros dos segmentos ocupacionais (DIMAGGIO; POWELL, 1983).

No que concerne às rotinas como condutores, as instituições podem ser incorporadas em – ou conduzidas por – atividades estruturadas na forma de comportamentos e rotinas habitualizadas. Rotinas são conduzidas dependentes de ações padronizadas que refletem o conhecimento tácito de atores: hábitos profundamente impregnados e procedimentos baseados sobre conhecimentos e crenças desarticuladas (SCOTT, 2001).

Já nos artefatos como condutores, fica reconhecida a importância do material cultural ou artefatos criados pela perspicácia humana para auxiliar no desempenho de várias tarefas. Por exemplo, as formas primitivas como rochas e paus, e dos artefatos recentes que hoje se incluem tecnologias complexas, incorporadas em *hardware* e em *software* (SCOTT, 2001).

Artefatos, como os outros condutores, podem ser associados com, e afetados pelos três pilares. Assim como podem ser trabalhados em vários níveis de análise,

micro ou macro. Cabe ressaltar, para o propósito deste trabalho, que o nível de análise mais adequado é aquele explorado pelo conceito de campo organizacional, ou seja, um nível macro de análise (SCOTT, 2001).

Os conceitos de instituições e institucionalização têm sido definidos de diversas maneiras, com substancial variação entre as abordagens (SCOTT, 1987). Apesar do esforço classificatório de Zucker (1987) para o tratamento das diversas variantes da teoria institucional, foi Scott (1987) quem melhor classificou os aspectos da teoria institucional em quatro focos com formulações sociológicas da teoria: Institucionalização como um processo de inserção de valores; Institucionalização como um processo de criação da realidade; Instituição como uma classe de elementos; e Instituição como uma esfera social distinta, conforme Quadro 3.

QUADRO 3 VARIANTES DA TEORIA INSTITUCIONAL

FORMULAÇÃO SOCIOLÓGICA	AUTORES	ELEMENTOS-CHAVE	DESCRIÇÃO
Institucionalização como um processo de inserção de valores	Selznick	Adaptação	Institucionalização é um processo adaptativo formado em relação às características dos participantes assim como pelas influências e forças do ambiente, inserindo um valor além das necessidades técnicas.
Institucionalização como um processo de criação da realidade	Berger e Luckmann	Interação social	Institucionalização é um processo social, onde os atores entendem o processo pelo qual as ações se tornam habituais e ganham um significado compartilhado intersubjetivamente.
Sistema institucional como uma classe de elementos	Meyer e Rowan	Sistema de crenças	A estrutura organizacional é composta não só por elementos técnicos mas também institucionais, caracterizados pelas regras das quais as organizações se devem conformar para obter suporte e legitimidade.
Instituições como uma esfera social distinta	Hughes; Hertzler	Persistência e estabilidade	As instituições de uma sociedade tem alto grau de estabilidade e funcionam como um mecanismo de continuidade social, focando a atenção em diferentes sistemas sociais: normativos e cognitivos.

FONTE: SCOTT (1987, p. 495)

Algumas versões são mais bem definidas, enquanto outras são menos claras em conceitualização. Contudo, os focos apresentados no Quadro 3 não devem ser vistos de forma fragmentada, mas sim como complementares, sendo somente desenvolvida uma classificação para melhor entendimento (SCOTT, 1987).

2.2 PRODUÇÃO CIENTÍFICA

A primeira dificuldade, ao se falar de produção científica e produção do conhecimento, é que essas duas questões não se referem à mesma realidade, pois, há produção científica que não gera conhecimento ou simplesmente que não seja conhecimento (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

Para construir uma boa teoria não se deve fazer pesquisa de forma superficial e imprecisa, confundindo-a com mera indagação ou procura de dados (FERRARI, 1982). Dados não constituem teoria, eles apenas sustentam a teoria, mas não a substituem. Dados descrevem padrões empíricos, a teoria explica por que os padrões foram observados e como se devem comportar (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

“A criação teórica tem a responsabilidade de subverter convenções institucionalizadas e petrificadas em ortodoxias aceitas sem reflexão e que portanto nunca poderão caber inteiramente em modelos cognitivos e parâmetros conceituais estabelecidos” (REED, 1998).

A produção científica entendida por Witter (1997) e Campos e Witter (1999) deve ser uma atividade que resulta em novos conhecimentos, aumentando o contingente de informações a serem disponibilizadas, contribuindo para o progresso da sociedade.

Segundo Bertero, Caldas e Wood Jr (1998, p. 3), o conhecimento científico é acumulativo, ocorre no tempo. “Não é obra de uma ou algumas pessoas, mas, uma cadeia em que mãos e esforços se unem, levando a que um prossiga aquilo que o outro iniciou”, dando a ideia de recursividade. Recursividade é “um processo que usa o resultado de suas próprias operações como base para outras operações subsequentes [...] tais processos usam seus próprios resultados como entradas” (LUHMANN, 2002, p. 139).

A produção científica deve ser entendida como parte de um grande sistema social, que é a ciência. Macías-Chapula (1998) afirma que a ciência precisa ser considerada como amplo sistema social, no qual, entre outras, suas funções são disseminar conhecimentos e assegurar a preservação de padrões científicos.

Neste sentido entende-se por ciência reunião de fatos, teorias e métodos, cujos atores sociais contribuem com um ou outro elemento para essa constelação específica. O desenvolvimento torna-se o processo gradativo através do qual esses

itens foram adicionados, isoladamente ou em combinação, ao estoque sempre crescente que constitui a técnica e o conhecimento científico. Contudo, o conhecimento científico é tanto qualitativamente transformado como quantitativamente enriquecido por novos fatos ou teorias (KUHN, 2007). Considera-se com isso que “a semente da mudança existe em cada ato que contribui para a reprodução de qualquer forma ‘ordenada’ da vida social” (GIDDENS, 1978, p. 109), e que evolução é um processo ordenado de mudança/desenvolvimento, passando por vários estágios discerníveis (GIDDENS, 2003).

A produção científica, expressa através das publicações, é um dos mais importantes indicadores de desenvolvimento da ciência. Isto significa não só quantificar e qualificar as publicações produzidas como meio de monitorar a ciência, mas também investigar aspectos desta produção, como a avaliação das publicações periódicas (STUMPF ET AL., 2006).

Segundo Hoppen et al, 1998, a qualidade científica de uma pesquisa e do artigo que a divulga resulta, fundamentalmente, da sua validade externa (o poder de generalizar os resultados) e da sua validade interna (efetivamente se está medindo o que se deseja mensurar). Características que permitem avaliar estas validades e, por consequência, a qualidade dos estudos são: a pertinência do assunto tratado, as teorias e conceitos de base, o rigor metodológico adotado, a coleta e análise dos dados e a profundidade dos resultados obtidos.

Para Creswell (2003), um pesquisador deve fazer uso de uma estrutura que oriente seu projeto de pesquisa desde a identificação da postura epistemológica que fundamenta a postura filosófica do pesquisador em face do objeto de pesquisa, até os procedimentos de coleta e análise dos dados.

Segundo Myers (1997), os itens relevantes que devem ser considerados no projeto de pesquisa são: perspectiva filosófica, métodos, técnicas de coleta de dados e modos de análise e interpretação dos dados.

Todas as pesquisas, tanto qualitativas quanto quantitativas, fundamentam-se em pressupostos filosóficos que representam “como” o pesquisador irá aprender e “o que” ele irá aprender com o projeto. A dimensão epistemológica relaciona-se ao conhecimento e como ele pode ser obtido (HIRSCHHEIM, 1992).

Em outras palavras, Arent e Buch (1998) enfatizam que cada dimensão epistemológica tem uma relação implícita com um meio específico de coletar dados,

tendências para utilizar determinadas abordagens e uma forma específica de focar o que são a realidade, a ciência e o conhecimento e como este é obtido: ontologia, epistemologia e metodologia respectivamente.

Com base no posicionamento epistemológico, vários métodos de pesquisa podem ser utilizados como estratégias de investigação, que estabelecem direções específicas para os procedimentos em um projeto de pesquisa. Eles influenciam diretamente a técnica de coleta de dados a ser utilizada (MYERS, 1997).

A investigação científica deve apoiar-se em fundamentos teóricos que possam sustentar e oferecer orientações para a formulação de problemas e caminhos para a busca de soluções (MARTINS e SILVA, 2005). A posição epistemológica e o método de pesquisa fornecem essa base teórica e são os direcionadores da postura adotada pelo pesquisador (HOPPEN e MEIRELLES, 2005).

Conforme lembram Bruyne et al (1991, p. 16) “na realidade histórica de seu devir, o procedimento científico é ao mesmo tempo aquisição de saber, aperfeiçoamento de metodologia e elaboração de norma”.

Como a investigação científica tem por objetivo a geração de conhecimento, a produção e a divulgação dos resultados das pesquisas, em qualquer campo, favorecem a expansão desse saber. A publicação de uma pesquisa acadêmica é uma das formas mais importantes de disseminação do conhecimento científico pelo mundo (TAHAL e RIGSBY, 1998). Daí a obrigação dos pesquisadores em disseminar os resultados de seus estudos, disponibilizando-os à comunidade e, assim, contribuir para a promoção do processo de comunicação científica. Na verdade o resultado de pesquisa só ganha importância e só passa a existir após sua publicação, sua divulgação nos canais formais da comunidade científica (SILVA, MENEZES e PINHEIRO, 2003). Os principais canais de disseminação das pesquisas são os periódicos, os livros, as monografias, os anais de encontros científicos e profissionais, as teses e as dissertações. Estes últimos são documentos que representam a finalização de programas de pós-graduação, correspondendo, na maioria das vezes, ao início da atividade científica de um pesquisador. (MAGALHÃES, 2006).

A comunicação científica, para Meadows (1999, p. vii), situa-se no próprio coração da ciência, sendo-lhe tão essencial quanto a pesquisa, visto que “[...] a esta não cabe reivindicar com legitimidade este nome, enquanto não houver sido

analisada e aceita pelos pares”. Por isso, para se falar em produção de conhecimento científico, é preciso obedecer a regras claras e aceitas pela comunidade científica (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

Contudo, os cânones lógicos e científicos, com base nos critérios de publicações consideradas científicas, publicam, frequentemente, peças elegantes em termos de *design*, mas com pouco conhecimento (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

O estímulo que vem sendo dado às atividades de pesquisa por instituições públicas ou privadas tem como propósito dois pontos principais. O primeiro é de encontrar nos resultados de investigações científicas uma contribuição para a solução dos problemas de seu interesse ou da sociedade. O segundo é de conceder suporte ao desenvolvimento da ciência (BUFREM, 1996).

Entretanto, segundo Bertero, Caldas e Wood Jr. (2005) isto tem importantes implicações: (a) a comunidade científica é estratificada em termos de prestígio, *status* e imagem, mantendo nestas características alguma correlação com realizações e efetividade na produção do conhecimento; (b) a estratificação permite falar em produtores principais e produtores secundários; (c) há indivíduos e grupos mais influentes do que outros; e (d) estes produtores de conhecimentos, com suas linhas de pesquisa, conceitos de relevância, metodologias adotadas e periódicos acabam definindo e estruturando o campo de conhecimento científico.

É válido também entender o que a própria universidade prioriza, ao falar em produção científica (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005). Para algumas universidades, como a Universidade Estadual de Feira de Santana, o conceito de produção científica enquadra-se no conhecimento produzido no interior da universidade que é difundido e democratizado para a comunidade/sociedade. Essas informações e/ou alternativas produzidas devem colaborar para a solução de problemas e para o desenvolvimento integrado e sustentável. A produção científica é vista como um instrumento de que dispõe a universidade para prestar contas à sociedade, mostrando os resultados, a pertinência e a relevância de suas ações. É também, o espelho do desempenho docente e discente, nas atividades indissociáveis de ensino, pesquisa e extensão, traduzindo o esforço institucional de produção própria.

Entretanto, levando em consideração a teoria de estruturação, onde as propriedades estruturais de sistemas sociais são, ao mesmo tempo, meio e fim das

práticas que elas recursivamente organizam, e que tais estruturas tanto constroem como permitem a ação (GIDDENS, 2003; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005), é possível mencionar que a falta de condições socio-econômicas ou de vontade política de poder podem obstruir atividades ou processos de investigação científica; porém estes mesmos fatores, aliados aos imperativos da produção, em determinado contexto histórico, possibilitam a mobilização de recursos ideais, materiais e institucionais para legitimar certos conhecimentos, no interesse do aumento constante da produção científica de um modo geral ou direcionado a determinada área especificamente. Neste caso, a ciência que se produz pode vir a constituir instrumento privilegiado de legitimação de poder, na medida em que é mobilizada enquanto força produtiva e aceita dentro da comunidade geral (BUFREM, 1996; REED, 1998).

É nesse sentido que a informação científica, ao mesmo tempo matéria primeira e produto final da ciência, poderia desempenhar um papel ideológico na medida em que a eficácia, a objetividade e a neutralidade contribuam para legitimar o poder. O poder hegemônico é apresentado como racional, na medida em que permite o aperfeiçoamento de forças produtivas, graças à utilização sistemática do conhecimento científico (BUFREM, 1996).

A legitimidade da prática científica pode manifestar-se objetivamente, por meio da trajetória de escolhas temáticas, perspectivas ontológicas, epistemológicas e metodológicas que proporcionam suporte aos autores dos trabalhos científicos (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005), desvendando, conseqüentemente, o perfil de publicação de cada autor que fazem parte do capital cultural de um determinado campo de conhecimento e atuação (BUFREM, 1996).

2.2.1 Produção científica em Administração no Brasil

Enquanto campo de conhecimento e de reflexão, a administração originou-se em outras sociedades e culturas. “O predomínio foi e continua sendo dos Estados Unidos, especialmente, senão quase exclusivamente, no que tange à administração empresarial” (BERTERO e KEINERT, 1994, p. 82).

No Brasil ainda é problemático falar em conhecimento científico em administração, tomando como referência ciências exatas, matemática e filosofia. Porém, mesmo comparando-se com outras disciplinas, de evolução tão recente

quanto a administração, como, por exemplo, psicologia, sociologia do conhecimento e antropologia social, estas já lograram consolidar razoável cabedal teórico. Isto não acontece na área de Administração, pois esta “continua agitada por modismos e por posições díspares, quando se tenta abordá-la de uma perspectiva epistemológica, de teoria da ciência, ou mesmo em termos de metodologia de pesquisa” (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005, p. 1).

No nosso país, em algum ponto da história, parece que certos valores para uma boa teoria se perderam. Aqui abundam reproduções mal informadas e desatualizadas do que se produz fora, uma cópia esmaecida de um mundo que não existe além de alguns setores do abrigo acadêmico americano (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

Diante de tal quadro deveras desolador, a comunidade científica em administração debruçou-se sobre o conteúdo do que se produziu, refletindo, criticando e analisando a atividade que acabou por se incorporar à própria pesquisa (BERTERO, 2006).

Nenhuma área de ensino assumiu tamanha dimensão em nosso país como a de administração (BERTERO, 2006). Porém, apesar do aumento significativo da produção científica nos últimos anos em termos de volume produzido, a qualidade não tem acompanhado a quantidade (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 1998); daí a intensificação dos meta-estudos.

Afinal, como indicam Bruyne et al (1991), os avanços das ciências não são apenas ‘progressivos’, mas também ‘reflexivos’. Isto é, o desenvolvimento das ciências depende, além das investigações que visam ao seu crescimento linear, de estudos que se dediquem à reflexão crítica sobre o conhecimento nelas produzido.

Nessa linha, se encontram trabalhos reflexivos e descritivos sobre a produção científica em administração no país, como o trabalho pioneiro de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), onde os autores avaliaram artigos da área de Organizações publicados entre 1985 e 1989. Quanto ao assunto ou temática da produção, a pesquisa revelou que os tópicos usuais da área e percentuais respectivos ocupam as seguintes posições: gestão e planejamento (28,8%), mudança e inovação (23,3%). Não foi detectado interesse por temas gerencialistas, como eficiência, produtividade, *downsizing* etc. Além disso, os autores concluíram que a área é metodológica e teoricamente fraca, de referencial teórico predominantemente estrangeiro, e que quase toda a produção nacional é de orientação funcionalista

(80,3%); quase nada foi produzido no referencial humanista radical e interpretativista. Tais conclusões se mostraram preocupantes; apesar do crescimento quantitativo da produção científica, pouco se evoluiu em relação à qualidade dos estudos das organizações.

Depois de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), diversas análises de publicações foram realizadas. A principal característica desses meta-estudos é de comparar vários elementos presentes nos artigos, como, por exemplo, o mapeamento de bases epistemológicas, metodológicas, temática, tipo e origem de referências bibliográficas etc., levantando algumas conclusões sobre determinado campo do conhecimento ou disciplina.

Entre estes estudos está o trabalho de Bertero e Keinert (1994), que analisaram os perfis epistemológicos dos artigos publicados na Revista de Administração de Empresas (RAE), no período de 1961 a 1993, com o objetivo de avaliar a evolução da Análise Organizacional no Brasil. Os autores constataram que a produção acadêmica nesta área reproduzia os temas da produção norte-americana, o que mostraria nossa condição de consumidores e não de produtores originais no campo. Ao contrário do estudo de Machado da Silva, Cunha e Amboni (1990), a pesquisa de Bertero e Keinert (1994) aponta artigos predominantemente acadêmicos, tanto na temática como no estilo, ou seja, “centrando-se em reflexão, crítica e elaboração teórica” (p. 89). Não há interesse voltado para a aplicabilidade ou prática. Além disso, de acordo com esses autores, não há preocupação em transpor diretamente os conceitos para a realidade brasileira, sem uma análise que incluía aspectos específicos da nossa realidade. Além disso, os autores também observaram que a base epistemológica é fundamentalmente funcionalista.

Vergara e Carvalho Jr. (1995), avaliaram o tipo, origem e padrão de citações da produção científica nos Estudos Organizacionais, concluindo que os pesquisadores brasileiros usam preferencialmente livros e artigos estrangeiros. As referências aos autores brasileiros é minoria, mostrando que a produção brasileira não é utilizada pelos autores nacionais.

Carrieri e Luz (1998) foram outros autores que avaliaram o perfil epistemológico; porém, o objeto de pesquisa foram dissertações de mestrado nas áreas de sociologia, ciência política, administração, educação e economia/demografia, da UFMG. Além disso, os autores examinaram os temas, a problemática da pesquisa, o referencial teórico, o referencial metodológico bem

como os autores mais citados. As conclusões mais importantes do trabalho são que, ao se comparar a área de Administração com as demais, os autores observaram que tanto quanto nos outros campos observados, em administração os trabalhos são predominantemente funcionalistas. Além disso, observaram que 54% das dissertações apresentam algum capítulo sobre metodologia, em que predominam trabalhos qualitativos, que se utilizaram de entrevistas semiestruturadas.

Em linha similar, Rodrigues e Carrieri (2001) traçaram um panorama da evolução dos Estudos Organizacionais no país, mostrando os temas mais importantes publicados em periódicos como RAC, RAE, RAP e anais do EnANPAD. Os autores concluíram que a área sofre profunda influência da tradição anglo-saxã.

Caldas, Tonelli e Lacombe (2002) analisaram a área de Recursos humanos relatando um meta-estudo dos artigos aceitos nos EnANPAD's da década de 1990, analisando a temática, base epistemológica, metodológica, padrão de referência bibliográfica e demografia de autoria. Igualmente ao estudo de Machado da Silva, Cunha e Amboni (1990) na área de Organizações, os autores concluíram que em recursos humanos as pesquisas cresceram mais no volume do que na qualidade. A temática é diluída. Os estudos são de base funcionalista e empiricista; metodologicamente questionáveis; com predominância de pesquisa qualitativa sem maior pretensão indutiva; de inspiração estrangeira e concentrados na origem por um conjunto extremamente limitado de autores e programas.

Já na área de Sistemas de Informação encontram-se os estudos de Hoppen (1998); Hoppen et al (1998) e Hoppen e Meirelles (2005), que avaliaram o estado da arte da área a partir do exame de 343 artigos publicados em revistas científicas de Administração entre os anos de 1990 e 2003. A análise se concentra nos temas abordados e nas estratégias e metodologias de pesquisa. Constatou-se o seguinte: primeiro, no período ocorreu significativa redução na proporção de ensaios teóricos publicados; segundo, as estratégias de pesquisa são predominantemente exploratórias; terceiro, o estudo de caso e a pesquisa *survey* são os métodos preferenciais adotados; e quarto, há um predomínio do tema Administração da Informação. Especificamente, para o período 1990-1997 avaliou-se a qualidade científica dos artigos publicados e verificou-se a existência de várias limitações metodológicas. Além dessas análises os estudos também verificaram os artigos que utilizam pesquisas qualitativas como metodologia, apresentando que 75% possuem

posição epistemológica positivista, enquanto 25% possuem posição epistemológica interpretativa.

Ainda na área de Sistemas de Informação, Diniz et al (2006) analisaram a unidade de análise, postura epistemológica, método e consistência da conclusão dos artigos qualitativos premiados no EnANPAD entre 1997 e 2004. Os autores identificaram a predominância da visão funcionalista, negligenciando-se outras posturas, como, por exemplo, a interpretativista ou a teoria crítica. Além disso, identificou-se o uso excessivo do método de estudos de caso, realizadas sem devido rigor metodológico, gerando como consequência, fragilidade dos trabalhos produzidos.

De forma geral, o balanço feito na produção científica mostra de fato um quadro preocupante, de um campo que cresceu mais em volume do que em qualidade. A julgar por tais meta-estudos, “nossa produção é periférica, epistemologicamente falha, metodologicamente deficiente, sem originalidade e prática, em grande escala, mimetismo mal informado” (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 1999, p. 148).

Para alguns, os estudos de administração e organizações se desenvolveram como colcha de retalhos multidisciplinares, mais ou menos articulados entre si. Para outros, estes estudos são um terreno historicamente contestado, ou uma prática intelectual dinâmica que está necessariamente envolvida no contexto social e histórico, em que a teoria é criada e recriada num período específico de tempo (REED, 1998); ou ainda uma torre de Babel (BURREL, 1998), tendo como características predominantes a fragmentação, a heterogeneidade e a falta de continuidade. A tensão existente nos planos da articulação, da fragmentação e da argumentação das teorias e estudos produzidos nesse campo do conhecimento revela variados panoramas, possibilidades de atuação e engajamentos acadêmicos (REED, 1998; BURREL, 1998).

Neste sentido, algumas condições para a produção científica em administração, propostas por Bertero, Caldas e Wood Jr. (2005) são assim consideradas: (a) não dar atenção e importância somente àquilo que produzir resultados imediatos; (b) não ir ao extremo de que só é possível fazer ciência com total afastamento dos problemas concretos e sem dar importância às demandas gerenciais; (c) conscientizar-se de que a realidade administrativa não comporta um único paradigma ou uma única metodologia; (d) não aceitar o contingencialismo sem

reservas; caso contrário têm-se infinitas proposições condicionais e nenhuma no modo indicativo, modo no qual se enunciam as proposições científicas.

Cabe aos estudiosos da área, verificar se o campo de administração tem respondido a essas questões.

2.3 OS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Historicamente, os Estudos Organizacionais remontam à segunda metade do século XIX, período a partir do qual se passou a verificar o triunfo da ciência e da racionalidade (REED, 1998). A sistematização da teoria organizacional é genericamente associada às primeiras décadas do século XX. De fato, foi ao longo da primeira metade deste século que as diferentes correntes teóricas se solidificaram (CABRAL, 1998). Especificamente, a Análise Organizacional ou os Estudos Organizacionais chegam ao Brasil juntamente com a Administração, enquanto atividade profissional e preocupação acadêmica na década de 1950, carregando igualmente a influência exclusivamente norte-americana. Por isso, a Análise Organizacional é contemporânea do longo período de hegemonia dos Estados Unidos em Administração (BERTERO e KEINERT, 1994).

Entende-se por Estudos Organizacionais “como série de conversações, em particular aquelas dos pesquisadores dessa área, que ajudam a constituir as organizações por meio de termos derivados de paradigmas, métodos e suposições” (CLEGG e HARDY, 1998, p. 30). As conversações refletem, reproduzem e refutam tradições do discurso e as práticas pelas quais os membros das organizações se engajam. As organizações são objetos empíricos interpretados pelos pesquisadores, onde cada um escolhe que sentido empírico, que ênfase, que variáveis deseja demonstrar, ao decidir como as organizações serão representadas em seus estudos. Por exemplo, “alguns vêem a organização como formalização, padronização e rotinização; outros a vêem como exibindo variação, seleção, retenção e composição; ou incorrendo em custos de transações; ou distinguida por cultura institucionalizada, ou por qualquer outra explicação” (CLEGG e HARDY, 1998, p. 31).

Neste sentido, o campo de Estudos Organizacionais é marcado por discussões teóricas, no qual o conhecimento se constrói na disputa sobre a verdade inerente a conceitos e esquemas referenciais (CLEGG e HARDY, 1998). “Em

qualquer momento histórico, os Estudos Organizacionais sempre foram constituídos por linhas comuns de debate e diálogo, que estabeleceram os limites intelectuais e oportunidades para julgamento de novas contribuições” (REED, 1998, p. 64).

Assim sendo, os Estudos Organizacionais podem ser tratados como atividade social igual a qualquer outra, na qual as regras dependem do consenso sobre a identidade de determinado grupo (RODRIGUES e CARRIERI, 2001). Sendo atividade socialmente construída e, portanto, sujeita ao alcance do consenso grupal, aborda-se o campo como “um terreno historicamente contestável”. Esta ideia sugere que o conhecimento organizacional está aberto a controvérsias e contestações, constantemente considerado objeto de refutação, resultando em competição de estruturas explicativas e de metodologias, cuja legitimidade estaria sujeita a critérios negociados via tradição (histórica) e contextualmente constituídos (REED, 1998; REED e HUGHES, 1992).

Ao adotarem a ideia de “conversações” como elemento definidor do campo, Clegg e Hardy (1998) sugerem que o conhecimento organizacional é produto da diversidade de locais, leitores e intérpretes, característica que lhe atribui uma identidade cultural e constantemente sujeita a negociações. Esta ideia não apenas comporta a noção de que a teoria organizacional é produto da cultura, mas também que se trata de empreendimento, cujos produtos são frequentemente negociados e submetidos a ajustes de significados, onde o campo deveria ser não apenas flexível, mas acolhedor da inovação, como natural ou parte do processo de construção teórica (RODRIGUES e CARRIERI, 2001).

A diversidade e fragmentação já conhecida nos Estudos Organizacionais têm levado a várias discussões polêmicas sobre a identidade da área, principalmente no que diz respeito à posição hegemônica desfrutada até então pelas teorias anglo-saxônicas e a adoção de modelos universais para explicar o que se passa no interior das organizações em outras regiões do mundo, além do campo ser considerado como coleção de tópicos frouxamente relacionados (CHANLAT, 1994; WHITLEY, 1995; CLEGG e HARDY, 1998; RODRIGUES e CARRIERI, 2001; VERGARA e CARVALHO JR., 1995; BERTERO e KEINERT, 1994; ASTLEY, 1985).

Assim, argumenta-se a necessidade de incorporar maior diversidade não pertencente aos limites geográficos e lingüísticos dominantes, para que se possa gerar conhecimento relevante do ponto de vista da proximidade da realidade organizacional, assim como maior sensibilidade às estruturas organizacionais em

economias emergentes, como, por exemplo, o Brasil (RODRIGUES e CARRIERI, 2001; CHANLAT, 1994; WHITLEY, 1995; CLEGG e HARDY, 1998; CALÁS, 1994).

2.4 CAMPOS E CAMPOS CIENTÍFICOS

DiMaggio e Powell (1983) entendem por campo aquelas organizações que, em conjunto, constituem uma área reconhecida da vida institucional. Scott (2001) completa que os campos são definidos pela presença de estruturas cultural-cognitivas ou normativas, com sistema regulador comum, constituindo uma área reconhecida da vida institucional.

“A noção de campo conota a existência de uma comunidade de organizações que partilham de sistemas de significados comuns dos quais os participantes interagem mais frequentemente entre eles do que com atores de fora do campo” (SCOTT, 1994, p. 207-208).

Mohr (2000) faz referência à noção de campo enquanto espaço comunicativo entre diferentes atores sociais que, por decorrência da configuração relacional entre eles, delimita valores, normas sociais, sanções e outros aspectos.

Campos podem ser conceituados como formas estruturais duradouras, que podem ser produzidos, reproduzidos e transformados, a partir de relações sociais em curso (REED, 2000), embora ao mesmo tempo, representem o processo de engajamento social a um sistema de posição-prática que possibilita sua própria transformação ou reprodução (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI, 2006).

Contudo, os agentes não criam o campo a partir do nada, mas o recriam, reproduzem ou o transformam a partir de estruturas pré-existentes que potenciam suas ações, podendo ser considerado um processo recursivamente estruturado (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI, 2006).

Entretanto, mesmo consideradas pré-existentes, essas estruturas só continuam a existir por meio da reprodução e/ou transformação daquelas estruturas que os agentes encontram em suas ações sociais (ACROYD, 2000).

Há várias abordagens sobre campo organizacional. Reconhecendo essa multiplicidade de conceitos, em alguns casos com diferenciações sutis, Machado-da-Silva, Guarido Filho e Rossoni (2006) categorizaram seis perspectivas teórico-conceituais, conforme Quadro 4.

QUADRO 4 PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE CAMPOS ORGANIZACIONAIS

PERSPECTIVA TEÓRICA	AUTORES	ELEMENTOS-CHAVE	DESCRIÇÃO
Campo como a totalidade dos autores relevantes	DiMaggio; Powell	Significação e Relacionamento	Conjunto de organizações que compartilham sistemas de significados comuns e que interagem mais freqüentemente entre si do que com atores de fora do campo, constituindo assim uma área reconhecida da vida institucional.
Campo como arena funcionalmente específica	Scott; Meyer.	Função Social	Conjunto de organizações similares e diferentes, porém interdependentes, operando numa arena funcionalmente específica, compreendida técnica e institucionalmente, em associação com seus parceiros de troca, fontes de financiamento e reguladores.
Campo como centro de diálogo e de discussão	Hoffman; Zietsma; Winn.	Debate por Interesse Temático	Conjunto de organizações, muitas vezes com propósitos díspares, que se reconhecem como participantes de um mesmo debate acerca de temáticas específicas, além daquelas preocupadas com a reprodução de práticas ou de arranjos institucionais relacionadas à questão.
Campo como arena de poder e de conflito	Vieira; Carvalho; Misoczky	Dominação e Poder de Posição	Campo como resultado da disputa por sua dominação, numa dinâmica pautada pela (re)alocação de recursos de poder dos atores e pela sua posição relativa a outros atores.
Campo como esfera institucional de interesses em disputa	Fligstein; Swedberg; Jepperson	Poder e Estruturas Cognitivas	Construções produzidas por organizações detentoras de poder, que influenciam as regras de interação e de dependência do campo em função de seus interesses, que, por sua vez, são reflexos da posição delas na estrutura social.
Campo como rede estruturada de relacionamentos	Powell; White; Owen-Smith	Articulação Estrutural	Conjunto formado por redes de relacionamentos usualmente integrantes e entrelaçadas, que emergem como ambientes estruturados e estruturantes para organizações e indivíduos, revelados a partir de estudos topológicos e de coesão estrutural.

FONTE: MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI (2006, p. 162)

As diferentes alternativas conceituais apresentadas sugerem não somente variedade de ênfases sobre o entendimento do campo organizacional, como também preferências teóricas e particularidades analíticas que, em certos casos, não são excludentes entre si (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI, 2006).

Como o conceito de campo envolve uma dimensão relacional e outra simbólica, Machado-da-Silva, Guarido Filho e Rossoni (2006), propõem que a teoria da estruturação, baseada na lógica de recursividade entre agência e estrutura, seja adequada para o entendimento do campo de maneira dinâmica.

Com isso faz-se necessário tratar da dinâmica do campo organizacional sob uma lógica estruturacionista, admitindo-se que, a partir dela, se resgata tanto a importância da prática no processo de estruturação do campo organizacional como o caráter histórico e recursivo, que tanto constrange como habilita as ações dos atores sociais (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI, 2006).

Apesar de Giddens (2003) não fazer referência a campo, como conceito ou unidade de análise, no momento em que trata de sistemas sociais e sua multiplicidade, possibilita enquadrar a análise de campos numa estrutura analítica apoiada sobre a ótica da teoria da estruturação (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI 2006).

O tratamento do conceito de campo organizacional, com base na teoria da estruturação, permite que se incorpore uma lógica de recursividade na análise da relação entre agência e estrutura em contexto espaciotemporalmente delimitado. (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI 2006).

A dualidade entre estrutura e agência permite entender que campos são sistemas relativamente fechados organizacionalmente, o que não significa afirmar que sejam socialmente coesos, cuja dinâmica de interação, embora pautada por referências estruturais localizadas, pode criar novos padrões (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI 2006).

Os campos só existem na medida em que puderem ser definidos institucionalmente. Portanto na medida em que as organizações que os integram tendem a se institucionalizar, adotam regras, desenvolvem competências e padrões de comportamento similares e próprios do seu contexto, podendo-se dizer que há um campo configurado (DIMAGGIO e POWELL, 1983; SELZNICK, 1996).

Para Bourdieu (1983), o campo científico também é visto como campo social. A competência científica confere a capacidade de se falar e agir de forma legítima através da produção científica, pela qual os atores estão engajados em impor o valor do seu conhecimento e sua autoridade como produtores de tal conhecimento, estabelecendo uma definição de ciência (CARVALHO, GOULART e AMANTINO-DE-ANDRADE, 2005) que, para Bourdieu (1983, p. 128), é “a delimitação do campo dos problemas, dos métodos e das teorias que podem ser considerados científicos”.

Com isso o termo ciência é atribuído ao conjunto das aquisições intelectuais de um determinado campo do conhecimento. Sendo assim, todo trabalho científico, desenvolvido em determinado campo social, refletirá as mudanças e contradições desse campo, tanto em sua organização interna quanto em suas aplicações (BUFREM, 1996).

Bourdieu (1983) também enfatiza que no campo científico, a busca pela legitimidade depende do reconhecimento científico entre os participantes. Isto influenciará os pontos de vista, intervenções científicas, lugares de publicação,

temas escolhidos. Esta estrutura de relações objetivas entre os diferentes agentes são os princípios do campo (BOURDIEU, 2004).

Carvalho e Vieira (2003), numa descrição provocativa, denunciam, as consequências do conceito de Bourdieu (1983, 2004):

Fazemos uso do pensamento dominante porque é mais facilmente aceito sem precisar de tanto esforço e, principalmente, de tanto tempo para o tornar legítimo, para o fundamentar. Ele já o é pela construção ativa a partir de pólos e pessoas legitimadas no campo e, pela repetição generalizada que construiu o consenso [...] (CARVALHO e VIEIRA, 2003, p. 187).

Neste sentido, a escolha de uma ou outra perspectiva sobre campos pode favorecer linhas de análise institucional que deem preferência a determinados tipos de interpretação. Para o objetivo deste trabalho será adotado o conceito de campo como centro de diálogo e discussão, assim como o conceito de Bourdieu, contudo dentro de uma lógica estruturacionista de análise.

2.5 PARADIGMAS

O campo das ciências sociais é considerado pluridisciplinar, por não ser englobado ou reduzido a uma única disciplina. Cada disciplina das ciências sociais – administração, sociologia, psicologia, economia etc. – não se preocupa em abordar o conjunto, mas delimitam um campo de análise. Logo, o trabalho científico diz respeito a domínios especializados, cujos conhecimentos são sistematizados, “isolados” e cujos pesquisadores chegam a um consenso intersubjetivo sobre conceitos, protocolos, critérios de validade etc. (BRUYNE ET AL, 1991).

Nesse sentido, a ciência não é una, não totaliza todo o conhecimento possível conforme os votos positivistas. As ciências são parcelares, porém elas também são abertas, constantemente questionando, sempre em busca de descobertas, sejam novos métodos, novos conceitos, novos meios de investigação ou de verificação (BRUYNE ET AL, 1991; KUHN, 2007).

Contudo, Bruyne et al (1991, p. 27) argumentam que “a fundação de uma ciência está subordinada à delimitação de fronteiras claramente definidas que lhe conferem especificidade e lhe permitem desenvolver-se, construindo rigorosamente seus objetos de conhecimento e seus protocolos de investigação”.

A ciência chamada “normal” é aquela pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas, relatadas por manuais científicos que

expõem a teoria aceita, com seus problemas definidos e os métodos legítimos de um campo de pesquisa. Esta característica da ciência normal, é tratada por Kuhn (2007) como paradigmas, entendidos também por perspectivas epistemológicas, formas de raciocínio, ou ainda, correntes principais de pensamento (KEINERT, 1994).

Paradigma é a forma conceitual de ver o mundo, sendo este ponto de vista compartilhado por um grupo de cientistas que tenham uma linguagem comum na construção de um mesmo arcabouço conceitual, ou seja, é a linha socialmente aceita (KUHN, 2007). Esta caracterização também é, segundo Giddens (1978, p. 142), “a capacidade de identificar o paradigma pela exclusão de pressupostos que não lhes são característicos”.

Em outras palavras, o paradigma tem uma unidade subjacente em termos de seus pressupostos básicos, frequentemente “tidos como verdade”, que separam um grupo de teóricos de outros localizados em diferentes paradigmas. É o modo de teorizar e o *modus operandi* dos teóricos sociais que operam dentro deles (BURREL e MORGAN, 1979). É o lugar onde é possível elaborar uma prática científica que constrói objetos de conhecimentos específicos, os quais impõem sua matriz particular de apreensão e de interpretação dos fenômenos (BRUYNE ET AL, 1991). Paradigma é “uma constelação de realizações – concepções, valores, técnicas etc. – compartilhada por uma comunidade científica e utilizada por essa comunidade para definir problemas e soluções legítimos” (CAPRA, 1996, p. 24).

Os paradigmas compartilhados são a unidade fundamental para o estudo de um campo, dando a este um nível de disciplina (KUHN, 2007). A aquisição de um paradigma é sinal de maturidade no desenvolvimento de qualquer campo científico que se queira considerar: na ausência deste, todos os fatos que “possivelmente pertencem ao desenvolvimento de determinada ciência têm a probabilidade de parecerem igualmente relevantes” (KUHN, 2007, p. 35). A proliferação de paradigmas é um sinal de saúde intelectual e mental e uma maneira de encorajar pesquisas inovadoras (VAN MAANEN, 1995).

Os paradigmas que norteiam qualquer pesquisa social constituem, o conjunto básico de valores e crenças da pesquisa (GUBA e LINCOLN, 1994), definindo o que o pesquisador deve responder em referência às questões fundamentais de natureza ontológica (forma e natureza da realidade e o que pode ser conhecido sobre ela); de natureza epistemológica (natureza da conexão entre pesquisador e o que pode ser pesquisado) e de natureza metodológica (como se pode conhecer aquilo que se

acredita poder ser conhecido) (GUBA e LINCOLN, 1994; FLIEG, OLIVEIRA e BRITO, 2006).

Embora o ator científico “tenda a ser extremamente meticuloso em seus esforços de garantir que o seu projeto de pesquisa obedeça aos mais rígidos controles do método científico, os pressupostos nos quais a pesquisa se apoia, quando não submetidos a nenhuma espécie de escrutínio”, tende, da racionalidade extremada, fazer com que o pesquisador corra o risco de resvalar para a irracionalidade (MORGAN, 1983, p. 377). Em função desta problemática, a análise de Kuhn (2007), quanto ao papel dos paradigmas na investigação científica, mostrou-se útil, uma vez que ela põe em evidência a não-cientificidade de pesquisas conduzidas a partir de pressupostos não conscientemente questionados.

Não se pode ignorar a importância que a concepção kuhniana de “ciência normal” exerceu sobre a teoria do conhecimento e a teoria da ciência nos dias atuais. Para a área de Administração, o espaço científico mais expressivo que se consolidou no pensamento ocidental foi feito exatamente com a utilização do que Thomas Kuhn chamou de “ciência normal” (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005). O recente debate que ocupou quase duas décadas envolvendo o conceito de paradigmas de Thomas Kuhn centrou-se fundamentalmente na questão da produção do conhecimento (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

Contudo, é preciso cuidado com o exagero na unidade interna dos paradigmas, o qual significa que estes tendem a ser tratados, assim como por Kuhn, como “sistemas fechados” e distintos, onde os paradigmas se sucedem uns aos outros por processos de mudanças revolucionárias (GIDDENS, 1978). Em lugar desta abordagem, Giddens (1978) propõe que todos os paradigmas são mediados por outros, tanto em termos de desenvolvimento sucessivo dos paradigmas dentro da ciência, como de aprendizado do ator social em “encontrar o seu lugar” dentro de um paradigma. Para Giddens (1978, p. 152), “o processo de aprendizado de um paradigma, é também um processo de aprender o que este paradigma não é, e assim mediá-lo com outras alternativas rejeitadas, em contraste com as quais os postulados do paradigma em questão se tornam claros”.

Da mesma forma, Bertero, Caldas e Wood Jr. (2005), enfatizam que, embora o conceito de paradigma de Kuhn possa ser criticado com base em sua origem, ou seja, por Thomas Kuhn ter sido um historiador científico e suas reflexões voltadas ao universo das ciências exatas (Física), é preciso considerar que o paradigma realiza

uma codificação das “intuições” dos pesquisadores e permite uma intersubjetividade maior, uma compreensão mais fácil através de comunicação melhor entre eles. Além disso, pode tratar-se de protocolos informais que, frequentemente, não tomam forma de regras explícitas, mas que nem por isso deixam de condicionar e de orientar toda prática teórica ou mesmo o trabalho de pesquisa em sua totalidade. “Os paradigmas são, portanto, fecundos no processo da pesquisa; é preciso empregá-los sem se deixar enganar por eles” (BRUYNE, ET AL., 1991, p. 136).

Neste sentido, o paradigma permite a construção e o desenvolvimento no tempo da ciência normal, sem descartar a necessidade de um protocolo científico, sob a forma de cânone lógico e metodológico, a menos que isto implique *gatekeepers*, ou seja, “guardiões” que possibilitam a replicação, e de alguma forma e mediante alguns critérios, possibilitam a acumulação de conhecimento (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

O caráter canônico da produção de conhecimento e a questão da acumulação levam à conveniência de possuir paradigmas, sem desconsiderar o aspecto mediador entre eles, conforme proposto por Giddens (1978). A insistência em linhas de pesquisa que orientem o trabalho da comunidade de cientistas é clara manifestação dos que acreditam que paradigmas são desejáveis e necessários. Eles norteiam e ordenam a produção e permitem que os esforços sejam mais bem aproveitados (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005).

Embora, a adoção de paradigmas resulte em privilégio teórico proporcionado por certas maneiras de ver, por certos termos do discurso e do estágio das conversações, ao mesmo tempo, esses termos de representação já são meios de não ver, meios de não recorrer a outras conversações e, daí meios de não reconhecer outras possibilidades (CLEGG e HARDY, 1998).

A abordagem de análise baseada na concepção de paradigmas invadiu os Estudos Organizacionais na década de 1980. Esta abordagem foi utilizada no contexto organizacional pela primeira vez por Burrell e Morgan em 1979. Embora tenham sido os anos oitenta que testemunharam o apogeu da concepção paradigmática, ela continua exercendo influência tanto na legitimação de determinados conteúdos e perspectivas como na própria institucionalização desta área de conhecimento (MORGAN, 1990). Contudo, ainda não existe em Administração consenso sobre a maneira de fazer ciência: quais teorias são merecedoras de estudo; quais são os métodos válidos; quais valores e interesses

deveriam ser perseguidos; e quais pressupostos epistemológicos são dignos. Isto, devido à área ter amplos antiparadigmáticos, o que responde parcialmente pela complexidade e diversidade de abordagens que encontramos em Administração (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 1998; MARTIN, 2003).

De forma geral, a concepção paradigmática “expressa o esforço de compreender a influência e o impacto dos pressupostos que os cientistas trazem para o seu objeto de investigação na sua percepção da realidade” (MORGAN, 1990, p. 13). Esta abordagem tem implícita em si a crença de que não apenas diferenças científicas, mas também, e principalmente, divergências filosóficas constituem a essência das distinções entre formas de análise (ACKROYD, 1992). Embora existam diversas concepções sobre a ‘ideia’ de paradigma, na teoria organizacional, a interpretação prevaiente é a de que os paradigmas diferem entre si em termos de suas características epistemológicas e ontológicas, ou seja, em termos das posições filosóficas neles implícitas (BROWN, 1992).

2.6 PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS

A questão dos paradigmas nas ciências sociais é um dos temas mais relevantes para todos os que buscam ir além do estudo das "escolas de pensamento", para atingir um patamar de compreensão crítica do que se está produzindo e fazendo a respeito dos fenômenos sociais (CARRIERI e LUZ, 1998).

Burrell e Morgan (1979), foram os primeiros a apresentarem paradigmas sociológicos para orientar a análise organizacional. Na realidade, embora enfatizando a concorrência entre posições intrinsecamente antagônicas e não a complementaridade integracionista e estabelecendo fronteiras excludentes e não limites negociáveis, o clássico estudo de Burrell e Morgan (1979) evidencia a pluralidade de enfoques paradigmáticos. Segundo Clegg e Hardy (1998), mais do que um molde classificatório e uma mera teoria de conhecimento, o estudo de Burrell e Morgan (1979) pretendia ser uma estratégia defensiva capaz de legitimar um espaço no qual enfoques alternativos de pesquisa pudessem desenvolver-se a salvo da mira dos funcionalistas. Ademais, esta é apenas uma entre tantas classificações possíveis.

Para Deetz (1996), é inegável o valor da matriz de Burrell e Morgan (1979) para categorizar os paradigmas sociológicos na análise organizacional. Mas podem-

se verificar os efeitos danosos da matriz, essencialmente formulada como produção conceitual pela própria natureza dos paradigmas, mas empregada posteriormente sob a forma de qualificação de pesquisas, prestando-se a reificar as abordagens.

Apesar das críticas que se podem fazer ao modelo apresentado por Burrell e Morgan (1979), que de algum modo interpretam o complexo campo da teoria sociológica de maneira reducionista, este modelo já se ofereceu como importante referência didática.

As definições apresentadas por Burrell e Morgan (1979), segundo os paradigmas funcionalista, interpretativista, humanista radical e estruturalista radical, já foram utilizadas por trabalhos que merecem ser destacados, tais como as análises de Machado da Silva, Amboni e Cunha (1989) Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990); Bertero e Keinert (1994); Martins (1997); Carrieri e Luz (1998); Hoppen (1998); Hoppen et al (1998); Vieira (1999); Caldas, Tonelli e Lacombe (2002); Hoppen e Meirelles (2005) e Diniz (2006). Estes estudos, em muito contribuíram para o estado da arte da produção acadêmica no Brasil.

Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), na área de Organizações, constataram a predominância de trabalhos tributários do paradigma funcionalista (80,3%), percebendo igualmente a predominância do enfoque prescritivo sobre o enfoque analítico. Bertero e Keinert (1994) também identificaram nos estudos organizacionais brasileiros a mesma base epistemológica; contudo, ao contrário do estudo de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), a pesquisa aponta artigos predominantemente acadêmicos, ou seja, não há interesse voltado para a aplicabilidade ou prática.

Na área de Recursos Humanos, e de Sistemas de Informação, os resultados de Caldas, Tonelli e Lacombe (2002); Hoppen (1998); Hoppen et al (1998); Hoppen e Meirelles (2005) e Diniz (2006) respectivamente, estão de acordo com os resultados encontrados na área de Organizações, observando-se forte predominância dos artigos de base funcionalista e empiricista.

Na área de Marketing, Vieira (1999) demonstra que os artigos possuem um caráter predominantemente “pragmático”. Martins (1997) encontrou o mesmo predomínio das abordagens empírico-analíticas nas teses e dissertações defendidas entre 1980/1993 em três programas de pós-graduação de São Paulo (FEA/USP, EAESP/FGV e FEA/PUC).

O estudo de Carrieri e Luz (1998) sobre dissertações da UFMG nas áreas de Sociologia, Ciência Política, Administração, Educação, Economia/Demografia, constatou que pesquisas cuja pretensão era adotar uma análise mais dialética, acabavam usando referências funcionalistas e explicações racionais.

Contudo, a indicação de Burrell e Morgan (1979) não é necessariamente adequada para novas perspectivas epistemológicas surgidas no campo – da base epistemológica dos artigos e da ideologia impressa no desenvolvimento de uma área científica em ciências sociais (CALDAS, TONELLI e LACOMBE, 2002).

As correntes de pensamento evoluíram e integraram outras perspectivas epistemológicas em seus respectivos quadrantes, não necessariamente em uma única posição fechada, mas também constituindo conversações entre os paradigmas. Embora cada perspectiva de pesquisa tenha suas variantes e formas híbridas, tem seus próprios pontos obscuros, bem como capacidades de esclarecimento (CHENEY, 2000).

Visões mais contemporâneas buscam ir além da perspectiva de Burrell e Morgan (1979) em um esforço não de negação, mas de superação. À medida que novos paradigmas emergem das mais diversas frentes, os Estudos Organizacionais buscam explorá-los, testá-los e incorporá-los a seu repertório de análise e pesquisa.

Neste sentido, se reconhece que os paradigmas se esgotam e são substituídos por outros, além de que vários paradigmas podem constituir ao longo do tempo aspectos diferentes da realidade, enquanto a sua justaposição pode propiciar uma perspectiva mais abrangente desta mesma realidade do que um único paradigma (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005). O estado normal da ciência organizacional é pluralístico, o que não significa que os Estudos Organizacionais sejam “imaturos” ou esteja com o fôlego suspenso, aguardando sua fase de ciência normal, mas sim que a pluralidade de legitimações e perspectivas em competição, deve ser esperada em todas as ciências, especialmente nas sociais (BURRELL, 1998), e que tal pluralismo teórico estimula o progresso científico (KUHN, 2007).

Para o âmbito deste trabalho, devido a que o campo da pesquisa é dinâmico (BRUYNE ET AL, 1991), uma “nova” classificação foi utilizada, não de forma conclusiva, porém adaptada dos estudos de Burrell e Morgan (1979) e fundamentada nas avaliações de estudos seminais já referenciados. Os paradigmas descritos a seguir não são mutuamente excludentes; podem estabelecer alguma intersecção entre eles. Sabe-se que esta classificação abriga um número limitado de opções

disponíveis para o estudo das organizações; contudo, ao mesmo tempo, é um meio de revelar nichos de pesquisas e de situar discursos particulares encorajados ao desenvolvimento do conhecimento. Outrossim, esta classificação serve apenas de base didática, constituída unicamente para fins analíticos.

A classificação proposta enquadra: funcionalismo, estruturalismo, interpretativismo, estruturacionismo, teoria crítica e estudos críticos.

Este trabalho não tem a intenção de fornecer o histórico completo de cada perspectiva teórica adotada, mas, expressar ideias básicas e importantes para compor o pano de fundo para a classificação e análise dos dados.

2.6.1 Funcionalismo

O funcionalismo foi a primeira orientação teórica em sociologia, e por um curto período de tempo, entre 1950 e 1960, se tornou a perspectiva dominante nos Estados Unidos (TURNER, 2002). O funcionalismo recebeu suas maiores influências através dos trabalhos de Comte, Spencer, Durkheim, Pareto, Malinowski, Radcliffe Brown, Parsons e Merton.

Comte pode ser visto como o primeiro e mais importante sociólogo da unidade humana e social. Segundo o autor, a função da sociologia é de entender o necessário, indispensável e inevitável curso da história, fundamentado no modelo positivista das ciências naturais. O ideal é a racionalidade científica do mundo, que vai constituir um tipo válido de sociedade, que todos deveriam buscar. Dessa maneira, as relações sociais (padrões de conduta) seriam tão passíveis de mensuração e verificação quanto os eventos físicos, por exemplo (COMTE, 1982, 1988). Para o autor a observação cuidadosa dos fatos empíricos e o teste sistemático de teorias, tornam-se modos dominantes para acumular conhecimento. Com o estado positivo o conhecimento pode ter utilidade prática, a fim de melhorar as vidas das pessoas.

Spencer influenciou o desenvolvimento da sociologia ao contribuir com analogias biológicas, cujo estudo da sociologia é visto como em um curso evolutivo de desenvolvimento em que as mudanças de estrutura eram caracterizadas por um processo de crescente diferenciação e integração. Spencer acreditava que a análise do fenômeno social poderia ser tratada em termos de “estrutura” e “função” – revelando o termo funcionalismo estrutural – que busca entender as partes no

contexto do todo. Estas funções tornam-se distintas ao longo de três linhas: operacional (reprodução e produção), distributiva (fluxo de materiais e informações) e reguladora (concentração de poder para controlar e coordenar). Spencer traz a ideia de que tudo o que existe na sociedade contribui para o seu funcionamento equilibrado, em um curso evolutivo caracterizado por um processo de diferenciação e integração (TURNER, 1999; QUINTANEIRO, 2001).

Durkheim pretende mostrar que há um objeto próprio à sociologia, que são os fatos sociais. Para ele, as leis sociais têm caráter necessário, ficando sob responsabilidade da sociologia estudar os fatos que são regidos por leis sociais invariáveis, através de um método científico objetivo e neutro (ARAÚJO, 2003). O autor acredita que a consciência do indivíduo segue a consciência coletiva sustentada por um sistema compartilhado de valores, normas e crenças. Estes sistemas de símbolos culturais são base importante para a integração da sociedade. As regularidades no comportamento social são reportáveis a certa estrutura social, que produzirá resultados funcionais. À medida que esta se torna complexa e heterogênea, a natureza de símbolos culturais ou a consciência coletiva, muda. Para o autor, os fatos sociais existem fora da consciência dos homens, e restringe o homem em suas atividades diárias (DURKHEIM, 2002; ARAÚJO, 2003).

Pareto (1984) compartilha da ideia de Durkheim, ao afirmar que um sistema é um conjunto de partes inter-relacionadas, que ao mesmo tempo está em fluxo contínuo e equilíbrio imutável. Em outras palavras, os movimentos fora da posição de equilíbrio eram contrabalançados por mudanças tendendo a restaurá-lo. A forma da sociedade, segundo o autor, é determinada pela interação dos elementos que a compõem e a interação desses elementos com o todo, o que implica a existência de uma determinação recíproca entre diversos elementos. A introdução de qualquer mudança provoca uma reação, cuja finalidade é a recuperação do estado original – noção de equilíbrio sistêmico (PARETO, 1984).

Foram Durkheim, Malinowski e Radcliffe Brown que primeiro exploraram as possibilidades explicativas do conceito de função social. Radcliffe Brown viu as sociedades primitivas como sistemas compostos de partes correlacionadas entre si e coordenadas ao todo. As partes cumprem funções no sentido de contribuírem para a totalidade funcional. Para o autor, pelo estudo comparativo das sociedades pode-se chegar a um conjunto de conhecimentos de todas as sociedades humanas, em termos de leis (ARAÚJO, 2003). Radcliffe Brown aborda os fenômenos em termos

da sua função, do que eles significam para os membros de uma sociedade e quais são as suas consequências sociais. Compara a estrutura social a um organismo em que os órgãos desempenham funções. Para o funcionalismo, os homens, ao relacionarem-se, fazem parte de um todo, que não se destrói pelas discontinuidades de seus membros, pois o funcionamento da estrutura social prossegue. Todo elemento que contribui para a manutenção da continuidade estrutural tem uma função, como, por exemplo, as sanções, os ritos e as cerimônias. A continuidade da vida de uma sociedade poderia ser concebida em termos do funcionamento de suas estruturas – daí a noção de funcionalismo estrutural (ARAÚJO, 2003; BURREL e MORGAN, 1979).

Para Malinowski, toda sociedade constitui um sistema onde cada costume tem uma função. O simples fato de existir uma atividade social faz com que ela tenha uma função de se integrar às demais (ARAÚJO, 2003). A sociedade é formada por partes componentes, diferenciadas, inter-relacionadas e interdependentes, satisfazendo cada uma das funções essenciais da vida social. As partes são mais bem entendidas, compreendendo-se as funções que desempenham no todo. Neste sentido, a sociedade é vista por meio da função de suas unidades, isto é, como um sistema organizado de atividades (LAKATOS e MARCONI, 1991).

Parsons (1969) propõe uma versão do funcionalismo, enfatizando que o objeto da ciência social são as ações dos indivíduos, observadas em situações (relação entre organismo e ambiente externo), cujas relações são, então, abstraídas, formando princípios de relações. O autor procurou organizar a ciência social sobre o conceito de “sistema” (TURNER, 2007). A ação se dá por estruturas e processos pelos quais os seres humanos formam intenções significativas, sendo, portanto, cultural, pois os sistemas são padrões simbólicos (PARSONS, 1969). Para Parsons a estrutura de valores em um sistema social influencia a ação em todos os níveis, da interação em pequenos grupos até a sociedade total (TURNER, 2007).

Para o autor, as categorias estruturais permitem descrever o estado do sistema, suas variações no tempo e quais as semelhanças e diferenças entre eles. O resultado desta descrição são os pré-requisitos funcionais dos sistemas empíricos, que são as instituições sociais. As instituições para os funcionalistas “são conjuntos de papéis com diferentes graduações de autoridade” (MILLS, 1975, p. 38), onde podem ser desempenhados por grupos diferentes e em situações diferentes. Neste

sentido, busca-se explicar quais são as causas funcionais das organizações sociais ou dos papéis sociais que lhes permitem uma articulação do todo (ARAÚJO, 2003).

As instituições mantêm o sistema equilibrado em sua totalidade, pois estrutura significa todo o padrão constante do sistema responsável pelo seu equilíbrio. Os padrões, por sua vez, são expectativas duráveis de comportamento (ARAÚJO, 2003). Neste sentido, a característica saliente do modelo de Parsons sobre a ação humana é a normatividade (TURNER, 2007).

A função da cultura é manter os padrões, a função dos sistemas sociais é integrar os indivíduos nos seus papéis, a função dos sistemas de personalidade se dá em torno da realização de objetivos e, finalmente, a função do organismo comportamental é sua adaptação (PARSONS, 1969). Para Parsons, o sistema de valores é o componente chave do processo de equilíbrio que produz estabilidade social (TURNER, 2007).

Obedecendo a padrões, os indivíduos desempenharão papéis que, quando organizados, formam as instituições. Para explicar os fenômenos sociais e principalmente as instituições, os costumes e usos sociais, os funcionalistas indagam sobre as funções que eles preenchem ou sobre o papel que desempenham, com a pretensão de determinar os segmentos sociais em relação aos quais um aspecto social pode ser declarado funcional ou disfuncional. Sendo assim, uma instituição pode ser funcional para uma parte e não para outra (BOUDON, 1990; ARAÚJO, 2003; MERTON, 1968).

Para Merton (1968), o funcionalismo apreende cada instituição em sua função, em sua contribuição à manutenção do sistema. Uma instituição é essencialmente a resposta às necessidades da sociedade e condição útil a seu funcionamento. Dito de outro modo, “função” se define por aquilo que dá unidade à sociedade, e responde pela manutenção da continuidade da estrutura social. A função é aquilo que integra os indivíduos e se manifesta na ação de cada um (MERTON, 1968). “Por outro lado, é uma construção do observador e não dos agentes. A integração da totalidade social numa rede de relações é o pressuposto da noção de função, mas sua efetiva realização é, de um ponto de vista analítico, independente das intenções dos agentes” (MEIRA, 2006, p. 13).

Merton também contribui com a criação do conceito de funções manifestas e latentes, onde uma significa finalidades pretendidas e esperadas e a outra,

consequências não pretendidas, não esperadas e não reconhecidas que surgem pela atuação real das organizações sociais (LAKATOS e MARCONI, 1991).

Os funcionalistas explicam as regularidades de comportamento não a partir do que os indivíduos fazem ou têm a intenção de fazer, mas mostrando que estas regularidades servem para manter o grupo coeso e contribuem para que suas finalidades se cumpram. Eles explicam por que as práticas sociais existem referenciando os propósitos ou necessariamente para que elas servem (KINCAID, 2007). Sendo assim, analisam as ações e relações sociais tecidas pelos interesses e valores sociais (ARAÚJO, 2003). As consequências, assim como as funções de uma estrutura social, são as próprias causas desta estrutura, fazendo com que ela persista (DONALDSON, 2003).

As explicações funcionais apresentam ênfases diferentes, entre as análises que enfatizam funções para uma sociedade como um todo e aquelas que enfatizam a reunião coletiva de necessidades humanas básicas (TURNER, 2007).

De modo geral, o objeto de estudo do funcionalismo é “qualquer fenômeno social: padrões de comportamentos, valores sociais, ação social, relação social, personalidade, grupo social, instituição, estrutura social, processo social e sistema social global” (FERNANDES, 1970, p. 194).

A abordagem funcionalista tende a assumir que o mundo social é composto de artefatos empíricos relativamente concretos e de relações que podem ser identificadas, estudadas e medidas através de abordagens derivadas das ciências naturais, epistemologicamente positivistas (BURREL e MORGAN, 1979).

O funcionalismo aborda o sujeito de um ponto de vista objetivista, e aborda os assuntos sociais sob o ponto de vista determinista. Está voltado para explicações essencialmente racionais. Altamente pragmático em orientação, frequentemente orientado para o problema, envolvido em prover soluções práticas (BURREL e MORGAN, 1979).

Contudo, segundo Fernandes (1970, p. 194), “a ideia de que a análise funcionalista se preocupa com a continuidade do sistema social só em termos da reprodução da ordem social existente, ou seja, da estabilidade social, é notoriamente falaciosa e inadequada”, pois o funcionalista, ao abordar o padrão de integração das estruturas, vê quais são os fatores que provocam a continuidade assim como os que contribuem para a mudança social. “O próprio sistema social em

equilíbrio possui mecanismos de conservação e de mudanças sociais” (ARAÚJO, 2003, p. 104).

Parsons (1969) analisa a mudança como contribuindo para a manutenção do sistema como um todo, pois ela favorece o aumento da capacidade adaptativa. Toda novidade ou diferenciação terá que ser integradora. A socialização - processo pelo qual o indivíduo se torna uma pessoa social - é um dos itens pelos quais se realiza a mudança sem que o todo se desestruture.

O paradigma funcionalista é fundamentado em normas subjacentes de racionalidade instrumental, sob um aspecto utilitarista fundamentado na justificativa dos fins pela ação dos meios, em que as ações sociais dos indivíduos são mediadas por algum tipo de interesse com sentido subjetivo (WEBER, 1982).

Para o funcionalismo, a estrutura (regras e recursos) tem primazia sobre a ação e suas qualidades restritivas são fortemente acentuadas (GIDDENS, 2003). O comportamento dos seres humanos é contextualmente delimitado por um mundo de relações sociais tangíveis (MORGAN, 1980). Pressupõe a sociedade com existência real e concreta, de caráter sistemático, ordenado e regulado de coisas, a partir das possibilidades de generalização dos conhecimentos empíricos (MORGAN, 1980).

O funcionalismo tende a reduzir a explicação dos fatos sociais ao esclarecimento das suas funções – uma vez que eles só existem em função daquilo para que servem (BOUDON, 1990). Acham, portanto, que o método científico deve ser tratado à parte das questões de valor. Acreditam na possibilidade de obter a objetividade e a neutralidade valorativa das ciências sociais, do distanciamento do sujeito do objeto social e da investigação segundo o rigor e as técnicas do método científico (MORGAN, 1980).

O funcionalismo nos estudos das organizações é um campo abrangente, contendo no mínimo três linhas de desenvolvimento, cada uma seguindo diferentes tradições intelectuais: teoria das organizações, construída com base na administração científica de Taylor e teoria clássica de Fayol, de gerência e de teoria administrativa; sociologia das organizações e comportamento dos indivíduos, construída com base na teoria das relações humanas de Elton Mayo e teorias behavioristas deterministas (BURREL e MORGAN, 1979; SALAMAN e THOMPSON, 1973, WEBER, 1982; BARNARD, 1971).

A teoria estrutural funcionalista (SELZNICK, 1948) justifica que, embora as organizações sejam racionais, também são organismos vivos influenciados pelos seus aspectos informais e sociais, mostrando que as organizações são moldadas pela situação. Isto pode ser comprovado pela teoria da contingência (LAWRENCE e LORSCH, 1973) e ecologia organizacional (HANNAN e FREEMAN, 2005) Os processos pelos quais a situação molda a organização são funcionalistas: adaptação e seleção. Além disso, apresenta a ideia de que a tomada de decisão traz a lógica de funcionalidade, em termos de benefícios e eficiência organizacional (DONALDSON, 2003).

2.6.2 Estruturalismo

A análise estruturalista abrange setores diversos como a linguística, psicanálise, etnologia, matemática e filosofia. Da linguística o estruturalismo acabou por se estender a outros domínios, pela razão de que só há estrutura na medida em que há linguagem, oposição, símbolo, diferenciação, capacidade de topologizar. Assim como a língua (em termos sociais) se organiza e pode ser compreendida nela mesma, o sistema, ou qualquer estrutura, cria relações múltiplas em seu interior, devido às suas regras próprias (ARAÚJO, 2003).

Embora com muitas similaridades com a teoria funcionalista, o estruturalismo é dirigido para fins fundamentalmente diferentes. No estruturalismo não se analisam mais os elementos em si, mas se concentra nas relações estruturais dentro de um mundo social real, visto como tendo uma existência independente, com regras e dinâmicas próprias, inventando sua própria realidade, como um mundo reificado, isto é, mundo petrificado, desumanizado, onde a realidade existe fora das mentes dos homens, e a relação entre pessoas é substituída pela relação entre coisas (SILVA ET AL, 1986). Para Lévi-Strauss (1970, p. 562) “o apagamento do sujeito representa uma necessidade de ordem, pode-se dizer que o estruturalismo quer revelar à consciência um objeto diferente”. Logo, se o sujeito é dissociado do “eu”, o que permanece são suas operações, ou coordenação de suas ações. Estas operações são os elementos constitutivos das estruturas que o sujeito utiliza (LÉVI-STRAUSS, 1970).

Lévi-Strauss toma de Durkheim e de Radcliffe Brown a ideia de que os fatos sociais são interdependentes e têm que ser analisados a partir da totalidade e vistos

em relações. Para o autor as estruturas não são realidades diretamente visíveis ou observáveis, mas níveis de realidade que existem e funcionam, constituindo a lógica mais profunda de um sistema social. Embora a estrutura não exista na realidade concreta, é ela que define o sistema de relações e transformações possíveis dessa realidade. Lévi-Strauss (1986) preocupa-se em entender as estruturas inconscientes que tornam os humanos iguais; e a lógica e a racionalidade das diferentes sociedades, acima de suas idiossincrasias e do evasivo dos acontecimentos sociais. Para o autor as relações sociais, com a ajuda de modelos, são a matéria-prima que torna manifesta a estrutura social. Os modelos explicam por seu funcionamento todos os fatos observados. Assim, modelos e realidade são dois aspectos que constituem a totalidade (ARAÚJO, 2003).

Como a noção de estrutura não se refere à realidade empírica, não se pretende copiar o real, mas estruturá-lo de modo específico e, por meio de modelos construídos, explicar a realidade, para produzi-la concretamente como efeito da estrutura. Os fatos investigados não têm sentido como dados, ganham sentido na e pela estrutura (LÉVI-STRAUSS, 1970). Assim, descarta-se o puro empirismo, o dado imediato que fala por si. Este será construído pela linguagem científica, pelas estruturas que pretendem dar conta do real; por regra ou regras que regem as modificações e as configurações dos elementos de um sistema (LEVI-STRAUSS, 1986; ARAÚJO, 2003).

O estruturalismo abandona toda tentativa de compreensão de um sentido para substituí-la por operações de transformação de signos. O que define a estrutura é seu movimento operatório, seus desempenhos significantes. Assim, se combinam duas articulações essenciais do método estrutural: a operação estruturante – própria dos modelos formais de inteligibilidade – e o inventário estruturado que define o corpo codificado dos signos (BRUYNE ET AL, 1991). Para Lévi-Strauss (1970), a operação estruturante confere um caráter autoregulador às estruturas. Neste sentido, o autor afirma que o estruturalismo é teleológico: pretende explicar os seres pelo fim a que são destinados.

A busca de sentido através da construção de um modelo constitui o ponto chave para a compreensão do estruturalismo. A base sobre a qual os modelos se constroem são as relações sociais; os modelos, por sua vez, tornam manifesta a própria estrutura social. Os modelos ou normas funcionam perpetuando as crenças e os usos, sem criticá-los (ARAÚJO, 2003). Para os estruturalistas, o modelo é a única

representação concebível da realidade, uma vez que para penetrar na realidade concreta, a mente constrói modelos, não diretamente observáveis na própria realidade, porém a retratam fielmente, pelo simplificante do modelo corresponder à razão explicante da mente; isto quer dizer que, por baixo de todos os fenômenos, existe uma estrutura invariante e é por este motivo que ela é objetiva. Neste sentido, os estruturalistas acreditam que toda análise deve levar a um modelo, cuja característica é a possibilidade de explicar a totalidade do fenômeno, assim como a sua variabilidade aparente (LAKATOS e MARCONI, 1991).

Há uma aceitação geral da noção de totalidade, como um sistema e de estrutura, enfatizando a preeminência do todo social sobre suas partes individuais, isto é, sobre sujeitos humanos. Em outras palavras, a estrutura (regras e recursos) tem primazia sobre a ação (GIDDENS, 2003). O foco é sobre as configurações das relações sociais que caracterizam diferentes totalidades e que existem independentemente da consciência que os homens têm dela. Concentra-se na maneira como o comportamento humano é determinado por estruturas culturais, sociais e psicológicas (BURREL e MORGAN, 1979). Reconhecer a estrutura significa reconhecer os elementos universais de uma cultura (ARAÚJO, 2003). As estruturas, sem serem diretamente observáveis, mas tendo fundamento objetivo aquém da consciência e do pensamento, constituem o real tornado inteligível por uma organização lógica que torna manifesto o que está apenas implícito (FOUCAULT, 1995).

Segundo Chauí (1999, p. 274), a concepção estruturalista “veio mostrar que os fatos humanos assumem a forma de estruturas, isto é, de sistemas que criam seus próprios elementos, dando a estes sentido pela posição e pela função que ocupam no todo”. Cada elemento do sistema, além de revelá-lo, só adquire sentido no interior do sistema e por referência a outros elementos. Em outras palavras, uma estrutura só adquire significação nas suas articulações com outras estruturas, sendo que nenhuma possui sentido isoladamente (ARAÚJO, 2003).

A definição de sistema, que passou a ser chamado estrutura comporta a ideia de que o sistema se basta para efeitos de sua compreensão. Esta é a noção que permeia o estruturalismo: “a de que se possa encontrar uma inteligibilidade intrínseca, já que uma estrutura basta a si mesma” (ARAÚJO, 2003, p. 126). Segundo Piaget (2003), trata-se de uma totalidade que se transforma por auto-regulação. Os elementos da estrutura dependem das regras que regem a totalidade;

portanto, seu modo de relacionar-se e seus processos de composição conferem à totalidade seu caráter de ela própria estar sempre se configurando, se transformando, dando a ideia de que a estrutura é estruturante e estruturada, no sentido de manter o sistema por meio da auto-regulação e ao mesmo tempo permitir que haja mudanças na estrutura.

As estruturas são tratadas como facticidades compactas e concretas que são relativamente persistentes e duradouras. Porém, elas também são vistas como estando em transformação, com relações contraditórias e antagônicas uma com a outra, apesar de Celso Furtado ressaltar que as estruturas sociais podem sofrer modernização, mas não necessariamente uma efetiva transformação (GUIMARÃES, 1993). A realidade social para o estruturalista não é necessariamente criada e recriada na interação cotidiana. O padrão típico é aquele no qual as contradições dentro de uma dada totalidade alcançam um ponto pelo qual elas não podem estar contidas por muito tempo. A realidade existe independentemente de qualquer reafirmação que toma lugar na vida cotidiana (BURREL e MORGAN, 1979).

O estruturalismo não pretende ser um nominalismo, pois se esforça por inscrever a inteligibilidade do modelo nos fatos, isto é, nos comportamentos sociais. Ele está interessado na análise imanente do real. “A estrutura não é nem a verdade da coisa (realismo), nem uma verdade sobre a coisa (nominalismo), ela é a própria coisa como simulacro inteligível”. O simulacro confere ao objeto o estatuto de objeto construído pelo intelecto (BRUYNE ET AL, 1991, p. 148; ARAÚJO, 2003).

Os teóricos dentro deste paradigma advogam sob o ponto de vista objetivista. Esta visão 'realista' da realidade social é suplementada essencialmente por uma epistemologia positivista, que é equipada para descobrir e compreender os padrões e regularidades que caracterizam o mundo social e explorar forças sociais, políticas e econômicas que subjagam a ação individual. A estrutura apenas apresenta fatos de uma realidade que subjaz a ela (BURREL e MORGAN, 1979; MORGAN, 1980; ARAÚJO, 2003). Antes de cada indivíduo vir ao mundo, já existe ao seu redor os códigos morais, sociais, a língua, a postura diante da vida, que é repassada de geração a geração. A conduta pessoal é motivada por estas normas gerais, dadas pela, para e na sociedade (SILVA ET AL, 1986; LÉVI-STRAUSS, 1976).

Segundo Lévi-Strauss (1986), a finalidade da pesquisa estruturalista é conhecer o que há de universal no homem e que seja apreensível ou cognoscível pela ciência.

Weber não pode ser ignorado, dentro do estruturalismo. Os escritos de Weber contêm unidos elementos políticos e sociológicos, algumas vezes sobre grande pressão e tensão, dentro de um contexto de estrutura global. Weber era um sociólogo da ordem econômica, interessado nas consequências sociais do capitalismo, com respeito às suas visões que eram ambivalentes. Sua orientação para o capitalismo era diferente dos marxistas. Weber advogou um capitalismo que contém a burocracia como um reflexo do processo de racionalização e instrumento de dominação social que rivalizava com o desenvolvimento do capitalismo (BURREL e MORGAN, 1979). Contudo, Weber rejeita qualquer afirmação de que o modelo de ação racional é necessariamente universal. Para ele as explicações racionais fornecem melhor entendimento de uma perspectiva contingencial (TURNER, 2007).

Do ponto de vista estruturalista, a sociedade é visualizada como estrutura de normas e valores que vão influenciar o comportamento das pessoas e o desempenho dos grupos e das organizações. A análise das organizações é feita a partir de uma abordagem múltipla, combinando fundamentos da teoria Clássica, da teoria das relações humanas e teoria da burocracia. Contudo, os estruturalistas estudam as organizações através de uma análise organizacional mais ampla do que as teorias que surgiram anteriormente a ela. As organizações são concebidas como “unidades sociais” intencionalmente construídas e reconstruídas a fim de atingir objetivos específicos (BALLESTERO-ALVAREZ, 2000). Em outras palavras, Etzioni (1980, p. 68) enfatiza que os estruturalistas “veem a organização como unidade social grande e complexa, onde interagem muitos grupos sociais. Embora esses grupos compartilhem alguns interesses, há outros incompatíveis”. A questão da existência de grupos com interesses, muitas vezes divergentes, enseja importantes campos de estudo na perspectiva Weberiana: o estudo do poder, da legitimidade, da autoridade e da dominação.

Estes temas passaram a encontrar guarida na teoria organizacional. A contribuição estruturalista provém fundamentalmente dos sociólogos que trazem para o campo da Administração a temática que lhes é peculiar (ETZIONI, 1980).

Os estruturalistas dedicam enorme atenção às organizações complexas por causa dos desafios que estas impõem à análise organizacional. As organizações formais por excelência são as burocracias. Daí o fato de a teoria estruturalista ter

como principais expoentes figuras que se iniciaram com a teoria da burocracia (BALLESTERO-ALVAREZ, 2000).

A teoria estruturalista concentra-se no estudo das organizações principalmente na sua estrutura interna e na sua interação com outras organizações. Assim, um resultado ótimo só é conseguido, se a estrutura se ajustar à contingência ou à situação (DONALDSON, 2003). A teoria estruturalista também esboça uma preocupação com o elo organização-ambiente. Se até então as transformações internas das organizações eram tema central dos Estudos Organizacionais, agora o meio ambiente passaria a ser uma variável a ser considerada. A análise interorganizacional evidencia as interações entre as empresas e o meio ambiente externo, e com as demais organizações nele inseridas. É também dessa época a teoria geral dos sistemas, que colocava as organizações em sistemas abertos (QUINELLO, 2007), nos quais as adaptações iriam permitir a sobrevivência ou não dos jogadores, também chamados de *players*, explicados pela teoria da seleção natural³ (HANNAN e FREEMAN, 2005).

2.6.3 Interpretativismo

As filosofias interpretativistas foram desenvolvidas contra a lógica positivista, a qual foi crescentemente vista como insatisfatória em pelo menos dois aspectos: por não considerar os valores humanos e o quadro de referência do observador científico que determinava a maneira pela qual o conhecimento científico era obtido; e por considerar que o homem não era livre e estava sujeito a leis gerais e explicações causais (HATCH e YANOW, 2003).

A adoção do modelo explicativo das ciências naturais faz com que as ciências humanas percam de vista o caráter compreensivo inerente às ciências que pretendem conhecer o homem em sua dimensão social e histórica. A pura objetividade e neutralidade são impraticáveis nas ciências sociais, o que revela a ideologia como via para a compreensão, para uma possível hermenêutica ou interpretação que fundamentaria as ciências sociais (ARAÚJO, 2003).

³ Para maiores informações sobre teoria da seleção natural: HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. Ecologia populacional das organizações. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 70-91, Jul./Set. 2005.

Os fundamentos do paradigma interpretativista vêm do trabalho de Kant e reflete a filosofia social, que enfatiza essencialmente a natureza espiritual do mundo social. O paradigma foi mais decisivamente elaborado e influenciado pelos trabalhos de Dilthey, Gadamer, Weber e Schütz (BURREL e MORGAN, 1979).

As contribuições kantianas são duas: superação do empirismo e racionalismo na suas expressões puras, e inversão da noção representacionista predominantes até o século XVI. Kant retira a forma do conhecimento do mundo suprasensível e a coloca no mundo cognitivo. Neste sentido, o autor afirma que conhecimento é um produto da mente, e quando este se volta ao mundo sensível, não basta a forma de se conhecer, é preciso também do conteúdo do conhecimento, isto é, o objeto da experiência. Ele argumenta que existem princípios de organização inerentes e inatos dentro da consciência humana pelos quais os dados sensoriais são estruturados e, desta forma, compreendidos; por exemplo, a noção de tempo. Para Kant o ponto de partida para entender a realidade está no domínio da mente e da intuição. Os pensamentos sem conteúdo intuitivo são vazios. Faz-se necessário tornar os conceitos sensíveis, isto é, acrescentar-lhes objeto de intuição, a fim de poder fazer deles uso cognitivo (KANT, 1997).

O paradigma interpretativista tem interesse em entender o mundo como ele é do ponto de vista dos atores diretamente envolvidos no processo social em contraposição ao observador da ação. Em outras palavras, busca entender a natureza fundamental do mundo social no nível da experiência subjetiva. Através dele se vê o mundo social como processo social emergente que foi criado pelos indivíduos envolvidos. É rejeitada qualquer visão que atribua ao mundo social uma realidade que seja independente da mente dos homens. Contudo, o mundo social é mais do que uma construção individual subjetiva dos seres humanos. Pelo desenvolvimento da linguagem comum e da interação do dia a dia, pode-se criar uma rede de pressupostos e de significados compartilhados intersubjetivamente, ou seja, há uma contínua interação e comunicação com outros indivíduos para sustentar o mundo social. Desta forma a realidade social é compreendida como processo simbólico criado por ações contínuas (BURREL e MORGAN, 1979; BERGER e LUCKMANN, 2005; PUTNAM, 1983).

A sociologia interpretativa está interessada em entender a essência do mundo do dia a dia, as múltiplas realidades do mundo social: como surgem e como são sustentadas. Para entender a realidade da vida cotidiana é preciso levar em conta

seu caráter intrínseco, onde essa se apresenta como realidade interpretada pelos indivíduos e subjetivamente dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente. Em outras palavras, tenta-se entrar neles e entendê-los de dentro. Resiste-se à imposição da forma externa e da estrutura (BURREL e MORGAN, 1979; MORGAN, 1980; BERGER e LUCKMANN, 2005).

Ontologicamente, as teorias características do paradigma interpretativo são indiscutivelmente nominalistas; com relação à natureza humana, eles são essencialmente voluntaristas, concedendo primazia à ação e ao significado na explicação da conduta humana. São antipositivistas e rejeitam a visão de que os acontecimentos humanos podem ser estudados à maneira das ciências naturais (GIDDENS, 2003; BURREL e MORGAN, 1979).

Nesta abordagem, a sociedade é visualizada como resultante da criação dos seus membros, cujas diversas interpretações influenciam o comportamento social que é gerado pelas interações entre diversos indivíduos (VALE ET AL, 2006).

O paradigma interpretativista pode ser considerado em categorias distintas pelo grau de subjetividade. Contudo, este trabalho comete a “falácia” de usar o termo “interpretativismo” como guardachuva que abriga diferentes escolas de pensamento, incluindo a hermenêutica, a fenomenologia e a etnometodologia.

A hermenêutica deriva do trabalho de Dilthey e da noção de *verstehen* (“entender”). Ela estuda a interpretação e o entendimento dos produtos da mente humana que caracterizam o mundo social e cultural. Para o autor o ponto de partida das ciências humanas é sempre interior. Ele vê o ambiente sociocultural como fenômeno humanamente constituído, ou seja, os seres humanos no curso da vida exteriorizam os processos internos de suas mentes através da criação de artefatos culturais que ganham caráter objetivo; por exemplo, obras de arte, literatura, linguagens, religiões. Estas afirmações empíricas da vida refletem a vida interior de seus criadores (PALMER, 1996; GIDDENS, 1978).

Para Dilthey, a realidade humana é uma realidade histórica. A reencenação do passado mostra que o entendimento repousa sobre a inspiração pessoal, e esta se desenvolve com a consciência histórica. Para o autor a vida tem de ser apresentada como totalidade; o todo social não poderia ser entendido independentemente de suas partes, e vice-versa, a fim de se evitar significados diferentes em termos de seu contexto geral. A natureza é um todo porque leva em conta o passado, o presente e futuro, porque as pessoas não são apenas

experiência, são também sentimentos e vontade (ORTEGA Y GASSET, 1973; PALMER, 1996).

É através de Weber que a noção do método *verstehen* ganha maior impacto. Weber enfatiza que as explicações dos acontecimentos sociais devem ser adequadas ao nível do significado, e que a função essencial da ciência social é ser interpretativista, isto é, entender o significado subjetivo da ação social para chegar a uma explicação causal de seus desenvolvimentos e efeitos. Em outras palavras, é entender que o significado atribuído às percepções e interpretações dos acontecimentos sociais conduz um sujeito a determinada ação e reação (CRUBELLATE, 2007). Como a cultura se baseia em símbolos e os símbolos, para o serem, precisam ter significados, compreender os símbolos é, então, um elemento essencial na compreensão da sociedade. Para Weber, a realidade objetiva do mundo social não é uma questão central. O importante é a maneira pela qual esta realidade é interpretada pelos atores humanos (MACRAE, 1974; ARON, 1995).

Porém, para Schütz, Weber reduz todas as espécies de relações e estruturas sociais, todas as objetivações culturais e todos os domínios da mente objetiva às formas mais elementares de comportamento individual (GIDDENS, 1978). Contudo, os estudos de Weber são um ponto de partida para outros escritores, como Schütz e Husserl na fenomenologia. Weber atribui um elemento de voluntarismo à interpretação que muitas teorias positivistas típicas do paradigma funcionalista tendem a negar (BURREL e MORGAN, 1979).

Assim, segundo Masini (1997), a reflexão hermenêutica consiste na interpretação do significado dos dados como movimento dinâmico para compreensões mais profundas. Dessa maneira, a apropriação do conhecimento se dá por meio do círculo hermenêutico: compreensão-interpretação-nova compreensão. É este movimento que estrutura a análise dos relatos onde se busca o significado manifesto de cada situação.

Neste sentido, a tradição hermenêutica assumiu nova linha de desenvolvimento através do trabalho de Gadamer. Para o autor o *verstehen* não está preocupado em revelar ou penetrar nas experiências subjetivas dos outros como para Dilthey. Para Gadamer “entender” é diferente de explicar acontecimentos da natureza. Está mais preocupado com a apreciação do intercâmbio de quadros de referência do observador e do observado, estando em diálogo com o assunto em estudo. Neste contexto, a linguagem é o mediador entre os quadros de referência, e

central para o processo de compreensão, como meio de intersubjetividade e como expressão concreta das formas da vida (GIDDENS, 1978).

Para Gadamer a linguagem é mais do que um sistema de símbolos para rotular o mundo externo; ela se torna uma expressão do modo humano de ser no mundo, ou seja, o ser se manifesta na linguagem. Para Gadamer, entender um texto no período histórico remoto, ou de uma cultura muito diferente da nossa, por exemplo, é essencialmente um processo criativo no qual o observador, ao penetrar num modo estranho de existência, enriquece o seu próprio autoconhecimento através do conhecimento dos outros. Para Gadamer, o entendimento das coisas humanas não deve ser visto como um método, mas, como processo ontológico do discurso humano em operação, no qual, através da intervenção da linguagem, a vida faz mediação da vida. A compreensão de uma língua não inclui um procedimento de interpretação. Entender uma língua é ser capaz de vivê-la. Gadamer afirma que o problema da hermenêutica, portanto, não é problema de domínio acurado da linguagem, mas do entendimento correto das coisas que são realizadas por meio da linguagem (GIDDENS, 1978).

Neste sentido, a hermenêutica se aproxima de uma perspectiva fenomenológica. Para Cupani (1985), a fenomenologia quer ser um procedimento intuitivo, o que requer certos processos conscientes da pessoa sendo reconhecidos como dados genuínos, já que são frutos de percepção reflexiva. Edmund Husserl é considerado o fundador da fenomenologia (BURREL e MORGAN, 1979). Para o autor o mundo externo mostra ser um artefato da consciência; adota assim, uma posição extremamente subjetivista. O autor se orientou para a questão central do significado. Para ele a fenomenologia estuda as essências e esclarece as relações entre elas; procura investigar e esclarecer os verdadeiros fundamentos do conhecimento e penetrar no domínio da subjetividade por meio do procedimento do *époché* – suspensão do conhecimento prévio e das particularidades empíricas (HUSSERL, 1990); nas palavras de Natanson (1973), libertação de si mesmo. Este método abre caminho para o nível do significado – o campo transcendental, aquele que vai além do conhecimento empírico. Nesta filosofia, Husserl (1990) tenta apreender o mundo como fenômeno; como puro significado.

A filosofia transcendental de Husserl colocou importantes fundações para o desenvolvimento da fenomenologia existencial de Schütz (BURREL e MORGAN, 1979). Dos discípulos destacados de Husserl, só Schütz começou e terminou sua

carreira com a aspiração de aplicar as ideias fenomenológicas para resolver os problemas preexistentes da sociologia. Contudo, Schütz inverte a *epoché* de Husserl, interessando-se pela própria atitude natural, que não abandona sua crença na realidade social e material, mas deixa de duvidar que esta possa ter uma forma diferente da que aparenta (GIDDENS, 1978).

Schütz recebeu influências de Weber, ao concordar que a função essencial da ciência social era ser interpretativa; e de Bergson ao recair sobre a análise de significado, pesquisando suas origens no fluxo da consciência. Esta noção introduz a dimensão temporal que serve de base ao conceito de reflexividade (GIDDENS, 1978).

Para Schütz (1967) a consciência é fundamentalmente o fluxo ininterrupto das experiências vividas que não têm significado algum nelas mesmas. O significado depende da reflexividade, processo de voltar a si mesmo e olhar para o que está acontecendo; ou visão reflexa do ato pelo ator ou por outros. Neste sentido só é significativo aquilo que já foi experimentado, e não aquilo que está sendo experimentado. A categorização reflexa dos atos depende da identificação dos propósitos que o ator estava procurando seguir. Conferir significado às experiências é algo que só pode ser aplicado retrospectivamente, aos atos passados. Isto introduz a noção de ser capaz de atribuir um pré-significado às experiências futuras, o que distingue projeto de uma ação – orientação para uma realização futura, cuja ideia Weber ignorou. Portanto, a ação significativa contém elementos do passado e do futuro antecipado, trazendo uma dimensão temporal para a análise, ou uma consciência interna do tempo (GIDDENS, 1978).

Schütz (1967) aceita a existência do mundo social como apresentado na atitude natural e focaliza o problema no entendimento intersubjetivo. O autor preocupa-se em saber como chegamos a conhecer a experiência vivida dos outros. O verdadeiro entendimento é possível nas relações face a face com o outro; ele depende da troca direta e da interação social (BERGER e LUCKMANN, 2005; SCHÜTZ, 1967).

Para Schütz o processo de compreender a conduta dos outros pode ser examinada, fenomenologicamente, como processo de tipificação, por meio do qual o ator aplica esquemas interpretativos. Estes esquemas são derivados da experiência da vida cotidiana e do estoque do conhecimento. Em qualquer encontro face a face, o ator traz para o seu relacionamento um estoque de conhecimento disponível ou

compreensões de sentido comum, nos termos dos quais ele tipifica o outro para entender sua conduta (GIDDENS, 1978).

É através dessas tipificações que é possível classificar e organizar a realidade cotidiana. As tipificações são apreendidas através da situação biográfica, e conforme haja sentido objetivo que, por sua vez, exige objetivação lingüística (GIDDENS, 1978; BERGER e LUCKMANN, 2005). Elas são transmitidas a nós de acordo com o contexto social. O conhecimento da vida cotidiana é, portanto, socialmente orientado; assim, a realidade é socialmente construída (BERGER e LUCKMANN, 2005; GIDDENS, 1978).

Neste sentido, a preocupação central de Schütz (1967) era entender a estrutura significativa do mundo da vida cotidiana pela visão daqueles que vivem nele. E “construir os conceitos sociais de tal maneira que um ato humano pudesse ser entendido tanto pelo próprio ator como por seus companheiros, nos termos da interpretação de sentido comum da vida diária” (GIDDENS, 1978, p. 31).

Para Berger e Luckmann (2005), a realidade só é objetiva, enquanto exteriorizada e objetivada através de tipificações compartilhadas intersubjetivamente. A sociedade é uma produção humana e o homem é uma produção social. Mas também a realidade é subjetiva, ou seja, interiorizada através da socialização primária e secundária - conforme se opere na infância ou em fases posteriores de aprendizagem respectivamente.

Neste sentido, Berger e Luckmann situam sua análise tanto no plano objetivo como no subjetivo, ou seja, não admitem a subjetividade plena assim como não admitem a objetividade plena (CORCUFF, 1997).

Foram os escritos de Schütz que proporcionaram o estímulo inicial a Garfinkel para os estudos da etnometodologia, embora este último tenha reconhecido uma dívida para com Parsons (GIDDENS, 1978).

A proposta subjacente da etnometodologia está fundamentada no mundo da vida cotidiana, tratando das atividades práticas, das circunstâncias práticas e da razão sociológica prática, como tópicos de estudo empírico, e de dar atenção à maioria dos lugares-comuns da vida diária de acordo com eventos extraordinários, procurando aprender sobre eles como fenômenos a partir deles próprios (GARFINKEL, 1992).

Garfinkel tem em Edmund Husserl, Talcott Parsons e Alfred Schütz suas fontes principais. Ao criticar a teoria da ação de Parsons, introduz a noção de que o

ator social não é somente um ser incapaz de julgamento que se limitaria a reproduzir - sem ter consciência disso - as normas culturais e sociais que, previamente, teria interiorizado (COULON, 1995). Para Parsons o ator submete-se às normas sociais que, por sua vez, determinam suas ações. O ator fica, então, privado de reflexividade e por esta razão seria incapaz de analisar sua relação de dependência a esse conjunto de normas (COULON, 1995). O trabalho de Garfinkel pode ser mais bem entendido como tipo específico de resposta à preocupação de Schütz com a análise da atitude natural (GIDDENS, 1978). O interacionismo simbólico também contribuiu com a etnometodologia, ao levar em conta o ponto de vista dos atores sociais, pois é através do sentido que eles atribuem aos objetos, às situações e aos símbolos que os cercam que os atores constroem seu mundo social (COULON, 1995).

Na verdade, a etnometodologia é o estudo dos métodos de que todo indivíduo se utiliza para descrever, interpretar e construir o mundo social nas interações diárias, a partir dos discursos e das ações dos atores sociais. Isto tem a ver com aprender sobre as maneiras como as pessoas ordenam as suas atividades cotidianas e lhes dão sentido às maneiras como elas se tornam "avaliáveis" para os outros, no sentido de serem "observáveis e reportáveis". As interações das pessoas na vida cotidiana podem ser consideradas como realizações, nas quais aqueles envolvidos desenvolvem várias suposições, convenções, práticas e outros tipos de recursos disponíveis dentro de sua situação para sustentar e modelar seus encontros de diversas maneiras. A etnometodologia procura entender tais realizações em seus próprios termos. Ela procura compreendê-las a partir de dentro. Ela está portanto firmemente comprometida com uma compreensão do "mundo da vida". Contudo, ao privilegiar a abordagem micro não se desvincula do contexto mais envolvente; ao contrário, busca alicerçá-la nas visões macro (COULON, 1995; HAGUETTE, 1992).

Para Garfinkel (1992) a realidade social é construída na prática do dia a dia pelos atores sociais em interação; não é um dado preexistente. Segundo o autor é a reflexividade que designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem o quadro social, isto é, o ator, no decorrer de suas atividades ordinárias, descreve a sociedade em que vive e ao mesmo tempo a constrói. Reflexividade não significa reflexão. Os atores não têm consciência do caráter reflexivo de suas ações nas suas

interações cotidianas, ou seja, eles não prestam atenção ao fato de que ao falarem descrevem e ao mesmo tempo constroem a realidade.

Abordagens interpretativistas foram introduzidas no estudo das atividades organizacionais, a fim de entender o modo como o mundo organizacional é construído pelos atores envolvidos, isto é, procurando mostrar como os aspectos da vida organizacional supostamente 'reais', sólidas, concretas e tangíveis, são dependentes das construções subjetivas dos seres humanos individualmente (BURREL e MORGAN, 1979).

Segundo Sandberg (2005), o uso da abordagem interpretativista dentro das ciências organizacionais tem seguido as ideias da fenomenologia e da hermenêutica. Para o autor esta abordagem fornece novas maneiras de investigar questões inexploradas, o que traz novas formas de conhecimento sobre as organizações, como, por exemplo, as dimensões simbólicas da vida organizacional (PRASAD e PRASAD, 2002).

Weber é um dos poucos a desenvolver e aplicar ideias interpretativistas no ambiente organizacional. Outros não são autores deste paradigma em si, porém esboçam temas interpretativistas em seus trabalhos. Roethlisberger e Dickson (1939) descobriram como uma comunidade de trabalhadores definiu e aceitou o conhecimento sobre as "leis" do comportamento humano. Barnard (1971) analisou o papel da comunicação simbólica em sistemas coordenados da ação. Selznick (1966) estudou como a interpretação das pessoas fornece sentido e significância para as organizações e seus líderes. Boulding (1956) descreveu as organizações como sistemas sociais de processo simbólico. Silverman (1970), Turner (1990) e Weick (1979), em conversações com a antropologia cultural e sociologia interpretativista, concederam conceitos e posições que eventualmente cresceram dentro das perspectivas interpretativistas organizacionais: estudos da cultura organizacional, simbolismo e análise de escritas e falas dos acontecimentos da realidade organizacional (HATCH e YANOW, 2003).

2.6.4 Estruturacionismo

O estruturacionismo coloca um fim no imperialismo do sujeito de um lado, e no imperialismo do objeto social de outro proposto pelo interpretativismo,

funcionalismo e estruturalismo respectivamente. Diante dessas perspectivas extremistas, Giddens (2003) propõe a teoria da estruturação, afirmando que o domínio básico de estudo das ciências sociais não é a experiência do ator individual nem a existência de qualquer forma de totalidade social, mas as práticas sociais ordenadas espaciotemporalmente.

O cumprimento de uma função por um indivíduo, não fornece razão para a existência de uma prática. Somente com a noção de sistema social - “relações reproduzidas entre atores ou coletividades, organizadas como práticas sociais regulares” (GIDDENS, 2003, p. 29).

A continuidade de práticas presume a reflexividade, mas esta, por sua vez, só é possível devido à continuidade de práticas que as tornam nitidamente “as mesmas” através do espaço e do tempo. Logo, a reflexividade deve ser entendida não meramente como “autoconsciência”, mas como caráter monitorado do fluxo contínuo da vida social. Ser humano, segundo Giddens (2003), é ser agente intencional.

Para efeito de ilustração, a Figura 2 mostra que uma atividade social (comportamento antagônico de determinado grupo, por exemplo) ao ser “explicada” sob a perspectiva funcionalista (2), ignora a intencionalidade da conduta dos agentes, intensificando a necessidade funcional do sistema que, por seu valor explicativo, resulta em consequências que satisfazem essa necessidade. Já a mesma atividade social, enunciada sob a perspectiva estruturacionista (1), é interpretada como ação intencional, dentro de condições de cognoscitividade limitada; sua especificação mostra como as consequências impremeditadas da ação derivam do que os agentes fizeram intencionalmente.

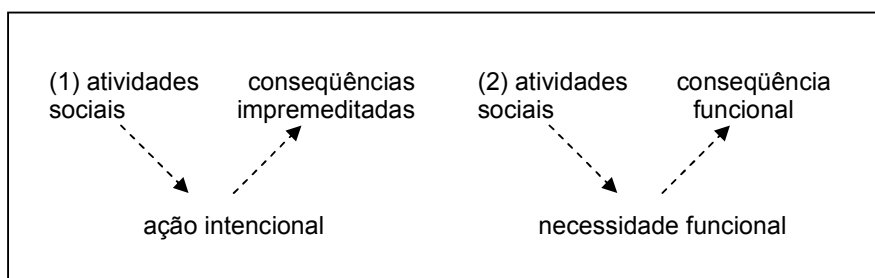


FIGURA 2 CONSEQUÊNCIAS IMPREMEDITADAS: CONTRA O FUNCIONALISMO
 FONTE: GIDDENS (2003, p. 346)

O tratamento da agência e da estrutura na obra de Giddens é considerado por Pozzebon e Pinsonneault (2005) como um dos elementos centrais de sua teoria. Agência é entendida como a capacidade de alguém fazer algum efeito. “Ser um agente significa ser capaz de intervir no mundo, ou abster-se de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo ou estado específico de coisas” (GIDDENS, 2003, p. 17). Machado-da-Silva, Fonseca e Crubellate (2005) abordam a noção de agência como elemento fundamental da institucionalização como processo recorrente, garantido e condicionado, não determinado, por certo grau de estabilização dos sistemas sociais. Selznick (1992, p. 238) considera que “agência denota competência, intencionalidade e calculabilidade. Ser agente é atuar de propósito”. Giddens (2003) a exemplo de Selznick (1992), também associa agência à intencionalidade. Contudo ele admite que a intenção é aspecto relevante, porém não suficiente, para explicar a capacidade de agência. Assim, considera que agência não consiste tão somente na intenção que os indivíduos possuem de realizar as coisas, mas na sua habilidade de fazer tais coisas em primeiro lugar, o que implica poder, para o qual Emirbayer e Mische (1998) foram indiferentes.

Sendo assim, pode-se dizer que a ação envolve poder no sentido de capacidade transformadora da atuação humana, ou seja, “habilidade do ator⁴ em intervir numa série de acontecimentos, de maneira a alterar seu curso” (GIDDENS, 1978, p. 118). Todos os atores, ambos individual e coletivo, possuem algum grau de agência, mas a quantidade de agência varia grandemente entre atores bem como entre os tipos de estrutura social.

O melhor tratamento da questão da agência é encontrado em Machado-da-Silva, Fonseca e Crubellate (2005), que permanecem fiéis à formulação original. A premissa teórica básica que fundamenta o conceito de agência está fortemente alinhada com hipóteses fenomenológicas, o que fortalece versões sociológicas do pensamento neoinstitucional. Entre o contexto e a resposta está o pensamento do ator. Agência reside em processos interpretativos segundo o qual escolhas são imaginadas, avaliadas e reconstruídas contingencialmente por atores em diálogo avançado com situações a serem descobertas (GIDDENS, 2003; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

⁴ Para a teoria da estruturação os termos “agente” e “ator” são sinônimos, tratamento aqui mantido.

A teoria de estruturação vê os atores criando, seguindo regras e usando recursos na medida em que eles se engajam na produção e reprodução de estruturas sociais. Sendo assim, pode-se dizer que a agência é socialmente estruturada (GIDDENS, 2003; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Entende-se por regras da vida social as técnicas ou procedimentos generalizáveis aplicados no desempenho/reprodução de práticas sociais. Recursos, por sua vez, são bases acessíveis de poder que fornecem os meios para influenciar o curso de interação entre os agentes, mas que não estão descolados dos aspectos semânticos e morais (COHEN, 1999).

A proposta estruturacionista é a de que atores individuais são agentes que monitoram contínua e recursivamente sua conduta, a de seus pares, do contexto onde ocorrem suas interações e essa própria monitoração (GIDDENS, 2003), conforme Figura 3:

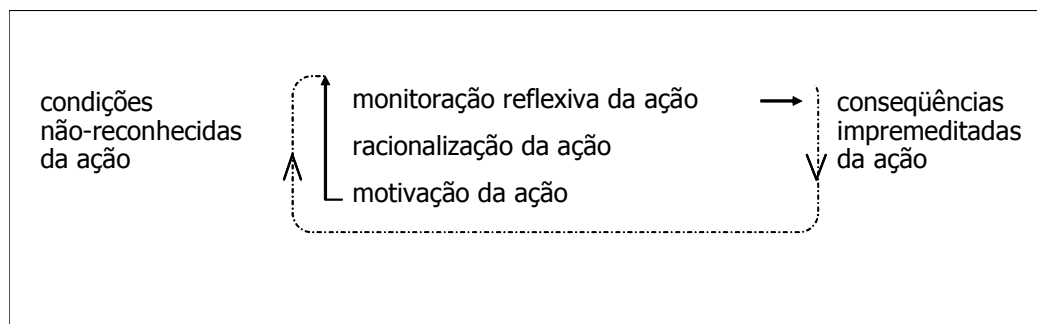


FIGURA 3 MODELO DE ESTRATIFICAÇÃO DO AGENTE

FONTE: GIDDENS (2003, p. 6)

Segundo Giddens (2003), a racionalização da ação de sua motivação se refere aos motivos da ação, estes, por sua vez, referem-se às necessidades que os instigam. Entretanto, a motivação não está tão diretamente vinculada à continuidade da ação quanto sua monitoração reflexiva ou racionalização. A base disso tudo reside na cognição. Os atores sociais não só orientam suas ações a partir de racionalidades distintas, como podem transpô-las de uma a outra, intencionalmente ou não (GIDDENS, 2003).

“O monitoramento reflexivo da atividade é uma característica crônica da ação cotidiana [...] onde os atores não só controlam e regulam continuamente o fluxo de suas atividades e esperam que outros façam o mesmo [...] mas também monitoram

aspectos, sociais e físicos, dos contextos em que se movem” (GIDDENS, 2003, p. 6). Entretanto, o que os agentes competentes esperam dos outros – e esse é o principal critério de competência aplicado na conduta cotidiana – é que os atores sejam habitualmente capazes de explicar a maior parte do que fazem, se indagados. Se a memória se refere ao domínio temporal tão inerente à experiência humana, então a consciência discursiva e a prática se referem a mecanismos psicológicos de recordação. A consciência discursiva implica as formas da recordação que o ator é capaz de expressar verbalmente. A consciência prática consiste no conhecimento das regras e táticas mediante as quais a vida social é constituída e reconstituída através do tempo e do espaço, porém incapaz de ser expressada discursivamente (GIDDENS, 2003; SARASON, 1995).

Os atores humanos são capazes não só de monitorar suas próprias atividades e as de outros na regularidade da conduta cotidiana, mas também de “monitorar essa monitoração” na consciência discursiva. Os “esquemas interpretativos” são os modos de tipificação incorporados aos estoques de conhecimento dos atores, aplicados reflexivamente na sustentação da comunicação (GIDDENS, 2003).

Se o sujeito só pode ser apreendido através da constituição reflexiva de atividades diárias em práticas sociais, não podemos entender a mecânica da personalidade separada das rotinas da vida do dia-a-dia, através das quais o corpo passa e que o agente produz e reproduz. O conceito de rotinização, baseado na consciência prática, é vital para a teoria da estruturação (GIDDENS, 2003).

A rotina faz parte da continuidade da personalidade do agente, na medida em que percorre os caminhos das atividades cotidianas e das instituições da sociedade, as quais só o são mediante sua contínua reprodução (GIDDENS, 2003).

“A dualidade da estrutura é sempre a base principal das continuidades na reprodução social através do espaço-tempo” (GIDDENS, 2003, p. 31). “De acordo com a noção de dualidade da estrutura, as propriedades estruturais de sistemas sociais são, ao mesmo tempo, meio e fim das práticas que elas recursivamente organizam” (GIDDENS, 2003, p. 30). Sendo assim, toda reprodução é, necessariamente, produção (GIDDENS, 1978). As estruturas devem ser consideradas tanto como limitadoras quanto possibilitadoras da ação, pois ao mesmo tempo que constroem, também permitem a ação, dando forma sistêmica

ao processo (GIDDENS, 1978, 2003; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

As propriedades estruturais, conforme Figura 4, podem ser analiticamente distintas como estruturas de significação, dominação e legitimação, e manifestam-se na dimensão da interação, respectivamente como ações comunicativas, poder e sanção. No entanto, não estão diretamente relacionadas, mas são mediadas pelas modalidades dos esquemas interpretativos, facilidade (recursos) e norma (GIDDENS, 2003; JUNQUILHO, 2003). É de se supor que para um sistema social particular, em dado período espaciotemporal, essas estruturas e ações apresentem configuração específica, ainda que em constante mudança.



FIGURA 4 DIMENSÕES DA DUALIDADE DA ESTRUTURA

FONTE: GIDDENS (2003, p. 34)

Giddens (1978, p. 128) esclarece que “as estruturas de significado podem ser analisadas como sistemas de regras semânticas; as de dominação como sistemas de recursos; e as de legitimação, como sistemas de regras morais”. As regras por um lado se relacionam com a constituição de significado e, por outro, com o sancionamento dos modos de conduta social. As estruturas de significação têm sempre de ser apreendidas em conexão com dominação e legitimação. Uma vez mais isso conduz à influência penetrante do poder na vida social (GIDDENS, 2003).

A dominação depende de dois tipos distinguíveis de recursos: os recursos alocativos, que se referem à capacidade ou mais precisamente, às formas de capacidade transformadora – gerando controle sobre objetos, bens e fenômenos

materiais; e os recursos autoritários que se referem aos tipos de capacidade transformadora que geram controle sobre pessoas ou atores (GIDDENS, 2003).

As modalidades da estruturação servem para esclarecer as principais dimensões da dualidade da estrutura em interação, relacionando as capacidades cognitivas dos agentes a características estruturais (GIDDENS, 2003).

Propriedades estruturais dos sistemas sociais referem-se às suas características institucionalizadas, proporcionando “solidez” através do tempo e do espaço. As propriedades estruturais mais profundamente embutidas, implicadas na reprodução de totalidades sociais são chamadas de princípios estruturais. Aquelas práticas que possuem a maior extensão espaciotemporal, dentro de tais totalidades sociais, podem ser designadas como instituições (GIDDENS, 2003).

Os sistemas sociais são vistos como produtores de história (DOMINGUES, 2004). Um campo de conhecimento, por exemplo, pode ser visto como um sistema social que contribui para a visualização da mudança e a reprodução histórica por meio de continuidade das práticas de pesquisa. A Figura 5 sintetiza este argumento.

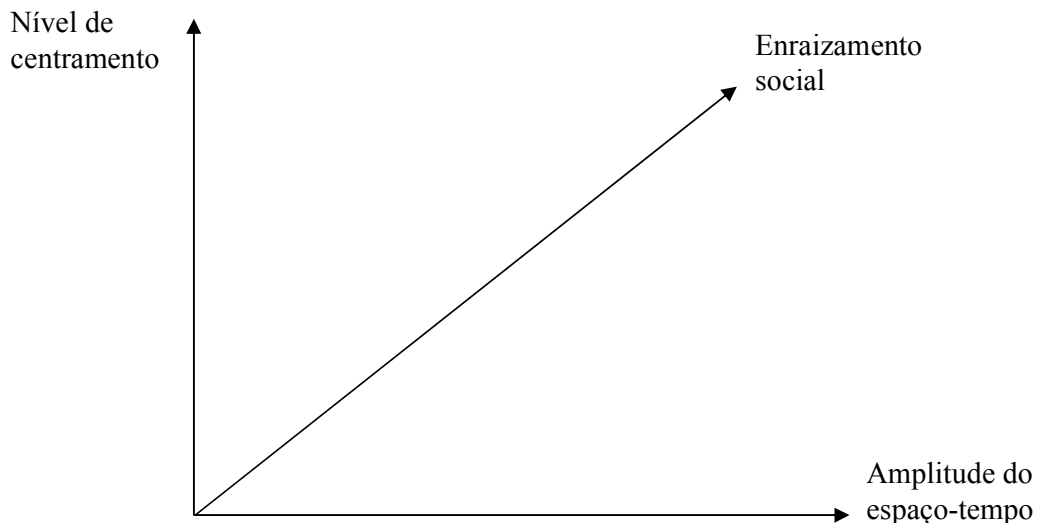


FIGURA 5 ARTICULAÇÃO DOS SISTEMAS SOCIAIS
 FONTE: DOMINGUES (2004, p. 232)

O eixo vertical da figura inclui o nível de centramento do sistema social, ou seja, a capacidade de agir coordenadamente. Uma ação coordenada, com metas fortes e argumentos científicos são fundamentais para o desenvolvimento do sistema (DOMINGUES, 2004). O eixo horizontal da figura assinala a abrangência do sistema

em questão, ou seja, as práticas de pesquisa mais bem definidas que perduram ao longo do tempo. O eixo perpendicular aponta para a profundidade relativa do enraizamento do sistema, isto é, práticas de pesquisa que se tornam legítimas pelos atores sociais.

O nível de centramento do sistema em si não consiste em uma variável decisiva. As diversas práticas de pesquisa, com suas dimensões espaciotemporais peculiares, se desdobram de forma díspar: algumas se confinam à curta duração, outras alcançam a média, outras se abrem para a longa duração. São essas dimensões espaciotemporais, “cada uma delas com seu próprio horizonte, que costuram o próprio tecido da história” (DOMINGUES, 2004, p. 235), e consequentemente a configuração estrutural de determinado campo do conhecimento.

Todas essas relações sociais têm de ser examinadas como condições de reprodução do sistema. Elas selecionam características básicas implícitas no estendimento de instituições ao longo do espaço e do tempo, o que não quer dizer mera identificação de fontes de estabilidade social, mas sim condições de reprodução desse sistema (GIDDENS, 2003).

Um circuito de reprodução pode ser esboçado conforme Figura 6.

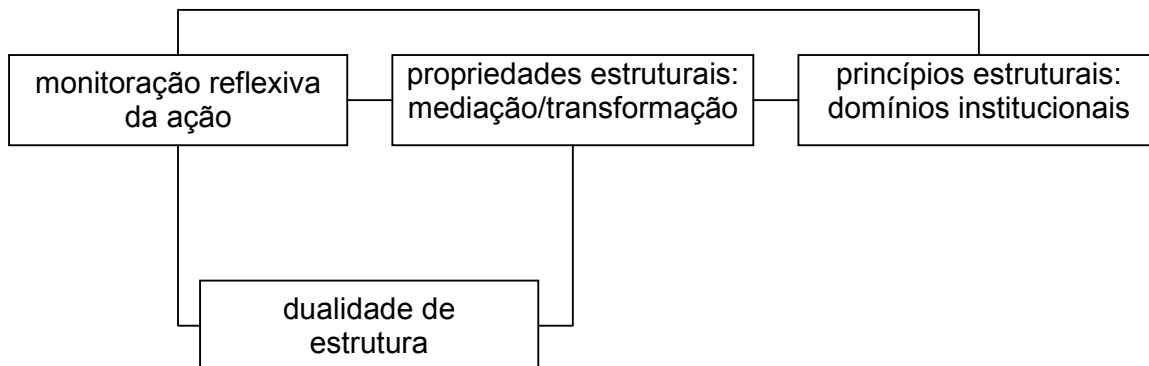


FIGURA 6 CIRCUITO DE REPRODUÇÃO INSTITUCIONAL

FONTE: GIDDENS (2003, p. 225)

As instituições possuem princípios estruturais, envolvidos no alinhamento institucional global de uma sociedade ou tipo de sociedade, que lhes permitem maior durabilidade; por exemplo, regras invariantes. Elas também possuem propriedades estruturais, isto é, características estruturais mais flexíveis, que lhes permitem,

através de interação social, serem preservadas e modificadas pelo comportamento humano (GIDDENS, 2003).

Todas as propriedades estruturais de sistemas sociais constituem o veículo e o resultado das atividades realizadas dos atores sociais. A monitoração reflexiva é a principal característica de ancoragem da integração social, pois compreender as condições da reprodução do sistema passa a ser parte daquelas condições de reprodução do sistema como tais. Em outras palavras, a monitoração reflexiva também reproduz os princípios estruturais, reforçando tais princípios tanto na reprodução das propriedades estruturais, quanto na reprodução da dualidade da estrutura (GIDDENS, 2003).

O termo “integração” é também apresentado, podendo ser entendido como implicando reciprocidade de práticas (de autonomia e dependência) entre atores ou coletividades. Esse termo pode ser analisado de duas formas, como integração social, sendo entendido como reciprocidade entre atores em contextos de copresença; e integração de sistemas, referindo-se a reciprocidade entre atores ou coletividades espaciotemporalmente ampliados (GIDDENS, 2003).

Na teoria da estruturação, a estrutura sempre foi concebida como uma propriedade dos sistemas sociais, “contida” em práticas reproduzidas por agentes humanos insertos no tempo e no espaço. Os sistemas sociais estão organizados hierárquica e lateralmente dentro de totalidades sociais, cujas instituições formam “conjuntos articulados” (GIDDENS, 2003).

Analisar a estruturação de sistemas sociais significa estudar os modos como tais sistemas, fundamentados nas atividades cognoscitivas de atores localizados, se apoiam em regras e recursos na diversidade de contextos de ação e são produzidos e reproduzidos em interação, pois as características são socialmente construídas (GIDDENS, 2003). “O ser das estruturas é a sua estruturação” (PIAGET, 2003, p. 120).

Diante do contexto apresentado, tem-se imbricado no paradigma estruturacionista ideias do estruturalismo e da fenomenologia. Sendo assim, esta perspectiva não tem um foco monoparadigmático como o funcionalismo, o estruturalismo e o interpretativismo, mas multiparadigmático, por acreditar que os paradigmas não existam em sua forma pura. Isto possibilita o estabelecimento de pontes significativas entre as posições objetivistas e subjetivistas, resultando em uma perspectiva intersubjetiva, pela noção de recursividade do processo.

O propósito da teoria da estruturação é analisar o que decorre da pretensão básica subjacente em toda a pesquisa social: a de que o pesquisador comunica novos conhecimentos previamente inexistentes ou inacessíveis aos membros de uma comunidade social ou sociedade (GIDDENS, 2003).

Na análise organizacional, os microfundamentos da perspectiva estruturacionista vêm, ao longo do tempo, dando suporte aos trabalhos dos institucionalistas brasileiros, como por exemplo, Machado-da-Silva e Fonseca (1993, 1994) sobre configurações de estruturas organizacionais; Gonçalves e Machado-da-Silva (1999), Machado-da-Silva e Fernandes (1999), Machado-da-Silva, Fonseca e Fernandes (2000), Machado-da-Silva e Gonçalves (2000), Machado-da-Silva, Casali e Fernandes (2001) sobre mudança organizacional e ambiental, institucionalização, cognição, internacionalização, esquemas interpretativos e contexto institucional; Guarido Filho e Machado-da-Silva (2001) sobre valores ambientais e organizacionais; Marucci e Machado-da-Silva (2001) sobre posicionamento estratégico; Cochia e Machado-da-Silva (2004) sobre ambiente, interpretação e estratégia organizacional.

Institucionalistas estrangeiros apresentam estudos clássicos, como o de DiMaggio (1991), ao analisar a estruturação do campo organizacional de museus americanos; Fligstein (1991) sobre a transformação estrutural da indústria americana e Brint e Karabel (1991) sobre origens e transformações institucionais.

2.6.5 Teoria crítica

A teoria crítica é um ramo da filosofia social que busca operar simultaneamente nos níveis filosófico, teórico e prático. É uma escola de pensamento derivada do marxismo, também conhecida como marxismo ocidental, cuja origem se encontra na Escola de Frankfurt – principal núcleo do desenvolvimento da teoria crítica (BURREL e MORGAN, 1979; FARIA, 2007a), especialmente autores como Adorno, Horkheimer, Marcuse e Habermas. Críticos de língua francesa tais como Enriquez, Pagès e Dejours também influenciaram a teoria crítica por meio de uma abordagem psicossocial (PAULA e KLECHEN, 2007).

Segundo Faria (2007, p. 25), a Escola de Frankfurt concebe a teoria crítica “enquanto compreensão totalizante e dialética, capaz de fazer emergir as

contradições da sociedade capitalista”. A teoria crítica fundamenta-se no “materialismo histórico e dialético, e não no idealismo fenomenológico; na práxis dos sujeitos e não nas determinações das estruturas; no processo coletivamente construído e não na natureza da existência humana; na interação do sujeito com o real e não na prevalência do pensamento ou no empirismo; e na dinâmica dos acontecimentos em detrimento dos cortes estáticos” (FARIA, 2007a, p. 10).

O que determina a forma dialética de se apropriar do real é o movimento e as relações contraditórias do objeto de estudo. Sendo assim, “tanto o pesquisador quanto o objeto estão em movimento e, portanto, em uma condição em que ambos se constroem durante a trajetória da investigação”. A realidade existe conscientemente para o sujeito, sendo o processo de interação capaz de lhe fazer perceber o real segundo seu esquema de assimilação (ação do sujeito sobre o objeto) e acomodação (ação do objeto sobre o sujeito) “construído ao longo do seu desenvolvimento cognitivo e de suas relações sociais”. Simultaneamente, por meio desta interação dialética, desencadeia-se uma reelaboração da leitura do real (FARIA, 2007, p. 32).

Cheney (2000) identifica os pilares da pesquisa crítica como: (1) preocupação explícita em fazer avaliações baseadas em valores; (2) atenção especial nas relações de poder em qualquer que seja a situação em estudo; e (3) questionamento pervasivo e contínuo das suposições básicas (tanto prática como teoricamente). Faria (2007) completa com mais um pilar: interesse em analisar a produção, a distribuição e a utilização política do poder, enquanto expressos em sistemas, níveis, formas e processos de controle em organizações produtivas capitalistas. Para Faria (2007a) um fundamento de extrema importância que marca a teoria crítica é a coerência epistemológica.

Segundo Faria (2007a), há pelo menos seis categorias analíticas gerais que caracterizam a teoria crítica: (1) contradições: pois os fatos se transformam, e a realidade “nega-se” com o passar do tempo; (2) ideologia dominante: consequências naturais de uma “prisão social” que impossibilita ao conjunto dos indivíduos compreender sua própria existência histórica; (3) racionalidades dominantes: criadas para legitimar as ideias e os valores morais de grupos sociais que tentam mascar a realidade para manter seus privilégios (4) contexto social histórico: pois não é possível entender o desenvolvimento de um determinado fato social sem entender sua trajetória histórica; (5) emancipação: busca incessante de autonomia do

indivíduo e da sociedade, alimentada na capacidade de criar sua própria história, desempenhando papel ativo sobre os problemas relevantes de interesse coletivo; (6) conscientização individual e coletiva: estar ciente de si mesmo, das próprias percepções, sentimentos e emoções, compreendendo a realidade por meio do esforço coletivo, a capacidade coletiva de pensar.

Os pensadores da Escola de Frankfurt procuraram desenvolver uma teoria crítica do conhecimento e da sociedade inspirados na obra de Marx e suas raízes hegelianas, relacionando o marxismo com a tradição crítica moderna. O principal aspecto dessa crítica diz respeito à racionalidade técnica e instrumental (MARCONDES, 2005). Contudo, Faria (2007) enfatiza que mais do que racionalidades instrumentais, que as estratégias, que as instituições, que os comportamentos e que as políticas, a teoria crítica vem desvendar o mundo do poder e as formas de controle que o mundo requer para se sentir autorizada a compreender as organizações e suas finalidades. Seus proponentes buscam revelar a sociedade pelo que ela é, a fim de desmascarar sua essência e o modo de operação e lançar os fundamentos para uma emancipação humana através da mudança do social profundamente arraigado (BURREL e MORGAN, 1979).

A característica fundamental da teoria crítica é ser questionadora da ordem existente, procurando não apenas entender a realidade, mas, sobretudo, modificá-la em benefício do desenvolvimento coletivo [...] pretende denunciar a repressão e o controle social a partir da constatação de que uma sociedade sem exploração é a única alternativa para que se estabeleçam os fundamentos da justiça, da liberdade e da democracia (FARIA, 2007a, p. 5).

“A teoria crítica está ligada a um interesse emancipador, porque procura transcender todos os outros tipos de interesse considerados separadamente, ao tentar libertar os homens da dominação: não apenas da dominação de outros, mas de sua dominação por forças que eles não entendem nem controlam - incluindo as forças que, na verdade, foram criadas pelos próprios homens” (GIDDENS, 1978, p. 64).

Dentro da Escola de Frankfurt são destacados os trabalhos de Marcuse e Habermas, a chamada segunda geração da escola (BURREL e MORGAN, 1979).

Marcuse incorpora as ideias de Freud e Weber na perspectiva hegeliano-marxista, por acreditar que a fenomenologia e o positivismo são inadequados: a primeira por ignorar o escopo e a influência do potencial humano; e o segundo porque possui pressupostos falsos em relação a valores de neutralidade e de seu

papel como instrumento de controle dos interesses do *statu quo* (BURREL e MORGAN, 1979).

Marcuse (1968) procura desenvolver ligações entre a personalidade humana e a totalidade na qual ela está fundamentada, incorporando os conceitos freudianos de ‘princípio do prazer’ e ‘princípio de realidade’. O princípio de prazer é substituído gradativamente pelo princípio de realidade, quando o indivíduo chega à conclusão dramática de que é impossível uma plena e indolor gratificação de suas necessidades. No princípio de realidade, o ser humano converte-se num ego organizado. Esforça-se pelo que é útil e pelo que pode ser obtido sem prejuízo para si próprio e para seu meio vital. Contudo, segundo Marcuse (1968), Freud considera eterna a luta entre o princípio de prazer e o de realidade. “A teoria crítica oferece não apenas um modo de interpretação de como a produção humana se relaciona com os desejos, conflitos e potenciais, mas também uma forma de desenvolver habilidades para pensar lógica e criativamente, afastando-se do pensamento canonizado” (FARIA, 2007, p. 26).

Para Marcuse a sociedade moderna é essencialmente totalitária, onde tudo está voltado para servir suas exigências. A sociedade tecnológica torna-se unidimensional, onde há nivelamento das diferenças e conflitos entre atualidade e potencialidade. Para o autor a tecnologia é um sistema de dominação. Marcuse acredita que cada vez mais a história se afasta do princípio de prazer. Assim, a civilização não repressiva é impossível (DORIA, 1983; MARCUSE, 1978).

O trabalho de Habermas utiliza ideias e conceitos concebidos a partir de uma variedade de perspectivas. Em essência, seu trabalho pode ser entendido como reação contra as deficiências da sociologia interpretativa e do positivismo sociológico. Para Habermas é necessário resistir ao postulado de universalidade em relação à explicação da conduta humana, das duas correntes principais na tradição da filosofia: hermenêutica e positivismo. Não pode ser nem puramente um, nem puramente outro. Para isto, Habermas tenta unir a hermenêutica com outras formas de análise nas ciências sociais: segundo ele, as ciências sociais são ao mesmo tempo hermenêuticas e nomológicas (quase-naturalistas); e esse tipo de esforço deve também ser completado por um terceiro – a teoria crítica. Habermas acredita que a relação entre a interpretação hermenêutica, a explicação nomológica e a teoria crítica, é um exemplo palpável de uma ciência que incorpora uma auto-reflexão metódica (GIDDENS, 1978).

O trabalho de Habermas mostra que o processo de emancipação do sujeito não está, como indicava Marx, na contradição dialética entre forças produtivas e relações de produção e na luta de classes, mas no processo de comunicação. Habermas tem enfatizado a estrutura de dominação inserida em nossa linguagem e no discurso do dia a dia. Para ele, a estrutura da linguagem, sua natureza e uso, proporcionam uma chave com a qual se abrem muitos *insights* para as maneiras fundamentais de operação de diferentes formações sociais (HABERMAS, 1990).

Habermas busca superar o conceito de racionalidade instrumental, ampliando o conceito de razão, a razão comunicativa. Neste sentido, ele desenvolveu a ‘teoria de competência comunicativa’ que se opõe à clássica filosofia da consciência. Ela toma emprestado conceitos da hermenêutica para prover a ligação entre a macro-estrutura política e atos de discurso dentro de um contexto de interação simbólica. O autor sustenta o conceito ‘mundo da vida’, espaço social onde se dá o processo cooperativo de interpretação, no qual todos os participantes se referem ao mundo objetivo, ao mundo social e ao mundo subjetivo. A troca intersubjetiva se apoia, segundo Habermas, no tripé: a) da crença nas verdades compartilhadas; b) do acordo sobre regras e normas reconhecidas; c) no entendimento das manifestações de vivências subjetivas (HABERMAS, 1987).

Habermas ilustra a diferença entre duas categorias diferentes de vida social: trabalho e interação. Para Habermas o trabalho é visto como forma de ‘distorção comunicativa’ caracterizado por escolha assimétrica no uso de atos de discurso que refletem relação de poder desigual. Interação, por outro lado, baseia-se na ação comunicativa entre homens em que normas compartilhadas se desenvolvem e se refletem numa linguagem ordinária, intersubjetivamente compartilhada. A interação é vista como fundamentada em situações de ‘discurso ideal’ em que o homem é emancipado do trabalho e da dominação (HABERMAS, 1987). “O que Habermas propõe, portanto, é uma ação comunicativa isenta de ideologias específicas, que atenda particularidades individuais ou grupais, havendo, para tal, necessidade do agir orientado para o entendimento mútuo” (FARIA e MENEGETTI, 2007).

Tanto Habermas como Marcuse tentaram influenciar a consciência das pessoas, vivendo dentro do capitalismo, a uma eventual emancipação e na perseguição de formas alternativas de vida. A superestrutura da sociedade capitalista é de interesse fundamental para os teóricos, em parte porque é o meio pelo qual a consciência dos seres humanos é controlada e moldada para se ajustar

aos requisitos da formação social como um todo. Ela se coloca na interface dos mundos subjetivo e objetivo (BURREL e MORGAN, 1979).

No Brasil, a introdução da teoria crítica nos estudos organizacionais foi realizada por Maurício Tragtenberg no início da década de 1970 (FARIA, 2007a), e muito difundida por José Henrique de Faria (1985, 1987, 1987a, 1997, 2007, 2007a).

Na análise organizacional, a teoria crítica não considera as organizações como entes abstratos, sujeitos absolutos, ou entidades plenamente autônomas, ou ainda, unidades totalizadoras e independentes, mas, construções sociais e históricas complexas, dinâmicas e contraditórias, “nas quais convivem estruturas formais e culturais, manifestas e ocultas, concretas e imaginárias”. Cabendo à teoria crítica esclarecer em que medida essas instâncias ocultas se manifestam, especialmente no referente às regras e às estruturas que dão conteúdo às configurações do poder e do controle nas organizações. A teoria crítica valoriza o sujeito coletivo mais do que as organizações em que trabalham (FARIA, 2007a, p. 27). “Ela não adota uma postura antigereencialista, mas percebe acadêmicos da área como ideólogos, servindo aos interesses de grupos dominantes. Sua meta maior é criar sociedade e organizações livres da dominação, em que todos possam contribuir e desenvolver-se” (WOOD JR., 1998, p. 268).

A teoria crítica considera que existem dois tipos básicos de organização social: “os que são predominantemente estruturados por normas, regulamentos e divisão do trabalho, os quais circunscrevem a garantia da unidade formal ou estável; e os que são predominantemente estruturados por códigos, símbolos, valores e crenças, os quais circunscrevem a garantia dos vínculos” (FARIA, 2007, p. 36).

Os autores deste paradigma veem a organização como uma totalidade complexa, que não pode ser estudada como uma unidade monolítica, mas, por meio de instâncias de análise (ENRIQUEZ, 1997), que permitem estudar as organizações a partir de diferentes perspectivas, levando em consideração, especialmente, os fatores e processos de relação de poder e de controle (FARIA, 2007).

2.6.6 Estudos críticos

Segundo Faria (2007a) há uma nítida diferença entre estudos críticos e teoria crítica. “Estudos críticos são aqueles que rompem com a tradição gerencialista,

afirmando novos modos de interpretação da realidade, incluindo novos elementos nas análises, recusando o pragmatismo como finalidade e os métodos quantitativos como os únicos com caráter científico.” Os estudos críticos, ao contrário da teoria crítica, é teoria pós-moderna (FARIA, 2007a, p. 2). Autores desta perspectiva acreditam realizar a emancipação nos limites da organização, sem que haja uma transformação no próprio sistema social (MISOCZKY e ANDRADE, 2005). O ataque à tradição modernista, isto é, a resistência à modernidade e, em particular, a crítica à razão iluminista, também é central para os estudos críticos (ALVESSON e DEETZ, 1998; VIERA e CALDAS, 2006), assim como para todas as ciências humanas e exatas.

Os estudos críticos correspondem a um movimento teórico multidisciplinar que vai da filosofia à estética, envolvendo as artes e a sociologia, chegando ao campo dos estudos organizacionais (VIEIRA e CALDAS, 2006). Esta perspectiva crítica se consolidou no contexto anglo-saxão, nos anos 1990, com a criação e o desenvolvimento do movimento denominado “*Critical Management Studies*” (ALVESSON e WILLMOTT, 1992, 1996), “Estudos Críticos em Administração” – ECA (DAVEL e ALCADIPANI, 2003) ou “Estudos Críticos de Gestão” – ECG (FOURNIER e GREY, 2006).

De acordo com Mumby (2000), os estudos críticos focam em políticas da vida cotidiana e em políticas epistemológicas. Seguindo esta perspectiva, a preocupação central reside em compreender, explicar e criticar os vários meios pelos quais são colocados limites políticos e ideológicos nas habilidades dos atores sociais para realizar completamente suas identidades como participantes ativos de comunidades de diálogo e significação (incluindo organizações). Refere-se a uma forma de atuação que favorece a reflexão, o questionamento e a renovação de situações e estruturas que impedem o desenvolvimento progressivo da autonomia e da responsabilidade social das pessoas (ALVESSON e WILLMOTT, 1996; GABRIEL, 2001; ANTONACOPOULOU, 1999; DAVEL e ALCADIPANI, 2003).

“Por autonomia entende-se a capacidade de os seres humanos produzirem julgamentos que não sejam impedidos ou deformados por dependências sociais inúteis associadas à subordinação e às desigualdades de riqueza, de poder e de conhecimento”. Por responsabilidade social entende-se a consciência da interdependência social e, conseqüentemente, a compreensão da responsabilidade coletiva. Entretanto, os estudos críticos não pretendem solucionar de forma definitiva

o problema da dinâmica social e política, que modela a maneira como as pessoas pensam, se ressentem e agem. Eles buscam operar no fluxo diário das práticas opressivas, dominantes e excludentes que atrapalham o desenvolvimento pessoal e coletivo no âmbito organizacional (DAVEL e ALCADIPANI, 2003, p. 75).

Segundo Alvesson e Deetz (1998), os estudos críticos, nas ciências sociais, têm sido usados para descrever clima social, período histórico caracterizado por mudanças sociais e organizacionais e conjunto de abordagens filosóficas para o estudo da organização e outras áreas. Além disso, enfatiza ideias inter-relacionadas como: (1) a centralidade do discurso – textualidade – os significados são conferidos às ações dentro de uma rede social que pode ser lida como se fosse um texto, cuja forma pode destacar, privilegiar e expor algumas dimensões da vida organizacional, marginalizando, escondendo ou descartando outras; são enfatizados os poderes constitutivos de linguagem e os objetos “naturais” são vistos como discursivamente produzidos, dando-se primazia ao discurso. (2) Identidades fragmentadas: rejeição da noção do indivíduo autônomo, cuja posição resulta diretamente da concepção do discurso dominante. (3) A crítica da filosofia de presença: pois as práticas linguísticas e não linguísticas precedem a realidade e são meios para a transmissão de significado. (4) A perda das fundamentações e das narrativas-mestre: preferência para múltiplas vozes e políticas locais a quadros teóricos e projetos políticos amplos. (5) A conexão poder/conhecimento: o poder reside nas demarcações e nos sistemas de discurso que o sustentam; estas demarcações fornecem formas de comportamento normativo e conhecimento providos de disfarce para as práticas discursivas, geradoras de vantagens, de modo a determinar e subordinar empregados. (6) Hiper-realidade: substitui o mundo real, enfatizando o caráter imaginário, em que simulações têm precedência sobre a ordem social. (7) Pesquisa como resistência e indeterminação: pois, do ponto de vista da ciência social, não é entender o certo, mas desafiar suposições orientadoras, significados e relações fixos, além de reabrir a capacidade formativa dos seres humanos em relação a outros e ao mundo. Estas abordagens, filosoficamente embasadas, emergiram dos trabalhos de Derrida e Foucault.

Os estudos críticos são vistos como parte de uma tradição crítica mais ampla que desafia o *statu quo* e dá suporte a vozes silenciadas ou marginalizadas. Usam Freud de maneira menos convencional do que a teoria crítica, e fundem ideias psicanalíticas num esforço de desconstrução, e mostram a fragmentação do sujeito.

Como visto anteriormente, utiliza-se como recurso a teoria do estruturalismo linguístico (Saussure) (ALVESSON e DEETZ, 1998).

Os estudos críticos pronunciam a morte do projeto modernista e proclamam a “ausência de um futuro imaginável”. Entendem o projeto inteiro como estando errado. E acima de tudo, uma contribuição nata dos estudos críticos é o grande interesse em experimentar estilos diferentes de estratégias representacionais (ALVESSON e DEETZ, 1998, p. 233). “A tendência é perder a noção do que é original. Se o *ter* já se havia tornado mais importante que o *ser*, agora é o *parecer* que ganha primazia (WOOD JR., 1998, p. 269, grifo do autor).

Os estudos críticos chamam a atenção para a construção social, histórica e política do conhecimento, das pessoas e das relações sociais, além de querer saber como cada um desses elementos aparece nas organizações. Também compartilha a visão de que a dominação é auxiliada, e cujas pessoas e organizações perdem quando negligenciam atividades de construção, ao tratar o mundo como natural, racional e neutro (ALVESSON e DEETZ, 1998).

Os estudos críticos rejeitam a reflexão como ideologia e o consenso, suspeitando da substituição de novas elites e novas formas de marginalização. A teoria crítica responde: sem reflexão, consenso e racionalidade; não há política, nenhuma agenda para uma alternativa construtiva. Os estudos críticos se opõem: políticas são necessidades locais situacionais; responsabilidade é mais importante do que o planejamento sistemático. A teoria crítica responde: as políticas locais são muito fracas para confrontar as dominações de classe e de gênero de amplitude sistêmica bem como a pobreza global e os problemas ambientais. Os estudos críticos mantêm: organizar contra a dominação estimula e solidifica os grupos dominantes; cria suas próprias formas de dominação. A diferença é, em certo sentido, a mesma que existe entre uma teoria que empurra e uma que puxa. A teoria crítica quer que ajamos e proporciona direção e orquestração; os estudos críticos acreditam que tal movimento será limitado pela força de nossa própria dominação subjetiva e nos encoraja a sair do caminho e permitir que o mundo nos leve a sentimentos e pensamentos desconhecidos; mas a teoria crítica não tem confiança suficiente para deixar ir. E assim por diante (ALVESSON e DEETZ, 1998, p. 258).

Segundo Alvesson e Deetz (1998, p. 245), os estudos críticos em análise organizacional “chamam a atenção para algumas metáforas para organizações e gerência, a partir da teoria crítica: organização como tecnocracia, mistificação, entorpecimento cultural e poder canalizador”.

Os estudos críticos respondem a questões contemporâneas, como: o crescimento no tamanho das organizações, a rápida implementação das tecnologias de comunicação/informação, a globalização, a mudança na natureza do trabalho, a redução da classe trabalhadora, os conflitos de classe menos evidentes, a

profissionalização da força de trabalho, as economias em estagnação, os problemas ecológicos e os mercados turbulentos (ALVESSON e DEETZ, 1998). Neste sentido, Linstead (1993, p. 60) enxerga a organização como “continuamente emergente, constituída e constituinte, produzida e consumida por sujeitos”. Neste sentido os estudos críticos buscam uma crítica parcial, temporária e localizada no âmbito de práticas, teorias e discursos que emergem no cotidiano das organizações (DAVEL e ALCADIPANI, 2003). A organização não é tanto a expressão do pensamento planejado e da ação calculada e mais uma ação defensiva das forças intrínsecas do corpo social que ameaçam a estabilidade da vida organizada (COOPER e BURREL, 1988).

No Brasil, os estudos críticos foram influenciados pelas ideias de Guerreiro Ramos (PAULA e KLECHEN, 2007). Poucos foram os adeptos da perspectiva dos estudos críticos em Estudos Organizacionais, por exemplo, Tonelli e Alcadipani (2000) em comportamento organizacional; Mendes (2004) em organizações, ou Casotti (1998) em marketing. Calás e Smircich (1999) enfatizam quatro vertentes teóricas herdeiras desta perspectiva: teorias feministas (ou de gênero) pós-estruturalistas; análises pós-colonialistas; teoria *actor network*; além da análise desconstrutiva de discurso e narrativas sobre conhecimento.

A última seção desta revisão bibliográfica procura integrar os conceitos e ideias desenvolvidas até aqui e que orientam e guiam o desenvolvimento deste trabalho.

2.7 INTEGRANDO TEORIA INSTITUCIONAL E CONFIGURAÇÃO ESTRUTURAL DO CAMPO CIENTÍFICO

Com o objetivo de integrar os conceitos e as noções apresentadas na revisão bibliográfica, bem como enfatizar a maneira como se relacionam e norteiam, esta pesquisa propôs-se um modelo integrativo, no qual se apresentam as categorias de análise e as relações existentes entre elas.

Como este estudo pretende analisar a configuração estrutural do campo dos Estudos Organizacionais, objetivada nos artigos por meio da escolha temática e epistemológica, a teoria institucional apresenta-se útil perspectiva, uma vez que considera estrutura, interpretação e agência sendo os elementos mais importantes

da institucionalização como processo recorrente, garantindo e condicionando a estabilização dos sistemas sociais (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

O campo dos Estudos Organizacionais, visto aqui como um sistema social, tanto constrange quanto habilita as práticas de pesquisa vigente em um contexto de pesquisadores imersos institucionalmente. No entanto, tais práticas não só reproduzem as estruturas anteriores, mas também a transformam e, por conseguinte, refletem na produção do conhecimento e na trajetória dos Estudos Organizacionais no Brasil.

Desta maneira, para se verificar como o campo de Estudos Organizacionais foi estruturalmente configurado, o elemento “estrutura” fornece o conjunto de regras e recursos implicados na reprodução de práticas de pesquisa. No presente trabalho, a estrutura é fornecida pelos canais de comunicação em que os artigos foram veiculados. Estes canais podem ser considerados como *gatekeepers*, onde se controla a pauta dos periódicos e eventos científicos, procurando preservar a qualidade do campo e impedindo a publicação de artigos que não contribuam para o seu desenvolvimento. A disseminação do conhecimento é influenciada pela periodicidade de cada veículo de comunicação e pelas formas de divulgação. Aquilo que os periódicos e eventos publicam e valorizam contribui efetivamente para a construção do conhecimento da área e para a institucionalização da comunidade científica no campo de Estudos Organizacionais.

O elemento “interpretação” dá suporte para entender como os pesquisadores interpretam sua realidade e projetam seus estudos, considerando as suas escolhas temáticas e epistemológicas. Os esquemas interpretativos sendo um conjunto de ideias, crenças e valores, dão ordem e coerência às estruturas e sistemas. São eles que fornecem orientação para as atividades de pesquisa (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e FERNANDES, 2000). As crenças são os pressupostos básicos aceitos como verdade (SCHEIN, 1982), já os valores são padrões de preferências racionalizados por um indivíduo e compartilhados por um grupo (MACHADO-DA-SILVA e FONSECA, 1993). Tais aspectos influenciarão na escolha epistemológica, que representam, de maneira sintetizada, as formas conceituais de ver o mundo.

O elemento “agência” reside nos processos interpretativos e fornece suporte para explicar a capacidade dos pesquisadores de fazerem algum efeito, ao conduzirem pesquisas que gerem conhecimento para a área de Estudos

Organizacionais. Este efeito será verificado na produção dos articulistas pela busca de legitimação do conhecimento produzido no campo. Ainda, de acordo com suas publicações anteriores e posteriores, cada autor poderá ser classificado dentro de um perfil de participação: continuantes, transientes, *one-timers*, entrantes e retirantes.

Neste contexto, verificar a estruturação do campo dos Estudos Organizacionais por meio das escolhas temáticas e epistemológicas compreende a percepção e interpretação dos elementos institucionais, isto é, estruturas e práticas cognitivas, normativas e regulativas que proveem estabilidade e significado à perspectiva dos sistemas sociais (SCOTT, 2001), “tornando-se mais ou menos relevantes em decorrência principalmente do significado a eles atribuído e das ações e reações que os sistemas elaboram como respostas a eles, sendo tais significados construídos com base na expectativa de consenso presumida em terceiros” (CRUBELLATE, 2007, p. 218).

Uma vez expostas as principais considerações teórico-empíricas relativas ao tema de análise, bem como as possíveis relações entre as categorias, a próxima parte deste estudo dedica-se aos aspectos metodológicos que deverão orientar a investigação empírica do problema de pesquisa proposto.

3 METODOLOGIA

Segundo Sampieri, Collado e Lucio (1994), uma investigação científica é processo dinâmico e contínuo, processo composto por uma série de etapas, que derivam umas das outras, para a evidenciação do caráter de cientificidade da pesquisa.

O objetivo deste capítulo é descrever os procedimentos metodológicos necessários para analisar o fenômeno exposto no problema de pesquisa, mediante a especificação do problema; perguntas de pesquisa; coleta, tabulação e análise dos dados e apontamento das dificuldades e limitações da pesquisa.

3.1 ESPECIFICAÇÃO DO PROBLEMA

Para esclarecer a resposta ao problema sobre a maneira como a trajetória da relação entre o perfil de participação dos autores nacionais, os temas e as perspectivas epistemológicas, contidos nos artigos por eles produzidos, influenciou a estruturação do campo de Estudos Organizacionais no Brasil, no período de 1997 a 2007, sua especificação em perguntas de pesquisa, bem como a definição das categorias analíticas envolvidas, são artifícios utilizados para promover um conhecimento progressivo do objeto de estudo e para delimitar os principais elementos envolvidos no fenômeno.

3.1.1 Perguntas de Pesquisa

- ✓ Quais foram os artigos publicados nos anais do EnEO e EnANPAD e nos periódicos acadêmicos brasileiros classificados como “A Nacional” no sistema *Qualis* da Capes na área de Estudos Organizacionais entre 1997 e 2007?
- ✓ Quais os temas dos artigos da área, no período considerado?
- ✓ Quais as perspectivas epistemológicas dos artigos da área, no período considerado?

- ✓ Em qual perfil de publicação se enquadram os autores dos artigos da área, no período considerado, em conformidade com o seguinte: continuantes, transientes, *one-timers*, entrantes e retirantes?
- ✓ Qual a relação entre os três fatores considerados: perfil de participação dos autores, temas e perspectivas epistemológicas dos artigos?
- ✓ Como os três fatores considerados influenciaram na configuração do campo dos Estudos Organizacionais no Brasil, no período compreendido entre 1997 e 2007?

3.1.2 Apresentação das Categorias Analíticas

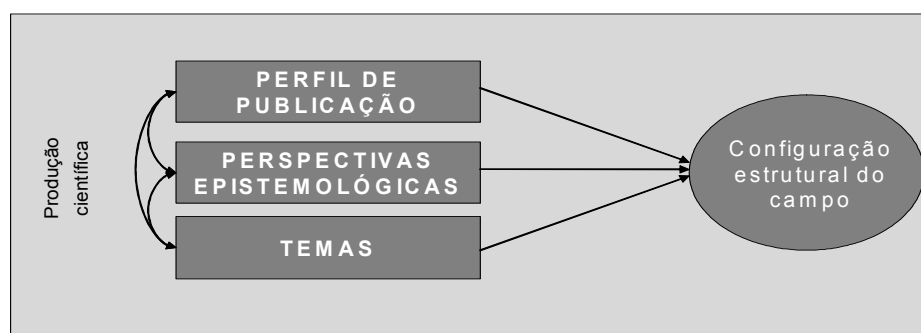


FIGURA 7 ESTRUTURA DO ESTUDO

FONTE: elaborado pela autora

3.1.3 Definição Constitutiva e Operacional das Categorias Analíticas

A análise das relações entre as variáveis de estudo fundamenta-se na constituição e operacionalização das mesmas conforme descrição a seguir.

Produção científica

D.C.: Conhecimento objetivado sob forma de artigos científicos, que revela as preferências teóricas, metodológicas e epistemológicas de seus atores (ROSSONI, 2006; BUFREM, 1996).

D.O.: Será verificada por meio de um balanço crítico do que vem sendo produzido por meio de análise da temática, base epistemológica e perfil de participação dos autores.

Perfil de participação dos autores

D.C.: Caracterização dos autores em termos de regularidade de publicação (BRAUN, GLÄNZEL e SCHUBERT, 2001).

D.O.: Será operacionalizado de acordo com a regularidade de publicação de cada autor, a partir de análise quantitativa de conteúdo, categorizando-os conforme o seguinte: continuantes, transientes, *one-timers*, entrantes e retirantes (BRAUN, GLÄNZEL e SCHUBERT, 2001), por intermédio dos *softwares* Microsoft Excel®.

Perspectiva epistemológica

D.C.: Pressupostos sobre as bases do conhecimento, de como alguém entende o mundo e transmite este conhecimento para seus semelhantes em forma de comunicação (BURREL e MORGAN, 1979).

D.O.: Será operacionalizado a partir da análise qualitativa e quantitativa de conteúdo dos resumos e da parte teórico-substantiva dos artigos, classificando-os conforme as seguintes perspectivas epistemológicas: Funcionalista, Estruturalista, Interpretativista e Estruturacionista, Teoria Crítica e Estudos Críticos. As propriedades consideradas para tal classificação estão descritas no Quadro 9.

Tema

D.C.: É a unidade de significação que flui naturalmente de um texto (BARDIN, 1977).

D.O.: Será operacionalizado a partir da análise qualitativa e quantitativa de conteúdo dos títulos, resumos dos artigos e palavras-chave (quando especificado).

Configuração estrutural do campo

D.C.: Formas estruturais duradouras que podem ser produzidas, reproduzidas e transformadas a partir das relações sociais em curso (REED, 2000), que compartilham de sistemas de significados comuns, constituindo assim uma área reconhecida da vida institucional (DIMAGGIO e POWELL, 1991; MACHADO-DASILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI, 2006).

D.O.: Será operacionalizado a partir da análise da relação entre perfil de participação dos autores, temas e perspectivas epistemológicas abordados nos artigos.

3.1.4 Definição de outros termos relevantes

Campo

Conjunto de organizações, muitas vezes com propósitos díspares, que se reconhecem como participantes de um mesmo debate acerca de temáticas específicas, além daquelas preocupadas com a reprodução de práticas ou de arranjos institucionais relacionadas à questão (HOFFMAN, 2001; ZIETSMA e WINN, 2005).

Práticas sociais

Práticas são ações regularizadas e recorrentes de atores sociais que continuamente constroem e reconstróem um sistema social espaciotemporalmente delimitado (GIDDENS, 2003).

Sistemas sociais

A padronização de relações sociais ao longo do tempo-espço, entendidas como práticas reproduzidas (GIDDENS, 2003).

Estruturação

Estruturação consiste na reprodução de práticas sociais (GIDDENS, 2003). Aquelas práticas que possuem a maior extensão espaciotemporal podem ser consideradas como instituições.

Pesquisa

Atividade básica da ciência na sua indagação e construção da realidade, a fim de alimentar a atividade de ensino e atualizá-la em face da realidade do mundo (MINAYO, 1994).

Prática de pesquisa

Ações tomadas pelos pesquisadores, individualmente ou em conjunto, com o intuito de conhecer a realidade de forma científica, divulgando os resultados de tais descobertas (ROSSONI, 2006).

3.2 DELINEAMENTO E DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

Para entender a operacionalização dos objetivos do estudo e as categorias analíticas, apresenta-se nesse tópico o delineamento da pesquisa, a população e amostragem, o procedimento de coleta e de tabulação dos dados, os procedimentos e fases da análise dos dados e as limitações da pesquisa.

3.2.1 Delineamento da Pesquisa

A presente pesquisa visa descrever e analisar de que maneira a trajetória da relação entre o perfil de participação dos autores nacionais, os temas e as perspectivas epistemológicas contidos nos artigos por eles produzidos influenciou a estruturação do campo de Estudos Organizacionais no Brasil. Para Richardson et al (1999) e Selltiz, Wrightsman e Cook (1987), os estudos descritivos têm como objetivo principal a descoberta e a descrição de características de determinada população ou fenômeno, ou da classificação da relação entre categorias analíticas. Ou, de acordo com Triviños (1987), um estudo descritivo caracteriza-se por descrever com exatidão os fatos e fenômenos que cercam determinada realidade. Cervo e Bervian (1996, p. 48), enfatizam que “a pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis), sem manipulá-los”.

O delineamento da pesquisa é do tipo pesquisa documental, considerando que tais dados coletados permitam análises descritivas e explanatórias. Burt e Lin (1977) afirmam que os dados disponíveis em documentos são de grande valia, principalmente em pesquisas longitudinais, pois possibilitam a reconstrução de eventos passados. Segundo Bardin (1977) e Chaumier (1971), a pesquisa documental utiliza materiais que ainda não receberam um tratamento analítico, ou que ainda podem ser elaborados ou codificados de acordo com o objetivo da pesquisa.

O nível de análise da pesquisa será o campo de Estudos Organizacionais e as unidades de análise serão o artigo e os autores.

A perspectiva temporal de análise é a longitudinal, pois essa possibilita verificar a influência das relações anteriores na estruturação de um campo, bem como a trajetória dessas relações no decorrer do tempo. A verificação longitudinal se faz importante, uma vez que o conhecimento constitui fenômeno que ocorre ao longo do tempo.

A perspectiva de pesquisa empregada é descritivo-qualitativa. Esse tipo de pesquisa visa conhecer um fenômeno sem modificá-lo, a fim de entender o objeto de interesse, espaciotemporalmente (SELLTIZ, COOK e WRIGHTSMAN, 1987). Os dados da pesquisa são de natureza predominantemente (mas não exclusivamente) qualitativa. Miles e Huberman (1994, p. 9) afirmam que os dados são em muitos sentidos qualitativos porque se referem “[...] à essência de pessoas, objetos e situações”, porém podem sofrer ou não processos de quantificação.

O mecanismo de investigação é a análise de conteúdo que será utilizada em termos qualitativos e quantitativos, o que possibilita a inferência de conhecimentos relativos ao conteúdo qualitativo dos artigos de forma categorizada, recorrendo a indicadores quantitativos desse conteúdo. Segundo Bardin (1977), o método de análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, sejam elas escritas ou faladas, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Todas as mensagens linguísticas podem ser decifradas por técnicas de análise, ou seja, tudo o que é dito ou escrito é suscetível de ser submetido a uma análise de conteúdo (HENRY e MOSCOVICI, 1968; BARDIN, 1977).

No que se refere ao paradigma epistemológico de pesquisa, será adotada uma abordagem estruturacionista. Uma vez que a análise será feita sob uma

perspectiva institucional, entende-se que será de ordem multiparadigmática, pois, segundo Giddens (2003), qualquer análise de fenômeno social não deve ater-se somente a elementos estruturais ou a elementos subjetivos, mas a ambos, pois estes são recursivamente construídos. Neste enquadramento entre paradigmas se pretende trabalhar com um paradigma que visualize a interdependência de estruturas e ações sociais, sem sucumbir à ideia de causalidade linear entre elas. Desse modo, estrutura e ação se conectam de modo recursivo (MACHADO-DASILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

3.2.2 População e Amostragem

A utilização de todo o universo de dada população é algo muito incomum nos estudos organizacionais, devido a diversos fatores, como tempo, custos e organização da pesquisa. Nesse sentido, encontram-se duas dificuldades. A primeira, em estabelecer limites entre quais atores pertencerão ou não ao estudo. A segunda, em especificar a delimitação da amostra. No que se refere ao estabelecimento de limites, será seguida a orientação de Laumann, Marsden e Prensky (1989), utilizando-se a abordagem nominalista, que é baseada no interesse teórico do pesquisador. Já em relação à amostra, serão identificados todos os artigos de interesse.

Nesse sentido, como o interesse é entender a trajetória dos Estudos Organizacionais, foi escolhido como unidade amostral cada artigo publicado em eventos e periódicos classificados como “A Nacional” no sistema *Qualis* da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) na área de Estudos Organizacionais, no período compreendido entre 1997 e 2007, conforme Quadro 9.

Denomina-se *Qualis* a classificação de veículos de divulgação da produção intelectual (bibliográfica) dos programas de pós-graduação *stricto sensu*, utilizada pela Capes para fundamentação do processo de avaliação da pós-graduação nacional por ela promovido. Nessa classificação, os eventos e periódicos são enquadrados em uma categoria indicativa de qualidade: ‘A’ alta, ‘B’ média ou ‘C’ baixa; e em uma categoria correspondente ao âmbito de circulação: local, nacional ou internacional.

Este período foi escolhido devido ao fato de, a partir de 1997, os artigos do EnANPAD começarem a ser disponibilizados eletronicamente.

Da unidade amostral foram extraídas as unidades de análise do presente estudo, ou seja, autores e seus respectivos artigos científicos, o que resultou em 1.791 artigos e 1.583 autores, sem repetição de nomes. Como o propósito deste trabalho é analisar a área de Estudos Organizacionais no Brasil, os artigos de autores internacionais só foram considerados quando de coautoria com algum autor brasileiro.

QUADRO 5 PERIÓDICOS E EVENTOS CIENTÍFICOS AVALIADOS ENTRE 1997 E 2007

PERIÓDICOS	PERÍODO AVALIADO
BAR – Brazilian Administration Review (ANPAD)	2004 - 2007
O & S – Organizações e Sociedade (UFBA)	1997 - 2006
RAC – Revista de Administração Contemporânea (ANPAD)	1997 - 2007
RAC – eletrônica (ANPAD)	2007 - 2007
RAE – Revista de Administração de Empresas (FGV-SP)	1997 - 2007
RAE – eletrônica (FGV-SP)	2002 - 2007
RAP – Revista de Administração Pública (FGV-RJ)	1997 - 2007
RAUSP – Revista de Administração (USP)	1997 - 2007
REAd – Revista Eletrônica de Administração (UFRGS)	1997 - 2007
EVENTOS CIENTÍFICOS	PERÍODO AVALIADO
EnANPAD – Encontro anual da ANPAD - Divisão EOR	1997-2007
ENEO – Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD	2000, 2002, 2004, 2006

FONTE: elaborado pela autora com base no levantamento junto às fontes de pesquisa investigadas

A pesquisa acabou abrangendo uma população de 1.797 artigos. Desses 1.797, 6 foram invalidados, seja pela área não ser de Estudos Organizacionais, seja por não ser classificado como artigo científico.

Dessa forma, a amostra se limita à avaliação de qualidade, área e período. Sendo selecionados: eventos classificados como “A Nacional”, o que representa uma parcela significativa do que há de melhor na produção científica no Brasil; a área de Estudos Organizacionais, que engloba a maior parte dos trabalhos produzidos no campo da administração e o período da pesquisa de 1997 a 2007, o

que representa onze anos de observação, possibilitando não só uma maior riqueza de análise, mas também maior confiabilidade, devido à perspectiva longitudinal.

Não foram onze anos completos de análise, pois alguns periódicos e eventos não contemplaram todos os anos entre 1997 e 2007. A RAC-eletrônica, com periodicidade quadrimestral, teve sua primeira edição em 2007. A RAE-eletrônica, editada semestralmente, surge em 2002. A revista O&S – Organizações e Sociedade, com periodicidade trimestral, foi o único periódico que não publicou edição alguma em 2007, pelo menos, até o fim da coleta dos dados para este trabalho – novembro de 2007. Ao se pensar que o problema poderia ser com relação à distribuição, foram consultadas as maiores bibliotecas da cidade, e nenhuma delas ainda havia recebido as edições de 2007. Ao entrar em contato com a revista, a informação transmitida foi que houve um problema de edição e, por isso, o atraso. Já a REAd, em três anos consecutivos, de 1997 a 1999, não disponibilizou todas as edições. Em 1997 faltaram duas edições, em 1998 faltaram cinco e em 1999 faltou uma edição. A revista informou que há alguns anos, houve um problema no sistema, e algumas edições foram perdidas, não havendo mais como serem resgatadas. A BAR – Brazilian Administration Review, que começou com periodicidade semestral, passou a ser quadrimestral no ano de 2007. É um periódico eletrônico internacional editado em língua inglesa pela academia brasileira de administração e publicado pela ANPAD (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração), cuja primeira edição aconteceu no segundo semestre de 2004. Embora, em 2008, a BAR tenha passado a ser classificada como B internacional, ainda levou-se em consideração tal periódico devido ao período de análise deste trabalho contemplar até o ano de 2007. E por fim, fato que contribuiu para não se completarem os onze anos foi que o primeiro Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD - EnEO aconteceu em junho de 2000. O evento realiza-se bianualmente (sempre nos anos pares).

3.2.3 Coleta e Tabulação dos Dados

“Ainda não se criou um periódico específico em Estudos Organizacionais a despeito do fato de a maioria das publicações em periódicos de administração brasileira tratar de organizações” (RODRIGUES e CARRIERI, 2001, p. 88). Neste sentido, para o propósito deste trabalho, a seleção dos artigos dos periódicos

analisados, baseou-se no que é definido como linha racional prevalecente nas três áreas da divisão dos Estudos Organizacionais do EnANPAD, conforme Quadro 6. Apresentações de fóruns, notas, discussões, pensatas, resenhas, revisões de livros, entrevistas, apresentações coletivas e proposta de atividades que não se caracterizam como artigo científico foram excluídas desta investigação. Os artigos submetidos ao EnEO foram revistos, para garantir, conforme escopo deste trabalho, que apenas artigos relacionados à área de Estudos Organizacionais fossem analisados.

Segundo dados da ANPAD, apenas a divisão de Estudos Organizacionais (EOR) privilegia trabalhos dentro das seguintes perspectivas:

- temas induzidos: assédio moral e violência psíquica no trabalho; teoria e teóricos críticos;
- temas clássicos: poder e controle; formas de gestão; reestruturação produtiva, tecnologia e produção enxuta; organização política e sindical;
- temas livres: porventura não enquadrados nos temas acima.

O Quadro 6, descreve o que privilegia cada área temática da divisão de Estudos Organizacionais em 2007.

A coleta dos dados adveio da análise documental dos artigos científicos disponíveis em *websites* institucionais das publicações e entidades organizadoras de eventos. Quando essas informações não estiveram disponíveis nos *websites*, foram buscadas diretamente nos periódicos, em material digital e em resumos impressos. Na falta de alguma informação, recorreu-se à plataforma Lattes do CNPq para possíveis averiguações.

O fato de quase todas as revistas que constituíram a referência empírica deste estudo possuírem *websites*, conforme Quadro 7, foi possível fazer a coleta por meio da Internet. Para a consulta dos artigos do EnANPAD e EnEO foi preciso associar-se. E para a REAd, foi necessário cadastrar-se.

Com exceção da RAP que disponibiliza em seu *website* apenas os artigos do ano 2000 em diante, a O&S é a única revista a não disponibilizar em *website* seu acervo para consulta. Disponibiliza apenas os respectivos resumos.

Uma vez identificados os artigos a serem revisados, estes foram sistematicamente analisados, procurando-se classificá-los quanto a diversos aspectos considerados neste estudo.

Os dados foram examinados através da análise de conteúdo dos artigos dos autores. Depois de categorizados e sistematizados, criou-se uma base de dados utilizando a planilha eletrônica Microsoft Excel®.

A análise de conteúdo exigiu várias leituras dos artigos para proceder-se à separação dos dados em diversas categorias, de maneira a manter sua conexão com os objetivos da pesquisa (LUDKE e ANDRÉ, 1986). Os critérios adotados nas categorizações das informações levantadas, bem como outros procedimentos de análise utilizados, foram basicamente os mesmo recomendados por Bardin (1977). Para fins de melhor verificação do resultado de cada categoria analítica, procedeu-se à tabulação por meio de tratamento estatístico simples.

QUADRO 6 ÁREAS TEMÁTICAS DA DIVISÃO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS - 2007

ÁREA	DESCRIÇÃO
Teoria das Organizações (EOR-A)	Privilegia a demonstração da diversidade dos estudos organizacionais na realidade brasileira. Abrange trabalhos teóricos, empíricos e ensaios sobre as organizações oriundos de diferentes perspectivas epistemológicas, teóricas e metodológicas. Assim, além dos estudos organizacionais considerados clássicos, considera também estudos organizacionais críticos, exceto aqueles enquadráveis na área temática C, voltados à teoria crítica. O que difere os trabalhos apresentados em EOR-A dos apresentados em EOR-C é em verdade a abordagem epistemológica, podendo ser trabalhos dentro dos mesmos temas. Sugere-se, como linhas temáticas, trabalhos que discutam novas formas de gestão, velho e novo institucionalismo, particularizando questões de cultura nas organizações, identidade organizacional, organizações familiares, formas de controle nas organizações e na sociedade organizacional, poder e resistência nas organizações, cooperação e confiança organizacional, entre outras. Com base na perspectiva de construção de conhecimento na área e também na relevância desse conhecimento para o desenvolvimento da sociedade.
Comportamento Organizacional (EOR-B)	Busca desenvolver teoria e prática sobre a conduta das pessoas e processos grupais no contexto organizacional, bem como estudar práticas e processos internos da organização, que afetam o comportamento de indivíduos e de grupos. Estimula-se a apresentação de ensaios teóricos e de pesquisas com abordagens quantitativa e qualitativa. Em abordagens qualitativas são aceitos trabalhos com diferentes orientações epistemológicas, que possam contribuir com rigor e relevância para o desenvolvimento da área. Entre os tópicos abordados, sugere-se: temas clássicos em Comportamento Organizacional como: motivação, tomada de decisão e liderança, processos grupais; processos organizacionais e práticas organizacionais e seus impactos nas pessoas (por exemplo, tecnologia e comportamento organizacional); cidadania e justiça organizacional, comportamento político nas organizações; stress e comportamentos desviantes; identidade. Além de outros temas não incluídos expressamente nos itens acima, particularmente em implicações da realidade brasileira nas ações organizacionais e gerenciais pertinentes ao campo de estudo do Comportamento Organizacional.
Teoria Crítica em Estudos Organizacionais (EOR-C)	Pretende construir um espaço específico dentro da Divisão de Estudos Organizacionais para abrigar análise e pesquisa crítica particularmente nas tradições marxista, frankfurtiana, foucaultiana e dejoursiana, de forma a possibilitar o avanço nos estudos dentro dessas abordagens críticas. Não concentra, no entanto, todas as abordagens de natureza crítica que podem aparecer nas outras áreas temáticas da Divisão. As organizações são entendidas como instâncias de mediação de natureza econômica, jurídico-política e ideológica e como campo de dominação, de resistência e de conflito em que se desenrolam complexas e contraditórias relações de poder e de trabalho, mecanismos de controle, de disciplina e de regras; estruturam-se formas de gestão (autogestão, organizações solidárias de produção, cooperativas de trabalho, heterogestão, co-gestão, burocracias) e se constituem aparelhos psíquicos grupais nos quais operam as relações objetivas e subjetivas dos sujeitos individuais e coletivos. Não adota, no entanto, uma postura antigereencialista. A perspectiva visualizada é de criar sociedades e organizações livres da dominação, em que todos possam desenvolver-se, contribuindo para a construção de uma proposta política de reorganização da sociedade, de modo a superar os elementos de conformidade e de manutenção do <i>status quo</i> , propondo, em seu lugar, uma reflexão sobre essa racionalidade.

FONTE: ANPAD

QUADRO 7 WEBSITES DOS PERIÓDICOS E EVENTOS CONSIDERADOS

PERIÓDICOS/EVENTOS	WEBSITES
BAR – Brazilian Administration Review (ANPAD)	http://www.anpad.org.br/bar
RAC – Revista de Administração Contemporânea (ANPAD)	http://www.anpad.org.br/rac
RAC – eletrônica (ANPAD)	http://www.anpad.org.br/rac-e
RAE – Revista de Administração de Empresas (FGV-SP)	http://www.rae.com.br
RAE – eletrônica (FGV-SP)	http://www.rae.com.br
RAP – Revista de Administração Pública (FGV-RJ)	http://www.ebape.fgv.br/academico/asp/dsp_rap_nesta_edicao.asp
RAUSP – Revista de Administração (USP)	http://www.rausp.usp.br
REAd – Revista Eletrônica de Administração (UFRGS)	http://www.read.ea.ufrgs.br
EnANPAD - Encontro anual da ANPAD	http://www.anpad.org.br/eventos.php
ENEO – Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD	http://www.anpad.org.br/eventos.php

FONTE: elaborado pela autora com base no levantamento junto às fontes de pesquisa investigadas

Para melhor entendimento dos aspectos metodológicos para a consecução do objetivo deste trabalho, esta seção está dividida em cinco partes, a saber: identificação do perfil de participação dos autores no campo, identificação das perspectivas epistemológicas e identificação dos temas.

3.2.3.1 Identificação do perfil de participação dos autores no campo

Para a categorização do perfil de participação dos autores no campo, fundamentou-se no esquema inspirado por Braun, Glänzel e Schubert (2001), que sugeriram uma classificação dinâmica de autores como entrantes, transientes, continuantes ou retirantes em função da regularidade de publicação na área. No entanto, optou-se por uma classificação estática, proposta por Guarido Filho (2008), cuja orientação é para o período como um todo, para a qual foi considerado o número de artigos publicados por um autor, o momento em que sua produção ocorreu e a distribuição da produção ao longo dos anos. Nesta classificação Guarido Filho (2008), inspirado em Gordon (2007), acrescentou uma categoria, chamada *one-timers*, a fim de melhor caracterizar os autores com relação à regularidade de sua produção no campo de Estudos Organizacionais. Ademais, conforme Guarido Filho (2008), cada categoria foi analisada com relação a sua representatividade no campo, ao número de autores e volume produzido de artigos.

Os critérios para essa classificação estão expostos no Quadro 8.

QUADRO 8 DESCRIÇÃO DAS CATEGORIAS DOS AUTORES

CATEGORIA	DESCRIÇÃO
CONTINUANTES	Mais de uma publicação em 5 ou mais anos diferentes e ao menos uma nos últimos 3 anos
TRANSIENTES	Mais de uma publicação distribuídas ao longo do período em não mais do que 4 anos diferentes, sendo ao menos uma nos últimos 3 anos e ao menos uma em anos anteriores
ONE-TIMERS	Apenas uma única publicação em todo o período analisado
ENTRANTES	Mais de uma publicação em um ou mais anos diferentes nos últimos três anos (exclusivamente)
RETIRANTES	Mais de uma publicação em um ou mais anos diferentes, mas sem publicações nos últimos 3 anos

FONTE: GUARIDO FILHO (2008, p. 127)

Além disso, conforme Braun, Glänzel e Schubert (2001), também se verificará o número de artigos, número de autores e autoria para o período considerado. O número de autores refere-se à quantidade de nomes diferentes (lembrando que foi verificado cada nome para que não houvesse homônimos e possíveis variações de ortografia). Enquanto autoria representa o número de vezes que esses nomes aparecem.

3.2.3.2 Identificação das perspectivas epistemológicas

Para a classificação das perspectivas epistemológicas, utilizou-se análise qualitativa de conteúdo dos resumos, dos objetivos, da parte teórico-substantiva, das conclusões e das referências teóricas apresentadas nos artigos.

Seguiram-se as indicações para este tipo de avaliação feita em estudo similar por Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990). Nesse sentido, cada artigo foi categorizado como predominantemente funcionalista, estruturalista, interpretativista, estruturacionista, de teoria crítica ou de estudos críticos. Mesmo em face de perspectivas teóricas de difícil enquadramento, no que se refere aos seus fundamentos ontológicos e epistemológicos, procurou-se, para efeito de didática, desenvolver uma, entre várias classificações possíveis. O Quadro 10 serviu como estrutura de referência.

Devido à comprovação de diversos autores referenciados, da maior incidência de estudos funcionalistas, este paradigma foi dividido em dois enfoques, para melhor compreensão dessa perspectiva epistemológica: funcionalismo com enfoque prescritivo e funcionalismo com enfoque descritivo. O Quadro 9 apresenta os respectivos pressupostos.

QUADRO 9 FUNCIONALISMO SOB DOIS ENFOQUES

FUNCIONALISMO	PRESSUPOSTOS
Prescritivo	Compreende estudos conduzidos com a preocupação predominantemente normativa. Se preocupa com o que é melhor a ser feito, modelos (dimensão do deve ser), os passos a serem seguidos ou de quais os procedimentos devem orientar a prática "organizacional". Impõe princípios e esquemas de atuação, formulando "receitas" gerencialistas. Parecem ser regidos por um contrato implícito de verdade e de promessa de sucesso que garante ao destinatário que, se agir conforme todas as recomendações e se respeitar os procedimentos que lhe são indicados, ele atingirá os objetivos visados. É altamente previsível e pragmático.
Descritivo	Compreende estudos com a preocupação predominantemente de descrever e explicar a realidade, envolvendo distanciamento crítico e certo grau de objetividade (dimensão do que é); não elimina pressupostos de valor e pode apresentar conclusões valorativas, mas o objetivo básico é conhecer a realidade como se apresenta, sem modificá-la, sem estabelecer relações, nem prescrever ou prever.

FONTE: ADAM, 2001; BERTERO e KEINERT, 1994; CRESWELL, 2003; DEMUNER e LORDES, 2006; GEERTZ, 1989; MACHADO-DA-SILVA ET AL, 1989, 1990; OLIVEIRA, 1996; RODRIGUES e CARRIERI, 2001.

QUADRO 10 ESTRUTURA DE REFERÊNCIA DAS PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS

PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS	Dimensão de análise	Foco analítico	Problemática principal	Pressupostos a respeito da sociedade	Teoria/Sociologia Organizacional Correspondente	Autores	Descrição
FUNCIONALISTA	Objetivista Determinista	Funções e papéis sociais	Ordem	Persistência Manutenção Continuidade	Administração Científica; Teoria Clássica; Teoria das Relações Humanas e Comportamental; Teoria da Contingência; Ecologia Populacional	Merton; Parsons; Comte; Spencer; Durkheim; Pareto; Malinowski; RadcliffeBrown	Fenômeno social tratado em termos de função. As partes, cumprem funções e papéis no sentido de contribuírem para a totalidade funcional. Expressa a idéia de que tudo o que existe numa sociedade contribui para seu funcionamento equilibrado, para manter o sistema social em operação. Altamente pragmático em orientação, freqüentemente orientado para o problema, envolvido em prover soluções práticas. Fundamentado na racionalidade instrumental. A estrutura afeta a ação.
ESTRUTURALISTA	Objetivista Determinista	Estrutura e configuração das relações sociais	Regulação Formalização	Persistência Manutenção Continuidade	Teoria da Burocracia; Teoria dos Sistemas; Análise interorganizacional; Teoria da Contingência; Ecologia Populacional	Lévi-Strauss; Weber	Os fatos sociais são analisados a partir da totalidade e vistos em relações. Concentra-se nas relações estruturais dentro de um mundo social real, com regras e dinâmicas próprias. O mundo é reificado. As estruturas não são realidades diretamente visíveis ou observáveis, mas níveis de realidade que existem e funcionam. As estruturas que dão conta do real, são regras e recursos que regem as modificações e as configurações dos elementos de um sistema. A conduta pessoal é motivada por normas gerais, dadas pela, para e na sociedade. Tem a pretensão de estruturar a realidade, por meio de modelos. A estrutura tem primazia sobre a ação.
INTERPRETATIVISTA	Subjetiva Voluntarista	Interação dos atores sociais Construção social da realidade Símbolos/Significados compartilhados	Participação	Mudança Transformação Ruptura	Sociologia do Conhecimento; Construcionismo; Psicologia Social; Antropologia Cultural; Neofuncionalismo*	Kant; Dilthey; Husserl; Gadamer; Weber; Garfinkel; Schütz	Os fenômenos são compreendidos através do significado que as pessoas lhe dão. A realidade social não tem existência concreta, é produto da mente dos atores, interpretada por eles e seus significados compartilhados intersubjetivamente. A realidade é socialmente construída. A ação afeta a estrutura.
ESTRUTURACIONISTA	Intersubjetiva	Estrutura Agência Instituições	Integração	Estruturação Durabilidade dinâmica	Teoria Institucional**; Teoria Neo-Institucional***; Sociologia; Teoria da Estruturação; Neofuncionalismo****	Giddens	Preocupa-se com as práticas sociais ordenadas espaciotemporalmente. A estrutura é concebida como propriedade dos sistemas sociais, contida em práticas reproduzidas por agentes. As práticas sociais são criadas e continuamente recriadas por atores sociais. As práticas que possuem a maior extensão, podem ser designadas como instituições. A estrutura afeta a ação assim como a ação afeta a estrutura, mediada pela interpretação, em um processo de recursividade. Atores sociais possuem graus de agência, ou seja, capacidade intervir nos acontecimentos.
TEORIA CRÍTICA	Objetivista Subjetivista	Relações de poder Sistemas de controle	Liberdade Justiça Emancipação	Mudança Transformação Ruptura Modificação	Psicossociologia; Psicologia Social; Lingüística; Economia Política do Poder	Adorno; Horkheimer; Marcuse; Habermas; Enriquez; Pagès; Dejours; Tragtenberg; Freud; Faria	Procura não apenas entender a realidade, mas modificá-la em benefício do desenvolvimento coletivo. Inspira-se na teoria crítica moderna. Enfatiza o movimento e as relações contraditórias; relações de poder e formas de controle em organizações produtivas capitalistas; ideologias e racionalidades dominantes; princípios de prazer e busca de emancipação: autonomia do indivíduo e da sociedade e liberdade da dominação.
ESTUDOS CRÍTICOS	Objetivista Subjetivista	Políticas da vida cotidiana Políticas gerenciais e Políticas epistemológicas	Renovação Desconstrução Fragmentação	Mudança Substituição Reforma	Antropologia; Psicanálise; Lingüística, História, Sociologia e Psicologia Social	Derrida; Foucault; Saussure; Alvesson; Deetz; Willmott	Teoria pós-moderna. Rompem com a tradição gerencialista, afirmando novos modos de interpretação da realidade. Procura compreender, explicar e criticar os vários meios pelos quais são colocados limites políticos e ideológicos nas habilidades dos atores sociais para realizar completamente suas identidades como participantes ativos da sociedade (inclusive das organizações). Primazia ao discurso. Preferência pelas políticas locais. Ataque à tradição modernista.

FONTE: elaborado pela autora a partir da base teórica

3.2.3.3 Identificação dos temas

Realizar a análise temática significa buscar encontrar os “núcleos de sentido” que estão presentes em palavras, frases ou resumos (MINAYO, 1992). Segundo Bardin (1977), o tema é a unidade de significação que flui naturalmente de um texto.

Os temas dos artigos foram classificados em tópicos, baseados nos títulos, resumos e palavras-chave (quando especificado). O título, segundo Witter (1996), é uma macroestrutura que reproduz semanticamente o que há de mais fundamental no texto; é uma síntese do resumo, breve e de fácil assimilação. Os resumos são apresentações concisas do documento original que reflete seus propósitos, método, resultados, conclusões e conteúdo especializado (VAUGHAN, 1991; BORKO e BERNIER, 1975). Já as palavras-chave, segundo o dicionário de Boissière (1862), resumem termos agrupados, por analogia, em torno de uma ideia principal.

Embora o tema seja de fácil identificação por meio do título, resumo, e palavras-chave, procurou-se revisar o texto de cada artigo, de modo a garantir com

sociais. Nesse sentido, atende à orientação de Münch (1999, p. 201) a respeito de um “[...] paradigma compreensivo com um quadro de referências em que se preservem os postulados de todas essas abordagens [analisadas por aquele autor] e “capaz de abarcar os diversos campos institucionais a que as abordagens específicas se propõem dar explicações adequadas”.

** No presente trabalho a teoria institucional de análise segue os pressupostos baseados na sociologia da estruturação proposta por Giddens, defendendo a ideia de uma teoria multiparadigmática, ressaltando a relação entre padrões institucionais e capacidade de agência como sendo recursiva na explicação das ações sociais. Entretanto, sabe-se que a teoria institucional tem sido caracterizada por alguns estudiosos do campo dos estudos organizacionais como uma abordagem supostamente determinística, bem como no seu foco monoparadigmático. Em face disso, a teoria institucional foi classificada conforme a visão estabelecida pelos autores de cada artigo, mesmo sendo reduzida por eles, a uma simples abordagem de fundamento dicotômico, com uma tendência microsociológica (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

*** Para o âmbito deste trabalho, uma versão específica da teoria institucional, o neoinstitucionalismo, foi considerada com base em análises e investigações mais profícuas para a sua progressão, que vai além das críticas de certa tendência determinista subjacente. Quando admitimos que a interpretação é crucial na mediação entre fatores externos e ações, torna-se inaceitável ainda a suposição de que o primado da legitimidade na teoria neoinstitucional implica diminuição de espaço para agência, interesses, racionalidade, poder e outros elementos representativos da autonomia, em qualquer das instâncias às quais esse conceito possa ser aplicado, seja em nível individual, organizacional ou societário (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005, p. 29).

**** A sociologia neofuncionalista, desenvolvida por Niklas Luhmann, foi considerada; embora pouco explorada, pressupõe o processo de institucionalização numa perspectiva multiparadigmática e orgânica, fundamentada em lógica cognitivo-interpretativa. Luhmann (1989; 1995) apud Crubellate, Grave e Mendes, 2007, p. 13-14, apresenta o neo-funcionalismo como a perspectiva que admite a crescente diferenciação funcional como característica moderna, à semelhança de Parsons; mas vai além da teoria parsoniana, acrescentando a noção de que os sistemas sociais adquirem crescentemente uma lógica de autorreferência, isto é, a determinação interna, por meio de codificação, específica a cada tipo de sistema social, o que implica reconhecer neles sistemas simultaneamente abertos (sendo que o contato com o ambiente se dá por meio de interpenetrações entre sistema e ambiente) e fechados. Por meio dos conceitos de autonomia (base do fechamento sistêmico) e interpenetração (base da abertura das fronteiras do sistema), define-se o sistema social como se comunicando com o ambiente e, ao mesmo tempo e necessariamente, mantendo sua identidade. “Fechamento organizacional não significa que um sistema não pode ser afetado de qualquer forma por seu ambiente. Mas significa que, como uma unidade autônoma [...] ele pode reagir ao seu ambiente apenas de acordo com seu próprio modo de operação, o modo de operação peculiar a ele” (BEDNARZ JR., 1989: xii-xiii).

maior segurança a sua classificação. Os temas correlatos foram agrupados em unidades de agregação. Além disso, cada artigo foi classificado em apenas um assunto; neste caso, considerou-se o tema predominante no artigo.

Para a classificação dos temas predominantes, utilizou-se uma grade aberta de análise, cujas categorias foram definidas durante o andamento da pesquisa. Esta grade é flexível, pois permite alterações até que se obtenha um conjunto final (LAVILLE e DIONNE, 1999). Este conjunto final é resultado da própria análise dos dados.

Contudo, muito da classificação dos temas fundamentou-se nos estudos de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990); Rodrigues e Carrieri (2001) e Davel e Alcadipani (2003) e Paula e Klechen (2007).

Neste contexto, sabe-se que delinear os principais temas e assuntos de determinada área de conhecimento, através de um esquema de classificação próprio da área, permite fornecer uma descrição do campo, introduzir uma linguagem comum, evitar a proliferação de sinônimos e também desenvolver ampla base de dados sobre a pesquisa desenvolvida no campo (BARKI ET AL, 1988).

3.2.4 Análise dos dados

As diversas categorias de análise definidas no presente trabalho, por meio do *software* Microsoft Excel®, foram dispostas em colunas e os dados obtidos dos trabalhos, inseridos nas linhas, e analisados por meio dos recursos de filtro e de tabela dinâmica. Esse procedimento proporcionou tanto a apreciação de aspectos individuais dos agentes e tipos de trabalhos como também o cruzamento de dados com vistas a análises mais abrangentes.

Para facilitar a análise dos resultados e comparação dos dados, os anos foram agrupados em três períodos, sendo o primeiro período compreendido dos anos 1997, 1998, 1999, o segundo dos anos 2000, 2001, 2002, 2003 e o terceiro dos anos 2004, 2005, 2006 e 2007. Tal critério se justifica devido aos anos de corte 2000 e 2004 representarem pontos de inflexão crescentes em relação ao número de publicações na área.

A análise dos 1.791 artigos selecionados, seguiu o seguinte roteiro de classificação:

- a) por tema e ano de publicação;

- b) por tema e veículo de comunicação;
- c) por perspectivas epistemológicas e ano de publicação;
- d) por perspectivas epistemológicas e veículo de comunicação;
- e) pelo cruzamento entre temas e perspectivas epistemológicas adotadas;
- f) por perfil de participação dos autores no campo;
- g) pelo cruzamento entre perfil de participação dos autores e temas abordados;
- h) pelo cruzamento entre perfil de participação dos autores e perspectivas epistemológicas adotadas;
- i) por perfil de participação dos autores e veículo de comunicação.

A avaliação dos artigos, de acordo com a sequência de classificação acima, foi realizada com base na estatística descritiva (MACHADO-DA-SILVA, CUNHA e AMBONI, 1990), utilizando-se para tanto, tabelas de contingência, que são do tipo cruzamento simples, tendo sido elaboradas com base em distribuição de frequências percentuais por linha e/ou coluna de acordo com o objetivo da análise a ser efetuada.

3.3 FACILIDADES E DIFICULDADES NA COLETA, TABULAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

No que tange às facilidades e dificuldades na coleta dos dados, algumas observações são pertinentes.

Em relação à coleta de dados, pode-se dizer que este estudo recebeu substanciais contribuições da base de dados da dissertação de mestrado de Luciano Rossoni. A fim de completar essa base com dados coletados até 2005 – título dos artigos, autores, informações editoriais etc. – incluíram-se dois periódicos: a RAC-eletrônica a partir de 2007 e a BAR desde 2004. Para os demais periódicos e EnANPAD, foram acrescentados dois anos de análise (2006 e 2007). Com relação aos eventos, do EnEO, coletaram-se dados de 2006. Vale ressaltar que o levantamento destes dados foi substancialmente facilitado pelos acervos digitais disponíveis nos *websites* institucionais das publicações e entidades organizadoras de eventos. Outra facilidade foi que, coincidentemente, o grupo de pesquisa dos orientandos do professor Clóvis L. Machado-da-Silva, também estava

desenvolvendo pesquisa sobre produção científica, o que contribuiu com mais alguns dados para este estudo.

Muitas dificuldades encontradas no processo de coleta de dados são similares às reportadas por todos os que analisam a produção científica, especialmente quanto à classificação da perspectiva epistemológica. Esta variável foi obviamente uma das mais complexas em termos de classificação, pois raramente os artigos analisados explicitaram suas posturas epistemológicas. Neste sentido, nenhum *software* de análise de conteúdo poderia ajudar na coleta, sendo necessária a leitura seletiva de cada um dos artigos da amostra desta pesquisa. Neste sentido, a familiarização das bases de cada perspectiva, demandou muito tempo para a leitura. Outro aspecto a ser ressaltado remete à variável temática, cuja classificação dos artigos, desenvolvida por meio de uma grade aberta, esbarra, naturalmente, em discussões sobre o escopo e fronteiras dos assuntos relacionados a cada tema.

3.4 LIMITAÇÕES DA PESQUISA

Seria impossível assimilar todas as limitações das quais esta pesquisa está submetida. Porém tentou-se apresentar, não de forma exaustiva, algumas dessas limitações. A primeira limitação é o período de abrangência de 1997 a 2007, não levando em conta, portanto, a produção anterior, além do aspecto da atualidade dos dados devido à coleta ter deixado de fora o ano 2008.

A segunda limitação refere-se ao critério de escolha dos periódicos analisados, ao considerar apenas os que possuíam conceito “A” pela Capes durante o período de abrangência do estudo, não levando em conta os periódicos de conceito “B” e “C”. Porém, por questões relacionadas ao prazo de conclusão do mestrado, as coletas referentes às duas primeiras limitações se tornariam inviáveis.

Embora Habermas (1975) apresente a ideia de que o conhecimento científico não está livre de “juízos de valor”, é considerado como terceira limitação deste trabalho o viés de interpretação da autora. Naturalmente, qualquer mapeamento como o desenvolvido neste trabalho, está sujeito a vieses e exclusões. Ao classificar posturas epistemológicas e temas abordados pelos pesquisadores, por exemplo, encontram-se variações consideráveis. Porém, sempre que se utiliza algum tipo de classificação, os resultados acabam sendo afetados por eventuais aspectos subjetivos utilizados no desenvolvimento dos levantamentos e das análises.

Cumpra considerar também os processos de avaliação de trabalhos científicos, não como limitação, mas como reflexão, onde *“não devemos, jamais, esquecer e, portanto, sempre compreender, que por mais elaborados que sejam os processos de avaliação de trabalhos científicos, os resultados das avaliações, deles resultantes, sempre estarão atados ao conhecimento, à atitude, à habilidade e à ética do avaliador”* (QUINTELLA, 2005). Logo, por mais que se busque a objetivação da avaliação, jamais se conseguirá um resultado ideal – justo, com a plena concordância dos autores e do avaliador sobre todos os textos analisados (MARTINS e SILVA, 2006).

Neste contexto, levando em consideração a teoria da estruturação, há que considerar que estes mesmos elementos limitadores do presente trabalho foram os mesmos que possibilitaram sua realização (CORAIOLA, 2006).

4 ANÁLISE DOS DADOS

“Contra o positivismo, que pára perante os fenômenos e diz: ‘Há apenas fatos’, eu digo: ‘Ao contrário, fatos é o que não há; há apenas interpretações.’”

Nietzsche

Diante da necessidade de compreender como está distribuída a produção científica da área de Estudos Organizacionais no país, serão apresentados indicadores relacionados aos artigos publicados. Com isso é possível elucidar a quantidade de artigos publicados, os meios de divulgação e inter-relações entre indicadores. Ademais, acrescentando a trajetória entre 1997 e 2007, pode-se verificar tendências de produção na área.

4.1 PRODUÇÃO CIENTÍFICA EM ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Na Tabela 1 é possível verificar o número de artigos selecionados na área de Estudos Organizacionais em cada periódico e eventos no período compreendido entre 1997 e 2007.

TABELA 1 EVOLUÇÃO ANUAL DO NÚMERO DE ARTIGOS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ANO	PERIÓDICOS									EVENTOS			TOTAL GERAL	
	BAR	O&S	RAC	RAC-e	RAE	RAE-e	RAP	RAUSP	REAd	TOTAL	EnANPAD	ENEO		TOTAL
1997	NP*	7	6	NP*	4	NP*	4	8	1	30	33	NP*	33	63
1998	NP*	5	5	NP*	6	NP*	6	3	1	26	40	NP*	40	66
1999	NP*	5	8	NP*	9	NP*	8	5	6	41	51	NP*	51	92
2000	NP*	9	3	NP*	7	NP*	5	12	1	37	71	48	119	156
2001	NP*	10	14	NP*	8	NP*	13	5	5	55	76	NP*	76	131
2002	NP*	16	5	NP*	3	6	7	5	5	47	92	68	160	207
2003	NP*	11	15	NP*	7	5	12	9	4	63	76	NP*	76	139
2004	3	19	12	NP*	8	12	7	7	7	75	102	135	237	312
2005	3	11	14	NP*	12	4	3	7	11	65	103	NP*	103	168
2006	6	18	14	NP*	10	10	7	5	16	86	103	114	217	303
2007	5	ND*	11	7	6	4	10	3	9	55	99	NP*	99	154
TOTAL	17	111	107	7	80	41	82	69	66	580	846	365	1211	1791
MÉDIA	4,3	11,1	9,7	7,0	7,3	6,8	7,5	6,3	6,0	52,7	76,9	91,3	110,1	162,8

* ND - Não disponível * NP - Não publicado

FONTE: dados primários da pesquisa

Como se pode perceber na Tabela 1, as revistas BAR e RAC-eletrônica, tiveram menor número de publicação de artigos na área (17 e 7 respectivamente), pois as suas primeiras edições aconteceram apenas em 2004 e 2007 respectivamente. A RAE-eletrônica segue com 41 artigos publicados na área; contudo, sua primeira edição aconteceu em 2002. A O&S publica em média 11,1

artigos por ano na área de Estudos Organizacionais. A falta de publicação no ano de 2007 representa 0,6% do total de artigos publicados no período considerado (1.791). Mesmo assim, foi a revista que mais publicou no período (111 artigos). O EnEO, evento bienal, que aconteceu pela primeira vez em 2000, teve forte impacto no número de publicações na área desde seu surgimento (365 artigos), contra 846 artigos do EnANPAD.

Para facilitar a análise dos resultados e comparação dos dados, os anos foram agrupados em três períodos: o primeiro período compreende os anos 1997, 1998, 1999; o segundo, os anos 2000, 2001, 2002, 2003; o terceiro, os anos 2004, 2005, 2006 e 2007. Tal critério se justifica devido aos anos de corte 2000 e 2004 representarem pontos de inflexão crescentes, em relação ao número de publicações na área, de 156 em 2000 para 312 publicações em 2004, conforme Tabela 2. Além disso, percebe-se que o montante de artigos publicados se mantém dentro dos períodos escolhidos, variando mais entre os períodos.

Na Tabela 2 encontram-se os resultados totalizados de cada ano nos respectivos períodos: 221 artigos no primeiro período, 633 no segundo e 937 no terceiro período.

TABELA 2 ARTIGOS PUBLICADOS POR PERÍODO E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

ANO	PERIÓDICOS									EVENTOS		TOTAL
	BAR	O&S	RAC	RAC-e	RAE	RAE-e	RAP	RAUSP	REAd	EnANPAD	ENEO	
1997	NP*	7	6	NP*	4	NP*	4	8	1	33	NP*	63
1998	NP*	5	5	NP*	6	NP*	6	3	1	40	NP*	66
1999	NP*	5	8	NP*	9	NP*	8	5	6	51	NP*	92
TOTAL 1º PERÍODO	0	17	19	0	19	0	18	16	8	124	0	221
2000	NP*	9	3	NP*	7	NP*	5	12	1	71	48	156
2001	NP*	10	14	NP*	8	NP*	13	5	5	76	NP*	131
2002	NP*	16	5	NP*	3	6	7	5	5	92	68	207
2003	NP*	11	15	NP*	7	5	12	9	4	76	NP*	139
TOTAL 2º PERÍODO	0	46	37	0	25	11	37	31	15	315	116	633
2004	3	19	12	NP*	8	12	7	7	7	102	135	312
2005	3	11	14	NP*	12	4	3	7	11	103	NP*	168
2006	6	18	14	NP*	10	10	7	5	16	103	114	303
2007	5	ND*	11	7	6	4	10	3	9	99	NP*	154
TOTAL 3º PERÍODO	17	48	51	7	36	30	27	22	43	407	249	937
TOTAL GERAL	17	111	107	7	80	41	82	69	66	846	365	1791

* ND - Não disponível *NP - Não publicado

FONTE: dados primários da pesquisa

Já na Tabela 3, é possível verificar os artigos publicados por período e respectivas percentagens. Percebe-se que o número de artigos publicados em eventos correspondia a 56% no primeiro período, passando a representar 70% da

produção total. Contudo, tal crescimento foi inversamente proporcional, considerando os artigos publicados em periódicos: 44% no primeiro período, e agora 30% da produção total.

TABELA 3 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR PERÍODO E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

Veículo		1º Período		2º Período		3º Período		Total Geral	%
		Total	%	Total	%	Total	%		
Eventos	EnANPAD	124	56%	315	50%	407	43%	846	47%
	ENEO	NP*	-	116	18%	249	27%	365	20%
Total eventos		124	56%	431	68%	656	70%	1211	68%
Periódicos	BAR	NP*	-	NP*	-	17	2%	17	1%
	O&S	17	8%	46	7,3%	48	5%	111	6%
	RAC	19	9%	37	5,8%	51	5%	107	6%
	RAC-e	NP*	-	NP*	-	7	1%	7	0,4%
	RAE	19	9%	25	3,9%	36	4%	80	4%
	RAE-e	NP*	-	11	1,7%	30	3%	41	2%
	RAP	18	8%	37	5,8%	27	3%	82	5%
	RAUSP	16	7%	31	4,9%	22	2%	69	4%
	REAd	8	4%	15	2,4%	43	5%	66	4%
Total periódicos		97	44%	202	32%	281	30%	580	32%
Total Geral		221	100%	633	100%	937	100%	1791	100%

* NP - Não disponível

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros, com exceção da RAC-e

FONTE: dados primários da pesquisa

Um fator que pode influenciar significativamente entre artigos publicados em anais e periódicos é a pontuação de produção bibliográfica. Segundo critérios de avaliação da Capes, a produção de autoria de docentes permanentes de Programas de Pós-Graduação contribui para caracterizar o nível de desempenho dos Programas expressos por notas e atributos “5” (Muito Bom), “4” (Bom) e “3” (Regular).

Até 2005, os trabalhos completos publicados em anais com *Qualis A* recebiam 7 pontos. Já os artigos publicados em periódico nacional com *Qualis A* recebem 12 pontos. Contudo, pela eficiência do processo de avaliação, aparentemente, os autores preferem publicar em anais a publicar em revistas, que chegam a demorar até um ano para avaliação de um artigo. Nesse sentido, um único autor pode, hipoteticamente, ter três trabalhos publicados em anais, totalizando 21 pontos, contra 12 pontos de uma publicação em periódico.

Segundo o sistema de avaliação da Capes, os trabalhos publicados em anais são importantes para o desenvolvimento do conhecimento e para o desempenho dos programas de pós-graduação, na medida em que o evento constitui espaço aberto e privilegiado de interlocução científica. No entanto, o trabalho publicado em anais constitui produção provisória e, regra geral, requer melhorias para sua transformação em artigo a ser submetido a um periódico.

No presente trabalho, verificou-se que, do total de artigos publicados em periódicos (580), cerca de 23,1% se originaram de eventos científicos, dos quais passaram por melhorias para posterior publicação em periódico.

Neste contexto, em 2006, trabalhos completos publicados em anais com *Qualis A*, passaram a receber 3 pontos e no triênio 2007-2009, esses 3 pontos foram limitados a 6, 12 e 18 pontos, por docente permanente, que tenha atuado no Programa por um ano, dois anos e três anos, respectivamente. Os 12 pontos recebidos por artigo em periódico nacional, permanecem até 2009.

Estes itens adotados pela Capes demonstram o interesse e a preocupação da Fundação com a qualidade dos artigos publicados, e não apenas com o crescimento quantitativo de determinado campo de conhecimento. Resta agora maior agilidade no processo de avaliação por parte dos periódicos, pois a maior velocidade na veiculação também pode reduzir o risco de obsolescência.

Observando o Gráfico 1, compreende-se melhor o impacto dos encontros da área de Estudos Organizacionais.

Como se pode perceber no Gráfico 1, a criação do EnEO em 2000 alavancou o número de artigos publicados em eventos. Com realização bienal, percebe-se grande oscilação no período de sua realização em anos pares. O evento representa 20% da produção total da área de Estudos Organizacionais; esta percentagem representa quase dois terços de toda a produção dos periódicos considerados no período de análise, que é de 32%.

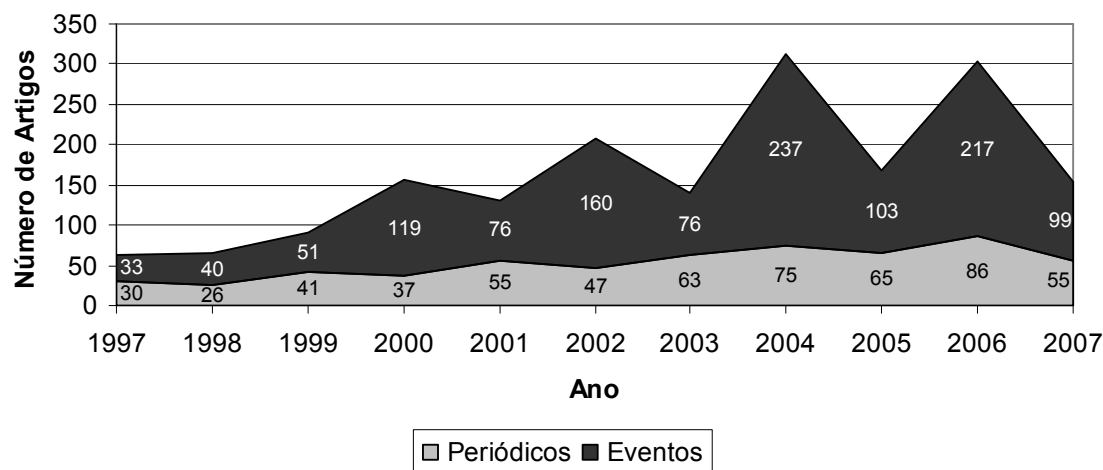


GRÁFICO 1 COMPARAÇÃO ENTRE ARTIGOS PUBLICADOS POR MEIO DE COMUNICAÇÃO
 FONTE: dados primários da pesquisa

Para efeito de comparação, em 1997 o número de artigos publicados em eventos foi 10% superior ao número publicado em periódicos. No último ano, essa diferença subiu para 80%. Já em anos de realização do EnEO, esta diferença aumenta consideravelmente. Em 2002, por exemplo, a diferença chegou a ser aproximadamente de 240%, maior diferença alcançada no período de análise. Sem o EnEO a diferença seria de 96%.

Entretanto, o EnANPAD, apresenta grande maioria dos estudos publicados na área de Estudos Organizacionais, correspondendo a 70% do total de artigos publicados em eventos (1.211), conforme Gráfico 2. Era de se esperar essa concentração, pois o evento setorial – EnEO acontece apenas bianualmente.

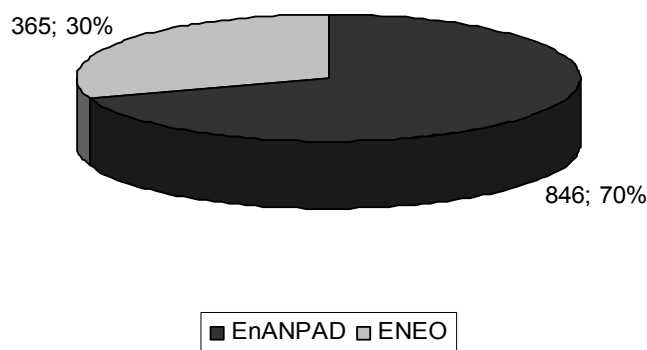


GRÁFICO 2 ARTIGOS PUBLICADOS POR EVENTO
 FONTE: dados primários da pesquisa

Contudo, mesmo tendo ocorrido apenas 4 vezes, o EnEO publica, em média, 91,3 artigos por ano, contra 76,9 artigos do EnANPAD, que acontece anualmente, conforme Tabela 1. Isto demonstra o forte impacto de um evento setorial.

Se for avaliada a distribuição de artigos por periódicos, verifica-se que a RAC – Revista de Administração Contemporânea e a O&S – Organizações e Sociedade apresentam juntas 38% da publicação total dos periódicos na área de Estudos Organizacionais: a primeira publicou 107 artigos e a segunda 111 artigos (Gráfico 3). Logo em seguida, está a RAE – Revista de Administração de Empresas com 14% das publicações na área.

A RAP – Revista de Administração Pública, apesar de ter predominantemente artigos oriundos da área de administração pública, apresentou 14% dos artigos publicados em periódicos, sendo 82 artigos, número bastante expressivo, superior ao da tradicional RAUSP – Revista de Administração da USP (69 artigos), da REAd – Revista Eletrônica de Administração (66 artigos) e da RAE-Eletrônica (41 artigos).

É verdade que o percentual 3% e 1% da BAR – Brazilian Administration Review e a RAC-Eletrônica respectivamente, é ainda modesto. Contudo, estas revistas são bastante recentes em termos de circulação e distribuição, o que vem justificar seu pequeno número de publicação na área: 17 e 7 artigos respectivamente.

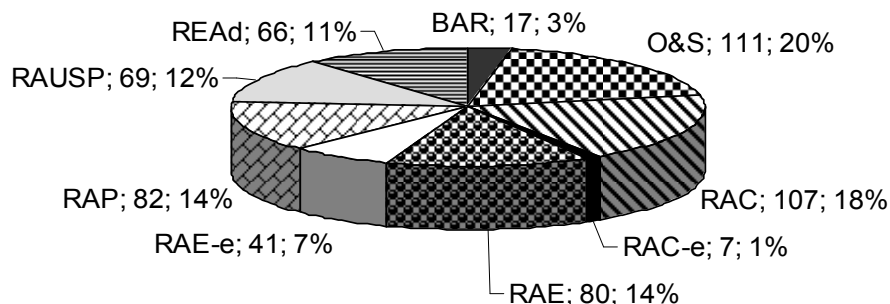


GRÁFICO 3 ARTIGOS PUBLICADOS POR PERIÓDICOS

FONTE: dados primários da pesquisa

Para demonstrar o número de edições consultadas em cada periódico e evento, em que tiveram pelo menos uma publicação relacionada à área de Estudos Organizacionais, apresenta-se a Tabela 4.

TABELA 4 NÚMERO DE EDIÇÕES COM PUBLICAÇÃO NA ÁREA PESQUISADA

ANO	PERIÓDICOS										EVENTOS			TOTAL GERAL
	BAR	O&S	RAC	RAC-e	RAE	RAE-e	RAP	RAUSP	REAd	TOTAL	EnANPAD	ENEO	TOTAL	
1997	NP*	3	3	NP*	4	NP*	2	3	1	16	1	NP*	1	17
1998	NP*	3	3	NP*	4	NP*	5	2	1	18	1	NP*	1	19
1999	NP*	2	3	NP*	4	NP*	5	2	2	18	1	NP*	1	19
2000	NP*	2	3	NP*	4	NP*	3	3	1	16	1	1	2	18
2001	NP*	3	4	NP*	3	NP*	4	4	4	22	1	NP*	1	23
2002	NP*	3	2	NP*	3	2	6	2	4	22	1	1	2	24
2003	NP*	3	5	NP*	4	2	4	3	3	24	1	NP*	1	25
2004	1	4	5	NP*	4	2	4	3	4	27	1	1	2	29
2005	2	3	6	NP*	4	1	3	4	6	29	1	NP*	1	30
2006	2	4	5	NP*	4	2	5	3	6	31	1	1	2	33
2007	3	ND*	5	3	3	2	5	2	3	26	1	NP*	1	27
TOTAL	8	30	44	3	41	11	46	31	35	249	11	4	15	264

* ND - Não disponível * NP - Não publicado

FONTE: dados da pesquisa

No total, foram consultadas 249 edições dos periódicos, e 15 edições dos eventos, sendo 11 do EnANPAD e 4 edições do EnEO. Fato interessante é perceber que, independentemente do baixo volume de edições, em todas as edições da BAR e da RAC-e, encontrou-se pelo menos um artigo referente aos Estudos Organizacionais. Já na RAE-e, apenas na segunda edição de 2005 não se encontraram artigos relacionados à área, pela coincidência de se agruparem artigos de outras áreas naquela edição. Na O&S, em uma edição dos anos de 1999 e 2000 não se encontraram artigos relacionados à área. Já na RAC, apenas na terceira edição de 2002 não encontraram-se artigos relacionados à área pelo fato deste número focar na área de estratégia e tecnologia da informação. A RAC foi o periódico com segundo maior número de edições consultadas (46), ficando à frente da RAUSP (31) e RAE (41), que possuem a mesma periodicidade, trimestral. Contudo, na RAE, apenas em 2001, 2002 e 2007 não se encontraram artigos em uma edição de cada ano. Em 2001, especificamente, os artigos relacionados à área foram escritos por estrangeiros pelo fato de o fórum temático estar relacionado ao assunto *Gestão Latina*. Em 2002 o fórum de *Jazz* não trouxe artigos relacionados à área, e a quarta edição de 2007 dedicou-se à publicação dos artigos apresentados no III3Es, referidos à área de Estratégia. A RAP foi o periódico com maior número de edições consultadas, pois é o único periódico considerado na análise, com

periodicidade bimestral. Embora todos os periódicos eletrônicos considerados na análise sejam de periodicidade quadrimestral, conforme informações disponibilizadas nos respectivos *websites*, a REAd, no período entre 2000 e 2006, publicou bimestralmente. Fato que contribuiu para o maior número de edições consultadas em alguns anos, conforme Tabela 4.

4.1.1 Temas abordados pelos artigos

Como para a classificação dos temas se utilizou grade aberta de análise, no final da coleta dos dados, devido ao grande número de temas relacionados, optou-se pela classificação por unidades de agregação, obtendo-se um conjunto final de onze temas gerais, conforme Tabela 5.

Com o objetivo de analisar a evolução dos temas abordados no período considerado, na Tabela 5 podem-se observar os onze temas apresentados em ordem alfabética, assim como o total de artigos pesquisados em cada tema por período de análise e respectivas percentagens.

TABELA 5 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR TEMAS E POR PERÍODO

PERÍODO	1º Período		2º Período		3º Período		Total geral	%
	Total	%	Total	%	Total	%		
Comportamento Organizacional	51	23%	139	22%	193	21%	383	21%
Cultura, Simbolismo, Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	24	11%	78	12%	85	9%	187	10%
Diversidade e Gênero	2	1%	15	2%	40	4%	57	3%
Estudos Críticos e Teoria Crítica	11	5%	46	7%	81	9%	138	8%
Formas de Gestão	12	5%	32	5%	59	6%	103	6%
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	86	39%	164	26%	246	26%	496	28%
Institucionalização e Campos	2	1%	25	4%	44	5%	71	4%
Redes e Confiança	6	3%	31	5%	59	6%	96	5%
Temas de Outras Áreas	1	0%	17	3%	15	2%	33	2%
Teoria, Método, Epistême e Produção Científica	19	9%	56	9%	76	8%	151	8%
Terceiro Setor e Responsabilidade Social	7	3%	30	5%	39	4%	76	4%
TOTAL GERAL	221	100%	633	100%	937	100%	1791	100%

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

A análise dos dados da Tabela 5, como um todo, revela incremento quantitativo da produção acadêmica entre o primeiro e segundo período. Um dos fatores que podem influenciar neste incremento pode resultar da criação do EnEO

nos anos de sua realização, o que aconteceu duas vezes no segundo e terceiro período.

Os dois temas com maior representação no campo são *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* e *Comportamento Organizacional*. Os dois juntos representam quase metade da produção total do período analisado (49%). Tal ocorrência parece indicar que o mundo acadêmico se sensibilizou com aspectos gerencialistas. Contudo, percebe-se queda no interesse por ambos os temas. No primeiro período o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*, que representava 39%, passa a representar 26% no último período. Da mesma maneira, o tema *Comportamento Organizacional* representava 23% no primeiro período e agora 21% da produção total.

O terceiro tema mais pesquisado na área é *Cultura, Simbolismo, Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas*, representando 10% da produção total. Uma explicação possível para esse dado encontra-se no aumento da influência da antropologia nos Estudos Organizacionais, devido à expectativa de entender a influência de aspectos subjetivos da vida em sociedade sobre os processos organizacionais e administrativos, conforme apresentado por estudos anteriores de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990) e Rossini et al (2001). Fato este corroborado no presente estudo. Outro aspecto que pode ter influenciado é o advento da dimensão psicodinâmica e a noção psicanalítica; os Estudos Organizacionais têm aplicado o conceito a grupos sociais, para investigar o processo de construção coletiva da identidade individual e organizacional e seu impacto na imagem organizacional, como evidencia Caldas e Wood Jr. (1997). Entretanto, o tema apresentou decréscimo, passando de 11% no primeiro período para 9% no terceiro período.

Percebe-se que, com a inserção de novos temas pesquisados no campo de Estudos Organizacionais, vem ocorrendo a desinstitucionalização de temas tradicionais como *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. Para elucidar melhor a evolução dos temas, no Gráfico 4 se pode visualizar o impacto de cada tema na estruturação do campo de Estudos Organizacionais.

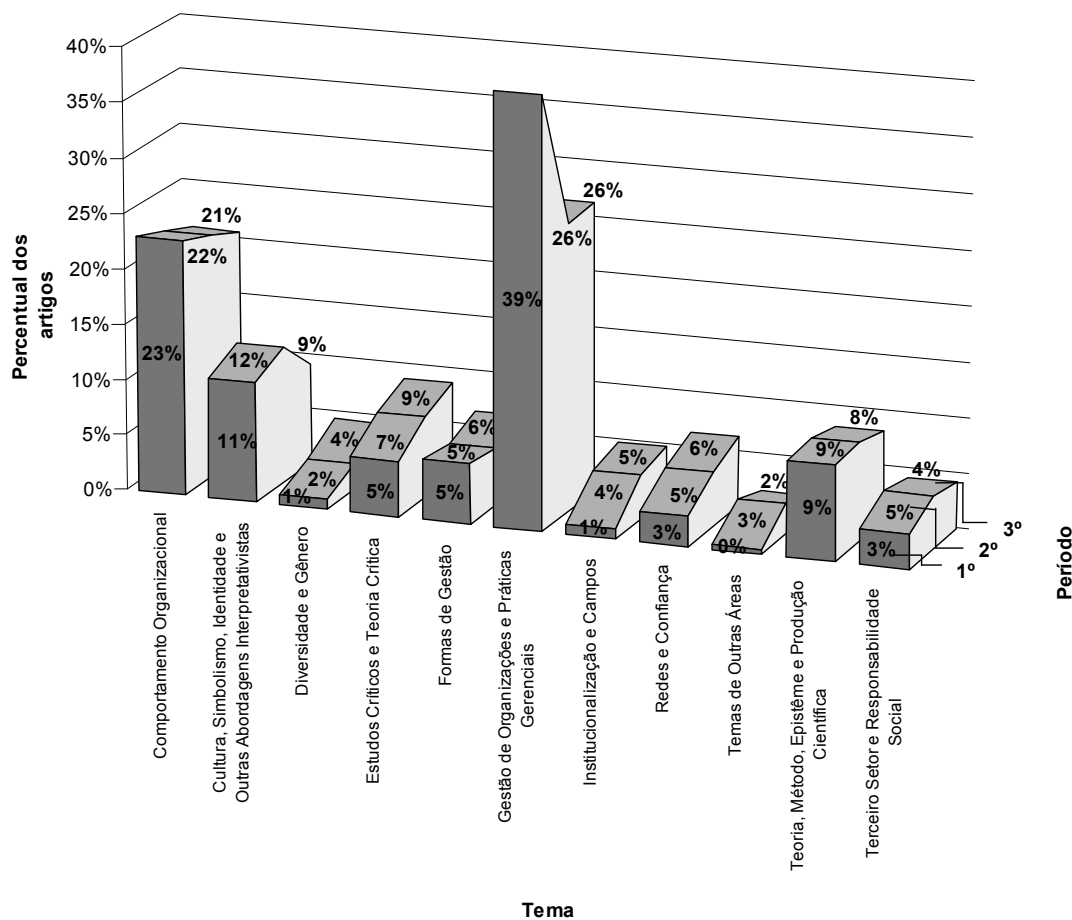


GRÁFICO 4 EVOLUÇÃO DOS TEMAS PESQUISADOS POR PERÍODO

FONTE: dados primários da pesquisa

O tema *Institucionalização e Campos* apresentou maior incremento quantitativo da área, evoluindo 400% do primeiro para o terceiro período. É um tema relativamente recente, que vem trazendo potenciais avanços ao se fazer reflexões interdisciplinares e multiparadigmáticas sob a luz da análise institucional para os Estudos Organizacionais. Parece estar havendo crescente interesse no tema por parte dos pesquisadores, uma vez que a dinâmica de um campo organizacional recebe influências das relações entre organizações e outros atores sociais, o que define e delimita o processo de estruturação do campo, conforme enfatizado por Machado-da-Silva, Guarido Filho e Rossoni (2006).

Já o tema *Diversidade e Gênero* foi o segundo tema com maior crescimento, passando de 1% no primeiro período para 4% no terceiro período. Ao que parece, os pesquisadores estão progressivamente incrementando e operacionalizando o discurso igualitário dentro das organizações, assim como a ampliação da cidadania. Embora o tema seja bastante pesquisado na área de RH, na área de Estudos Organizacionais tal crescimento ocorreu devido a enfoques críticos e interpretativistas com que o tema vem sendo tratado.

O tema *Estudos Críticos e Teoria Crítica* parece estar consolidando-se a cada período, passando de 5%, 7% e 9% do primeiro para o terceiro período respectivamente. O interesse por assuntos relacionados a esse tema pode ser explicado com o desenvolvimento dos ECA (Estudos Críticos em Administração) no Brasil, assim como a criação, em 2007, da área temática do EnANPAD, EOR-C (Teoria Crítica em Estudos Organizacionais), da divisão dos Estudos Organizacionais, conforme especificado no Quadro 6.

Já o tema *Formas de Gestão* passou de 5% no primeiro período para 6% da produção total da área. Os subtemas relacionados ao tema, muitas vezes de natureza crítica, demonstram o interesse por formas alternativas de gestão, a fim de operar relações objetivas e subjetivas dos sujeitos individuais e coletivos, conforme dados do EnANPAD.

Dado interessante é o progressivo incremento do tema *Redes e Confiança*. O tema começou a ser pesquisado moderadamente, a partir do primeiro período (3%), ganhando representatividade nos dois últimos períodos (5% e 6% respectivamente). A realização do EnEO, nestes mesmos períodos, teve significativa influência em tal incremento. Ao que parece, isto reflete a preocupação em acompanhar as transformações das organizações em busca de competitividade, sustentabilidade e legitimidade. Além disso, os pesquisadores parecem estar buscando capacitar-se para estudar o tema no nível sociológico de análise. Tal evolução não poderia ser imaginada há quase 20 anos pelos estudos de Machado-da-Silva, Amboni e Cunha (1989), cujo tema ocorreu em apenas 3 artigos.

No que se refere ao tema *Terceiro Setor e Responsabilidade Social*, percebe-se ligeiro crescimento, de 3% para 4% no terceiro período. Parece que o tema conquistou espaço, devido ao conjunto de suas iniciativas constituintes, o que acabou gerando sensibilização por parte dos estudiosos do mundo acadêmico para o bem comum.

Cabe ainda assinalar o tema *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica*; embora com decréscimo entre o primeiro e terceiro período, de 9% para 8% respectivamente, foi o quarto tema mais pesquisado da área de Estudos Organizacionais, representando 8% da produção total do campo. Uma explicação para tal ocorrência pode estar no apelo por enfoques teóricos e metodológicos no estudo das organizações sob novos “olhares”. Tal fato vem chamando a atenção dos pesquisadores a apresentarem diferentes visões de mundo, perspectivas e métodos alternativos, a fim de superar as limitações de métodos científicos tradicionais, para a geração de novas interpretações, fato este levantado por Rodrigues Filho (1998) e confirmado no presente estudo.

Na Tabela 5 verifica-se também a descontinuidade no tratamento de *Temas de Outras Áreas*, que representam apenas 2% da produção total dos artigos. Os subtemas relacionados são: *Gestão Ambiental, Empreendedorismo, Globalização e Governança Corporativa*. Tal fato pode ser explicado pela possibilidade de estarem sendo tratados por outras áreas temáticas da ANPAD, como: Gestão Social e Ambiental (APS-C) e Estratégia em Organizações (ESO).

Para melhor compreensão dos temas apresentados acima, o Quadro 11 demonstra uma análise mais detalhada dos subtemas e conteúdos contidos em cada um dos onze temas gerais.

Como demonstra o Quadro 11, os subtemas referentes a *Comportamento Organizacional*, de maneira geral, têm como foco a conduta das pessoas e os processos grupais no contexto organizacional, bem como práticas e processos internos da organização, que afetam o comportamento do indivíduo e de grupos, assim como a área temática homônima no EnANPAD. Já em *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* estão relacionados tópicos que evidenciam a ação gerencial planejada, a fim de melhorar a eficiência do processo, assim como a gestão de recursos, de processos, da complexidade, da qualidade total etc; os modelos de gestão; as formas de organizar, de trabalhar e de administrar; as práticas e condutas gerenciais, além de tratar da dinâmica familiar das empresas.

QUADRO 11 SUBTEMAS E CONTEÚDOS MAIS FREQUENTES POR GRUPOS TEMÁTICOS

Comportamento Organizacional	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	Formas de Gestão
<ul style="list-style-type: none"> • Aprendizagem e Conhecimento Organizacional • Comunidades de prática • Treinamento • Capital Intelectual/Social • Inteligências Múltiplas • Clima Organizacional • Competências, Competência Emocional e Habilidades • Comprometimento Organizacional • Criatividade • Estresse nas Organizações • Liderança • Motivação • Qualidade de Vida no Trabalho 	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação Organizacional • Estrutura Organizacional • Gestão e Planejamento • Mudança e Inovação Organizacional • Profissionalização de Organizações Familiares e Sucessão • Ética Corporativa • Estilos Gerenciais • Processo Decisório • <i>Downsizing</i> • Reengenharia • Centralização/Descentralização • Terceirização • Ciclo de Vida Organizacional • Privatização • Sustentabilidade • Arranjos Produtivos 	<ul style="list-style-type: none"> • Autogestão e Autonomia • Heterogestão • Racionalidades alternativas • Cidadania e Justiça Organizacionais • Economia de Comunhão/Solidária • Sociologia Econômica • Novas Tecnologias e Condições de Trabalho • Cooperativismo • Associativismo • Burocracia, Meritocracia e Tecnocracia • Organizações Substantivas
Cultura, Simbolismo, Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	Estudos Críticos e Teoria Crítica	Institucionalização e Campos
<ul style="list-style-type: none"> • Cultura Organizacional • Identidade e Imagem Organizacional • Simbolismo, Significado e Sentido • Metáforas Organizacionais • Estética Organizacional 	<ul style="list-style-type: none"> • Controle Organizacional/Emocional • Poder e Conflito • Crítica do <i>Management</i> • Discursos/Linguagem Organizacionais • Dominação e Ideologia • Empresarização • Mídia e Comunicação • Modismos Gerenciais • Sofrimento Psíquico e Físico • Tempo e Espaço 	<ul style="list-style-type: none"> • Campos Organizacionais e Sociais • Institucionalização • Isomorfismo • Legitimidade • Imersão Social • Esquemas Interpretativos
Redes e Confiança	Terceiro Setor e Responsabilidade Social	Diversidade e Gênero
<ul style="list-style-type: none"> • Redes de Cooperação • Relações Interorganizacionais • Confiança Organizacional 	<ul style="list-style-type: none"> • Responsabilidade Social • Terceiro Setor 	<ul style="list-style-type: none"> • Exclusão/Inclusão Social • Diversidade • Gênero
Teoria, Método, Episteme e Produção Científica	Temas de Outras Áreas	
<ul style="list-style-type: none"> • Ensino e Pesquisa em Estudos Organizacionais • Epistemologia, Metodologia e Teorias Organizacionais • Produção Científica 	<ul style="list-style-type: none"> • Empreendedorismo • Gestão Ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> • Globalização • Governança Corporativa

FONTE: dados primários da pesquisa

Os subtemas relacionados a *Formas de Gestão* enfatizam novas formas de gestão, assim como o impacto nas condições de trabalho dos indivíduos e grupos sociais; questão da emancipação e da autonomia dos indivíduos e grupos sociais e ruptura com o modelo burocrático.

Em *Cultura, Simbolismo, Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas* particularizaram-se questões da cultura nas organizações: crenças, valores e conhecimentos compartilhados; subjetividades individuais e modelos mentais formando um arcabouço cultural que influencia na forma de raciocínio e na ação de seus participantes; atividades simbólicas dos indivíduos; imagens arquetípicas; percepção e atribuições de significados dos eventos; identidade individual e organizacional: imagem, estilo e retórica, conforme Caldas e Wood Jr. (1997) e

Alvesson (1990); além de outras abordagens interpretativistas emergentes para a análise organizacional, como *Metáforas e Estética Organizacional*.

No Quadro 11, é possível verificar os subtemas particularmente pesquisados pelos *Estudos Críticos e Teoria Crítica*. O que diferencia os trabalhos dos estudos críticos e da teoria crítica é, em verdade, a abordagem epistemológica, podendo ser tratados dentro dos mesmos temas. Alguns subtemas são autoexplicativos, outros merecem breve explanação. *Empresarização* refere-se à mudança de enfoque devido à crítica da noção de empresas em organizações culturais ou lúdicas; *Mídia e Comunicação* volta-se mais para o impacto de informações e representações na dimensão subjetiva; *Discurso/Linguagem Organizacionais* preocupa-se com a retórica das organizações: histórias, mentiras, superlativos, mensagens estratégicas, humor etc.; *Crítica do Management* refere-se às críticas do uso de tecnologias gerenciais que visam à melhoria de desempenho e mostram os efeitos perversos das mesmas para os indivíduos e organizações e, por último, *Tempo e Espaço* tratado como subordinação das experiências temporais a normas de produção e consumo e como mecanismo de controle, ditado por imperativos de ordem social (PIZZA JR., 1997).

O tema *Institucionalização e Campos* volta-se para os mecanismos do processo de institucionalização: legitimidade e isomorfismo; contribuições dos esquemas interpretativos como mediadores da ação organizacional; ambiente técnico e institucional, assim como imersão social e seus mecanismos, possibilitando compreender que as organizações são formadas bem como se transformam, em cuja estrutura e agência estão recursivamente implicadas (MACHADO-DA-SILVA; GUARIDO-FILHO e ROSSONI, 2006). Além disso, procura compreender o processo de formação e estruturação de campos organizacionais, sociais e científicos.

Redes e Confiança é tema que abrange formação de redes, alianças, *clusters*, integração entre público e privado, formas de cooperação e confiança nas relações interorganizacionais como mecanismo de coordenação central, conforme evidencia Cunha e Melo (2004).

O tema *Terceiro Setor e Responsabilidade Social* trata de organizações não governamentais em geral; da inapropriação de conceitos da teoria organizacional tradicional para a gestão das ONG's e dilemas, ao tentarem manter-se e sobreviver; assim como da responsabilidade social empresarial, como forma de atuação voltada

para o bem comum, posicionamento diferenciado e gestão socialmente responsável e suas implicações.

Os subtemas de *Diversidade e Gênero* contemplam as práticas gerenciais e percepções com relação à diversidade cultural assim como seu gerenciamento; relações assimétricas entre homens e mulheres e exclusão social e alternativas de inclusão cidadã.

Ainda no Quadro 11, verifica-se que em *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica* o aspecto central abrange balanços críticos do que vem sendo produzido por meio de análise da temática, base epistemológica, perfil metodológico etc.; críticas das condições de ensino e recursos didático-pedagógicos, ou propostas de formas de pedagogia crítica e pesquisa engajada, conforme Paula e Klechen (2007) e alternativas ao modo de gerar conhecimento, além de discussões de enfoques teóricos para o estudo das organizações.

E por fim, em *Temas de Outras Áreas* encontram-se subtemas relacionados aos estudos das organizações; porém estão sendo mais estudados em outras divisões acadêmicas; são eles: *Empreendedorismo, Globalização, Gestão Ambiental e Governança Corporativa*.

4.1.1.1 *Temas e veículos de comunicação dos artigos*

Para completar a análise temática dos artigos, a Tabela 6 evidencia a frequência e a percentagem dos temas pesquisados por veículo de comunicação no período de análise.

Percebe-se na Tabela 6, que a predominância do que se publica sobre cinco temas, concentra-se na O&S: *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas* (8%), *Estudos Críticos e Teoria Crítica* (10%), *Redes e Confiança* (6%) e *Terceiro Setor e Responsabilidade Social* (7%). Três temas são mais publicados pela RAC, distribuídos igualmente com 7% da produção de cada tema: *Comportamento Organizacional, Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais e Institucionalização e Campos*, o que demonstra interesse além de aspectos puramente gerencialistas. O tema *Comportamento Organizacional* também foi igualmente pesquisado pela RAUSP, além de *Diversidade e Gênero*. Já *Formas de Gestão* foi mais pesquisado pela RAP (12%). *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica*, foram mais privilegiados pela RAE, representando 9% da

produção total do tema, o que revela preocupação com a construção do conhecimento e a identidade do campo de Estudos Organizacionais no Brasil.

TABELA 6 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR TEMAS E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

TEMA	PERIÓDICOS																		EVENTOS				TOTAL GERAL	%
	BAR		O&S		RAC		RAC-e		RAE		RAE-e		RAP		RAUSP		REAd		EnANPAD		EnEO			
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
Comportamento Organizacional	3	1%	15	4%	27	7%	3	1%	15	4%	9	2%	14	4%	25	7%	23	6%	194	51%	55	14%	383	100%
Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	1	1%	15	8%	11	6%	2	1%	9	5%	4	2%	11	6%	2	1%	5	3%	91	49%	36	19%	187	100%
Diversidade e Gênero	-	-	3	5%	1	2%	-	-	3	5%	3	5%	-	-	4	7%	3	5%	29	51%	11	19%	57	100%
Estudos Críticos e Teoria Crítica	1	1%	14	10%	3	2%	-	-	3	2%	4	3%	8	6%	2	1%	6	4%	65	47%	32	23%	138	100%
Formas de Gestão	-	-	8	8%	6	6%	-	-	5	5%	2	2%	12	12%	2	2%	3	3%	42	41%	23	22%	103	100%
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	4	1%	32	6%	34	7%	2	0,4%	23	5%	10	2%	21	4%	24	5%	15	3%	232	47%	99	20%	496	100%
Institucionalização e Campos	4	6%	1	1%	5	7%	-	-	2	3%	1	1%	2	3%	-	-	3	4%	41	58%	12	17%	71	100%
Redes e Confiança	-	-	6	6%	5	5%	-	-	5	5%	3	3%	1	1%	3	3%	2	2%	46	48%	25	26%	96	100%
Temas de Outras Áreas	1	3%	2	6%	2	6%	-	-	1	3%	1	3%	2	6%	2	6%	1	3%	19	58%	2	6%	33	100%
Teoria, Método, Epistême e Produção Científica	2	1%	10	7%	10	7%	-	-	13	9%	2	1%	11	7%	2	1%	4	3%	56	37%	41	27%	151	100%
Terceiro Setor e Responsabilidade Social	1	1%	5	7%	3	4%	-	-	1	1%	2	3%	-	-	3	4%	1	1%	31	41%	29	38%	76	100%
TOTAL GERAL	17	1%	111	6%	107	6%	7	0,4%	80	4%	41	2%	82	5%	69	4%	66	4%	846	47%	365	20%	1791	100%

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

Não houve ocorrência sobre o tema *Institucionalização e Campos* na RAC-e e a RAUSP, no período considerado de análise. A RAC-e, especificamente, devido ao ano de seu lançamento ser apenas em 2007, ainda não publicou artigos relacionados a temas diversos. Mais da metade de sua produção (72%) referem-se aos temas *Comportamento Organizacional* e *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*.

O tema *Diversidade e Gênero* não foi pesquisado pela BAR, RAC-e e RAP. Da mesma maneira, nestes dois últimos periódicos, não houve incidência de artigos referentes ao tema *Terceiro Setor e Responsabilidade Social*. A BAR também não apresentou artigos relacionados aos temas *Formas de Gestão* e *Redes e Confiança*. Este fato chama a reflexão, uma vez que se trata de um periódico com o objetivo de atender à necessidade de ampliar e internacionalizar a difusão do conhecimento produzido pela comunidade científica brasileira. Ainda, todos os temas são mais publicados no EnANPAD em detrimento do EnEO. Contudo, percebe-se que 58% dos *Temas de Outras Áreas* também são mais publicados no EnANPAD. O EnEO, mesmo sendo um evento temático da própria área de Estudos Organizacionais, teve a ocorrência de 2 artigos.

Conforme Tabela 6, percebe-se o caráter plural, devido à grande diversidade de temas publicados, dos periódicos O&S, RAC, RAE-e, RAE e REAd. A Tabela 7 demonstra mais detalhadamente o número de artigos que exploram cada tema, por veículo de comunicação, nos três períodos de análise.

De maneira geral, tanto a Tabela 6 quanto a Tabela 7 evidenciam o impacto dos eventos na disseminação do conhecimento no campo de Estudos Organizacionais. O EnANPAD apresenta caráter mais pluralista. Já o EnEO realiza-se em torno de temas centrais; daí o grande incremento quantitativo entre o segundo e o terceiro período, cujo tema central foi *Apropriando teoria e prática, deslocando o centro*.

Já com relação aos periódicos, a maior concentração de artigos no tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* pode ser explicada devido ao fato da O&S, no terceiro período, ter publicado uma edição com grande volume de artigos referentes à análise de experiências empresariais. Embora, conforme editorial, esta posição não tenha sido premeditada, mas uma convergência no tempo de artigos neste foco que estavam no processo de avaliação. Outro fato que contribuiu para tal ocorrência foram as publicações da RAE no primeiro período, cujos artigos se voltaram mais para profissionais de gestão e onde foi disponibilizado uma coletânea de artigos sobre ética apresentados no Congresso de Ética, Negócios e Economia na América Latina. Também, no segundo período, a aproximação com o mundo empresarial se deu por meio de parcerias com as Editoras Atlas e Saraiva e com a PrinceWaterhouseCoopers (PWC).

A BAR e a RAC foram os periódicos que mais publicaram artigos sobre o tema *Institucionalização e Campos*, devido ao fato de no terceiro período, a BAR ter realizado um fórum sobre teoria institucional. A RAC, por meio de edições especiais, publicou os artigos divulgados na BAR, de modo a garantir, pontuação aos autores.

Conforme demonstra a Tabela 7, artigos abordando o tema *Comportamento Organizacional* foram mais publicados pela RAC (27 artigos), fato que pode ser explicado pelo privilégio dado ao tema práxis organizacional, no segundo período de análise, assim como uma seção dedicada à produção acadêmica sobre *Aprendizagem Organizacional e Comprometimento Organizacional*. A RAE também desenvolveu um fórum sobre *Comportamento Organizacional*, fato que explica o grande volume de artigos sobre o tema no terceiro período de análise.

TABELA 7 NÚMERO DE ARTIGOS PUBLICADOS POR TEMA, VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO E PERÍODO

TEMA PERÍODO	PERIÓDICOS																								EVENTOS								TOTAL GERAL												
	BAR				O&S				RAC				RAC-e				RAE				RAE-e				RAP				RAUSP					REAd				EnANPAD				EnEO			
	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T		1º	2º	3º	T								
Comportamento Organizacional	-	-	3	3	4	4	7	15	5	13	9	27	-	-	3	3	3	4	8	15	-	1	8	9	7	3	4	14	5	11	9	25	2	5	16	23	25	75	94	194	-	23	32	55	383
Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	-	-	1	1	-	10	5	15	3	6	2	11	-	-	2	2	1	7	1	9	-	1	3	4	1	7	3	11	1	-	1	2	2	1	2	5	16	33	42	91	-	13	23	36	187
Diversidade e Gênero	-	-	-	-	-	1	2	3	-	-	1	1	-	-	-	-	-	1	2	3	-	1	2	3	-	-	-	-	1	3	-	4	-	-	3	3	1	8	20	29	-	1	10	11	57
Estudos Críticos e Teoria Crítica	-	-	1	1	-	6	8	14	-	1	2	3	-	-	-	-	2	-	1	3	5	-	4	4	1	5	2	8	1	1	-	2	-	1	5	6	7	22	36	65	-	10	22	32	138
Formas de Gestão	-	-	-	-	1	3	4	8	-	1	5	6	-	-	-	-	1	1	3	5	-	-	2	2	2	5	5	12	2	-	-	2	1	-	2	3	5	18	19	42	-	4	19	23	103
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	-	-	4	4	9	11	12	32	9	8	17	34	-	-	2	2	11	8	4	23	-	6	4	10	5	9	7	21	5	12	7	24	2	4	9	15	45	77	110	232	-	29	70	99	496
Institucionalização e Campos	-	-	4	4	-	-	1	1	-	1	4	5	-	-	-	-	-	2	2	2	-	-	1	1	-	1	1	2	-	-	-	-	-	1	2	3	2	17	22	41	-	5	7	12	71
Redes e Confiança	-	-	-	-	-	3	3	6	-	1	4	5	-	-	-	-	-	5	5	5	-	1	2	3	1	-	-	1	-	-	3	3	-	-	2	2	5	17	24	46	-	9	16	25	96
Temas de Outras Áreas	-	-	1	1	-	2	-	2	-	-	2	2	-	-	-	-	-	1	1	1	-	1	-	1	-	1	1	2	-	2	-	2	-	-	1	1	1	10	8	19	-	1	1	2	33
Teoria, Método, Epistême e Produção Científica	-	-	2	2	2	5	3	10	1	5	4	10	-	-	-	-	1	4	8	13	-	-	2	2	1	6	4	11	1	-	1	2	1	2	1	4	12	20	24	56	-	14	27	41	151
Terceiro Setor e Responsabilidade Social	-	-	1	1	1	1	3	5	1	1	1	3	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	2	2	-	-	-	-	-	2	1	3	-	1	-	1	5	18	8	31	-	7	22	29	76
TOTAL GERAL	-	-	17	17	17	46	48	111	19	37	51	107	-	-	7	7	19	25	36	80	-	11	30	41	18	37	27	82	16	31	22	69	8	15	43	66	124	315	407	846	-	116	249	365	1791

FONTE: dados primários da pesquisa

A O&S, RAC, RAE e RAP são os periódicos que mais se preocuparam com avaliações do estado da arte em Administração, propiciando reflexões para todos aqueles envolvidos com a produção de conhecimento no campo. A criação da seção *Documento* da RAC e da RAE confirmam tal episódio. Neste contexto, o tema *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica* foi mais evidenciado por estes respectivos periódicos. Especificamente, a RAE foi a que mais publicou sobre o tema (13 artigos), fato que pode ser explicado devido ao fórum, realizado no terceiro período, que explorou a questão dos paradoxos, isto é, controvérsias geradas pelo surgimento de tantas teorias explicativas do fenômeno organizacional.

4.1.2 Perspectivas epistemológicas dos artigos

As contribuições de Turner (2002) a respeito do funcionalismo na sociologia é um fato interessante para ser comparado com os Estudos Organizacionais brasileiros. O funcionalismo foi a primeira e a principal perspectiva da sociologia na década de 1950 nos Estados Unidos. Contudo, hoje, segundo o autor, o funcionalismo está virtualmente morto, exceto por poucos teóricos que continuam trabalhando nesta tradição.

Levando em consideração que a sociologia é tão recente quanto a administração, percebe-se que aquela já logrou consolidar razoável cabedal teórico. Isto ainda não aconteceu na área de Estudos Organizacionais no Brasil, pois o funcionalismo ainda é a perspectiva epistemológica predominante. Contudo, o que se estuda não é o funcionalismo de Merton e Parsons, que muito tem a contribuir para os Estudos Organizacionais.

Os dados confirmam que, semelhante ao trabalho de Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), a produção em Estudos Organizacionais ainda é essencialmente funcionalista (43,0%), conforme Gráfico 5. Contudo, para aquele trabalho, o percentual era de 80,3%. Assim como Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), para a classificação dos artigos se utilizou concepção ampla do conceito de funcionalismo. Assim enquadram-se neste paradigma desde trabalhos em que o autor desenvolve de forma consciente os conceitos de estrutura e função até os que o fazem de forma inconsciente, frouxa e com baixo grau de interligação.

Conforme Gráfico 5, o presente estudo demonstra que, embora o funcionalismo ainda seja perspectiva epistemológica dominante (43,0%), a área de Estudos Organizacionais tem sido marcada por transformações, devido à incorporação de novas perspectivas epistemológicas, como: estudos críticos (324 artigos, 18,1%), teoria crítica (126 artigos, 7%) e estruturacionismo (113 artigos, 6,3%). Estudos que adotam a perspectiva interpretativista hoje correspondem a 18,1% (324 artigos). Em contrapartida, abordagens deterministas e objetivistas como a estruturalista chegam a 7,4% (133 artigos).

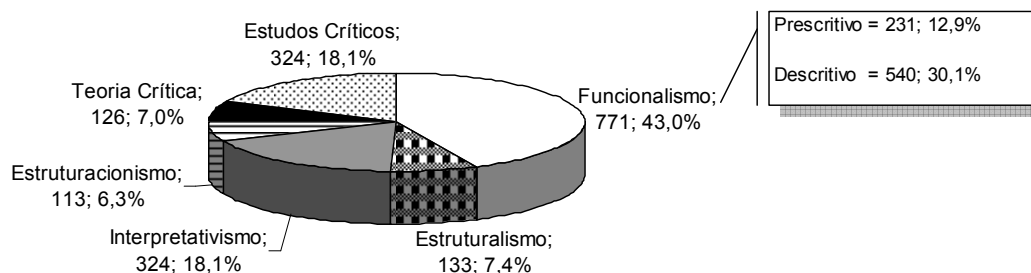


GRÁFICO 5 PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS DOS ARTIGOS

FONTE: dados primários da pesquisa

No Gráfico 5, verifica-se que dos 43,0% de estudos funcionalistas, 30,1% são tratados com enfoque mais descritivo e 12,9% prescritivo. Os estudos descritivos podem ter sido a maioria (540 artigos), devido à grande incidência de estudos de caso como método de abordagem qualitativa, cujo objetivo é explorar e relatar práticas organizacionais, e em muitas vezes narrar casos de sucesso.

Concorda-se com Hassard, Toneli e Alcadipani (2000) e Wood Jr. (2001b) que ainda há os que praticam e estudam o mundo organizacional, apresentando soluções simples para problemas complexos, continuando a proliferar as “receitas de bolo” e casos de sucesso. Sabe-se que a proliferação de práticas gerenciais deu-se por meio de escolas de administração, como também via consultorias. Consequência: produção científica, muitas vezes, irrelevante, carente de conteúdo sério e reflexivo e de abordagens coerentes que ajudem a estudar as organizações.

Apesar de a tendência descritiva ter-se acentuado nos últimos anos em detrimento da orientação prescritiva, conforme Gráfico 6, é preciso atentar para que

pesquisas descritivas bem desenvolvidas não acabem servindo de ferramenta prescritiva, contradizendo Mintzberg (1983), pois o pragmatismo leva ao reducionismo. Em conformidade com Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), também é preciso evitar o prescritivismo, a fim de alcançar o “*status*” de ciência social.

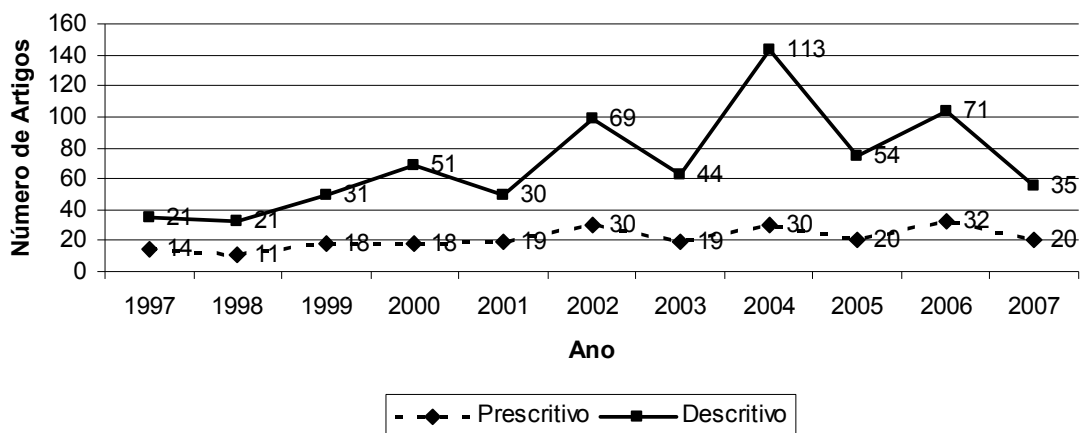


GRÁFICO 6 EVOLUÇÃO DO FUNCIONALISMO COM ENFOQUE PRESCRITIVO vs. DESCRITIVO
 FONTE: dados primários da pesquisa

Percebe-se, no Gráfico 6, que nos anos de realização do EnEO, anos pares a partir do ano 2000, o enfoque descritivo se acentuava em detrimento do enfoque prescritivo. Para efeito de comparação, no ano de 2004, o número de artigos publicados com o enfoque descritivo foi 277% superior ao número de artigos prescritivos.

A análise da evolução das perspectivas epistemológicas pode ser verificada na Tabela 8, representada pelo número de artigos e a percentagem respectiva de cada perspectiva epistemológica em cada período de análise considerado.

Pode-se dizer, como atenuante, que a análise da evolução mostra ligeira queda do funcionalismo e ascensão das demais perspectivas epistemológicas.

Conforme Tabela 8, o funcionalismo está, gradativamente, perdendo posição. No primeiro período, representava 52%, passando para 44% no segundo período; chega a 40% da produção total do terceiro período. Do primeiro para o terceiro período, houve decréscimo de 23,08%. De maneira contrária, o interpretativismo, teve aumento gradativo entre o primeiro e terceiro períodos, respectivamente, 15%, 17% e 19%. O incremento quantitativo de 26,67% dos estudos interpretativistas garante a crescente atenção dada aos aspectos subjetivos da organização.

TABELA 8 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS EM CADA PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA POR PERÍODO

Perspectiva Epistemológica	1º Período		2º Período		3º Período		Total Geral	%
	T	%	T	%	T	%		
Funcionalismo	116	52%	280	44%	375	40%	771	43,0%
Estruturalismo	16	7%	49	8%	68	7%	133	7,4%
Interpretativismo	33	15%	109	17%	182	19%	324	18,1%
Estruturacionismo	16	7%	36	6%	61	7%	113	6,3%
Teoria Crítica	11	5%	32	5%	83	9%	126	7,0%
Estudos Críticos	29	13%	127	20%	168	18%	324	18,1%
Total	221	100%	633	100%	937	100%	1791	100%

FONTE: dados primários da pesquisa

Já o estruturalismo e o estruturacionismo permaneceram praticamente estáveis, ambos representando 7% no primeiro e terceiro período, enquanto as perspectivas críticas tiveram maior impacto no campo. A Teoria Crítica foi a perspectiva epistemológica que mais proliferou no campo de Estudos Organizacionais, representando aumento de 80% do primeiro para o terceiro período. Da mesma maneira, os estudos críticos, aumentaram 38,46% em relação à produção total do campo de Estudos Organizacionais.

Para melhor elucidar a evolução das perspectivas epistemológicas dos artigos, no Gráfico 7 se pode visualizar a porcentagem correspondente a cada perspectivas epistemológica nos onze anos de análise deste estudo.

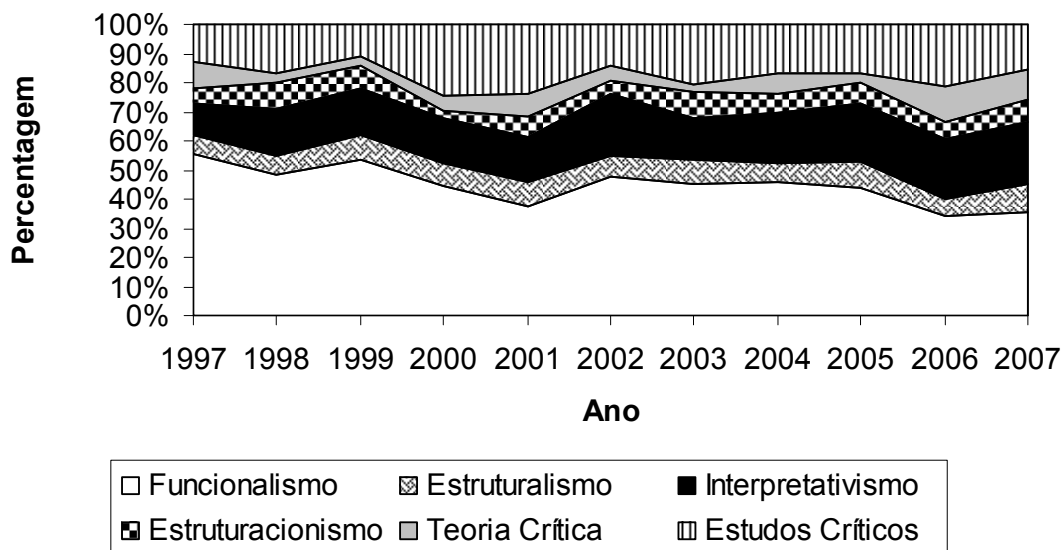


GRÁFICO 7 EVOLUÇÃO DAS PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS POR ANO

FONTE: dados primários da pesquisa

Ao que parece, o campo de Estudos Organizacionais vem passando por contestações no que se refere a visões ortodoxas, como o funcionalismo. Tal fato já havia sido percebido por Pereira et al (2006), sendo confirmado no presente estudo.

Um aspecto interessante, levantado por Leitão e Lameira (2005), resume-se no quão incomum é no campo da administração pública os pesquisadores mostrarem consciência do paradigma que os orienta em seu trabalho. Tal fato também se confirmou no presente estudo para a área de Estudos Organizacionais. Aproximadamente, em apenas 4% dos trabalhos foi especificada a perspectiva epistemológica. Sabe-se que para aqueles que seguem o paradigma tradicional, identificar-se como tal não é comportamento comum. Contudo, ao encontro das ideias de Leitão e Lameira (2005), tanto o desconhecimento da visão que se tem quanto o apego aos seus pressupostos induzem uma postura conservadora.

Esta inconsciência que se tem da postura epistêmica adotada é parte do problema da falta de qualidade dos trabalhos publicados na área, uma vez que qualidade pode ser avaliada, entre outras características, pelas perspectivas epistemológicas, teorias e conceitos de base. Neste sentido, se um pesquisador deve fazer uso de uma estrutura que oriente seu projeto de pesquisa desde a identificação da postura epistemológica, até os procedimentos de coleta e análise dos dados que fundamentam a sua postura filosófica, em face do objeto de pesquisa (CRESWELL, 2003), há que se questionar a qualidade do que se produz inconscientemente.

Além disso, cumpre atentar para o fato das consciências distorcidas dos pressupostos de uma abordagem ou teoria. Isto foi evidenciado no presente estudo com a teoria institucional, ora sendo tratada por determinados enfoques, ora por outro, e com as abordagens críticas. A teoria crítica especificamente, além de pouco difundida, muitas vezes não é devidamente utilizada. Percebe-se grande confusão entre teoria crítica e estudos críticos, muitos até mesmo confundem e tratam dos conceitos como sinônimos, recorrendo a ambas as tradições.

Da mesma maneira que a inconsciência, as consciências distorcidas refletem na qualidade do que se produz.

4.1.2.1 Perspectivas epistemológicas e veículos de comunicação dos artigos

Diante das perspectivas epistemológicas assumidas pelos artigos, assim como sua representação no campo de Estudos Organizacionais, importa conhecer quais são os canais de comunicação disseminadores de tais perspectivas.

Neste caso, construíram-se duas tabelas: a Tabela 9 demonstra os resultados do ponto de vista de cada perspectiva epistemológica; já na Tabela 10, é possível perceber o percentual a partir da publicação total de cada veículo de comunicação.

TABELA 9 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA E POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA	PERIÓDICOS														EVENTOS				TOTAL GERAL	%				
	BAR		O&S		RAC		RAC-e		RAE		RAE-e		RAP		RAUSP		REAd				EnANPAD		EnEO	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%			Total	%	Total	%
Funcionalismo	7	0,9%	31	4,0%	61	7,9%	4	0,5%	42	5,4%	13	1,7%	18	2,3%	54	7,0%	29	3,8%	381	49,4%	131	17,0%	771	100%
Estruturalismo	2	1,5%	6	4,5%	13	9,8%	-	-	3	2,3%	5	3,8%	8	6,0%	4	3,0%	10	7,5%	56	42,1%	26	19,5%	133	100%
Interpretativismo	1	0,3%	38	11,7%	9	2,8%	2	0,6%	11	3,4%	5	1,5%	17	5,2%	3	0,9%	10	3,1%	162	50,0%	66	20,4%	324	100%
Estruturacionismo	7	6,2%	5	4,4%	11	9,7%	1	0,9%	2	1,8%	4	3,5%	2	1,8%	-	-	1	0,9%	63	55,8%	17	15,0%	113	100%
Teoria Crítica	-	-	4	3,2%	2	1,6%	-	-	6	4,8%	5	4,0%	10	7,9%	1	0,8%	6	4,8%	47	37,3%	45	35,7%	126	100%
Estudos Críticos	-	-	27	8,3%	11	3,4%	-	-	16	4,9%	9	2,8%	27	8,3%	7	2,2%	10	3,1%	137	42,3%	80	24,7%	324	100%
TOTAL GERAL	17	0,9%	111	6,2%	107	6,0%	7	0,4%	80	4,5%	41	2,3%	82	4,6%	69	3,9%	66	3,7%	846	47,2%	365	20,4%	1791	100%

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

A Tabela 9 demonstra que a RAC e a RAUSP são os periódicos que mais publicam artigos funcionalistas (7,9% e 7,0% respectivamente). Entretanto, a RAC também é o periódico que mais publica artigos estruturalistas (9,8%), assim como estruturacionistas (9,7%), o que demonstra a preocupação dos editores da revista, em disseminar conhecimento, a partir de diversos enfoques epistemológicos, a fim de resolver as novas questões que se vão colocando na análise organizacional e para superar as limitações da análise organizacional ortodoxa. Já artigos interpretativistas e estudos críticos são mais publicados pela O&S (11,7% e 8,3% respectivamente). Verifica-se que a RAP é o periódico que mais privilegia artigos com base nas perspectivas críticas, sendo 8,3% dos estudos críticos e 7,9% da teoria crítica. Embora o EnANPAD tenha predominância sobre o EnEO, percebe-se distribuição equitativa de estudos com base na teoria crítica (37,3% e 35,7% respectivamente). Tal fato pode ter ocorrido, devido ao evento realizado em 2000, 2002 e 2006 terem privilegiado primeiro a fragmentação e a identidade do campo de Estudos Organizacionais no país; segundo, o indivíduo nas organizações e nos

estudos de poder; e terceiro, por debates em torno de diferentes perspectivas teóricas, sempre considerando a centralidade do contexto nacional.

A Tabela 10 apresenta o percentual de estudos, a fim de demonstrar a predominância de perspectivas epistemológicas em relação ao total da publicação de cada veículo de comunicação.

TABELA 10 PERCENTUAL DE ARTIGOS PUBLICADOS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO E POR PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA

PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA	PERIÓDICOS																EVENTOS						TOTAL GERAL
	BAR		O&S		RAC		RAC-e		RAE		RAE-e		RAP		RAUSP		REAd		EnANPAD		EnEO		
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	
Funcionalismo	7	41%	31	28%	61	57%	4	57%	42	53%	13	32%	18	22%	54	78%	29	44%	381	45%	131	36%	771
Estruturalismo	2	12%	6	5%	13	12%	-	-	3	4%	5	12%	8	10%	4	6%	10	15%	56	7%	26	7%	133
Interpretativismo	1	6%	38	34%	9	8%	2	29%	11	14%	5	12%	17	21%	3	4%	10	15%	162	19%	66	18%	324
Estruturacionismo	7	41%	5	5%	11	10%	1	14%	2	3%	4	10%	2	2%	-	-	1	2%	63	7%	17	5%	113
Teoria Crítica	-	-	4	4%	2	2%	-	-	6	8%	5	12%	10	12%	1	1%	6	9%	47	6%	45	12%	126
Estudos Críticos	-	-	27	24%	11	10%	-	-	16	20%	9	22%	27	33%	7	10%	10	15%	137	16%	80	22%	324
TOTAL GERAL	17	100%	111	100%	107	100%	7	100%	80	100%	41	100%	82	100%	69	100%	66	100%	846	100%	365	100%	1791

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

A Tabela 10 demonstra que 41% da produção da BAR é voltada para artigos com bases estruturacionistas e funcionalistas. Fato interessante é que não houve publicações de artigos com base crítica. O mesmo ocorreu na RAC-e, além de também não ter havido trabalhos estruturalistas. Já na RAUSP, não houve ocorrência de trabalhos na perspectiva estruturacionista.

A RAUSP tem predominância marcante de artigos funcionalistas (78%), ao passo que a O&S e a RAP são os únicos periódicos cuja perspectiva epistemológica dominante não é o funcionalismo. Na O&S, os estudos interpretativistas são os mais representativos, totalizando 34% da produção total do periódico. Já a RAP teve maior receptividade aos estudos críticos (33% das publicações).

A RAC e a RAE, embora consideradas ecléticas em relação aos temas, tendem a publicar artigos funcionalistas: 57% e 53% respectivamente. Contudo, os estudos críticos já representam 20% da produção total da RAE, fato que demonstra o interesse em superar os limites do paradigma funcionalista por meio de uma perspectiva crítica de pesquisa. O mesmo acontece com a RAE-e: os estudos funcionalistas representam 32% e estudos críticos 22%. Entretanto, é o periódico com distribuição mais uniforme entre as perspectivas epistemológicas consideradas na análise.

Embora existam extremos, o predomínio funcionalista ocorre em praticamente todos os periódicos, fato que não deixou de ser verdade com relação aos eventos. No EnANPAD, estudos funcionalistas representam 45%. A baixa representatividade da perspectiva da teoria crítica (6%), deve-se ao fato de que apenas no ano de 2007 o EnANPAD criou uma área temática (EOR-C) a fim de estimular a produção científica sob a perspectiva da teoria crítica em Estudos Organizacionais. Já no EnEO a distribuição é mais equitativa entre a perspectiva funcionalista (36%) e a de estudos críticos (22%). Tal ocorrência pode ser explicada por este espaço ter privilegiado a interação com outros campos disciplinares, em busca de mútua fecundação, e também por propiciar debates em torno de diferentes perspectivas, que honram a tradição intelectual brasileira, considerando a centralidade do nosso contexto.

Em relação ao predomínio funcionalista, ressalte-se o enfoque dado a esta perspectiva epistemológica, podendo ser mais prescritivo ou mais descritivo. A Tabela 11 demonstra o percentual de artigos sob cada um dos dois enfoques funcionalistas e por veículo de comunicação.

TABELA 11 PERCENTUAL DE ARTIGOS DOS ENFOQUES FUNCIONALISTAS POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

FUNCIONALISMO	PERIÓDICOS																EVENTOS				TOTAL GERAL	%		
	BAR		O&S		RAC		RAC-e		RAE		RAE-e		RAP		RAUSP		REAd		EnANPAD				EnEO	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%			Total	%
Prescritivo	4	2%	-	-	30	13%	2	1%	20	9%	5	2%	7	3%	30	13%	6	3%	99	43%	28	12%	231	100%
Descritivo	3	1%	31	6%	31	6%	2	0,4%	22	4%	8	1%	11	2%	24	4%	23	4%	282	52%	103	19%	540	100%
TOTAL GERAL	7	1%	31	4%	61	8%	4	1%	42	5%	13	2%	18	2%	54	7%	29	4%	381	49%	131	17%	771	100%

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

Na Tabela 10, é possível perceber que, entre os periódicos, a RAC e a RAUSP são as duas revistas com maior percentual de estudos funcionalistas com enfoque prescritivo (13% respectivamente). Fato interessante é percebido na O&S: não apresentou tal enfoque. Conforme Tabela 10, os 28% dos trabalhos funcionalistas que a O&S publicou são com enfoque descritivo. Já com relação aos eventos, o EnANPAD tende a publicar mais estudos prescritivos (43%) do que o EnEO (12%), embora os dois espaços tenham, predominantemente, mais estudos descritivos do que prescritivos: 52% e 19% respectivamente.

Para melhor elucidar tal representatividade, no Gráfico 8 se pode visualizar o percentual de trabalhos com enfoques prescritivos e descritivos nos periódicos e eventos.

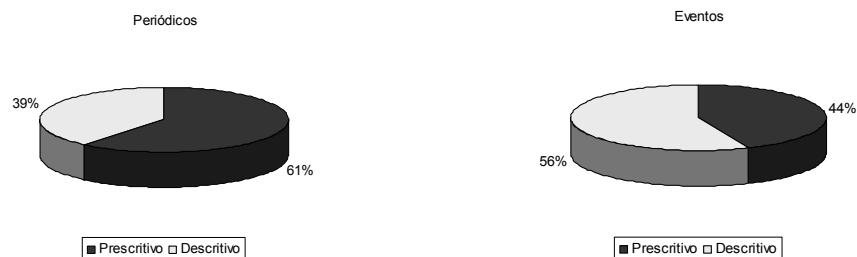


GRÁFICO 8 PERCENTUAL DE ENFOQUES FUNCIONALISTAS POR PERIÓDICOS E EVENTOS
 FONTE: dados primários da pesquisa

Os dados demonstram que nos periódicos a predominância é de artigos funcionalistas sob o enfoque prescritivo: 61%. Já nos eventos a predominância é de estudos funcionalistas sob o enfoque descritivo (56%), devido ao impacto dos trabalhos apresentados no EnEO.

Diante de tal quadro, e em conformidade com Bertero (2007c), conclui-se que os editores de revistas científicas assim como avaliadores e organizadores de eventos, podem ser considerados *gatekeepers*, garantindo que os trabalhos publicados tragam efetivamente contribuição científica para o campo de Estudos Organizacionais. São eles os agentes de mudança, capazes de impedir a publicação de artigos “fracos”, epistemologicamente falando, além de estimular e motivar a pesquisa sob a diversidade epistemológica disponível, que de fato marque inovação teórica e novas ideias e intuições, pois aquilo que se produz é aprovado e publicado, contribui para a construção do conhecimento na área de Estudos Organizacionais.

4.1.3 Temas e perspectivas epistemológicas adotados pelos artigos

Sabe-se que, conforme Casali (2004), um tema, quando estudado por diversos paradigmas, oferece uma perspectiva diferente do fenômeno sob investigação gerando uma variedade de possibilidades de pesquisa.

Neste sentido, a Tabela 12 apresenta a frequência e o percentual dos temas utilizados em cada perspectiva epistemológica considerada dentro de cada um dos três períodos analisados.

Verifica-se na Tabela 12 que 69% dos estudos de *Comportamento Organizacional* e 59% dos estudos de *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* são tratados sob uma perspectiva funcionalista. Nesta perspectiva os temas são fruto da ação gerencial planejada. Em conformidade com Silva et al (1986), tais temas, sob esta perspectiva, podem ser considerados como orientados para problemas e envolvidos em prover soluções práticas e contribuir para o funcionamento equilibrado, mantendo as organizações em operação. Analisando a evolução em cada período, percebe-se que o tema *Comportamento Organizacional* tende a ser pesquisado dentro do funcionalismo, pois houve aumento considerável entre o primeiro e o terceiro período (278%). Contudo, proporcionalmente ao crescimento das pesquisas interpretativistas sobre o tema, ao que parece, este dado tende a mudar, pois o terceiro período apresentou aumento de 333% com relação às pesquisas do primeiro período. O mesmo acontece com o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*.

Fato interessante ocorreu sobre o tema *Terceiro Setor e Responsabilidade Social*, que foi estudado sob todas as perspectivas consideradas neste estudo; porém com predominância na perspectiva funcionalista (45%). Ao que parece, alguns pesquisadores vêm tratando o tema *Responsabilidade Social* como opção de investimento e incremento da competitividade. Além disso, parecem acreditar ser relevante uma abordagem gerencialista para o Terceiro Setor, aspecto que vem recebendo desaprovação pelos estudos críticos, ao alegarem inapropriação de conceitos da teoria organizacional tradicional para a gestão de organizações não governamentais. Tal fato foi levantado por Santos et al (2006) e ratificado no presente estudo, ao se observar o aumento gradativo dos estudos críticos entre os três períodos analisados, representando 3%, 11% e 16% respectivamente.

TABELA 12 PERCENTUAL DE ARTIGOS PESQUISADOS POR TEMA, PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA E PERÍODO

TEMA	PERÍODO	PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA																								TOTAL GERAL																								
		FUNCIONALISTA				ESTRUTURALISTA				INTERPRETATIVISTA				ESTRUTURACIONISTA				TEORIA CRÍTICA				ESTUDOS CRÍTICOS																												
		1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T																									
Comportamento Organizacional		36	98	129	263	1	2	3	6	12	32	48	92	2	3	5	10	-	1	-	1	-	3	8	11	9%	26%	34%	69%	0.3%	1%	1%	2%	3%	8%	13%	24%	1%	1%	1%	3%	-	0.3%	-	0%	-	1%	2%	3%	383
Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas		8	14	20	42	-	5	-	5	7	31	41	79	4	9	4	17	2	2	4	8	3	17	16	36	4%	7%	11%	22%	-	3%	-	3%	4%	17%	22%	42%	2%	5%	2%	9%	1%	1%	2%	4%	2%	9%	9%	19%	187
Diversidade e Gênero		-	1	5	6	-	-	-	-	-	2	12	14	-	-	1	1	-	1	4	5	2	11	18	31	-	2%	9%	11%	-	-	-	-	-	4%	21%	25%	-	-	2%	2%	-	2%	7%	9%	2	11	18	31	57
Estudos Críticos e Teoria Crítica		2	7	2	11	-	1	3	4	1	5	11	17	-	1	4	5	1	10	28	39	7	22	33	62	1%	5%	1%	8%	-	1%	2%	3%	1%	4%	8%	12%	-	1%	3%	4%	1%	7%	20%	28%	5%	16%	24%	45%	138
Formas de Gestão		5	12	13	30	-	-	7	7	2	5	5	12	-	1	2	3	2	2	18	22	3	12	14	29	5%	12%	13%	29%	-	-	7%	7%	2%	5%	5%	12%	-	1%	2%	3%	2%	2%	17%	21%	3%	12%	14%	28%	103
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais		58	98	137	293	9	12	25	46	7	22	43	72	6	11	7	24	3	7	13	23	3	14	21	38	12%	20%	28%	59%	2%	2%	5%	9%	1%	4%	9%	15%	1%	2%	1%	5%	1%	1%	3%	5%	1%	3%	4%	8%	496
Institucionalização e Campos		-	5	7	12	-	10	9	19	-	1	2	3	2	5	21	28	-	-	-	-	-	4	5	9	-	7%	10%	17%	-	14%	13%	27%	-	1%	3%	4%	3%	7%	30%	39%	-	-	-	-	-	6%	7%	13%	71
Redes e Confiança		3	16	32	51	2	12	11	25	1	1	8	10	-	2	7	9	-	-	1	1	-	-	-	-	3%	17%	33%	53%	2%	13%	11%	26%	1%	1%	8%	10%	-	2%	7%	9%	-	-	1%	1%	-	-	-	-	96
Temas de Outras Áreas		1	7	9	17	-	2	1	3	-	2	2	4	-	1	2	3	-	1	-	1	-	4	1	5	3%	21%	27%	52%	-	6%	3%	9%	-	6%	6%	12%	-	3%	6%	9%	-	3%	-	3%	-	12%	3%	15%	33
Teoria, Método, Episteme e Produção Científica		-	6	6	12	2	3	6	11	3	5	5	13	2	2	7	11	3	8	12	23	9	32	40	81	-	4%	4%	8%	1%	2%	4%	7%	2%	3%	3%	9%	1%	1%	5%	7%	2%	5%	8%	15%	6%	21%	26%	54%	151
Terceiro Setor e Responsabilidade Social		3	16	15	34	2	2	3	7	-	3	5	8	-	1	1	2	-	-	3	3	2	8	12	22	4%	21%	20%	45%	3%	3%	4%	9%	-	4%	7%	11%	-	1%	1%	3%	-	-	4%	4%	3%	11%	16%	29%	76
TOTAL GERAL		116	280	375	771	16	49	68	133	33	109	182	324	16	36	61	113	11	32	83	126	29	127	168	324	6%	16%	21%	43%	1%	3%	4%	7%	2%	6%	10%	18%	1%	2%	3%	6%	1%	2%	5%	7%	2%	7%	9%	18%	1791

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

O impacto dos estudos críticos podem estar trazendo novas reflexões ao campo, pois, do segundo para o terceiro período, os estudos funcionalistas sobre o tema *Terceiro Setor* decaíram em 5%, ao passo que os estudos críticos tiveram aumento de 45% em relação ao número de artigos pesquisados sobre o tema.

Conforme a Tabela 12, o tema *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas* tem sido tratado com maior representatividade na perspectiva interpretativista (42%). Tal ocorrência pode ser explicada pelo fato de que pesquisadores estão começando a acreditar que a cultura não seja gerenciável, mas interpretada e influenciada por aspectos subjetivos da vida em sociedade sobre os processos organizacionais e administrativos, trazendo a ideia de que os atores sociais possuem graus de agência, ideia esta já levantada por Rossini et al (2001) e ratificada no presente estudo. O tema teve aumento de 450% entre o primeiro e terceiro período. De maneira geral, a predominância interpretativista deste tema vai ao encontro das ideias de Caldas e Vergara (2005), cujo objetivo foi esclarecer que certos temas aparecem para contrapor-se ao objetivismo exacerbado, e até certo ponto limitante, do funcionalismo. Esta afirmação pode ser observada ao considerar que no primeiro período de análise, os estudos funcionalistas e interpretativistas representavam praticamente o mesmo percentual (4%). Contudo, no segundo período, esta diferença passou a ser de 143%. No terceiro período, entretanto, esta diferença caiu 30%. Diante desse decréscimo do último período, fica comprometida a afirmação de que a tendência é o tema continuar sendo predominantemente pesquisado sobre o enfoque interpretativista.

Na Tabela 12, verifica-se que o tema *Diversidade e Gênero* é predominantemente estudado na perspectiva dos estudos críticos (54%). Entretanto, o tema também é tratado pela perspectiva funcionalista (11%), sendo considerado como potencial fonte de vantagem competitiva. No primeiro período, não houve incidência de artigos na perspectiva funcionalista. Contudo, do segundo para o terceiro período houve aumento de 350% na produção de artigos. Da mesma maneira, porém para contrabalançar o crescimento dos estudos funcionalistas, na perspectiva interpretativista o tema teve crescimento 21,43% maior que os estudos funcionalistas. Não houve ocorrência de estudos que abordem o tema sob a perspectiva estruturalista e apenas 2% dos artigos foram tratados com base na perspectiva estruturacionista, a partir do terceiro período.

Os subtemas de *Estudos Críticos e Teoria Crítica* são fundamentalmente pesquisados na perspectiva dos estudos críticos (45%), assim como na perspectiva da teoria crítica (28%). Dentro da teoria crítica, a produção, que no primeiro período era de apenas 1%, no terceiro período passou a ser de 20%, sendo o tema com maior crescimento no campo entre o primeiro e terceiro períodos (1900%). Embora, ontologicamente diferentes, os subtemas mais abordados pelas duas perspectivas lidam com questões como: exploração, repressão, relações de poder, e os sistemas de controle a serviço das organizações, dominação e disciplina, críticas ao sofrimento humano e administração da subjetividade, a partir de uma perspectiva psicossocial, assim como a questão da emancipação e da autonomia dos indivíduos e grupos sociais, conforme já evidenciado por Paula e Klechen (2007) e ratificado no presente estudo. A perspectiva interpretativista também aborda subtemas relacionados a *Estudos Críticos e Teoria Crítica*, representando considerável participação no campo (12% da produção total do tema).

De maneira geral, o tema *Formas de Gestão* tem uma distribuição mais equitativa entre as perspectivas funcionalista (29%), estudos críticos (28%) e teoria crítica (21%), conforme Tabela 12. Juntas as perspectivas críticas têm predominância, e a tendência é um crescimento maior nestas duas perspectivas em detrimento do funcionalismo. Do segundo para o terceiro período, as perspectivas funcionalista, estudos críticos e teoria crítica tiveram crescimento de 8,33%, 16,67% e 800% respectivamente. Ao que parece, o tema antes visto de uma perspectiva mais gerencialista, hoje o interesse maior está sendo para questões da racionalidade como base de gestão nas organizações, sobretudo para agir em prol da emancipação do homem no espaço social do trabalho e como proposta de sociedade que visa resgatar os valores humanitários, conforme levantado por Serva (1997) e confirmado no presente estudo.

De acordo com a Tabela 12, verifica-se que o tema *Institucionalização e Campos* foi pesquisado fundamentalmente sob a perspectiva estruturacionista (39%). Esta perspectiva foi a única a pesquisar o tema desde o primeiro período. Contudo, a partir do segundo período, os estudos estruturalistas passaram a representar 14%, porém com decréscimo de 7,14% no terceiro período, enquanto a perspectiva estruturacionista teve aumento de 328,57% do segundo para o primeiro período. Tal fato pode ser explicado pelos pressupostos teóricos de este paradigma dar suporte ao tema, ao abordar as propriedades estruturais, como condições de

reprodução de sistemas sociais, realizada por agentes, o que influencia no estendimento de instituições ao longo do espaço e do tempo. O tema não foi pesquisado sob o enfoque da teoria crítica.

Mais da metade dos artigos que abordaram o tema *Redes e Confiança* foi pesquisado sob o funcionalismo (53%), conforme Tabela 12. O tema pesquisado sob esta perspectiva é abordado como uma forma organizacional de se manter e sobreviver para incremento da competitividade. Parece que o tema tende a ser pesquisado sob esta perspectiva, devido ao aumento gradativo da produção entre os três períodos (3%, 21% e 27% respectivamente). Já sob estruturalismo, o tema também foi pesquisado e representa 26% dos artigos analisados. Em conformidade com Vale et al (2006), neste paradigma, os pesquisadores visualizam a sociedade como estrutura de normas e valores que influenciam o comportamento das pessoas e o desempenho dos grupos e das organizações. Contudo, esta visão determinista, que não aborda o aspecto cognitivo do processo, parece não ser a tendência, pois houve decréscimo da produção em 15,38% do segundo para o terceiro período, ao passo que os estudos interpretativistas e estruturacionista tiveram aumento de 700% e 250% respectivamente. Não houve ocorrência de trabalhos na perspectiva de estudos críticos.

Ainda na Tabela 12, o tema *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica* foi predominantemente pesquisado sob as perspectivas críticas, sendo 54% nos estudos críticos e 15% na teoria crítica. Do primeiro para o terceiro período houve aumento proporcionalmente considerável do tema pesquisado sob os dois enfoques (333% e 300% respectivamente). Tal ocorrência, ao que parece, expressa a busca dos pesquisadores pela reflexão de perspectivas epistemológicas alternativas, contra o funcionalismo ortodoxo, para a análise das organizações. Da mesma maneira, buscam criticar - não na concepção destrutiva da palavra - as limitações dos métodos científicos tradicionais incapazes de apreender as contradições e conexões que compõem as organizações, conforme levantado por Naves et al (2000) e ratificado no presente trabalho.

Os temas não enquadrados dentro da área de Estudos Organizacionais são trabalhos que utilizam, predominantemente, a perspectiva funcionalista (52%). Ao que parece esta é uma tendência, uma vez que entre o primeiro e o terceiro períodos estes trabalhos representavam 3%, 21% e 27% respectivamente.

Especificamente para os trabalhos que utilizam a perspectiva epistemológica funcionalista, a Tabela 13, demonstra a frequência e a percentagem dos temas abordados sob os dois enfoques considerados, o prescritivo e o descritivo.

TABELA 13 PERCENTUAL DE ARTIGOS PESQUISADOS POR TEMA E PELOS ENFOQUES DO FUNCIONALISMO

TEMA PERÍODO	FUNCIONALISMO								TOTAL GERAL
	ENFOQUE PRESCRITIVO				ENFOQUE DESCRITIVO				
	1º	2º	3º	T	1º	2º	3º	T	
Comportamento Organizacional	16 6%*	40 15%	41 16%	97 37%	20 8%	58 22%	88 33%	166 63%	263 100%
Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	-	3 7%	5 12%	8 19%	8 19%	11 26%	15 36%	34 81%	42 100%
Diversidade e Gênero	-	-	1 17%	1 17%	-	1 17%	4 67%	5 83%	6 100%
Estudos Críticos e Teoria Crítica	-	3 27%	-	3 27%	2 18%	4 36%	2 18%	8 73%	11 100%
Formas de Gestão	2 7%	2 7%	3 10%	7 23%	3 10%	10 33%	10 33%	23 77%	30 100%
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	20 7%	25 9%	42 14%	87 30%	38 13%	73 25%	95 32%	206 70%	293 100%
Institucionalização e Campos	-	-	-	-	-	5 42%	7 58%	12 100%	12 100%
Redes e Confiança	2 4%	2 4%	3 6%	7 14%	1 2%	14 27%	29 57%	44 86%	51 100%
Temas de Outras Áreas	1 6%	3 18%	2 12%	6 35%	-	4 24%	7 41%	11 65%	17 100%
Teoria, Método, Epistême e Produção Científica	-	2 17%	2 17%	4 33%	-	4 33%	4 33%	8 67%	12 100%
Terceiro Setor e Responsabilidade Social	2 6%	6 18%	3 9%	11 32%	1 3%	10 29%	12 35%	23 68%	34 100%
TOTAL GERAL	43 6% 19%	86 11% 37%	102 13% 44%	231 30% 100%	73 9% 14%	194 25% 36%	273 35% 51%	540 70% 100%	771 100%

* Percentuais em relação ao total da linha

** Percentuais em relação ao total da coluna

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

FONTE: dados primários da pesquisa

De maneira geral, na Tabela 13, verifica-se que todos os temas explorados sob o funcionalismo adotaram enfoque mais descritivo do que prescritivo. Dentro de cada tema, este dado representa mais de 60% do que se produziu. Interessa

perceber que dos estudos funcionalistas sobre o tema *Institucionalização e Campos*, 100% foram tratados sob o enfoque descritivo. Este enfoque procura conhecer e explicar a realidade como se apresenta, sem modificá-la.

Sob outro ângulo, dos 231 artigos publicados com enfoque prescritivo, 80% são relacionados ao tema *Comportamento Organizacional e Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* (42% e 38% respectivamente). Esta tendência, que se confirmou em cada período, pode ter ocorrido pela percepção dos pesquisadores em acharem esses temas passíveis de esquemas de atuação, formulando assim “receitas” gerencialistas.

Para verificar quem são os geradores do conhecimento do campo de Estudos Organizacionais, o próximo tópico apresenta o perfil de participação de cada autor considerado no período de análise deste trabalho.

4.1.4 Perfil de participação dos autores no campo

Como já é sabido, a área dos Estudos Organizacionais apresentou incremento quantitativo significativo, com maior número de artigos e conseqüentemente, maior número de pesquisadores. Na Figura 8 é possível verificar os sinais desta transformação.

O crescimento da produção anual, bem como o número de autores com publicação em cada ano, é notável. Em anos de realização do EnEO, este número aumenta ainda mais. Os anos 2004 e 2006, por exemplo, alcançaram os maiores índices de participação de pesquisadores na área: 19,2% e 16,4% respectivamente. O número de autorias, por sua vez, reforça esses dados e indica maior colaboração entre os pesquisadores. Em média 1,9 autores por artigo.

Não é objetivo deste trabalho discutir questões de gênero, mas apenas para efeito de ilustração: dos 1.583 autores do campo, 809 são do sexo masculino (51,11%) e 774 do sexo feminino (48,89%).

ESTATÍSTICAS DE ARTIGOS, AUTORES E AUTORIA				
Ano	Artigos	Autores	%	Autoria
1997	63	88	5,6%	101
1998	66	78	4,9%	124
1999	92	97	6,1%	168
2000	156	117	7,4%	244
2001	131	107	6,8%	251
2002	207	183	11,6%	388
2003	139	105	6,6%	253
2004	312	304	19,2%	649
2005	168	132	8,3%	347
2006	303	260	16,4%	638
2007	154	112	7,1%	320
Total	1791	1583	100%	3483

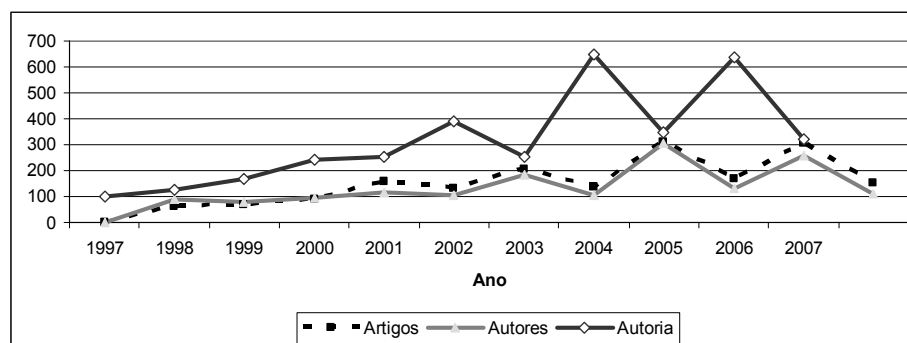


FIGURA 8 CRESCIMENTO DA ÁREA DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

FONTE: dados primários da pesquisa

Para maiores esclarecimentos sobre a contribuição dos autores, foi realizada uma categorização tomando como base toda a atividade do pesquisador, ao longo dos anos pesquisados, considerando o volume e a regularidade de sua publicação, conforme indicado por Guarido Filho (2008). Esse procedimento resultou em uma classificação estática para o período, a qual é considerada adequada para os propósitos deste trabalho, já que considera a atividade agregada dos autores. A classificação do perfil de participação dos autores não deve ser considerada de maneira estanque definitiva; só é assim aqui no trabalho para melhor compreensão.

Assim, tomando como base as categorias sugeridas por Braun, Glänzel, Schubert (2001); Gordon (2007) e Guarido Filho (2008), os pesquisadores foram classificados em: continuantes, transientes, *one-timers*, entrantes e retirantes, conforme Tabela 14.

TABELA 14 DISTRIBUIÇÃO DE PESQUISADORES SEGUNDO CATEGORIAS DE PRODUÇÃO

CATEGORIA	AUTORES	%	DESCRIÇÃO
CONTINUANTES	91	5,7%	Mais de uma publicação em 5 ou mais anos diferentes e ao menos uma nos últimos 3 anos
TRANSIENTES	207	13,1%	Mais de uma publicação distribuídas ao longo do período em não mais do que 4 anos diferentes, sendo ao menos uma nos últimos 3 anos e ao menos uma em anos anteriores
ONE-TIMERS	1030	65,1%	Apenas uma única publicação em todo o período analisado
ENTRANTES	76	4,8%	Mais de uma publicação em um ou mais anos diferentes nos últimos três anos (exclusivamente)
RETIRANTES	179	11,3%	Mais de uma publicação em um ou mais anos diferentes, mas sem publicações nos últimos 3 anos
TOTAL	1583	100%	

FONTE: dados primários da pesquisa

O primeiro aspecto que chama atenção nessa classificação é a grande quantidade de *one-timers*, que totalizaram 1.030 autores, o que representa 65,1% da quantidade total de autores no campo. Tal fato representa única inserção destes pesquisadores na área de Estudos Organizacionais. Em contrapartida, têm-se os continuantes totalizando 91 autores, apenas 5,7% do volume total. Esta categoria representa autores que produzem novos artigos com certa regularidade. Embora em proporções bastante distintas quanto ao volume de pesquisadores no campo, ambas as categorias participaram de grande número de trabalhos publicados: 40,5% e 48,6% respectivamente, conforme Tabela 15.

De conformidade com Guarido Filho (2008), o alto volume de *one-timers* pode trazer uma imagem negativa ao campo, uma vez que demonstra pouco comprometimento com a sua estruturação, já que se trata de publicações isoladas. Contudo, no futuro, estes autores podem retornar ao campo com novas publicações, sendo reclassificados como entrantes ou transientes. É provável que trabalhos publicados por autores dessa categoria sejam fruto de dissertações de mestrado, a fim de atender às pressões institucionais. Ademais, tal hipótese precisa ser confirmada. Positivamente, em conformidade com Guarido Filho (2008), os autores desta categoria podem representar o tecido do campo, revelando porta de entrada e atratividade para explicação de fenômenos organizacionais, estimulando assim sua expansão e visibilidade. Ademais, verificar-se-á adiante a contribuição destes autores com temas e perspectivas epistemológicas para o campo.

Os dados da Tabela 15 demonstram que a categoria dos continuantes é a que apresenta maior média de envolvimento em trabalhos, com produtividade total igual a 11,8, superior às demais categorias. Condizente os resultados apresentados por Guarido Filho (2008), a categoria dos transientes também se destaca, uma vez que 207 pesquisadores estão ligados a 693 artigos produzidos na área, cuja produtividade total (3,3) é superior aos entrantes (2,5), retirantes (2,8) e *one-timers*

(1,0). Ambas as categorias, continuantes e transientes, representam assim as bases de sustentação e continuidade da pesquisa na área de Estudos Organizacionais, fato já levantado por Guarido Filho (2008) e corroborado no presente estudo.

TABELA 15 REPRESENTATIVIDADE DAS CATEGORIAS DE PRODUÇÃO E CONTINUIDADE

	CONTINUANTES	TRANSIENTES	ONE-TIMERS	ENTRANTES	RETIRANTES	TOTAL
Autores	5,7% (91)	13,1% (207)	65,1% (1030)	4,8% (76)	11,3% (179)	1583
Autorias em Artigos	1076	693	1030	189	495	3483
Artigos com Participação	48,6% (870)	32,8% (587)	40,5% (725)	8,7% (156)	22,6% (405)	1791
Períodos com Produção	100% (11)	100% (11)	100% (11)	20% (3)	72,73% (8)	11

Obs.: *Autorias em Artigos* contabiliza a presença de autores nos trabalhos produzidos. Já o indicador *Artigos com Participação* considera o número de publicações em que os autores das diferentes categorias contribuíram. Pelo fato de muitos artigos possuírem mais de um autor, e de diferentes categorias, o somatório desses indicadores é superior ao número total de artigos ou autores no campo. Foram considerados os anos de 1997 a 2007 para o cálculo das proporções.

Fonte: dados primários da pesquisa

Os dados da Tabela 16 revelam concentração de publicações em número reduzido de autores. Ao se dispor os autores mais prolíficos no campo, visualiza-se também esse aspecto com a existência de pesquisadores com volume de produção muito superior aos demais. Vale reforçar o papel dos continuantes nesse quadro, já que 100% deles estão entre os 46 mais produtivos.

Na Tabela 16 é possível verificar a diferença entre os autores quanto ao volume de artigos que produziram na área. Clóvis L. Machado-da-Silva é o autor mais prolífico da área de Estudos Organizacionais, com produção de 35 artigos. Na sequência, nota-se um pequeno conjunto de autores com 30 ou mais artigos, outro conjunto de autores com 20 ou mais artigos, e um grupo maior cuja produção é superior a 10 artigos. Estes dados demonstram que dos 1.583 pesquisadores com alguma atividade no campo ao longo dos onze anos investigados, apenas 2,9% deles estiveram envolvidos em dez ou mais artigos publicados. A lista completa da classificação dos autores pode ser verificada no apêndice A.

TABELA 16 PESQUISADORES MAIS PROLÍFICOS (10 OU MAIS ARTIGOS PUBLICADOS)

AUTOR	CAT.	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	TOTAL
1° Clóvis L. Machado-da-Silva	C	1	3	4	4	4	1	3	4	3	6	2	35
2° Sylvia Constant Vergara	C	3	2	-	6	4	4	4	3	3	2	2	33
3° Marcelo Milano Falcão Vieira	C	2	3	2	3	2	-	4	6	5	5	-	32
4° Miguel P. Caldas	C	2	5	4	3	3	4	1	1	6	2	-	31
5° Antonio Virgilio Bittencourt Bastos	C	3	2	3	4	1	2	1	4	3	3	4	30
6° Neusa Rolita Cavedon	C	-	-	1	1	1	4	1	4	4	6	2	24
7° Eduardo Davel	C	-	-	1	3	2	3	1	2	3	5	3	23
8° Tomas de Aquino Guimarães	C	-	2	1	1	3	3	1	3	3	2	4	23
9° Thomaz Wood Jr.	C	2	3	2	4	3	4	-	1	1	2	-	22
10° Alexandre de Pádua Carriari	C	-	1	1	2	3	1	3	1	4	1	4	21
11° Cristina Amélia Carvalho	C	-	1	3	2	3	-	3	3	5	1	-	21
12° Jairo Eduardo Borges-Andrade	C	-	2	4	3	3	3	2	1	3	-	-	21
13° João Marcelo Crubellate	C	-	2	2	1	2	2	3	1	3	1	3	20
14° Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo	C	1	-	-	2	1	1	1	4	3	4	3	20
15° Mozar José de Brito	C	2	-	-	-	3	1	1	3	2	4	2	18
16° Flávio Carvalho de Vasconcelos	C	-	-	-	1	1	2	3	5	2	2	1	17
17° Rafael Alcadipani	C	-	-	1	5	2	1	3	3	-	-	1	16
18° Tânia Fischer	C	-	-	3	2	5	-	1	1	1	2	1	16
19° Elizabeth Loliola	C	-	-	1	1	2	4	1	3	-	1	2	15
20° José Henrique de Faria	C	-	-	1	3	3	2	-	2	-	2	2	15
21° José Roberto Gomes da Silva	C	-	-	-	1	1	3	2	3	1	2	2	15
22° Isabella F. Freitas Gouveia de Vasconcelos	C	-	-	-	1	-	1	3	5	1	2	1	14
23° Maria José Tonelli	C	1	-	-	2	2	5	1	2	-	-	1	14
24° Sergio Proença Leitão	C	-	1	2	1	2	1	1	2	1	2	1	14
25° Arménio Rego	T	-	-	-	-	-	5	4	3	-	-	1	13
26° Eloise Helena Livramento Dellagnelo	C	-	1	-	2	-	-	2	3	2	2	1	13
27° Gelson Silva Junquillo	C	-	1	-	-	1	2	2	3	1	2	1	13
28° Hermano Roberto Thiry Cherques	C	1	-	1	-	1	3	1	2	-	2	2	13
29° Mônica Carvalho Alves Cappelle	C	-	-	-	-	3	2	1	2	2	2	1	13
30° Rosimeri Carvalho da Silva	C	-	-	-	2	1	1	1	3	1	3	1	13
31° Alketa Peci	C	-	-	2	1	1	1	3	1	2	1	-	12
32° Alvaro Tamayo	C	-	1	2	1	1	2	1	2	1	-	1	12
33° Ana Paula Paes de Paula	C	-	-	-	1	2	4	-	2	-	1	2	12
34° André Ofenhejm Mascarenhas	C	-	-	-	-	-	2	-	5	1	2	2	12
35° Hilka Vier Machado	C	-	-	1	1	2	1	1	2	1	3	-	12
36° Lúcio Flávio Renault de Moraes	C	-	-	2	2	2	2	1	-	1	1	1	12
37° Maria Luisa Mendes Teixeira	C	-	-	-	-	-	1	1	2	2	5	1	12
38° Zilá P. Mesquita	C	-	1	-	2	1	2	1	2	1	1	1	12
39° Charles Kirschbaum	T	-	-	-	-	-	-	-	2	1	5	3	11
40° José Luis Felício dos Santos de Carvalho	C	-	-	-	-	2	2	-	3	1	3	-	11
41° Maria Ceci A. Misoczky	C	-	-	-	2	1	1	1	2	2	1	1	11
42° Suzana Braga Rodrigues	C	1	-	1	2	2	1	-	2	2	-	-	11
43° Antônio Luiz Marques	C	-	-	2	1	1	1	-	1	1	1	2	10
44° Darcy Mitiko Mori Hanashiro	C	-	-	-	-	-	1	1	3	2	1	2	10
45° Maurício Serva	C	2	-	-	1	1	1	-	2	-	3	-	10
46° Sueli Goulart	C	-	-	-	-	1	2	2	2	2	1	-	10

Fonte: dados primários da pesquisa

4.1.5 Perfil de participação dos autores e temas adotados nos artigos

A Tabela 17 demonstra o percentual de autores em cada perfil de participação e relacionado ao tema de pesquisa.

TABELA 17 PERCENTUAL DE AUTORES POR TEMA E PERFIL DE PUBLICAÇÃO

TEMA \ PERFIL	Continuantes		Transientes		One-Timers		Entrantes		Retirantes		TOTAL GERAL	%
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
Comportamento Organizacional	185	24%	181	23%	245	32%	28	4%	135	17%	774	100%
Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	145	41%	58	16%	85	24%	26	7%	43	12%	357	100%
Diversidade e Gênero	41	31%	29	22%	34	25%	7	5%	23	17%	134	100%
Estudos Críticos e Teoria Crítica	113	41%	51	18%	53	19%	24	9%	35	13%	276	100%
Formas de Gestão	47	32%	26	18%	50	34%	10	7%	15	10%	148	100%
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	264	27%	183	19%	334	34%	52	5%	156	16%	989	100%
Institucionalização e Campos	70	50%	39	28%	12	9%	8	6%	10	7%	139	100%
Redes e Confiança	45	25%	36	20%	59	33%	15	8%	26	14%	181	100%
Temas de Outras Áreas	10	16%	11	18%	29	48%	6	10%	5	8%	61	100%
Teoria, Método, Epistême e Produção Científica	129	48%	44	16%	58	22%	8	3%	29	11%	268	100%
Terceiro Setor e Responsabilidade Social	27	17%	35	22%	71	46%	5	3%	18	12%	156	100%
TOTAL GERAL	1076	31%	693	20%	1030	30%	189	5%	495	14%	3483*	100%

* Pelo fato de muitos artigos possuírem mais de um autor, a somatória desses indicadores é superior ao número total de autores no campo.
Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

Fonte: dados primários da pesquisa

A Tabela 17 demonstra que temas considerados mais gerencialistas são pesquisados pelos *one-timers*: *Comportamento Organizacional* (32%) e *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* (34%). Entretanto, ratificando as ideias de Guarido Filho (2008), os autores desta categoria revelaram porta de entrada e atratividade para os seguintes temas: *Formas de Gestão* (34%), *Redes e Confiança* (33%) e *Terceiro Setor e Responsabilidade Social* (46%), estimulando assim sua expansão e visibilidade. Os temas referentes a outras áreas também são mais pesquisados por esta categoria (48%) e pela categoria dos transientes (18%). A categoria dos entrantes agrupa autores com mais de uma publicação nos últimos três anos; neste caso, ainda representa apenas 5% da produção total da área. Contudo, já representa 9% da produção dos *Estudos Críticos e Teoria Crítica*. Embora a categoria dos retirantes represente pesquisadores que não publicam há mais de três anos, sua contribuição total é considerável, representando 14%. Esta categoria contribuiu com 17% da produção sobre o tema *Diversidade e Gênero* e *Comportamento Organizacional* e 16% sobre o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*.

A categoria dos continuantes demonstra sua importância, ao pesquisarem temas que contribuíram para o desenvolvimento e diversidade do campo de Estudos Organizacionais: *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas* (41%), *Diversidade e Gênero* (31%), *Estudos Críticos e Teoria Crítica* (41%), *Institucionalização e Campos* (50%) e *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica* (48%). Enquanto a categoria dos *one-timers* pode representar expansão, a categoria dos continuantes representa as bases de sustentação, legitimação e continuidade da pesquisa no campo. A categoria dos transientes também contribuiu com 28% da produção do tema *Institucionalização e Campos* e 22% dos temas *Terceiro Setor e Responsabilidade Social* e *Diversidade e Gênero*.

4.1.6 Perfil de participação dos autores e perspectivas epistemológicas dos artigos

Ao se observar o cruzamento entre perfil de participação dos autores no campo e perspectivas epistemológicas, na Tabela 18, verifica-se que todas as categorias concentram mais autores com pesquisas sob a perspectiva funcionalista: continuantes, 32%; transientes, 43%, *one-timers*, 56%; entrantes, 37%; retirantes, 50%.

Embora 32% dos continuantes desenvolvam trabalhos sob a perspectiva funcionalista, percebe-se que a categoria vem procurando quebrar a hegemonia de tal tradição, ao contribuir com a proliferação de outras perspectivas epistemológicas. Nesta categoria, 28% dos autores desenvolvem trabalhos sob os estudos críticos e 18% sob a perspectiva interpretativista. O mesmo acontece com a categoria dos entrantes, onde 24% dos autores pesquisam com base nos estudos críticos e 18% sob a perspectiva interpretativista.

Já na categoria dos transientes, 20% dos autores desenvolvem trabalhos com base na perspectiva interpretativista e 17% nos estudos críticos. Mais da metade da categoria dos *one-timers* (56%) pesquisam sob a perspectiva funcionalista. Contudo, 15% dos autores desta categoria se concentram em trabalhos interpretativistas e 14% nos estudos críticos. Da mesma maneira, metade da categoria dos retirantes (50%) pesquisam sob o funcionalismo, 17% com base no interpretativismo e 15% nos estudos críticos.

TABELA 18 PERCENTUAL DE AUTORES POR PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA, PERFIL DE PARTICIPAÇÃO E POR PERÍODO

PERSPECTIVA PERFIL	Continuantes		Transientes		One-Timers		Entrantes		Retirantes		TOTAL GERAL	%
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
Funcionalista	347	32%* 23%**	297	43% 19%	579	56% 38%	69	37% 4%	247	50% 16%	1539	44% 100%
Estruturalista	80	7% 35%	45	6% 20%	64	6% 28%	10	5% 4%	31	6% 13%	230	7% 100%
Interpretativista	198	18% 32%	141	20% 23%	157	15% 26%	34	18% 6%	82	17% 13%	612	18% 100%
Estruturacionista	92	9% 46%	43	6% 21%	21	2% 10%	12	6% 6%	33	7% 16%	201	6% 100%
Teoria Crítica	62	6% 28%	47	7% 21%	68	7% 30%	18	10% 8%	30	6% 13%	225	6% 100%
Estudos Críticos	297	28% 44%	120	17% 18%	141	14% 21%	46	24% 7%	72	15% 11%	676	19% 100%
TOTAL GERAL %	1076	100% 31%	693	100% 20%	1030	100% 30%	189	100% 5%	495	100% 14%	3483***	100% 100%

* Percentuais em relação ao total da coluna

** Percentuais em relação ao total da linha

*** Pelo fato de muitos artigos possuírem mais de um autor, a somatória desses indicadores é superior ao número total de autores no campo

Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

Fonte: dados primários da pesquisa

Sob outro enfoque, a Tabela 18, demonstra que do total dos autores funcionalistas e de teoria crítica, a maioria se concentra na categoria dos *one-timers*: 38% e 30% respectivamente. Já com relação aos autores das outras perspectivas, 35% dos estruturalistas, 32% dos interpretativistas, 46% dos estruturacionistas e 44% dos autores de estudos críticos, pertencem à categoria dos continuantes.

A fim de se conhecer o tipo de enfoque funcionalista predominante nas categorias dos autores, a Tabela 19 demonstra o enfoque prescritivo e descritivo por perfil de publicação.

A Tabela 19 demonstra que os *one-timers* apresentam maior percentual tanto no funcionalismo com enfoque prescritivo (39%), quanto com enfoque descritivo (37%). A categoria dos continuantes e dos transientes, juntas, representam 38% dos estudos com enfoque prescritivo, demonstrando maior representatividade nos estudos com enfoque descritivo (43%).

TABELA 19 PERCENTUAL DE AUTORES SOB OS ENFOQUES DO FUNCIONALISMO E PERFIL DE PARTICIPAÇÃO

FUNCIONALISMO \ PERFIL	Continuantes		Transientes		One-Timers		Entrantes		Retirantes		TOTAL GERAL	%
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%		
Prescritivo	94	20%	84	18%	181	39%	18	4%	85	18%	462	100%
Descritivo	253	23%	213	20%	398	37%	51	5%	162	15%	1077	100%
TOTAL GERAL	347	23%	297	19%	579	38%	69	4%	247	16%	1539*	100%

* Pelo fato de muitos artigos possuírem mais de um autor, a somatória desses indicadores é superior ao número total de autores no campo
Obs.: Optou-se por efetuar o arredondamento dos percentuais para números inteiros

Fonte: dados primários da pesquisa

De maneira geral, a categoria dos *one-timers* e continuantes, uma vez que possui maior representatividade com relação ao número de autores e volume de artigos produzidos, muito influencia o campo em termos de escolha temática e perspectivas epistemológicas adotadas. Ademais, os continuantes desfrutam do *status* de continuidade devido à exploração atualizada das suas formulações. Os autores que têm continuidade, se desenvolveram ao longo dos anos, gerando conhecimento científico, com ideias mais robustas. Estão, logo, repercutindo permanentemente nas operações legítimas do campo; afinal suas posições paradigmáticas referendam a continuidade renovada da disciplina (FARIAS, 2007).

4.1.6.1 Perfil de participação dos autores e veículos de comunicação

A fim de se conhecer quais os veículos de comunicação por onde os estudos estão sendo disseminados, o Gráfico 9 apresenta o percentual de autores de cada categoria por periódicos.

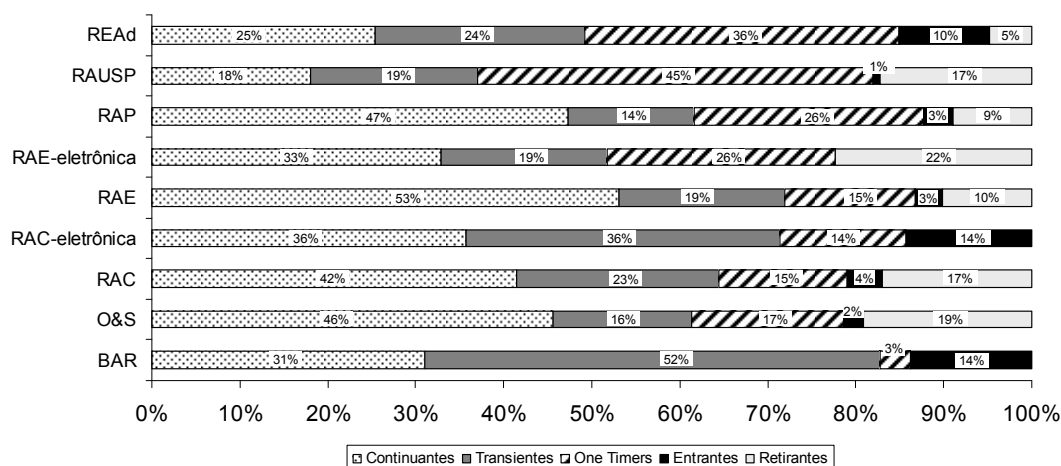


GRÁFICO 9 PERCENTUAL DE AUTORES POR PERIÓDICO

Fonte: dados primários da pesquisa

Conforme Gráfico 9, a RAE e a RAP são os periódicos com maior concentração de autores categorizados como continuantes (53% e 47% respectivamente). Tal aspecto demonstra a preferência dos autores com regularidade de publicação. Nesta categoria há autores com 5 até 35 publicações no período considerado. Já com relação à categoria dos transientes, a BAR e a RAC-eletrônica possuem maior concentração: 52% e 36% respectivamente. Nesta categoria, os autores também possuem certa regularidade de publicação, com autores publicando em 2 até 13 publicações dentro do período considerado. Na RAUSP e na REAd concentra-se a maioria dos autores denominados *one-timers* (45% e 36% respectivamente); são os autores com apenas uma publicação em todo o período considerado. Na BAR e na RAC-eletrônica concentra-se a maioria dos entrantes (14% respectivamente). Autores nesta categoria tiveram no mínimo 2 publicações nos últimos três anos do período considerado neste estudo (2005, 2006 e 2007). Nesta categoria, há autores com 2 publicações até 6 publicações nos últimos três anos. Já os retirantes, aqueles que, ao contrário dos entrantes, não publicaram nos últimos três anos do período considerado, concentram-se, coincidentemente, em duas revistas eletrônicas, RAE-e (22%) e RAC-e (17%). Nesta categoria, há autores com 2 até 8 publicações no período de 1997 a 2004.

Ao se verificar o perfil de publicação dos autores nos eventos, conforme Gráfico 10, percebe-se que o EnANPAD, possui maior concentração de autores, em todas as categorias, em comparação ao EnEO.

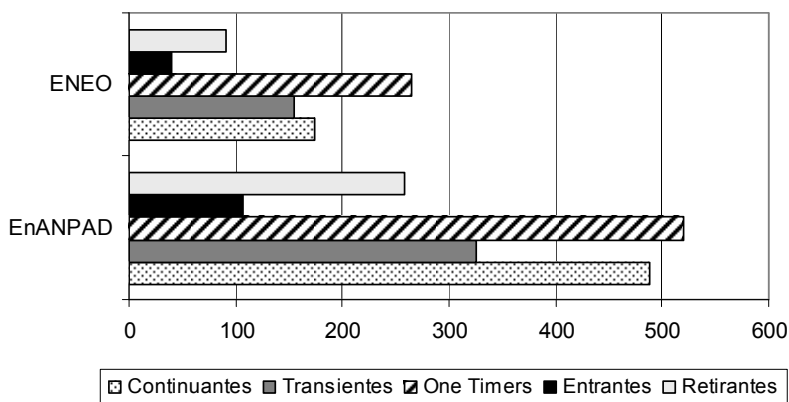


GRÁFICO 10 FREQUÊNCIA DE AUTORES POR EVENTO

Fonte: dados primários da pesquisa

Contudo, proporcionalmente ao crescimento de cada evento, o Gráfico 11 demonstra representatividade mais equitativa entre os dois eventos. A categoria dos continuantes representa 29% no EnANPAD e 24% no EnEO. No EnANPAD, a categoria dos transientes (19%) e *one-timers* (31%); no EnEO tais categorias representam maior volume de autores do que no EnANPAD: 21% e 37% respectivamente.

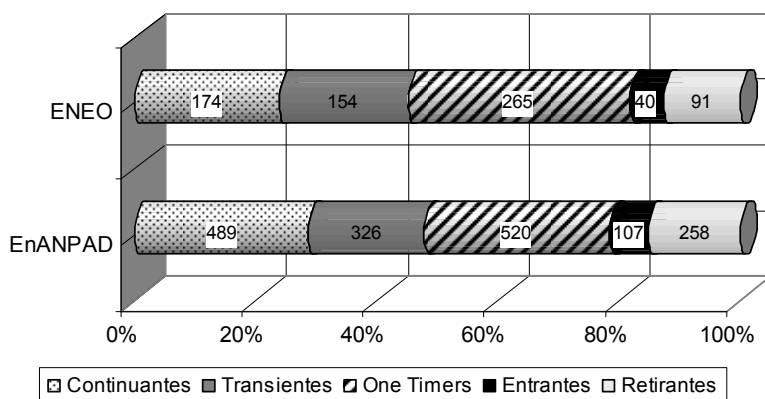


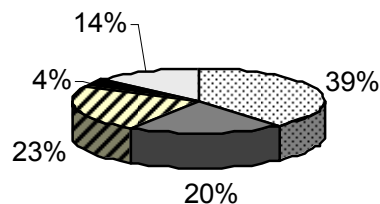
GRÁFICO 11 PERCENTUAL DE AUTORES POR EVENTO

Fonte: dados primários da pesquisa

De maneira geral, ao se verificar o perfil de publicação dos autores nos veículos de comunicação, conforme Gráfico 12, percebe-se que há maior concentração de continuantes nos periódicos (39%), em detrimento dos eventos (27%). O contrário acontece com o percentual de *one-timers*, que nos periódicos representa 23% e no EnANPAD 33%.

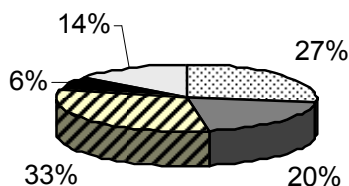
Esta diferença de 44% superior ao número de *one-timers* nos eventos pode estar confirmando a hipótese de que os trabalhos publicados por autores dessa categoria sejam fruto de dissertações de mestrado, a fim de atender às pressões institucionais. Como se sabe, o trabalho publicado em anais constitui produção provisória e, regra geral, requer melhorias para sua transformação em artigo a ser submetido a um periódico. A pouca atenção dada a tal fato pela categoria dos *one-timers* pode ser corroborada no presente estudo.

Periódicos



■ Continuantes ■ Transientes ▨ One Timers ■ Entrantes □ Retirantes

Eventos



■ Continuantes ■ Transientes ▨ One Timers ■ Entrantes □ Retirantes

GRÁFICO 12 PERCENTUAL DE AUTORES POR VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO

Fonte: dados primários da pesquisa

A próxima seção empenha-se na tarefa de sintetizar as principais constatações relativas à análise dos dados realizadas até aqui, procurando evidenciar os principais elementos que promovem resposta adequada ao problema de pesquisa que orientou este trabalho.

4.2 ESTRUTURAÇÃO DO CAMPO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS NO BRASIL

Os resultados das análises efetuadas neste estudo fornecem evidências que aprofundam o entendimento da estruturação do campo de Estudos Organizacionais no Brasil, por meio da análise temática, epistemológica, perfil de publicação dos autores nacionais e veículo de comunicação, no período compreendido entre 1997 e 2007. Nesta seção, resgatam-se as principais evidências da análise dos dados que fornecem resposta adequada ao problema de pesquisa orientador do estudo.

Os Estudos Organizacionais podem ser definidos como uma série de conversações que ajudam a constituir os sistemas sociais por meio de perspectivas epistemológicas, métodos e suposições (CLEGG e HARDY, 1998). Sistema social são as “relações reproduzidas entre atores ou coletividades, organizadas como práticas sociais regulares” (GIDDENS, 2003, p. 29; MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Para entender estas relações reproduzidas entre os atores do campo, utilizou-se teoria institucional, que considera estrutura, interpretação e agência sendo os elementos mais importantes da institucionalização de práticas e estabilização dos sistemas sociais (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

O elemento estrutura forneceu o conjunto de regras e recursos implicados na reprodução de práticas de pesquisa. No presente estudo, os veículos de comunicação em que os artigos foram publicados são considerados *estrutura*, pois a partir do que se privilegia em cada periódico e evento, assim influenciará a construção do conhecimento do campo. O elemento “interpretação” deu suporte para entender como os pesquisadores interpretam sua realidade e projetam seus estudos considerando as suas escolhas temáticas e epistemológicas. Os esquemas interpretativos sendo um conjunto de ideias, crenças e valores, dão ordem e coerência às estruturas e sistemas. São eles que fornecem orientação às atividades de pesquisa (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e FERNANDES, 2000). Já o elemento “agência” forneceu suporte para explicar a capacidade dos pesquisadores de fazerem algum efeito, ao conduzirem pesquisas que gerem conhecimento para a área de Estudos Organizacionais. Este efeito foi verificado pela busca da legitimidade do conhecimento por meio da regularidade de produção.

Neste contexto, se reconhece que as crenças e os valores do que é legitimamente aceito no campo de Estudos Organizacionais é construído a partir de relações sociais que conformam a visão de ciência dos autores (FUCHS, 1993; LEYDESDORFF, 2007). Da mesma maneira, parte-se do pressuposto de que a escolha temática, epistemológica e o perfil de publicação dos autores tanto influenciam, quanto são influenciados pelas práticas institucionalizadas de pesquisa, refletindo na construção do conhecimento científico.

Com base nesses pressupostos, apresentam-se quatro tabelas sintéticas da predominância temática, epistemológica, perfil de publicação e veículo de comunicação.

Primeiramente, cabe ressaltar que o campo de pesquisa em Estudos Organizacionais no Brasil apresentou grande crescimento nos últimos anos. Do primeiro para o terceiro período houve incremento quantitativo de 324% no volume de artigos publicados.

Observou-se que dos 1791 artigos analisados, onze temas estruturam o campo de Estudos Organizacionais, conforme Tabela 20. *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* é o tema mais pesquisado no campo, representando 28% da produção total. De todos os artigos que abordam o tema, 59% é sob a perspectiva funcionalista. Desses estudos funcionalistas, 70% do que se produziu foi sob o enfoque descritivo. A RAUSP é o periódico que mais publica sobre o tema: 5% do que se produz sobre o tema, concentra-se nessa revista. O tema representa 47% da produção total do EnANPAD. A categoria dos *one-timers* é categoria de autores que mais publica sobre o tema, representando 34% dos autores do campo.

TABELA 20 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA TEMÁTICA

TEMA	REPRESENTATIVIDADE NO CAMPO	PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA		ENFOQUE FUNCIONALISTA		PERIÓDICO		EVENTO		PERFIL DE PUBLICAÇÃO	
	Total	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Comportamento Organizacional	21%	Funcionalista	69%	Descritivo	63%	RAUSP/RAC	7%	EnANPAD	51%	One-Timers	32%
Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas	10%	Interpretativista	42%	Descritivo	81%	O&S	8%	EnANPAD	49%	Continuantes	41%
Diversidade e Gênero	3%	Estudos Críticos	54%	Descritivo	83%	RAUSP	7%	EnANPAD	51%	Continuantes	31%
Estudos Críticos e Teoria Crítica	8%	Estudos Críticos	45%	Descritivo	73%	O&S	10%	EnANPAD	47%	Continuantes	41%
Formas de Gestão	6%	Funcionalista	28%	Descritivo	77%	RAP	12%	EnANPAD	41%	One-Timers	32%
Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	28%	Funcionalista	59%	Descritivo	70%	RAUSP	5%	EnANPAD	47%	One-Timers	34%
Institucionalização e Campos	4%	Estruturacionista	39%	Descritivo	100%	RAC	7%	EnANPAD	58%	Continuantes	50%
Redes e Confiança	5%	Funcionalista	53%	Descritivo	86%	O&S	6%	EnANPAD	48%	One-Timers	33%
Temas de Outras Áreas	2%	Funcionalista	52%	Descritivo	65%	O&S/RAC/RAP/RAUSP	6%	EnANPAD	58%	One-Timers	48%
Teoria, Método, Episteme e Produção Científica	8%	Estudos Críticos	54%	Descritivo	67%	RAE	9%	EnANPAD	37%	Continuantes	48%
Terceiro Setor e Responsabilidade Social	4%	Funcionalista	45%	Descritivo	68%	O&S	7%	EnANPAD	41%	One-Timers	46%

Fonte: dados primários da pesquisa

A Tabela 20 também demonstra que os temas *Comportamento Organizacional*, *Formas de Gestão*, *Redes e Confiança*, *Temas de Outras áreas* e *Terceiro Setor* também são mais pesquisados sobre a perspectiva funcionalista, com enfoque mais descritivo do que prescritivo. Já *Diversidade e Gênero*, *Estudos Críticos e Teoria Crítica* e *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica* são mais estudados sob os estudos críticos. Um único tema é mais estudado sob a perspectiva interpretativista e estruturacionista: 42% do que se produz sobre o tema *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas*, fundamenta-se perspectiva interpretativista. E 39% do que se produz sobre *Institucionalização e Campos*, fundamenta-se na perspectiva estruturacionista. Com

relação aos periódicos, os temas *Diversidade e Gênero* e *Comportamento Organizacional*, são mais pesquisados pela RAUSP. *Comportamento Organizacional* também é mais pesquisado pela RAC, além de *Institucionalização e Campos*. Do total da produção sobre o tema *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica*, 9% é pesquisado pela RAE. Do percentual de produção dos temas, 8% sobre *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas*, 10% sobre *Estudos Críticos e Teoria Crítica*, 7% sobre *Terceiro Setor e Responsabilidade Social* e 6% sobre *Redes e Confiança* são publicados pela O&S. A maior parte do que vem publicado sobre todos os temas, é mais divulgado no EnANPAD do que no EnEO. Com relação ao perfil dos autores que mais publicam sobre os temas, a categoria dos continuantes é a que mais publica sobre os temas: *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas, Diversidade e Gênero, Estudos Críticos e Teoria Crítica, Institucionalização e Campos* e *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica*. Os demais temas são mais pesquisados pelos *one-timers*.

A partir das perspectivas epistemológicas, conforme Tabela 21, é possível concluir que a perspectiva funcionalista é a mais representativa do campo, fundamentando 43% da produção total dos artigos. Do total dos artigos funcionalistas, 38% trata do tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. Dos estudos funcionalistas, 30% dos trabalhos utiliza mais o enfoque descritivo. Do total dos estudos com este enfoque, 42% aborda o tema *Comportamento Organizacional*. Já o enfoque prescritivo representa 13% da produção dos estudos funcionalistas. Destes estudos, 38% lida com o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. A RAUSP é o periódico que mais publica artigos com base funcionalista. Dos estudos descritivos, 6% está concentrado na O&S. O EnANPAD é o evento responsável por 49% dos estudos funcionalistas. Os *one-timers* formam a categoria de autores que mais desenvolve trabalhos sob o enfoque funcionalista, representando 38% do total de autores.

TABELA 21 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA EPISTEMOLÓGICA

PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS	REPRESENTATIVIDADE NO CAMPO	TEMA		PERIÓDICO		EVENTO		PERFIL DE PUBLICAÇÃO	
	Total	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Funcionalista	43%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	38%	RAUSP	7%	EnANPAD	49%	One-Timers	38%
enfoque: prescritivo	13%	Comportamento Organizacional	42%	RAC/RAUSP	13%	EnANPAD	43%	One-Timers	39%
enfoque: descritivo	30%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	38%	O&S	6%	EnANPAD	52%	One-Timers	37%
Estruturalista	7%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	35%	RAC	10%	EnANPAD	42%	Continuantes	35%
Interpretativista	18%	Comportamento Organizacional	28%	O&S	12%	EnANPAD	50%	Continuantes	32%
Estruturacionista	6%	Institucionalização e Campos	25%	RAC	10%	EnANPAD	56%	Continuantes	46%
Teoria Crítica	7%	Estudos Críticos e Teoria Crítica	31%	RAP	8%	EnANPAD	37%	One-Timers	30%
Estudos Críticos	18%	Teoria, Método, Episteme e Produção Científica	25%	O&S/RAP	8%	EnANPAD	42%	Continuantes	44%

Fonte: dados primários da pesquisa

Ainda na Tabela 21, verifica-se que as pesquisas com base no estruturalismo e teoria crítica representam 7% da produção total respectivamente. Estudos interpretativistas e estudos críticos, representam 18% do total da produção do campo. O tema mais pesquisado dentro do enfoque estruturalista é *Gestão de Organização e Práticas Gerenciais*. Dentro da teoria crítica, é *Estudos Críticos e Teoria Crítica*. Já nos estudos interpretativistas, 28% trata do tema *Comportamento Organizacional*. Na perspectiva dos estudos críticos, 25% do que se produz trata do tema *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica*. Os estudos desenvolvidos com base na perspectiva estruturacionista representam 6% da produção total. Deste total, 25% dos estudos abordam o tem *Institucionalização e Campos*. Dos estudos funcionalistas com enfoque prescritivo, 13% da produção é publicada na RAC e RAUSP respectivamente. Dos estudos com base na perspectiva estruturalista e estruturacionista, 10% da produção é publicada pela RAC. Das pesquisas fundamentadas na teoria crítica e estudos críticos, 8% do que é publicado sobre as perspectivas, concentra-se mais na RAP e O&S: 8% da produção respectivamente. Já dos estudos interpretativistas, 12% é publicado pela O&S. Todas as perspectivas têm maior representatividade no EnANPAD, em detrimento do EnEO. Em relação ao perfil de publicação dos autores, 30% dos autores da teoria crítica são categorizados como *one-timers*, 46% dos estruturacionistas pertencem à categoria dos continuantes. Igualmente com as demais categorias, a predominância dos continuantes permanece.

De uma visão do perfil de publicação de cada autor, a Tabela 22 demonstra que a categoria dos *one-timers* representa 65% dos autores do campo. O tema mais pesquisado por esta categoria é *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* sendo pesquisado por 32% dos autores da categoria. A RAUSP é o periódico com maior número de autores dessa categoria (21%). O EnANPAD é o evento com maior

percentual de *one-timers* (66%). Mais da metade (56%) dos autores dessa categoria é funcionalista. Desses estudos 69% é com enfoque mais descritivo.

TABELA 22 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA DO PERFIL DE PUBLICAÇÃO

PERFIL DE PUBLICAÇÃO	REPRESENTATIVIDADE NO CAMPO	TEMA		PERIÓDICO		EVENTO		PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA		ENFOQUE FUNCIONALISTA	
		Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
Continuantes	6%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	25%	O&S	24%	EnANPAD	74%	Funcionalista	23%	Descritivo	73%
Transientes	13%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais/ Comportamento Organizacional	26%	RAC	22%	EnANPAD	68%	Funcionalista	43%	Descritivo	72%
<i>One-Timers</i>	65%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	32%	RAUSP	21%	EnANPAD	66%	Funcionalista	56%	Descritivo	69%
Entrantes	5%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	28%	REAd	31%	EnANPAD	73%	Funcionalista	37%	Descritivo	74%
Retirantes	11%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	32%	O&S	28%	EnANPAD	74%	Funcionalista	50%	Descritivo	66%

Fonte: dados primários da pesquisa

A Tabela 22 ainda demonstra que os continuantes representam 6% dos autores do campo; entrantes 5%; retirantes 11% e transientes 13%. Entre 25% e 32% dos autores de cada categoria pesquisam mais sobre o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. Os transientes também pesquisam o tema *Comportamento Organizacional*, representando 26% dos autores da categoria. Em média, 26% dos continuantes e retirantes concentram-se suas publicações na O&S. Dos transientes, 22% estão na RAC e dos entrantes, 31% na REAd. Com relação aos eventos, o EnANPAD tem predominância de todos os perfis, se comparado ao EnEO. Exatamente 50% dos retirantes desenvolvem trabalhos funcionalistas. Destes trabalhos, 66% são com enfoque mais descritivo em detrimento dos prescritivos. O mesmo ocorre com as demais categorias.

Por fim, com base no que cada periódico e evento privilegiou, a Tabela 23 demonstra que a O&S é o periódico com maior representatividade no campo: 20% do total de artigos. Da produção total do periódico, 29% representou artigos que abordaram o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. Dos autores que publicam na revista, 46% pertencem à categoria dos continuantes. Da perspectiva epistemológica, a O&S privilegia mais estudos interpretativistas: 34% da produção total da revista. Dos estudos funcionalistas 100% dos trabalhos que a revista publicou eram com enfoque descritivo.

TABELA 23 SÍNTESE DA PREDOMINÂNCIA DA VEICULAÇÃO

VEÍCULO DE COMUNICAÇÃO	REPRESENTATIVIDADE NO CAMPO		TEMA		PERFIL		PERSPECTIVA EPISTEMOLÓGICA		ENFOQUE FUNCIONALISTA	
	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%	Total	%
PERIÓDICOS	BAR	3%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais/ Institucionalização e Campos	24%	Transientes	52%	Funcionalismo/ Estruturacionismo	41%	Prescritivo	57%
	O&S	20%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	29%	Continuantes	46%	Interpretativismo	34%	Descritivo	100%
	RAC	18%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	32%	Continuantes	42%	Funcionalismo	57%	Descritivo	51%
	RAC-eletrônica	1%	Comportamento Organizacional	43%	Continuantes/ Transientes	36%	Funcionalismo	57%	Prescritivo/ Descritivo	50%
	RAE	14%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	29%	Continuantes	53%	Funcionalismo	53%	Descritivo	52%
	RAE-eletrônica	7%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	24%	Continuantes	33%	Funcionalismo	32%	Descritivo	62%
	RAP	14%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	26%	Continuantes	47%	Estudos Críticos	33%	Descritivo	61%
	RAUSP	12%	Comportamento Organizacional	36%	One-Timers	45%	Funcionalismo	78%	Prescritivo	56%
	REAd	11%	Comportamento Organizacional	35%	One-Timers	36%	Funcionalismo	44%	Descritivo	79%
EVENTOS	EnANPAD	70%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	27%	One-Timers	31%	Funcionalismo	45%	Descritivo	74%
	ENEO	30%	Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais	27%	One-Timers	37%	Funcionalismo	36%	Descritivo	79%

Fonte: dados primários da pesquisa

A Tabela 23 também demonstra que o percentual de publicação de cada periódico pode ser assim descrito: RAC 18%; RAE 14%; RAE-eletrônica 7%; RAP 14%. Em média 28% da publicação desses periódicos abordam o tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. Já das publicações da RAC-eletrônica (1%); RAUSP (12%) e REAd (11%); em média 38% do que foi publicado refere-se ao tema de *Comportamento Organizacional*. Já com relação aos eventos, o EnANPAD representa 70% das publicações, contra 30% das publicações do EnEO. Deste total, 27% das publicações referem-se ao tema *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*. Em média, 42% dos autores categorizados como continuantes concentram-se nos seguintes periódicos: RAC; RAC-eletrônica; RAE; RAE-eletrônica e RAP. Já na RAUSP e REAd, em média 36% dos autores pertencem à categoria dos *one-timers*. Os transientes estão mais concentrados na BAR e RAC-eletrônica, representando 52% e 36% respectivamente dos autores dos periódicos. Em relação aos eventos, em média 34% dos participantes são considerados da categoria dos *one-timers*. Os estudos funcionalistas com enfoque descritivo predominam em quase todos os periódicos e nos dois eventos: EnANPAD e EnEO, RAC; RAC-eletrônica; RAE; RAE-eletrônica; REAd e RAUSP, esta última com 78% dos artigos sob esta perspectiva. Na BAR, a distribuição entre as perspectivas funcionalistas e estruturacionistas é equitativa (41% respectivamente). Contudo, os estudos funcionalistas tendem a ser mais prescritivos neste periódico. Na RAC-eletrônica, os estudos funcionalistas com enfoque descritivo e prescritivo são igualmente desenvolvidos. Já na RAP, são privilegiados artigos com base nos estudos críticos: 33% da produção total do periódico.

De maneira geral, os resultados demonstram que os temas predominantes no campo – *Comportamento Organizacional e Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* – são mais pesquisados pela categoria dos *one-timers*, dentro do enfoque funcionalista, sendo mais disseminados pela RAUSP e EnANPAD.

O campo de Estudos Organizacionais, visto neste trabalho como um sistema social, contribui para a visualização da mudança e a reprodução histórica por meio de continuidade das práticas de pesquisa (DOMINGUES, 2004). Os campos só existem na medida em que puderem ser definidos institucionalmente (DIMAGGIO e POWELL, 1983). “Instituições são fenômenos sociais provisoriamente estáveis, sujeitas sempre a processo de construção social” (CRUBELLATE, 2007, p. 218), pois as práticas sociais são ações regularizadas e recorrentes de atores sociais que continuamente constroem e reconstróem um sistema social espaciotemporalmente delimitado (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

Neste sentido, em conformidade com DiMaggio e Powell (1983) e Scott (2001), percebe-se que o caráter institucionalizado do campo de Estudos Organizacionais no Brasil se integra pela predominância do funcionalismo, como traço cognitivo, ou forma conceitual de ver o mundo, a partir do qual os atores fundamentam seus estudos, predominantemente sobre *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* e, conseqüentemente, os reproduzem por meio da categoria dos *one-timers* – que mais compartilha e orienta seus estudos a partir desses pressupostos – e por meio dos veículos de comunicação: O&S, RAC, RAE e EnANPAD, que podem ser considerados como bases de disseminação dessas práticas de pesquisa. Tais fatos guiaram as trajetórias de pesquisa, fomentando certo grau de estabilidade ao campo.

Os autores imersos no campo de Estudos Organizacionais – campo este reconhecido institucionalmente – compartilham sistemas de significados comuns, possibilitando o isomorfismo entre os participantes, o que auferem possibilidade de conversação, ao mesmo tempo que permite que os autores se monitorem reflexivamente no sistema social, conforme explorado por Giddens (2003) e DiMaggio e Powell (1983) e Scott (1994, 2001).

Entretanto, os agentes não criam o campo a partir do nada, mas o recriam, reproduzem ou o transformam a partir de estruturas pré-existentes que potenciam suas ações, gerando novas práticas institucionalizadas, num processo recursivo entre estruturas institucionais e ações (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e

ROSSONI, 2006), daí a ideia de dualidade da estrutura explorada por Giddens (2003).

Após o término deste capítulo, apresentam-se as conclusões e recomendações elaboradas a partir desta análise.

5 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Procurou-se, com esta pesquisa, descrever quais elementos concorrem para a incorporação de conhecimento científico no processo de estruturação do campo de Estudos Organizacionais no Brasil e qual sua influência ao longo do período compreendido entre 1997 e 2007.

A principal diferença do presente estudo em relação aos meta-estudos já desenvolvidos no campo de Estudos Organizacionais, além da fundamentação na teoria institucional de análise, é que o intento foi fazer uma análise da configuração estrutural do campo, tão abrangente quanto possível, enfocando para a base analisada a maioria das variáveis analisadas separadamente nos estudos anteriores: (i) temática, (ii) perfil epistemológico e (iii) perfil de publicação dos autores.

As primeiras conclusões observadas neste estudo referem-se ao significativo incremento quantitativo que a área de Estudos Organizacionais teve do primeiro para o terceiro período de análise do presente estudo, com maior número de artigos e, conseqüentemente, maior número de autores e maior colaboração entre esses pesquisadores: em média 1,9 autores por artigo. Neste contexto, foram analisados 1791 artigos e 1583 autores. No total, foram consultadas 249 edições dos periódicos e 15 edições dos eventos. Ainda, verificou-se que, do total de artigos publicados em periódicos (580), cerca de 23,1% se originaram de eventos científicos dos quais passaram por melhorias para posterior publicação em periódico. De maneira geral, o EnANPAD apresenta grande maioria dos estudos publicados na área de Estudos Organizacionais. Contudo, mesmo tendo ocorrido apenas quatro vezes no período considerado, a média de publicação do EnEO é maior do que a do EnANPAD, demonstrando o forte impacto de um evento setorial. A RAC, a O&S e a RAE são os periódicos mais representativos do campo; juntos, eles representam mais da metade da publicação total dos periódicos.

As próximas conclusões são relativas ao legítimo apelo de Bertero, Caldas e Wood Jr. (1998) para a busca de qualidade na produção científica. Esta questão pôde ser analisada no presente estudo por meio da escolha temática, epistemológica e regularidade de publicação dos autores.

Verificou-se que dos onze temas encontrados na área, dois predominam e se referem a aspectos mais gerencialistas, na busca de aperfeiçoamento da prática

administrativa: *Comportamento Organizacional e Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*, juntos eles representam quase metade da produção total do período analisado. Contudo, percebe-se queda no interesse por ambos os temas em detrimento dos demais. *Institucionalização e Campos* foi o tema que apresentou maior incremento quantitativo entre o primeiro e terceiro período. Os dois temas predominantes no campo foram mais pesquisados pela RAC. Contudo, este mesmo periódico foi o que mais publicou sobre o tema *Institucionalização e Campos*. Os temas: *Diversidade e Gênero, Formas de Gestão, Redes e Confiança e Estudos Críticos e Teoria Crítica* também estão gradativamente em busca de legitimidade no campo, sendo mais pesquisados, respectivamente, pela RAUSP, RAP e O&S para os dois últimos. De maneira geral, percebe-se o caráter plural e ao mesmo tempo seletivo dos periódicos: O&S, RAC, RAE-e, RAE e REAd.

Em relação às perspectivas epistemológicas, identificou-se que o funcionalismo ainda é predominante, porém com considerável afastamento dos pressupostos do funcionalismo de Merton e Parsons. Dentro da perspectiva funcionalista, verificou-se sob quais enfoques os estudos são desenvolvidos. Dos 43,0% dos estudos funcionalistas, 12,9% adotaram um enfoque prescritivo em detrimento de 30,1% com enfoque descritivo. O apego aos pressupostos funcionalistas está aos poucos sendo contestado. Ademais, a área de Estudos Organizacionais tem sido marcada por transformações, devido à inserção de outras preferências epistemológicas no campo, além da ortodoxia do funcionalismo. São os estudos críticos, com 18,1% da produção total, teoria crítica (7,0%), estruturacionismo (6,3%), interpretativismo (18,1%) e estruturalismo (7,4%). Pode-se dizer, como atenuante, que a análise da evolução ano a ano mostra ligeira queda do funcionalismo (23,08%) e ascensão das demais perspectivas epistemológicas.

Como já haviam previsto Machado-da-Silva, Cunha e Amboni (1990), a área de Estudos Organizacionais vem apresentando, desde o decênio de 1980, um crescente incremento em termos de multiplicidade de abordagens no estudo dos fenômenos organizacionais. Esse dado, ao mesmo tempo que sugere a consolidação da área enquanto objeto de “*status*” científico, parece indicar o estabelecimento de uma dinâmica que procura resolver as novas questões que se vão colocando à análise organizacional e superando as limitações da análise organizacional ortodoxa.

Diante de tal fato, percebe-se que alguns temas estão sendo estudados por diversas perspectivas epistemológicas, oferecendo percepções diferentes do fenômeno sob investigação, o que gera uma variedade de possibilidades de pesquisa. Embora os temas *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* e *Comportamento Organizacional* tendam a ser mais pesquisados sob a perspectiva funcionalista. Proporcionalmente ao crescimento das pesquisas interpretativistas sobre o tema, os estudos funcionalistas tiveram menor crescimento. O mesmo ocorre com o tema *Terceiro Setor e Responsabilidade Social* que, ao ser fundamentalmente pesquisado sob o funcionalismo, vem recebendo desaprovação pelos estudos críticos, fato que demonstra aumento gradativo destes estudos entre os períodos de análise. No primeiro período de análise, o tema *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas* apresentou o mesmo percentual entre as perspectivas funcionalistas e interpretativistas. Contudo, no segundo período, esta diferença era de 143%, já no terceiro período, a diferença passou para 100%. Tal fato demonstra que o tema vem sendo estudado pelas outras perspectivas epistemológicas, além da predominância interpretativista.

O tema *Diversidade e Gênero* é fundamentalmente estudado pela perspectiva dos estudos críticos e interpretativista, não sendo pesquisado sob a perspectiva estruturalista. O tema *Estudos Críticos e Teoria Crítica*, que é mais estudado pelas perspectivas críticas, foi o que apresentou maior crescimento em uma mesma perspectiva (teoria crítica). O tema também é pesquisado pela perspectiva interpretativista. O tema *Formas de Gestão* tem uma distribuição mais equitativa entre as perspectivas funcionalista, estudos críticos e teoria crítica. Porém a tendência é um crescimento maior nas perspectivas críticas. Já o tema *Institucionalização e Campos* foi essencialmente pesquisado sob a perspectiva estruturacionista, que foi a única perspectiva a pesquisar o tema desde o primeiro período. Já a partir do segundo período, trabalhos estruturalistas também demonstraram certo interesse pelo tema. A perspectiva da teoria crítica não apresentou estudos sobre o tema. O tema *Redes e Confiança*, embora mais pesquisado sob o funcionalismo e o estruturalismo, vem recebendo contribuições das perspectivas estruturacionistas e interpretativistas. Contudo, o tema não foi pesquisado pelos estudos críticos. O tema *Teoria, Método, Episteme e Produção Científica* foi pesquisado por todas as perspectivas epistemológicas; porém foi predominantemente pesquisado sob as perspectivas críticas.

Com relação aos enfoques funcionalistas, tudo o que se produziu dentro de cada tema foi desenvolvido com enfoque mais descritivo do que prescritivo, demonstrando o interesse em conhecer e explicar a realidade como se apresenta, sem modificá-la. Exclusivamente, o tema *Institucionalização e Campos* não apresentou ocorrência de estudos funcionalistas prescritivos. Dos estudos funcionalistas prescritivos, os temas *Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais* e *Comportamento Organizacional* apresentaram maior percentual dos estudos.

Estudos funcionalistas, estruturalistas e estruturacionistas são mais disseminados pela RAC. A O&S publicou mais estudos interpretativistas e estudos críticos. Já a RAP privilegiou estudos advindos das duas perspectivas críticas. Especificamente sobre os estudos funcionalistas, o enfoque prescritivo foi mais publicado pela RAC e a RAUSP. Dos trabalhos funcionalistas, com enfoque descritivo, RAC e O&S apresentaram maior percentual. Voltando-se para os eventos, o EnANPAD, se comparado ao EnEO, apresentou maior percentual em ambos os enfoques. De maneira geral, se comparado os dois veículos de comunicação, os periódicos publicam mais artigos funcionalistas com enfoque prescritivo do que com enfoque descritivo. Os dados dos eventos demonstram resultado inversamente proporcional ao dos periódicos.

Em relação aos geradores de conhecimento científico no campo de Estudos Organizacionais, percebe-se que os *one-timers* representam 65,1% da quantidade total de autores no campo. Em contrapartida, tem-se a categoria dos continuantes representando 5,7% dos autores, transientes (13,1%), entrantes (4,8%) e retirantes (11,3%). Embora em proporções bastante distintas quanto ao volume de pesquisadores no campo, a categoria dos continuantes, dos *one-timers* e dos transientes participou com grande número de trabalhos publicados, 48,6%, 40,5% e 32,8% respectivamente. Já a categoria dos retirantes e dos entrantes participou com 22,6% e 8,7% respectivamente do total de artigos publicados no campo. Embora a concentração de publicações esteja em número reduzido de autores, a categoria dos continuantes é a que apresenta maior média de envolvimento em trabalhos, com produtividade total igual a 11,8, superior às demais categorias. Ao se dispor os autores mais prolíficos no campo, visualiza-se também esse aspecto com a existência de pesquisadores com volume de produção muito superior aos demais. Clóvis L. Machado-da-Silva é o autor mais prolífico da área de Estudos Organizacionais, com produção de 35 artigos no período considerado.

Ao se observar o cruzamento entre temas e perfil de publicação dos autores, conclui-se que temas mais voltados para a prática administrativa, como *Comportamento Organizacional e Gestão de Organizações e Práticas Gerenciais*, são mais pesquisados pelos *one-timers*. Entretanto, outros temas como *Formas de Gestão, Redes e Confiança e Terceiro Setor e Responsabilidade Social*, também são mais pesquisados por esta categoria, o que positivamente, revelou ser porta de entrada e atratividade para o campo (GUARIDO FILHO, 2008). Por outro lado, esta categoria demonstra pouco comprometimento com a estruturação do campo de Estudos Organizacionais, ao ser responsável por quase metade das pesquisas relacionadas a temas de outras áreas. A categoria dos *one-timers* é considerada a mais funcionalista e sob o enfoque prescritivo; conseqüentemente, tais temas também são mais pesquisados por esta perspectiva epistemológica.

Os demais temas são mais pesquisados pela categoria dos continuantes: *Cultura, Simbolismo e Identidade e Outras Abordagens Interpretativistas, Diversidade e Gênero; Estudos Críticos e Teoria Crítica; Teoria, Método, Episteme e Produção Científica e Institucionalização e Campos*. Estudos fundamentados nas perspectivas interpretativista, estudos críticos, estruturacionista, assim como estruturalista, são mais desenvolvidos pelos continuantes, o que explica o fato de os temas pesquisados por esta categoria serem mais pesquisados pelas perspectivas epistemológicas descritas acima. Tal categoria, além de cobrir amplo espectro de temas, seus estudos variam da perspectiva funcionalista à de estudos críticos, retratando assim o patamar de desenvolvimento e a pluralidade da produção científica nacional, por abrigar pesquisadores capazes de perceber e explicar, criticamente, os fenômenos organizacionais sob diversos enfoques. Verificou-se que a maioria dos autores classificados como continuantes e retirantes se concentram na O&S, transientes na RAC, *one-timers* na RAUSP e entrantes na REAd. O EnANPAD concentra maior percentual de continuantes do que o EnEO. Porém com relação aos transientes e *one-timers*, o EnEO apresenta maior volume de autores. De maneira geral, há maior concentração de continuantes nos periódicos em detrimento dos eventos. O contrário acontece com o percentual de *one-timers*, que nos eventos apresentaram maior volume de autores.

Um campo, reconhecido institucionalmente como o de Estudos Organizacionais, compartilha sistemas de significados comuns, o que possibilita o isomorfismo entre os participantes (DIMAGGIO e POWELL, 1983; SCOTT, 1994,

2001). Neste sentido, verifica-se o impacto da categoria dos *one-timers* que, embora com publicações isoladas, estimulam a expansão e a visibilidade do que se produz, podendo ser considerada o tecido da estruturação do campo de Estudos Organizacionais. Ademias, é possível enfatizar que, enquanto a categoria dos *one-timers* pode representar expansão, a categoria dos continuantes representa as bases de sustentação, legitimação e continuidade da pesquisa no campo, devido à regularidade de suas publicações.

Levando em consideração a teoria da estruturação, a estrutura fornecida pelos veículos de comunicação, em termos do que se prioriza e valoriza, assim como sua periodicidade, podem ser consideradas como limitadoras, quando barram certos artigos, assim como possibilitadoras da ação, quando contribuem com o processo de avaliação dos artigos para posterior publicação.

Neste sentido, a estruturação do campo de Estudos Organizacionais é influenciada não só pela capacidade de agência de cada pesquisador em gerar conhecimento científico, mas também pelo que a indústria editorial e eventos científicos vêm publicando, trazendo a ideia de que o processo de institucionalização é recursivo: estrutura afeta a ação, assim como a ação afeta a estrutura (MACHADO-DA-SILVA, FONSECA e CRUBELLATE, 2005).

As conclusões deste trabalho indicam que a área de Estudos Organizacionais tem sido marcada por transformações das mais diversas naturezas que sustentam o campo, seja pela incorporação de perspectivas epistemológicas, seja por temas, a fim de resolver as novas questões que se vão colocando à análise organizacional. Contudo, os resultados demonstram que os temas predominantes no campo enfatizam a prática administrativa e são mais pesquisados por autores com apenas uma única publicação, dentro da perspectiva predominante: funcionalista.

Diante das conclusões expostas no presente estudo, algumas conjecturas podem ser realizadas no propósito de ressaltar importantes questões empíricas encontradas no trabalho, que podem levar a possíveis implicações teóricas.

A primeira se refere à classificação do perfil de participação dos autores que não deve ser considerada de maneira estanque definitiva; só é assim aqui no trabalho para melhor compreensão. No futuro, os autores podem retornar ao campo com novas publicações, sendo reclassificados dentro de outro perfil, no caso dos *one-timers* como entrantes ou transientes. Embora os campos só existam na medida em que puderem ser definidos institucionalmente (DIMAGGIO e POWELL, 1983),

“instituições são fenômenos sociais provisoriamente estáveis, sujeitas sempre a processo de construção social” (CRUBELLATE, 2007, p. 218), trazendo a ideia de que a durabilidade é dinâmica, o que implica ser durável, mas não estática (GIDDENS, 2003). Este estudo foi desenvolvido sob abordagem longitudinal, que permite acompanhar processos e incidentes ao longo do tempo, o que é mais elucidativo, conforme explica Loiola e Bastos (2003). Entretanto, é preciso considerar a realidade de maneira dinâmica: um organismo vivo, em constante e permanente estruturação.

Segundo, esta pesquisa não enfatiza o extremo de que só é possível fazer ciência com total afastamento da realidade organizacional. Em conformidade com Wood Jr. (2001a), a produção científica não se deve apegar ao rigor e se armar com retórica sofisticada que, muitas vezes, se isola do mundo real e se volta para si mesma. Paradoxalmente, a preocupação com a aplicação de conhecimentos, onde proliferam receitas de sucesso e modismos gerenciais, também não é salutar. É preciso haver equilíbrio para que não sejam gerados artigos excessivamente abstratos ou demasiadamente esquemáticos e superficiais. Se distanciados da ação, podem gerar alienação e irrelevância, mas quando vinculados à ação podem restaurar o equilíbrio fundamental entre o pensar e o agir, que influenciarão a construção do conhecimento de um campo científico (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005; BERTERO, 2007b).

Terceiro, o conhecimento científico não é obra de uma ou algumas pessoas, mas tende a ser uma cadeia em que mãos e esforços se unem, levando a que um prossiga aquilo que o outro iniciou, gerando assim acumulação de conhecimento (BERTERO, CALDAS e WOOD JR., 2005). Neste sentido, os agentes não criam o campo a partir do nada, mas o recriam, reproduzem ou o transformam a partir de estruturas pré-existentes que potenciam suas ações, podendo ser considerado um processo recursivamente estruturado (MACHADO-DA-SILVA, GUARIDO FILHO e ROSSONI, 2006). Assim, toda reprodução é, necessariamente, produção (GIDDENS, 1978).

A quarta implicação levanta aspectos relacionados à agência, cujos autores parecem desconhecer a capacidade de fazerem algum efeito na construção do conhecimento. Segundo Bertero (2007a, p. 5), “muitos artigos submetidos a periódicos e também a encontros acadêmicos são apressados e carecem ainda da maturidade necessária. Muitos deles não ultrapassam a primeira versão e poderiam

ser considerados apenas esboços tentativos”. Esse resultado pode ser fruto do grande número de trabalhos oriundos de dissertações de mestrado e teses de doutorado. Outra questão é que, muitas vezes, os autores vêm privilegiando teorias gastas, utilizadas, frequentemente sem entender, para explicar fenômenos semi-reais, projetadas na realidade para viabilizar o exercício investigativo. Diante de tal quadro e em conformidade com Bertero, Caldas e Wood Jr. (2005), uma boa teoria deveria ser feita com especulações, que desafiam o statu-quo e apresenta novas perspectivas aos fenômenos estudados.

Seguindo as implicações do ponto anterior, percebe-se a necessidade de repensar a produção científica em Estudos Organizacionais no Brasil. Diversos trabalhos, reforçam o diagnóstico não muito positivo. Os problemas já apontados em avaliações anteriores persistem. Evolução há, porém a hegemonia funcionalista revela falta de diversidade epistemológica, o que seria salutar para o país e uma área como a de Estudos Organizacionais (FLEURY, M.; FISCHER, T., 1992). Faria (2007a) sugere a incorporação de outros campos de investigação, tais como a economia, a sociologia, a psicologia, a antropologia, a pedagogia, a lingüística e a filosofia. Para o autor, sempre que as teorias centram suas preocupações puramente na prática administrativa, não há transformação, mas atualizações, aperfeiçoamentos, pois o objeto é o mesmo; a vinculação epistemológica é a mesma e a direção ideológica é a mesma (FARIA, 2007a, p. 1). Weick (1989) oferece uma alternativa à ortodoxia, enfatizando o papel da imaginação, da representação e do pensamento especulativo. Segundo este autor, quando pesquisadores elaboram uma teoria, eles projetam, conduzem e interpretam experimentos imaginários. Este processo assemelha-se aos três elementos do processo de seleção: variação, seleção e retenção. A qualidade da teoria resultante é função de três fatores: primeiro, da precisão e grau de detalhe presente na elaboração do problema; segundo, do número e independência das conjecturas que tentam resolver a questão; e terceiro, do número e diversidade de critérios de seleção usados para testar as conjecturas. Rosa (2006), fazendo uma analogia à arte, traz uma reflexão aos Estudos Organizacionais, ao afirmar que os melhores artistas são aqueles que têm a enorme capacidade de “libertar-se” de ideias pré-concebidas e produzem imagens que levam a ver na realidade contornos nunca sonhados.

Mesmo havendo muitas considerações que ampliaram o entendimento do campo de pesquisa em Estudos Organizacionais, alguns pontos não foram contemplados, o que remete à sugestão de pesquisas futuras.

Em primeiro lugar, sugere-se a replicação deste estudo nas outras áreas da Administração, com o objetivo de comparar a configuração estrutural nos diversos campos científicos, possibilitando enxergar se há similaridade entre os conhecimentos gerados. Além disso, observar o que vem sendo publicado em eventos e periódicos com classificação inferior; isto poderia elucidar o impacto de tais publicações em relação à qualidade.

Em segundo lugar, há a possibilidade de verificar a demografia de autoria e origem dos autores e instituições, a fim de evidenciar a estratificação entre instituições e unidades federativas, assim como identificar o vínculo institucional de cada autor com a respectiva instituição. Ademais, verificar se os periódicos privilegiam artigos das próprias instituições que os patrocinam ou se a distribuição é pulverizada.

Em terceiro lugar, identificar o grau de instrução pode elucidar se as publicações estão sendo fruto de pressões institucionais. Já identificar a formação de cada autor pode fornecer importantes indicadores em relação à escolha temática e epistemológica, possibilitando ponderar outros elementos explicativos subjacentes às características da produção e organização acadêmica, com implicações sobre a construção do conhecimento.

Em quarto lugar, sugere-se analisar a divisão dos Estudos Organizacionais por área temática, conforme sugerido pelo EnANPAD: Teoria das Organizações (EOR-A); Comportamento Organizacional (EOR-B) e Teoria Crítica em Estudos Organizacionais (EOR-C), a fim de se conhecer o que cada área privilegia em relação a temas, perspectivas epistemológicas e perfil de publicação dos autores.

Em quinto lugar, buscar identificar o contexto ambiental em que o campo de pesquisa está imerso pode fornecer importantes indicadores de como as pressões externas ao campo, bem como as regulamentações da CAPES e do CNPQ conformam a estruturação e a produção do conhecimento ao longo do tempo.

Em sexto lugar, sugere-se que seja realizada uma pesquisa de levantamento com o objetivo de elucidar os pressupostos referentes às crenças e valores dos pesquisadores sobre como entendem o ato de publicar, o seu trabalho de pesquisador e sua consciência em relação aos pressupostos epistemológicos.

Por fim, no tocante ao método de análise, sugere-se buscar a implementação de ferramentas mais robustas de análise, além da estatística descritiva. A análise de redes, por exemplo, é ampla estratégia de investigação de estruturas sociais, cujo pressuposto anticategórico rejeita as tentativas de explicar o comportamento humano ou o processo social somente em termos dos atributos dos atores (EMIRBAYER e GOODWIN, 1994)

Como recomendações de ordem prática à academia, algumas questões devem ser ressaltadas.

Primeiro, em relação aos canais de veiculação, verificou-se que estes podem ser considerados *gatekeepers*: controla-se a pauta dos periódicos e eventos científicos, procurando preservar a qualidade do campo e impedindo a publicação de artigos que não contribuam para o seu desenvolvimento. Percebeu-se também que vêm sendo publicados conteúdos com obsessivo apelo à prática administrativa, sob a mesma perspectiva epistemológica. Neste sentido, em conformidade com Bertero (2005, p. 5) uma revista científica ou evento científico “exige de seus editores virtudes helenísticas, de preferência estóicas”. Sabe-se que a produção de conhecimento não depende só de articulistas, mas também dos avaliadores, conhecidos *referees* e editores, agentes de mudança que ajudam a contribuir para a qualidade dos artigos publicados. Embora haja defeitos e ambiguidades no processo de avaliação, esta prática continua sendo uma das principais a contribuir para a qualidade das publicações. Neste sentido, faz-se necessário contar com avaliadores, sugerindo alterações substantivas e atuando como reais conselheiros do autor, chegando quase a uma "coautoria", que de fato, contribua para a construção do conhecimento científico no Brasil semelhante ao nível internacional. Da mesma maneira, os programas de pós-graduação devem tomar o cuidado de não se tornarem verdadeiras fábricas de artigos, apenas para atender às pressões institucionais, não se preocupando com a qualidade do que está sendo gerado (BERTERO, 2005).

Segundo, concluiu-se que a minoria dos autores especifica a perspectiva epistemológica adotada, seja por causa do apego aos pressupostos da ortodoxia funcionalista, seja por inconsciência. Diante de tal fato, deveria ser regra esta especificação, assim como o é em relação à metodologia. Tal fato, pode contribuir para o desenvolvimento da construção do conhecimento.

Em conformidade com Rossoni (2006), uma terceira recomendação volta-se para as parcerias entre instituições. Fomentar a colaboração, bem como estimular o desenvolvimento de estudos em outros países e em outras instituições do próprio país contribui para maior integração do campo. Além disto, este mecanismo estimula a troca de experiências, evitando que a construção do conhecimento seja redundante.

REFERÊNCIAS

ACKROYD, S. Paradigms lost: paradise regained? In: REED, M.; HUGHES, M. (Orgs.). **Rethinking organization: new directions in organization theory and analysis**. London: Sage. 1992. p. 102-119.

ACKROYD, Stephen. Connecting organization and societies: a realist analysis of structures. In: ACKROYD, Stephen; FLEETWOOD, Steve. **Realist perspectives on management and organisations**. London: Routledge, 2000.

ADAM, Jean-Michel. Entre conseil et consigne: les genres de l'incitation à l'action, **Pratiques**, v. 7, n. 38, p. 111-112, 2001.

ALVESSON, Mats; Organization: from substance to image? **Organization Studies**. v. 11, n. 3, p. 373-394, 1990.

ALVESSON, Mats; WILLMOTT, H. **Critical management studies**. London: Sage, 1992.

ALVESSON, Mats; WILLMOTT, H. **Making sense of management: a critical introduction**. London: Sage, 1996.

ALVESSON, Mats; DEETZ, Stanley. Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 227-266.

ANTONACOPOULOU, E. P. The power of critique: revisiting critical theory at the end of the century. **First International Critical Management Studies Conference**. Manchester: Umist, 1999.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Introdução à filosofia da ciência**. 3. ed. Curitiba, UFPR, 2003.

ARENT, J.; BUCH, N. J. Discussing IS research: put it on the agenda. **Proceedings of IRIS 21**. Department of computer science, Aalborg University, 1998.

ARON, Raymond. Max Weber. In: **As etapas do pensamento sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

ASTLEY, G. W. Administrative science as socially constructed truth. **Administrative Science Quarterly**, v. 30, p. 497-513, 1985.

BALLESTERO-ALVAREZ, Maria Esmeralda. **Manual de organização, sistemas e métodos**. São Paulo: McGraw-Hill, 2000.

BARLEY, S. R., TOLBERT, P. S. Institutionalization and structuration: studying the link between action and institution. **Organization Studies**, v. 18, n. 1, 1997.

BARNARD, Chester. **As funções do executivo**. São Paulo: Atlas, 1971.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARKI, H.; RIVARD, S.; TALBOT, J. An information systems keyword classification scheme: an update. **MIS Quarterly**, v. 12, n. 2, 1988.

BEDNARZ, Jr. John. Translator's introduction. In: LUHMANN, Niklas. **Ecological communication**. Chicago: The University of Chicago Press, 1989.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

BERTERO, Carlos Osmar; KEINERT, T. M. M. A evolução da análise organizacional no Brasil (1961-93). **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 81-90, Maio/Jun. 1994.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel Pinto; WOOD JR., Thomaz. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local: In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 22., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1998.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel Pinto; WOOD JR., Thomaz. Produção científica em administração de empresas: provocações, insinuações e contribuições para um debate local. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 147-178, Jan./Abr. 1999.

BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel P.; WOOD JR., Thomaz. Introdução: produção científica em administração no Brasil. In: BERTERO, Carlos Osmar; CALDAS, Miguel P.; WOOD JR., Thomaz. (Coord.) **Produção científica em administração no Brasil: o estado-da-arte**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 01-17.

BERTERO, Carlos Osmar. Editorial. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 2, Abr./Jun. 2005.

BERTERO, Carlos Osmar. **Ensino e pesquisa em administração**. São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BERTERO, Carlos Osmar. Editorial. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 1, Jan./Mar. 2007a.

BERTERO, Carlos Osmar. Editorial. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 2, Abr./Jun. 2007b.

BERTERO, Carlos Osmar. Editorial. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 47, n. 4, Out./Dez. 2007c.

BOISSIÈRE, P. **Dictionnaire analogique de la langue française: répertoire complet des mots par les idées, des idées par les mots**. Paris: Aug. Boyer, 1862.

BORKO, H.; BERNIER, C. L. **Abstracting concepts and methods**. New York: Academic Press, 1975.

BOUDON, Raymond, ET AL. **Dicionário de sociologia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

BOULDING, Kenneth. General systems theory. **Management Science**. v. 2, p. 197-208, 1956.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

BRAUN, Tibor; GLÄNZEL, Wolfgang; SCHUBERT, András. Publication and cooperation patterns of the authors of neuroscience journals. **Scientometrics**. v. 51, n. 3, p. 499-510, 2001.

BRINT, S.; KARABEL, J. Institutional origins and transformations: the case of american community colleges. In: Powell, W. W.; DiMaggio, P. J. (Orgs.). **The new institutionalism in organizational analysis**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991, p. 337-360.

BROWN, C. Organization studies and scientific authority. In: REED, M.; HUGHES, M. (Orgs.). **Rethinking organization: new directions in organization theory and analysis**. London: Sage, 1992. p. 67-84.

BRUYNE, P.; HERMAN, J.; SCHOUTHEETE, M. **Dinâmica da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1991.

BUFREM, Leilah S. **Linhas e tendências metodológicas na produção acadêmica discente do mestrado em ciência da informação do IBICT/UFRJ**. Curitiba: UFPR, 1996. 386 p. Tese (Concurso para professor titular) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1996.

BUNGE, Mário. **La ciencia, su método y su filosofía**. Buenos Aires: Siglo Veinte, 1974.

BURRELL, G. Ciência normal, paradigmas, metáforas, discursos e genealogia de análise. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 439-462.

BURRELL, G., MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis: elements of the sociology of corporate life**. London: Heinemann, 1979.

BURT, Ronald S.; LIN, N. Network time series from archival records. In: HEISE, D. R. (Org.) **Sociological methodology**. San Francisco: Jossey-Bass, 1977.

CABRAL, Augusto Cezar de Aquino. Reflexões sobre a pesquisa nos estudos organizacionais: em busca da superação da supremacia dos enfoques positivistas. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 22., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1998.

CALÁS, M. B. Voicing seduction to silence leadership. **Organization**, v. 1, p. 243-248, 1994.

CALÁS, M. B.; SMIRCICH, L. Past postmodernism? Reflections and tentative directions. **Academy of Management Review**, v. 24, n. 4, p. 649-671, 1999.

CALDAS, Miguel P.; WOOD JR., Thomaz. Identidade organizacional. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 1, Jan./Mar. 1997.

CALDAS, Miguel P.; TONELLI, Maria José; LACOMBE, Beatriz Maria Braga. Espelho, espelho meu: meta-estudo da produção científica em recursos humanos nos EnANPADs da década de 90. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 26., 2002, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2002.

CALDAS, Miguel P.; VERGARA, Sylvia Constant. Paradigma interpretacionista: a busca da superação do objetivismo funcionalista nos anos 1980 e 1990. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 45, n. 4, p. 66-72, Out./Dez. 2005.

CAMPOMAR, M. C. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração. **RAUSP – Revista de Administração da Universidade de São Paulo**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 95-97, Jul./Set. 1991.

CAMPOS, K. C. de L ; WITTER, G. P. Análise dos títulos do periódico. Paradigma. In: Witter, G. P. **Produção científica em psicologia e educação**. Campinas, SP: Alínea (Psicoterminos), 1999.

CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARRIERI, A. P.; LUZ, T. R. Paradigmas e metodologias: não existe pecado do lado de baixo do Equador. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 22., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1998.

CARVALHO, Leonardo Sanches de. Modelagem e simulação: poderosa ferramenta para otimização logística. **Bahia Análise & Dados**, Salvador, v. 13, n. 2, p. 267-274, Set. 2003.

CARVALHO, Cristina Amélia; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Algo está podre no Reino Dinamarca. **O&S – Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 10, n. 26, p. 185-187, Jan./Abr., 2003. Idéias em Debate.

CARVALHO, Cristina Amélia; GOULART, Sueli; AMANTINO-DE-ANDRADE, Jackeline. Internacionalização subordinada. É possível subverter as regras do jogo! In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 29., 2005, Brasília. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2005.

- CASALI, A. M. Paradigmas em comunicação organizacional. **Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación ALAIC 2004** - GT Comunicação Organizacional y Relaciones Públicas. La Plata/Argentina, 2004.
- CASOTTI, L. Marketing moderno e consumidor pós-moderno? In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 22., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1998.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1996.
- CHANLAT, J. F. Francophone organizational analysis (1950-1990): an overview. **Organization Studies**, v. 15, p. 47-79, 1994.
- CHAUMIER, Jacques. **As técnicas documentais**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1971.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 12. ed. São Paulo: Ática, 1999.
- CHENEY, G. Interpreting interpretive research: toward perspectivism without relativism. In: CORMAN, S. R.; POOLE, M. S. (Orgs.). **Perspectives on organizational communication**: finding common ground. New York: Guilford Press, 2000.
- CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia. Introdução: organização e Estudos Organizacionais. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 27-57.
- COCHIA, C. B. R.; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L. Ambiente, interpretação e estratégia em organizações paranaenses dos setores de vestuário e alimentos. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v. 8, p. 11-35, 2004.
- COHEN, I. J. Teoria da estruturação e práxis social. In: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: UNESP, 1999.
- COLEMAN, James. **Foundations of social theory**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.
- COMTE**. São Paulo: Abril Cultural, 1982 (Coleção Os Pensadores).
- COMTE, Auguste. **Curso de filosofia positiva**. São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- COOPER, R.; BURRELL, G. Modernism, postmodernism and organization analysis: an introduction. **Organization Studies**, v. 9, n. 1, p. 15-43, 1988.
- CORAIOLA, Diego Maganhotto. **Agência e discurso no processo de mudança de projeto gráfico do jornal Gazeta do Povo**. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias**: a realidade social em construção. Sintra: Vral, 1997.

COULON, A. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CRESWELL, John W. **Research design**: qualitative, quantitative, and mixed method approaches. 2. ed. Thousand Oaks, Sage Publications, 2003.

CRUBELLATE, João Marcelo; GRAVE, Paulo Sérgio; MENDES, Ariston Azevedo. A questão institucional e suas implicações para o pensamento estratégico. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, Edição Especial, v. 8, p. 37-60, 2004.

CRUBELLATE; João Marcelo. Três contribuições conceituais neofuncionalistas à teoria institucional em organizações. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, 1. Edição Especial, v. 11, p. 199-222, 2007.

CUNHA, Cleverson Renan da; MELO, Marlene C. de Oliveira Lopes. A confiança nas relações interorganizacionais. **O&S – Organizações e Sociedade**, Edição Especial, v. 11, 2004.

CUPANI, Alberto. **A crítica do positivismo e o futuro da filosofia**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1985.

DAVEL, Eduardo; ALCADIPANI, Rafael. Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira nos anos 90. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 72-85, Out./Dez. 2003.

DEETZ, S. Describing differences in approaches to organization science: Rethinking Burrell and Morgan and their legacy. **Organization Science**, v. 7, n. 2, p. 191-207, 1996.

DELAMONT, S.; HAMILTON, D. Classroom research: a critique and a new approach. In: STUBBS, M.; DELAMONT, S. **Explorations in classroom observation**. Londres: John Wiley, 1976.

DEMUNER, Jocelino Antônio; LORDES, Vinícius. Coordenação e controle nos EnANPADs de 1998 a 2005: em busca da pesquisa positiva. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 30., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

DENZIN, Norman K. **Interpretive interactionism**. Beverly Hills: Sage, 1989.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna. **Handbook of qualitative research**, London, Sage, 1994.

DIMAGGIO, P. J. Constructing an organizational field as a professional project: U.S. art museums, 1920-1940. In: DIMAGGIO, P. J; POWELL, W. W. (Orgs.). **The new institutionalism in organizational analysis**. London: University of Chicago Press, 1991, p. 267-292.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. The iron cage revisited: institutional isomorphism and collective rationality in organizational fields. **American Sociological Review**, v. 48, n. 2, p. 147-160, 1983.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. **The new institutionalism in organizational analysis**. London: University of Chicago Press, 1991.

DIMAGGIO, P. J.; POWELL, W. W. A gaiola de ferro revisitada: isomorfismo institucional e racionalidade coletiva dos campos organizacionais. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 2, p. 74-89, Abr./Jun. 2005.

DINIZ, Eduardo Henrique, ET AL. Abordagens epistemológicas em pesquisas qualitativas: além do positivismo nas pesquisas na área de sistemas de informação. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 30., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

DOMINGUES, José Maurício. **Ensaio de sociologia: teoria e pesquisa**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

DONALDSON, Lex. Organization theory as a positive science. In: TSOUKAS, Haridimos; KNUDSEN, Christian (Orgs.). **The Oxford Handbook of Organization Theory**. New York: Oxford University Press, 2003, p. 39-62.

DORIA, Francisco A. D. **Marcuse: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2002.

EDEN, Colin; HUXHAM, Chris. Pesquisa-ação no estudo das organizações. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais: reflexões e novas direções**. São Paulo: Atlas, 2001, v. 2, p. 93-117.

EMIRBAYER, M.; GOODWIN, Jeff. Network analysis, culture and the problem of agency. **American Journal of Sociology**, v. 99, n. 6, p. 1411-1454, May, 1994.

EMIRBAYER, M.; MISCHÉ, A. What is agency? **The American Journal of Sociology**, v. 103, n. 4, p. 962-998, 1998.

ENRIQUEZ, Eugène. **Organização em análise**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ETZIONI, Amitai. **Organizações modernas**. 6. ed. São Paulo: Pioneira, 1980.

FAPESP – FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO. **Indicadores de ciência, tecnologia e inovação em São Paulo: 2004**. Organização de Francisco Romeu Landi. São Paulo: Fapesp, 2005.

FARIA, José Henrique de. **A questão do autoritarismo organizacional**. Curitiba: Criar, 1985.

FARIA, José Henrique de. **Relações de poder e formas de gestão**. 2. ed. Curitiba:

Criar, 1987.

FARIA, José Henrique de. **Comissões de fábrica: poder e trabalho nas unidades produtivas**. Curitiba: Criar, 1987a.

FARIA, José Henrique de. **Tecnologia e processo de trabalho**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1997.

FARIA, José Henrique de. **Economia política do poder: fundamentos**. 4. ed. Curitiba: Juruá, 2007, v. 1.

FARIA, José Henrique de. Os fundamentos da teoria crítica: uma introdução. In: FARIA, José Henrique de (Org.). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007a.

FARIA, José Henrique de; MENEGHETTI, Francis Kanashiro. Discursos Organizacionais. In: FARIA, José Henrique de (Org.). **Análise crítica das teorias e práticas organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007.

FARIAS, E. **Por que re-visitar os clássicos?** Brasília/DF: Editora da UNB, 2007.

FERNANDES, Florestan. **Elementos de sociologia teórica**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1970.

FERRARI, T. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: McGraw-Hill, 1982.

FILIPPINI, Roberto. Operations management research: some reflections on evolution, models and empirical studies in OM. **International Journal of Operations and Production Management**, v. 17, n. 7, p. 655-70, 1997.

FISCHER, Tânia. Alice através do espelho ou macunaíma em campus papagalli? mapeando rotas de ensino dos estudos organizacionais no Brasil. **O&S – Organizações e Sociedade**, v. 10, n. 28, p. 47-62, 2003.

FLEURY, M.; FISCHER, T. Relações de Trabalho e Políticas de Gestão: uma histórias das questões atuais. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 16., 1992, Canela. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1992.

FLIEG, D. G.; OLIVEIRA, L. C. F. S.; BRITO, M. J. Democracia, participação e gestão social: desafios da construção dos programas de ação temática de uma organização não-governamental. **O&S – Organizações e Sociedade**, v. 13, n. 38, p. 119-138, Jul./Set. 2006.

FLIGSTEIN, Neil. The structural transformation of american industry: an institutional account of the causes of diversification in the largest firms, 1919-1979. In: DIMAGGIO, P. J; POWELL, W. W. (Orgs.). **The new institutionalism in organizational analysis**. London: University of Chicago Press, 1991, p. 311-336.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
FOURNIER, V.; GREY, C. Na hora da crítica: condições e perspectivas para estudos

críticos de gestão. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 71-86, Jan./Mar. 2006.

FUCHS, Stephan. A sociological theory of scientific change. **Social Forces**, v. 71, n. 4, p. 933-953, June, 1993.

GABRIEL, Y. The state of critique in organizational theory. **Human Relations**, v. 54, n. 1, p. 23-30, 2001.

GARCIA, L.; QUEK, F. Qualitative research in information systems: time to be subjective? In: LEE, A. S.; LIEBENAU, J.; DEGROSS, J. I. (Orgs.) **Information systems and qualitative research**. London, UK: Chapman & Hall, 1997. p. 444-465.

GARFINKEL, H. **Studies in ethnomethodology**. New York: Blackwell Pub., 1992.

GEERTZ, C. A. **Interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, Anthony. **Novas regras do método sociológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, Mar./Abr. 1995.

GONÇALVES, S.A.; MACHADO-DA-SILVA, C. L. Mudança organizacional: institucionalização e cognição na análise do caso da Companhia Paranaense de Energia. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 23., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1999.

GORDON, A. Transient and continuant authors in a research field: the case of terrorism. **Scientometrics**, v. 72, n. 2, p. 213-224, 2007.

GUARIDO FILHO, Edson Ronaldo. **A construção da teoria institucional nos estudos organizacionais no Brasil: o período 1993-2007**. Curitiba, 2008. Tese (Doutorado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

GUARIDO FILHO, E. R.; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L. A influência de valores ambientais e organizacionais sobre a aprendizagem organizacional na indústria alimentícia paranaense. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 33-63, 2001.

GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In Dezin, N. K.; Lincoln Y. S. (Orgs.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks, CA: Sage, 1994, p. 105-117.

GUIMARÃES, Maria Eugênia. **Modernização brasileira no pensamento de Celso Furtado**. São Paulo: Universidade de Campinas, 1993.

HABERMAS, J. Conhecimento e interesse. In: **Textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 291-302 (Coleção Os Pensadores).

HABERMAS, J. **Técnica e ciência como ideologia**. Lisboa: Edições 70, 1987.

HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HAGUETTE T.M.F. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

HANNAN, Michael T.; FREEMAN, John. Ecologia populacional das organizações. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 3, p. 70-91, Jul./Set. 2005.

HANNEMAN, Robert A. **Introduction to social network methods**. Riverside: University of California, 2001.

HANNEMAN, Robert A.; RIDDLE, Mark. **Introduction to social network methods**, 2005. Disponível: <<http://faculty.ucr.edu/~hanneman/nettext/index.html>>. Acesso em 04 de Junho de 2008.

HASSARD, John; TONELLI, Maria José; ALCADIPANI, Rafael. Pós-modernidade, teoria organizacional e o *self* do gerente minuto. In: EnEO - Encontro de Estudos Organizacionais, 1., 2000. Curitiba. **Anais Eletrônicos**, Curitiba: Anpad, 2000.

HATCH, Mary Jo; YANOW, Dvora. Organization theory as an interpretive science. In: TSOUKAS, Haridimos; KNUDSEN, Christian (Orgs.). **The Oxford Handbook of Organization Theory**. New York: Oxford University Press, 2003, p. 63-87.

HERTZLER, J. O. **American social institutions**. Boston: Allyn e Bacon, 1961.

HENRY, B.; MOSCOVICI, S. **Problèmes de l'analyse de contenu**. Paris: Larousse, 1968.

HIRSCHHEIM, R. Information systems epistemology: an historical perspective. In **Information systems research: issues, methods and practical guidelines**. R. Galliers (Org.), Blackwell Scientific Publications, Oxford, 1992. p. 28-60.

HOFFMAN, A. J. Linking organizational and field-level analyses: the diffusion of corporate environmental practice. **Organization and Environment**, v. 14, n. 2, p. 133-158, 2001.

HOPPEN, Norberto. Sistemas de informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos noventa. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro: Anpad, v. 2, n. 3, p. 151-177, Set./Dez. 1998.

HOPPEN, Norberto; ET AL. Sistemas de informação no Brasil: uma análise dos artigos científicos dos anos 90. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 22., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1998.

HOPPEN, Norberto; MEIRELLES, Fernando S.; Sistemas de informação: um panorama da pesquisa científica entre 1990 e 2003. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 45, n. 1, p. 24-35, Jan./Mar. 2005.

HUSSERL, Edmund. **A Idéia da Fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1990.

JEPPEPERSON, R. L. Institutions, institutional effects, and institutionalism. In: POWELL, W. W.; DIMAGGIO, P. J. **The new institutionalism in organizational analysis**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991. p. 143-163.

JUNQUILHO, Gelson Silva. Condutas gerenciais e suas raízes: uma proposta de análise à luz da teoria da estruturação. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, Edição Especial, p. 101-120, 2003.

KANT, Immanuel, **Crítica da razão pura**. 4. ed. Lisboa: Fundação Clouste Gulbenkian, 1997.

KEINERT, Tania Margarete Mezzomo. Os paradigmas da administração pública no Brasil (1900-92). **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 34, n. 3, p. 41-48, Mai./Jun. 1994.

KINCAID, Harold. Functional explanation and evolutionary social science. In: TURNER, Stephen P.; RISJORD, Mark W. (Orgs.). **Handbook of the philosophy of science: philosophy of anthropology and sociology**. Amsterdam: Elsevier, 2007, p. 213-247.

KLEIN, Heinz K.; MYERS, Michael D. A set of principles for conducting and evaluating interpretive field studies in information systems. **MIS Quarterly**, v. 23, n. 1, p. 67-94, March, 1999.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1991.

LATORRE, M. R. D. O.; CARDOSO, M. R. A. Análise de séries temporais em epidemiologia: uma introdução sobre os aspectos metodológicos. **Rev. bras. epidemiol.** Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 145-152, Jul./Set. 2001.

LAUMANN, E. O.; MARSDEN, P. V.; PRENSKY, D. The boundary specification problem in network analysis. In: FREEMAN, L. C.; WHITE, D. R., ROMNEY, A. K. (Orgs.). **Research methods in social network analysis**. Fairfax: George Mason University Press, 1989.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de**

metodologia da pesquisa em ciências humanas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul; Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LAWRENCE, P. R.; LORSCH, J. W. **As empresas e o ambiente**: diferenciação e integração administrativas. Petrópolis: Vozes, 1973.

LEYDESDORFF, Loet. Scientific communication and cognitive codification: social systems theory and sociology of scientific knowledge. **European Journal of Social Theory**, v. 10, n. 3, p. 1-22, 2007. Disponível em: <<http://users.fmg.uva.nl/lleydesdorff/list.htm>>. Acesso em 26 de Maio de 2008.

LEITÃO, Sergio Proença; LAMEIRA, Valdir de Jesus. Humanismo e mudança organizacional. **RAP – Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 3, 2005.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Raça e história**. Lisboa: Editorial Presença, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis: Vozes, 1976.

LÉVI-STRAUSS, Claude. O totemismo hoje. In: **Os Pensadores – Claude Lévi-Strauss**. São Paulo: Abril Cultural, 1986.

LEWIS, Marianne W.; GRIMES, Andrew J. Metatriangulation: building theory from multiple paradigms. **Academy of Management Review**, Oct. 1999. Disponível em: <<http://www.findarticles.com>>. Acesso em 13 de Maio de 2008.

LINSTEAD, S. Deconstruction in the study of organizations. In: HASSARD, J.; PARKER, M. (Orgs.). **Postmodernism and organizations**. Londres: Sage, 1993.

LOIOLA, Elizabeth; BASTOS, Antonio Virgilio Bittencourt. A produção acadêmica sobre aprendizagem organizacional no Brasil. **RAC - Revista de Administração Contemporânea**, v. 7, n. 3, p. 181-201, Jul./Set. 2003.

LUDKE, M.; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1986.

LUHMANN, N. **Theories of distinction**: redescribing the descriptions of modernity. Stanford: Stanford University Press, 2002.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; AMBONI, Nério; CUNHA, Vera Carneiro. Produção acadêmica em administração pública: período 1983-88. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 13., 1989, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1989.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; CUNHA, Vera Carneiro; AMBONI, Nério. Organizações: O estado da arte da produção acadêmica no Brasil. In: EnANPAD –

Encontro anual da Anpad, 14., 1990, Belo Horizonte. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1990.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; FONSECA, Valéria Silva da. Estruturação da estrutura organizacional: o caso de uma empresa familiar. **O&S – Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 1, n. 1, p. 42-71, 1993.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; FONSECA, Valéria Silva da. Configuração estrutural da indústria calçadista de Novo Hamburgo-RS. **O&S – Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 67-119, 1994.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; GONÇALVES, Sandro. Nota Técnica: A Teoria Institucional. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais. São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 220-226.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; FERNANDES, B. H. R. O impacto da internacionalização nos esquemas interpretativos dos dirigentes do banco Bamerindus. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 14-24, 1999.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; GONÇALVES, S. A. Mudança organizacional, esquemas interpretativos e contexto institucional: dois casos ilustrativos. **Revista de Estudos Organizacionais**, Maringá, v. 1, n. 2, p. 11-26, 2000.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; FONSECA, V. S. da; FERNANDES, B. H. R. Cognição e institucionalização na dinâmica da mudança em organizações. In: RODRIGUES, S. B.; CUNHA, M. P. (Orgs.). **Estudos organizacionais**: novas perspectivas na administração de empresas: uma coletânea luso-brasileira. São Paulo: Iglu, 2000, p. 123-150.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; CASALI, A. M.; FERNANDES, B. H. R. Internationalization and organizational change; a multicase study of Brazilian organizations. **Latin American Business Review**, v. 2, n. 3/4, p. 61-96, 2001.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; FONSECA, V. S. da; CRUBELLATE, J. M. Estrutura, agência e interpretação: elementos para uma abordagem recursiva do processo de institucionalização. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, 1. Edição Especial, v. 9, p. 09-39, 2005.

MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L.; GUARIDO FILHO, Edson Ronaldo; ROSSONI, Luciano. Campos organizacionais e estruturação: reflexões e possibilidade analíticas. In: EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais, 4., 2006. Porto Alegre. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

MACÍAS-CHAPULA, C. A. O papel da informetria e da cienciométrica e sua perspectiva nacional e internacional. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 27, n. 2, p. 134-140, Maio/Ago. 1998.

MACRAE, D. G. **As idéias de Weber**. São Paulo: Cultrix, 1974.

MAGALHÃES, Francyslène Abreu Costa. Construção do saber no programa de doutorado em contabilidade no Brasil: plataformas teóricas e motivações. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 30., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do pacífico ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARCONDES, Danilo. **Iniciação à história da filosofia**: dos pré-socráticos a Wittgenstein. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

MARCUSE, H. **Razão e revolução**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARTIN, Joanne. Meta-theoretical controversies. In: TSOUKAS, Haridimos; KNUDSEN, Christian (Orgs.). **The Oxford Handbook of Organization Theory**. New York: Oxford University Press, 2003, p. 393-419.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Epistemologia da pesquisa em administração**. São Paulo, 1994. Tese (livre docência) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

MARTINS, Gilberto de Andrade. Abordagens metodológicas em pesquisa na área de administração. **RAUSP – Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 32, n. 3, p. 5-12, Jul./Set. 1997.

MARTINS, Gilberto de Andrade; SILVA, Renata Bernardeli Costa da. Plataforma teórica – trabalhos dos 3º e 4º congressos USP de controladoria e contabilidade: um estudo bibliométrico. In: Congresso USP de Controladoria e Contabilidade, 5., 2005, São Paulo. **Anais Eletrônicos**, São Paulo: USP, 2005.

MARTINS, Gilberto de Andrade; SILVA, Renata Bernardelli Costa da. Avaliação das avaliações de textos científicos sobre contabilidade e controladoria. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 30., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

MARUCCI, J. C.; MACHADO-DA-SILVA, Clóvis L. Análise da mudança do posicionamento estratégico de bancos comerciais no Brasil. **RAM – Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 55-81, 2001.

MASINI, Elcie F. Salzano. Enfoque fenomenológico de pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 59-67.

MEADOWS, A. J. **A comunicação científica**. Brasília: Brique de Lemos, 1999.

- MEIRA, Fabio Bittencourt. Responsabilidade social e ideologias: notas sobre a gênese de um conceito. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 30., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.
- MENDES, D. O caleidoscópio: modismos e pós-modernidade. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 28., 2004, Curitiba. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2004.
- MENDONÇA, J. R. C.; VIEIRA, M. M. F.; SANTO, T. M. V. E. O *downsizing* como um processo de mudança organizacional planejada: o caso de uma agência de comunicação. **O&S – Organizações e Sociedade**, v. 5, n. 12, 1998.
- MERRIAM, S. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- MERTON, Robert K. **Sociologia: teoria e estrutura**. São Paulo: Mestre Jou, 1968.
- MEYER, John W.; ROWAN, Brian. Institutionalizes organizations: formal structure as myth and ceremony, **American Journal of Sociology**, v. 83, n. 2, p. 340-363, 1977.
- MILES, Matthew; HUBERMAN, A. Michael. **Qualitative data analysis: an expanded sourcebook**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 1994.
- MILLS, C. Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa quantitativa em saúde**. São Paulo: HUCITEC – ABRASCO, 1992.
- MINAYO, M. C. S.; ET AL. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, Vozes, 1994.
- MINTZBERG, Henry. **Power in and around organizations**. Englewood Cliffs, N. J., Prentice-Hall, 1983.
- MISOCZKY, M. C.; ANDRADE, J. A. Crítica da crítica domesticada nos estudos organizacionais. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 122-128, Jan./Mar. 2005.
- MOHR, W. Structures, institutions, and cultural analysis. **Poetics**, v. 27, p. 57-68, 2000.
- MORAES, Giancarlo Marques de; BOBSIN, Débora; LANA, Francielle Venturini Dalla. Investimentos em tecnologia da informação e desempenho organizacional: uma busca do estado da arte. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 30., 2006, Salvador. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.
- MORGAN, G. Paradigms, metaphors and puzzle solving. **Administrative Science Quarterly**, v. 25, n. 4, p. 605-622, Dec. 1980.
- MORGAN, G. The significance of assumptions. In: MORGAN, G. (Org.). **Beyond**

method. London: Sage, 1983. p. 377-382.

MORGAN, G. Paradigm diversity in organizational research. In: HASSARD, J.; PYM, D. (Orgs.). **The theory and philosophy of organizations: critical issues and new perspectives.** London: Routledge, 1990. p. 13-29.

MUMBY, D. K. Common ground from the critical perspective: overcoming binary oppositions. In: CORMAN, S. R.; POOLE, M. S. Poole (Orgs.). **Perspectives on organizational communication: finding common ground.** New York: Guilford Press, 2000.

MÜNCH, R. A teoria parsoniana hoje: a busca de uma nova síntese. In A. Giddens & J. Turner (Orgs.). **Teoria social hoje.** São Paulo: Editora UNESP, 1999. p. 175-228.

MYERS, M. D. Qualitative research in information systems. **MIS Quarterly**, v. 21, n. 2, p. 241-242, June, 1997.

NAVES, F. L.; MAFRA, L. A. S.; GOMES, M. A. O.; AMÂNCIO, R. Diagnóstico organizacional participativo: potenciais e limites na análise de organizações. **O&S - Organizações e Sociedade**, v. 7, n. 19, 2000.

NATANSON, M. **Phenomenology and the social sciences.** Evanston: Northwestern University Press, 1973.

NELSON, Reed. O uso da análise de redes sociais no estudo das estruturas organizacionais. **RAE – Revista de Administração de Empresa**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 150-157, Out./Dez. 1984.

NÉRICI, Imídeo Giuseppe. **Introdução à lógica.** 5. ed. São Paulo: Nobel, 1978.

OLIVEIRA, R. C. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 13-37, 1996.

ORTEGA Y GASSET, José. **Kant, Hegel, Dilthey.** Revista do Ocidente: Madrid, 1973.

PALMER, Richard E. **Hermenêutica.** Lisboa: Edições 70, 1996.

PARETO, Vilfredo. Tratado de sociologia geral. In: Rodrigues, José Albertino (Org.). **Pareto: sociologia.** São Paulo: Ática, 1984. p. 32-82.

PARSE, O. R.; COYNE, A. B.; SMITH, M. J. **Nursing research: qualitative methods.** Maryland: Brady Communications, 1985.

PARSONS, Talcott. **Sociedades: perspectivas evolutivas e comparativas.** São Paulo: Pioneira, 1969.

PAULA, Ana Paula Paes de; KLECHEN, Cleiton Fabiano. A Tradição autônoma dos estudos críticos em administração no Brasil: um estudo da produção científica de 1980 a 2004. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 31., 2007, Rio de Janeiro.

Anais Eletrônicos, Rio de Janeiro: Anpad, 2007.

PEREIRA, M. C.; BRITO, V. G. P.; BRITO, M. J. A fábrica representa um espaço para a construção do saber? Uma análise do processo de aprendizagem em células de montagem. **O&S – Organizações e Sociedade**, v. 13, n. 37, 2006.

PIAGET, J. **O estruturalismo**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

PIZZA JR., Wilson. Tempo nas organizações. **RAP - Revista de Administração Pública**, v. 31, n. 1, 1997.

POZZEBON, Marlei; PINSONNEAULT, Alain. Challenges in conducting empirical work using structuration theory: learning from IT, **Organization Studies**, v. 26, n. 9, p. 1353-1376, 2005.

PRASAD, Anshuman; PRASAD, Pushkala. The coming of age of interpretive organizational research. **Organizational Research Methods**, v. 5, n. 1, Jan., 2002.

PUTNAM, L. L. The interpretive perspective: an alternative to functionalism. In: PUTNAM, L. L.; PACANOWSKY, M. E. (Orgs.). **Communication and organizations: an interpretive approach**. Beverly Hills: Sage Publications, 1983.

QUINELLO, Robson. **A teoria institucional aplicada à administração: entenda como o mundo invisível impacta na gestão dos negócios**. São Paulo: Novatec, 2007.

QUINTANEIRO, Tânia, BARBOSA, Maria Lúcia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia. **Um toque de clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo horizonte: UFMG, 2001.

QUINTELLA, Rogério H. **Ética e sistematização da avaliação de trabalhos científicos**, 2005. Disponível: <http://www.anpad.org.br/publicacoes_informativo_opinio.php?cod_informativo=8>. Acesso em 26 de Maio de 2008.

REED, Michael; HUGHES, M. **Rethinking organization**. London: Sage Publications, 1992.

REED, Michael. Teorização organizacional: um campo historicamente contestado. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 61-98.

REED, Michael. In Praise of duality and dualism: rethinking agency and structure in organizational analysis. In: ACKROYD, Stephen; FLEETWOOD, Steve. **Realist perspectives on management and organisations**. London: Routledge, 2000.

RICHARDSON, R.; ET AL. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1999.

RIGATTO, Paulo. Correlações entre as abordagens concorrencial e institucional:

caso do setor de frutas e conservas do Rio Grande do Sul. **REAd – Revista de Administração**, Rio Grande do Sul. ed. 12, v. 5, n. 4, Nov./Dez. 1999.

RODRIGUES, Suzana Braga; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A Tradição anglo-saxônica nos estudos organizacionais brasileiros. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, Edição Especial, p. 81-102, 2001.

RODRIGUES FILHO, José. Desenvolvimento de diferentes perspectivas teóricas para análise das organizações. **RAP – Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 32, n. 4, 1998.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. Nova técnica: pesquisa-ação no estudo das organizações. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais: reflexões e novas direções**. São Paulo: Atlas, 2001, v. 2, p. 118-123.

ROETHLISBERGER, F. J.; DICKSON, W. J. **Management and the worker**. Cambridge: Harvard University Press, 1939.

ROSA, Alexandre Reis. A imagina(organiza)ção surrealista: rompendo a gaiola de ferro dos estudos organizacionais. In: EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais, 4., 2006. Porto Alegre. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

ROSSINI, A. J.; AZEVÊDO, A.; CRUBELLATE, J. M. Reação cultural à aquisição: estudo do caso Santander/Noroeste. **RAC – Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 145-164, Jan./Abr. 2001.

ROSSONI, Luciano. **A dinâmica de relações no campo da pesquisa em organizações e estratégia no Brasil: uma análise institucional**. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná.

ROSSONI, Luciano; GUARIDO FILHO, Edson; FRANCISCONI, Karine; ALBUQUERQUE FILHO, José Bonfim. Estratégia em organizações: a produção científica em eventos nacionais entre 2001 e 2006. In: 3Es – Encontro de estudos em Estratégia, 3., 2007, São Paulo. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2007.

SALAMAN, G.; THOMPSON, K. **People and organizations**. London: Longman/Open University Press, 1973.

SAMPIERI, Roberto H; COLLADO, Carlos F.; LUCIO, Pilar B. **Metodología de la investigación**. Colombia: McGraw-Hill, 1994.

SANDBERG, J. How do we justify knowledge produced within interpretive approaches? **Organizational Research Methods**, v. 8, n. 1, p. 41-68, January, 2005.

SANTOS, L. M. A.; AÑEZ, M. E. M.; LOPES, F. D. Análise crítica em organizações sociais: apropriando teoria e prática de seus componentes estruturais e culturais. In:

EnEO – Encontro de Estudos Organizacionais, 4., 2006. Porto Alegre. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2006.

SARASON, Yolanda. A model of organizational transformation: the incorporation of organizational identity into a structuration theory framework, **Academy of Management Journal**, Best Papers, p. 47-51, 1995.

SATO, Leny. Processos organizativos cotidianos e corriqueiros: a leitura da etnometodologia”. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n.1, p.129-151. Jan./Jun., 2001.

SCHEIN, E. **Psicologia Organizacional**. Rio de Janeiro: Prentice Hall do Brasil, 1982.

SCHÜTZ, A. **The phenomenology of the social world**. Chicago: Northwestern University Press, 1967.

SCOTT, W. Richard. The adolescence of institutional theory, **Administrative Science Quarterly**, v. 32, n. 4, p. 493-511, Dec. 1987.

SCOTT, W. Richard. Conceptualizing organizational fields: linking organizations and societal systems. In: DERLIEN, Hans-Ulrich; GERHARDT, Uta; SCHRPF, Fritz W. **Systems rationality and partial interests**. Baden: Nomos, 1994.

SCOTT, W. Richard. **Institutions and organizations**. 2. ed. London: Sage, 2001.

SELLTIZ, W.; WRIGHTSMAN, L. S.; COOK, S. W. **Métodos de pesquisa nas relações sociais**. São Paulo: EPU, 1987.

SELZNICK, Philip. Foundations of the theory of organization. California: **American Sociological Review**. v. 13, p. 25-35, Feb. 1948.

SELZNICK, Philip. **Leadership in administration**. Nova York: Harper e Row, 1957.

SELZNICK, Philip. **TVA and the grass roots**. New York: Harper & Row, 1966.

SELZNICK, Philip. **The moral commonwealth: social theory and the promise of community**. Berkeley: University of California Press, 1992.

SELZNICK, Philip. Institutionalism “old” and “new”. **Administrative Science Quarterly**, v. 41, p. 270-277, 1996.

SERVA, Maurício. A racionalidade substantiva demonstrada na prática administrativa. **RAE - Revista de Administração de Empresas**, v. 37, n. 2, 1997.
SILVA, Benedicto, ET AL. **Dicionário de ciências sociais**. Rio de Janeiro: FGV, 1986.

SILVA, E; MENEZES, E; PINHEIRO, L. Avaliação da produtividade científica dos pesquisadores nas áreas de ciências humanas e sociais aplicadas. **Informação e Sociedade**, v. 13, n. 2, p. 1-18, 2003.

SILVERMAN, David. **The theory of organizations: a sociological framework.** London: Heineman, 1970.

SITYA, C. V. M. **A lingüística textual e a análise do discurso: uma abordagem interdisciplinar.** Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul: Editora da URI, 1995.

STUMPF, I. R. C.; ET AL. Uso dos termos Cienciometria e Cientometria pela comunidade científica brasileira. In: POBLACION, Dinah Aguiar; WITTER, Geraldina Porto; SILVA, José Fernando Modesto da. (Org.). **Comunicação e produção científica: contexto, indicadores, avaliação.** São Paulo: Angellara, 2006. p. 341-369.

STRAUSS, A., CORBIN, J. **Basics of qualitative research: grounded theory procedures and techniques.** London: Sage, 1990.

TAHAI, A; RIGBSY, J. Information processing using citation to investigate journal influence in accounting. **Information Processing e Management.** v. 34, n. 2, p. 341-359, 1998.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação.** 4. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.

TOLBERT, Pámela S.; ZUCKER, Lynne G. A institucionalização da teoria institucional. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais: modelos de análise e novas questões em estudos organizacionais.** São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 196-219.

TONELLI, Maria José; ALCADIPANI, R. Organizações pós-modernas: uma discussão sobre as novas competências requeridas aos gestores e a maquiagem do *self*. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 24., 2000, Florianópolis. **Anais Eletrônicos,** Rio de Janeiro: Anpad, 2000.

TRIPODI, T.; FELLIN, P.; MEYER, H. J. **Análise da pesquisa social.** Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1975.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1987.

TURNER, Barry A. Sociological aspects of organizational symbolism. **Organizational studies,** v. 7, n. 2, p. 101-115, 1990.

TURNER, Jonathan H. **Sociologia: conceitos e aplicações.** São Paulo: Makron Books, 1999.

TURNER, Jonathan H. Sociological theory today. In: TUNER, Jonathan H. (Org.). **Handbook of Sociological Theory.** New York: Kluwer Academic/Plenum Publishers, 2002.

TURNER, Stephen P. Defining a discipline: sociology and its philosophical problems, from its classics to 1945. In: TURNER, Stephen P.; RISJORD, Mark W. (Orgs.). **Handbook of the philosophy of science: philosophy of anthropology and**

sociology. Amsterdam: Elsevier, 2007, p. 03-69.

VALE, G. M. V.; AMÂNCIO, R.; LAURIA, M. C. P. Capital social e suas implicações para o estudo das organizações. **O&S – Organizações e Sociedade**, v. 13, n. 36, p. 45-63, Jan./Mar. 2006.

VAN MAANEN, J. An end to innocence: the ethnography of ethnography. In: J. Van Maanen (Org.). **Representation in ethnography**. London: Sage, 1995, p. 1-35.

VAUGHAN, D. K. Abstracts and summaries: some clarifying distinctions. **The Technical Writing Teacher**, St. Paul, v. 18, n. 2, Spring, 1991.

VERGARA, Sylvia Constant; CARVALHO JR., Dourival de S. Nacionalidade dos autores referenciados na literatura brasileira sobre organizações. IN: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 19., 1995, João Pessoa. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1995.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

VIEIRA, Francisco Giovanni David. Por quem os sinos dobram? Uma análise da publicação científica na área de marketing do EnANPAD. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 22., 1998, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1998.

VIEIRA, Francisco Giovanni David. Ações empresariais e prioridades de pesquisa em marketing: tendências no Brasil e no mundo segundo a percepção dos acadêmicos brasileiros. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 23., 1999, Foz do Iguaçu. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 1999.

VIEIRA, Francisco Giovanni David. Panorama acadêmico científico e temáticas de estudos de marketing no Brasil. In: EnANPAD – Encontro anual da Anpad, 24., 2000, Florianópolis. **Anais Eletrônicos**, Rio de Janeiro: Anpad, 2000.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; CALDAS, Miguel P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 46, n. 1, p. 59-70, Jan./Mar. 2006.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. 5. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WEICK, Max. **The social psychology of organizing**. California: Addison-Wesley, 1979.

WEICK, Karl. Theory construction as disciplined imagination. **Academy of Management Review**, v. 14, n. 4, p. 516-531, 1989.

WELLMAN, Barry. Structural analysis: from method and metaphor to theory and substance. In: WELLMAN, Barry; BERKOWITZ, S. D. **Social structures: a network**

approach. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

WHITLEY, R. Academic knowledge and work jurisdiction in management. **Organization Studies**, v. 16, p. 81-106, 1995.

WITTER, C. **Psicologia escolar: produção científica, formação e atuação** (1990/1994). São Paulo, 1996. 172 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade de São Paulo.

WITTER, Geraldina, Porto. **Produção científica**. Campinas, SP: Átomo, 1997.

WOOD Jr., Thomaz. Nota técnica: frutas maduras em um supermercado de idéias mofadas. In: CLEGG, Stewart R.; HARDY, Cynthia; NORD, Walter R. (Orgs.). **Handbook de Estudos Organizacionais**. São Paulo: Atlas, 1998, v. 1, p. 267-271.

WOOD JR., Thomaz. Editorial. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 2, Abr./Jun. 2001a.

WOOD JR., Thomaz. Editorial. **RAE – Revista de Administração de Empresas**, v. 41, n. 3, Jul./Set. 2001b.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZALTMAN, Gerald; PINSON, Christian R. A.; ANGELMAR, Reinhard. **Metatheory and consumer research**. Hinsdale: Dryden Press, 1973.

ZIETSMA, C.; WINN, M. I. Reflections on process and process theorizing: revisiting our work “organizational field power dynamics and the ‘war of the woods’”. Unpublished Manuscript, **The first Organization Studies summer workshop on theorizing process in organization research**. Santorini: Greece, 2005.

ZUCKER, Lynne G. The role of institutionalization in cultural persistence, **American Sociological Review**, v. 42, p. 726-743, 1977.

ZUCKER, Lynne G. Institutional theories of organization, **Annual Review of Sociology**, v. 13, p. 443-464, 1987.

ZUCKER, Lynne G. The role of institutionalization in cultural persistence. In: POWELL, Walter W; DIMAGGIO, Paul J. **The new institutionalism in organizational analysis**. London: University of Chicago Press, 1991.

**APÊNDICE A – INFORMAÇÕES ADICIONAIS SOBRE O PERFIL DE
PUBLICAÇÃO DOS AUTORES**

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Abelardo Vinagre da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Abraham Sin Oih Yu	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Acyr Seleme	Retirante	1	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	4
Adalberto Benevides Magalhães Neto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Adalberto Felinto da Cruz Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Adam Barsky	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Adelaide Maria Coelho Baêta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Adelaide Maria de Souza Antunes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Adonai José Lacruz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Adriana Carla Avelino Mazza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Adriana Lerner	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Adriana Lúcia de Escobar Chaves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Adriana Machado Casali	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Adriana Marques Rossetto	Retirante	-	-	2	-	1	1	-	-	-	-	-	4
Adriana Roseli Wunsch Takahashi	Transiente	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	1	3
Adriana Teixeira Bastos	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Adriana Ventola Marra	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Adriana Vieira Salinas	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2
Adriane Angélica Farias Santos Lopes de Queiroz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Adriane Vieira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Adriano Policarpo Zambelli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Afonso Henriques de A. Nogueira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Afonso Carneiro Lima	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Afonso Fleury	Transiente	-	1	-	1	1	-	-	-	1	-	-	4
Afrânio Carvalho Aguiar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Aginaldo de Jesus Rossini	Retirante	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Aginaldo de Sousa Barbosa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Aida Maria Lovison	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alain Robichaud	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Alba Couto Falcão Scheible	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	3
Alba Estela Sanchez Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Alba Regina Neves Ramos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Albério Nunes da Fonseca Dias	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Albert Felipe Mojeszowicz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alberto Borges Mattias	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alceu Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alcieleis de Paula Neto	Retirante	-	-	-	-	1	2	1	-	-	-	-	4
Aldemir Drummond Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alessandra Bianco	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Alessandra Cabral Nogueira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Alessandra Mello da Costa	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Alessandra Morgado Horta Corrêa	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	3
Alessandra Sabrina Pinheiro Alves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alessandra Zaquini	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Alessandro Porporatti Arbage	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2
Alessia Luciolli Nepomuceno	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Alex Coltro	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Alex Fernando Borges	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Alex Sandro Quadros Weymer	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Alexandre C. Lima Martins	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Alexandre de Pádua Carrieri	Continuante	-	1	1	2	3	1	3	1	4	1	4	21
Alexandre Faria	Transiente	-	-	-	1	1	-	-	2	-	1	-	5
Alexandre Ferreira Rolim	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Alexandre Garcia Nogueira	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Alexandre Majola Gava	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Alexandre Reis Rosa	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	4
Alfredo Colenci Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Alfredo José Lopes Costa	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Alfredo Rodrigues Leite-da-Silva	Continuante	-	-	-	-	1	-	1	-	2	3	2	9
Aline Alexandre	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Aline Craide	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	2	2	1	6
Aline França de Abreu	Retirante	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	2
Aline Oliveira Almeida	Retirante	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Alison Morrison	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alketa Peci	Continuante	-	2	1	1	1	1	3	1	2	1	-	12
Allan Claudius Queiroz Barbosa	Retirante	-	-	-	-	-	2	1	1	-	-	-	4
Almir Cordeiro Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Alsones Balestrin	Transiente	-	-	-	-	-	2	1	-	2	1	-	6
Altamiro Sérgio Mol Bessa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Alvair Silveira Torres Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Alvaro Tamayo	Continuante	-	1	2	1	1	2	1	2	1	-	1	12
Amanda Zauli-Fellows	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Amândia Maria de Borba	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Amarolinda Costa Zanela	Retirante	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Amauri Luis Lampert	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Amélia Regina Alves	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Amélia Regina Meleiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Américo da Costa Ramos Filho	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Amilcar Baiardi	Retirante	-	1	1	1	-	-	1	-	-	-	-	4
Amyra Moyzes Sarsur	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Ana Akemi Ikeda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ana Augusta Ferreira de Freitas	Transiente	-	-	-	-	-	1	1	-	-	3	-	5
Ana Beatriz Leal	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ana Beatriz Nunes da Silva	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Ana Carolina de Aguiar Rodrigues	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Ana Carolina Fonseca	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ana Carolina Pimentel Duarte da Fonseca	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ana Carolina S. Queiroz	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	3
Ana Cláudia Lima Pinheiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Ana Cristina Batista-dos-Santos	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	3
Ana Cristina Limongi-França	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ana Georgina Peixoto Rocha	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ana Lidia Gomes Gama	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Ana Lucia Guedes	Retirante	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	-	3
Ana Lúcia Teixeira Hirschle	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ana Luísa de Castro Almeida	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	2
Ana Magnólia Mendes	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ana Márcia Batista Almeida	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
Ana Margarete Lemos	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ana Maria Alves Machado	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ana Maria de Souza Lima	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Ana Maria Garcia	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ana Maria Malik	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ana Maria Romano Carrão	Retirante	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2
Ana Maria Roux Valentini Coelho Cesar	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Ana Maria Santana Martins	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Ana Paula Correa e Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Ana Paula Cortat Zambrotti Gomes	Transiente	-	-	-	-	-	1	1	3	-	1	-	6
Ana Paula Moreno Pinho Brito	Retirante	1	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3
Ana Paula Paes de Paula	Continuante	-	-	-	1	2	4	-	2	-	1	2	12
Ana Silvia Rocha Ipiranga	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	3	-	5
Anderson de Souza Sant'anna	Transiente	-	-	1	-	-	1	-	4	1	-	-	7
Anderson Lopes Belli Castanha	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Anderson Veloso Vianna	Transiente	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2
André Gustavo Carvalho Machado	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
André Hartmann Duhá	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
André Luiz Fischer	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
André Melo Bacellar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
André Ofenhejm Mascarenhas	Continuante	-	-	-	-	-	2	-	5	1	2	2	12
André Ricardo Nahas	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
André Torres Urdan	Retirante	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Andréa Brasil de Oliveira	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Andréa Cherman	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Andrea Cristina Luz Basílio	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Andrea Leite Rodrigues	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	3
Andréa Lúcia de Aguiar Mendes	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Andrea Valéria Steil	Retirante	1	1	1	-	1	-	-	-	-	-	-	4
Andréa Yumi Sugishita Kanikadan	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Anderson Braga de Aguiar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Angela Beatriz Scheffer Garay	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ângela de Moura Ferreira Danilevicz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Ângela França Versiani	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Ângela Maria de Oliveira Almeida	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Angela Maria Marques Sampaio	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Angela Maria Monteiro da Silva	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Angelo Brigato Esther	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	3
Angilberto Sabino de Freitas	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Anielson Barbosa da Silva	Transiente	-	-	-	-	1	2	2	-	-	-	3	8
Anita Kon	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Anjeéri Luiz Sadzinski	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Anna Maria Monteiro Campos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Anne Pinheiro Leal	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Annor da Silva Junior	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2
Anselmo Ferreira Vasconcelos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Antônia Colbari	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Antônia de Lourdes Colbari	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Carla Patrícia Bahry	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Carlos Alberto Freire Medeiros	Continuante	-	2	1	-	-	2	2	1	1	-	-	9
Carlos Alberto Pereira Leite Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Carlos Alberto Sampaio de Freitas	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2	4
Carlos Antônio Brandão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Carlos Augusto Aché	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Carlos Augusto Amaral Moreira	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Carlos Daniel Rodrigues da Costa	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Carlos Eduardo Menezes Prates	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Carlos Eduardo Nogueira Couto Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Carlos Everaldo Silva da Costa	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
Carlos Fernando Faria Leite	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Carlos Gitz Henkin	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Carlos Henrique Maurício da Rocha	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Carlos Henrique Vieira Santana	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Carlos Jaelso Albanese Chaves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Carlos L. Rodriguez	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Carlos Leomar Kreuz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Carlos Manuel Alves de Almeida	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Carlos Olavo Quandt	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Carlos Osmar Bertero	Transiente	-	1	1	-	1	-	-	-	2	-	-	5
Carlos Raul Borenstein	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Carlos Ricardo Rossetto	Retirante	-	-	-	2	-	2	1	2	-	-	-	7
Carlos Wolowski Mussi	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Carmem Ligia lochins Grisci	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
Carmen Pires Migueles	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Carmen Silvia Sanches	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Carolina Andion	Continuante	-	1	-	-	1	1	-	1	-	2	-	6
Carolina da Silva Ferreira	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Carolina Ferreira Arantes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Carolina Fredo Fleck	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Carolina Gondim Dourado de Azevedo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Carolina Machado Saraiva de Albuquerque Maranhão	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Carolina Rosado dos Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Carolina Tiemi Sato	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Carolina Valentini Toscani	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Caroline Benevenuti Passuello	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Caroline Brito Fernandes	Retirante	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
Caroline Gremo Giordani	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Caroline Miriã Fontes Martins	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Caroline Pastana	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Cássia Maria Moura Caixeta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Casturina Jaira da Silva	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Catarina Cecília Odelius	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cecília Carmen Cunha Pontes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cecília de Melo Dias	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Cecília Leão Oderich	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Cecília Whitaker Bergamini	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ceiça Lia Palerosi Borges	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Celso José de Campos	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
César Tureta	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	4
Charbel José Chiappetta Jabour	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Charles Kirschbaum	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	1	5	3	11
Chris Grey	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Christian Luiz da Silva	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Christiane Kleinübing Godoi	Continuante	-	-	-	-	-	1	1	2	1	2	-	7
Christiane C. S. R. Coelho	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Christophe Benavent	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Cida Ferraz	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Cinara Maria Carneiro Rocha	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Cíntia Miyuki Oda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cintia Rodrigues de Oliveira Medeiros	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cladiani Waiandt	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Clandia Maffini Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Clarice Breviglieri Porto	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Clarissa Rocha da Silva Salazar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Clarissa Rollin Pinheiro Bastos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Clarkson Machado Diniz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Cláudia Andréa Mayorga Borges	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Claudia Coser	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	3	-	1	-	4
Claudia Cristina Bitencourt	Continuante	-	1	1	-	-	-	1	2	-	2	-	7
Claudia Simone Antonello	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	4
Cláudia Sirangelo Eccel	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	1	4

**TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)**

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Claudia Souza Passador	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Claudiani Waiandt	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	1	1	1	-	4
Claudine Cesar	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Cláudio Antonio Pinheiro Machado Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Claudio Aurelio Hernandes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cláudio Barbosa da Rocha	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Cláudio Borges Abate Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Cláudio de Souza Pereira	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Cláudio Durmond Frazão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cláudio Hoffmann Sampaio	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Cláudio Luiz Chiusoli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cláudio Pinho Mazzilli	Retirante	1	2	-	-	-	1	-	2	-	-	-	6
Claudio Pitassi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Cláudio Reis Gonçalo	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	3
Claudio Rotta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cláudio Vaz Torres	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2
Cleber Aquino	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Cleia Cleonice Visentini	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Cleide Carneiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cleitton Fabiano Klechen	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cléria Donizete da Silva Lourenço	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Clerilei Aparecida Bier	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Cleufe Pelisson	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Cleverson Renan da Cunha	Continuante	-	-	-	-	-	1	1	2	1	1	-	6
Clezio Saldanha dos Santos	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Clovis Cerretto	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Clóvis de Barros Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Clóvis de Lima Barbosa Jr.	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Clóvis L. Machado-da-Silva	Continuante	1	3	4	4	4	1	3	4	3	6	2	35
Clóvis Luís Padoveze	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Creuza da Silva Azevedo	Retirante	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Cristiane Oliveira da Graça Amâncio	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cristhyane Ribeiro	Retirante	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Cristiana Trindade Ituassu	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cristiane Alperstedt	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Cristiane Elias Penido Coimbra	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cristiane Paschoa Martino	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cristiane Vercesi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Cristiano de Oliveira Maciel	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	3
Cristiano J. C. A. Cunha	Retirante	-	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	4
Cristina Amélia Carvalho	Continuante	-	1	3	2	3	-	3	3	5	1	-	21
Cristina Leony Lopes Lima Rocha	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Cristina Pereira Vecchio Balsini	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Cristina Sakamoto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Cynthia Maria Cirillo Jobim	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Daielely Melina Nassif Mantovani	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Dalini Marcolino Ferraz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Daniel Bin	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Daniel de Araújo Martins	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Daniel Garcia Haro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Daniel Gustavo Fleig	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Daniel Jardim Pardini	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	3
Daniel Lins	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Daniel R. Guimarães Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Daniela Cecília Morandini	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Daniela Cedola	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Daniela Cristina Guimarães	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Daniela Fernanda Mariotti	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Daniela Grotto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Daniela Meirelles Andrade	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	3
Daniela Moreira de Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Daniela Rocha Villela	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Daniele dos Santos Fontoura	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Danielle Cireno Fernandes	Transiente	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	1	4
Dante Pinheiro Martinelli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Darci Basta dos Santos Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Darcy Mitiko Mori Hanashiro	Continuante	-	-	-	-	-	1	1	3	2	1	2	10
Dário Henrique Alliprandini	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Davi Noboru Nakano	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Dayse Mendes	Retirante	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	3
Débora C. P. Dourado	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	-	4
Debora Luna	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Débora Miriam Raab Glina	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Déborah Mara Siade Barbosa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Deborah Moraes Zouain	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Décio Sperandio	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Decio Zylbersztajn	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	3
Deise Luiza da Silva Ferraz	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	1	4
Denis Alcides Rezende	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Denise A. Lustri	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Denise Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Denise Clementino de Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Denise de Castro Pereira	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Denise Del Prá Netto Machado	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Denise L. Fleck	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	1	4
Denise Marçom	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Denise Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Denize Grzybovski	Continuante	-	-	-	-	-	1	-	2	1	3	1	8
Deonir De Toni	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Deril de Souza Dias	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Devanir Vieira Dias	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2
Diana Pereira Branisso	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Diane-Gabrielle Tremblay	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Diego Maganhotto Coraiola	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Dinice Lima	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Dinorá Meinicke	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Diógenes de Souza Bido	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Diogo Fajardo Nunes Hildebrand	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Diogo Henrique Helal	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	2	5
Diogo Junqueira de Castro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Dirceu da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Dirk Boehe	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Diva Ester Okazaki Rowe	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Djahanchah Philip Ghadiri	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Djalma Freire Borges	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Domingos A. Giroletti	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Domingos Savio Spezia	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Dora Lúcia Flór de Oliveira	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Doriana Daroit	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Dóris Lieth Peçanha	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Douglas de Oliveira Botelho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Douglas Filenga	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2
Duarte de Souza Rosa Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Eda Castro Lucas de Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Edemar Luiz Balbinot	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Éder Paschoal Pinto	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Edgar Reyes Junior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Edgard Alencar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Edimara Mezzomo Luciano	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Edinice Mei Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Edison Fernandes Polo	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Edmundo Escrivão Filho	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Edmundo Inácio Júnior	Transiente	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2	-	4
Edna Maria Querido de Oliveira Chamon	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Edson Marcelino	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Edson R. Guarido Filho	Transiente	-	-	-	1	2	-	-	-	-	3	-	6
Eduardo Angonesi Predebon	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Eduardo Cerqueira Battucci	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Eduardo Davel	Continuante	-	-	1	3	2	3	1	2	3	5	3	23
Eduardo de Aquino Lucena	Transiente	1	-	-	1	-	-	-	-	1	2	-	5
Eduardo Loebel	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Eduardo Pinheiro Gondim de Vasconcellos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Eduardo Raupp de Vargas	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Eduardo Sant'Anna Martins	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	3
Eduardo Santos Galas	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Eduardo Sérgio Ulrich Pace	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Edvaldo Alves de Santana	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Edwin Galdamez Cardoza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Egídio Luiz Furlanetto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Elaine Cristina de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Elaine Cristina Schmitt	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Elaine Di Diego Antunes	Continuante	-	1	1	-	-	-	-	1	1	1	-	5
Elaine Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Elaine Lizeo	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Elaine Rabelo Neiva	Transiente	-	-	-	-	-	1	1	-	2	-	1	5
Elcemir Paço-Cunha	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	3	2	7

**TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)**

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Elenice Gonçalves Cunha	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Eleuni Antonio de Andrade Melo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Eliane da Silva Bessa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Eliana Elisabete Moreira Gosendo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Eliane Pereira Zamith Brito	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Eliezer Egídio e Silva	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Elis Regina de Paula	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	3
Elisa Yoshie Ichikawa	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	1	1	-	1	4
Elisabeth Aparecida Correa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Elisabeth Braz Pereira Gomes	Retirante	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Elisabeth Maria Mosele	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Eliza Emilia Rezende Bernardo Rocha	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Elizabeth de Abreu e Lima Moreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Elizabeth Krauter	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Elizabeth Loiola	Continuante	-	-	1	1	2	4	1	3	-	1	2	15
Elizabeth Navas Sanches	Transiente	1	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	3
Eloise Helena Livramento Dellagnelo	Continuante	-	1	-	2	-	-	2	3	2	2	1	13
Eloisio Moulin de Souza	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	1	2	-	5
Elson da Cunha Vilela	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Elton Fernandes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Elvio Corrêa Porto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Elvira Cruvinel Ferreira Ventura	Continuante	-	1	-	-	-	-	-	1	1	1	1	5
Elvisney Aparecido Alves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Ely Laureano Paiva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Emiliana da Costa Vargens	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Emily Johnson	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Enéas Lara Pereira de Araújo	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Enise Barth Teixeira	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Epaminondas Bittencourt Neto	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	-	3
Érgio Messias dos Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Erica Chulvis do Val Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Ernesto Lima-Gonçalves	Retirante	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Eros E. da Silva Nogueira	Continuante	-	-	-	1	1	-	2	1	-	1	1	7
Estelle Morin	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Eugenio Avila Pedrozo	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	3
Euler Lopes Mendes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Eunice Maria Lima Soriano de Alencar	Retirante	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Euripedes Falcão Vieira	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Eusebio Scornavacca Jr	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Everton Luís Pellizzaro de Lorenzi Cancellier	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Everton Molina Campos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
F. Xavier Molina-Morales	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Fabiana Böhm Gramkow	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Fabiane Cortez Verdu	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Fabio Bittencourt Meira	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	-	4
Fábio Frezatti	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2
Fábio Luiz Mariotto	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Fábio Matuoka Mizumoto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Fábio Pitombo Leite	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Fabio Vizeu	Continuante	-	-	-	-	-	-	2	1	1	3	1	8
Fabiola Marinho Costa	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	2
Fabiola Possamai	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Fabiula Meneguete Vides da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Fabrizio Giovannini	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	2
Fabrizio Plebani	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Fátima Ferreira Roquete	Retirante	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	3
Fátima Regina Ney Matos	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2	2	6
Felicio Ribas Torres	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Felipe Mendes Borini	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Felipe Zambaldi	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Félix João Rossato Neto	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	3
Fernanda Bonotto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Fernanda Filgueiras Sauerbronn	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Fernanda Miranda Vasconcellos Motta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Fernando Amaral de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Fernando Antonio Braga de Siqueira Jr	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Fernando Antonio Prado Gimenez	Transiente	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2	-	4
Fernando C. Prestes Motta	Retirante	-	-	1	1	3	-	1	1	-	-	-	7
Fernando César Almada Santos	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2
Fernando Coelho Martins Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Fernando Coutinho Garcia	Retirante	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Fernando Dias Lopes	Continuante	-	-	2	1	2	-	-	-	1	1	-	7
Fernando Guilherme Tenório	Retirante	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3

**TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)**

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Fernando Peris-Bonet	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Fernando Pontual de Souza Leão Júnior	Retirante	-	-	-	1	2	1	-	-	-	-	-	4
Fernando Ramalho Martins	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Fernando Skackauskas Dias	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Fernando Velloso Filho	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Feruccio Bilich	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Filipe Braga Ivo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Filipe Fernandes de Pinho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Filipe João Bera de Azevedo Sobral	Transiente	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	-	4
Filipe Jorge Fernandes Coelho	Retirante	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	3
Filipe Jorge Ribeiro de Almeida	Continuante	-	-	-	-	2	1	1	1	1	1	1	7
Flávia Aparecida Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Flávia Chaves Alves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Flávia de Holanda Schmidt	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Flávia de Souza Costa Neves Cavazotte	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Flavia Ferro Cauduro	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Flávia Lopes Pacheco	Transiente	-	-	-	-	2	2	-	1	-	3	-	8
Flávia Luciana Neves	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Flavia Luciane Scherer	Retirante	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	2
Flávia Pellissari Pomin Frutos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Flaviana Andrade de Pádua Carvalho	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2
Flávio Carvalho de Vasconcelos	Continuante	-	-	-	1	1	2	3	5	2	2	1	17
Flávio de Souza Marinho	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Flávio Macau	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Flávio Marques Vicari	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Flávio Monteiro de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Flávio Torres Urdan	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Francisc Xavier Molina-Morales	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Franciane Candatten	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Francis Kanashiro Meneghetti	Continuante	-	-	-	-	2	1	-	1	-	3	2	9
Francisco Antonio Barbosa Vidal	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Francisco Antonio Coelho Junior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Francisco Correia de Oliveira	Retirante	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Francisco Cristino de França Júnior	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Francisco de Araujo Santos	Retirante	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	3
Francisco Djalma de Oliveira	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Francisco Francilio Dourado da Silva Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Francisco Giovanni David Vieira	Continuante	-	-	1	1	-	1	1	-	-	1	-	5
Francisco Isidro Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Francisco José da Costa	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Francisco L. C. Teixeira	Retirante	1	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	3
Francisco Tarciso Leite	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Francisco Vidal Barbosa	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Françoise Belle	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Franz Reis Novak	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Frederico Antonio Azevedo de Carvalho	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2
Fu Kei Lin	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Gabriel Ferreira Bartholo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Gardene Souza de Aguiar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Gardenia da Silva Abbad	Continuante	-	1	1	1	-	-	-	1	-	1	-	5
Gazi Islam	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	3
Gelson Silva Junquihlo	Continuante	-	1	-	-	1	2	2	3	1	2	1	13
Genauto Carvalho de França Filho	Transiente	-	-	-	-	-	1	1	1	-	2	-	5
Georgina Alves Vieira da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Geraldine Aparecida Neves de Lima	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Geraldo Magela Jardim Barra	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Geraldo Ronchetti Caravantes	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Gerlane de Azevedo Rocha	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Germany Gonçalves Veloso	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Gesinaldo Ataíde Cândido	Retirante	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Giacomo Balbinotto Neto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Gianna Maria de Paula Soares	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Gideon Carvalho de Benedicto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Gilberto de Andrade Martins	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Gilberto Shinyashiki	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Gildásio Santana Junior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Gilles Chemale Cigerza	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Gilsée Ivan Regis Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Giovani Caciatori Brighenti	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Giovani Varzin	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Gisele Pereira Teixeira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Giselle Reis Brandão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Giuseppe Maria Russo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Gizelle de Souza Mageste	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	3
Gládia Lorena Lima Maia	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Gládis Camarini	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Gláucia Maria Vasconcellos Vale	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Glauro Oscar Ferraro Pires	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Glenda Michelle Marques	Retirante	-	-	-	-	-	1	2	1	-	-	-	4
Glicia dos Santos	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Goiacira Nascimento Segurado Macêdo	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Grace Kelly Marques Rodrigues	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Grace Vieira Becker	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Graziela Fortunato	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Graziela Mennitti	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Graziella Comini	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Gregorio Varvakis	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Guilherme de Farias Shiraiishi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Guilherme Guimarães Santana	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Guilherme José de V. Soares	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Guilherme Lima Moura	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	3
Guilherme Marques de Azevedo	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Guilherme Mirage Umeda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Guilherme Silveira Correia	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	3
Guilherme Trez	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Gustavo de Oliveira Almeida	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Gustavo Garcez Kramer	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Gustavo Madeiro da Silva	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	-	3
Gustavo Melo Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Gustavo Pereira Angelim	Retirante	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	3
Gustavo Cesar Oliveira Lima	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	4
Gylcilene Ribeiro Storino	Retirante	-	1	1	1	-	-	-	-	-	-	-	3
Hans Michael Van Bellen	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Heila Magali da Silva Veiga	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Heitor M. Quintella	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Heitor Mansur Caulliraux	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Helder Pontes Regis	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	1	-	1	-	3
Helen Copgue	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Helena Correa Tonet	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3
Helena Kuerten de Salles	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Helenides Mendonça	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Helenita de Araújo Fernandes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Heliana Marinho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Helio Arthur Reis Irigaray	Transiente	-	-	-	2	-	-	-	-	-	1	3	6
Helnon de Oliveira Cruzio	Retirante	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Heloisa Helena Albuquerque Borges Quaresma Gonçalves	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	2
Heloisa Rosa de Carvalho Takaki	Retirante	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	2
Hélvio de Avellar Teixeira	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Henrique César Muzzio de Paiva Barroso	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Henrique Cordeiro Martins	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	2	1	-	3
Henrique M. R. de Freitas	Retirante	1	1	-	-	1	-	-	1	-	-	-	4
Herbert Kimura	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	2	-	1	-	4
Hermano Roberto Thiry Cherques	Continuante	1	-	1	-	1	3	1	2	-	2	2	13
Hernan Edgardo Contreras Alday	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Heron Albergaria de Melo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Heron Sérgio Moreira Begnis	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Herta Kehrlé de Sá	Retirante	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Hilka Vier Machado	Continuante	-	-	1	1	2	1	1	2	1	3	-	12
Hivy Damásio Araújo Mello	Retirante	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Horácio Nelson Hastenreiter Filho	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Hugo Pena Brandão	Transiente	-	-	-	1	2	-	-	-	-	1	-	4
Hugo Túlio Rodrigues	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Humberto Elias Garcia Lopes	Retirante	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Hyane Trigueiro de Almeida	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Hygino Lima Rolim	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Igor Gomes Menezes	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	3
Igor Senger	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Ilídio M. Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ilse Gomes Silva	Retirante	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Ilse Maria Beuren	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Índira Nahomi Viana Caballero	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ionete Cavalcanti Moraes	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Iraci de Oliveira Sales	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Irene Kasumi Miura	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Írineu Dário Staub	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	1	1	1	-	4

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
 (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Irineu Rodrigues Frare	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Isa Aparecida de Freitas	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	1	1	-	3
Isabel Cristina dos Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Isabel de Sá Affonso da Costa	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	1	3
Isabella F. Freitas Gouveia de Vasconcelos	Continuante	-	-	-	1	-	1	3	5	1	2	1	14
Isabella Leitão Neves Frota	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Isadora Marks Löw	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Isak Kruglianskas	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Isamir Machado de Carvalho	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Isao Yamamoto	Retirante	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Isleide Arruda Fontenelle	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Isolda Veloso de Castilho	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Ivan Antônio Pinheiro	Continuante	-	1	2	-	-	-	1	1	-	1	-	6
Ivan Beck Ckagnazaroff	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Ivana Benevides Dutra Murta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Ivana Dolejal Homem	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ivanir Schroeder	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Izabel Cristina. Takitane	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Izidoro Blikstein	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
J. Ricardo C. de Mendonça	Retirante	-	-	-	-	-	3	1	1	-	-	-	5
Jaciara Treter	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Jackeline Amantino de Andrade	Continuante	-	-	-	-	-	1	3	-	2	2	1	9
Jacqueline Florindo Borges	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Jacqueline Saldanha Mendes da Costa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Jacqueline Silveira de Sá Leitão	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Jacques Demajorovic	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Jader C. de Souza-Silva	Continuante	-	-	1	1	-	-	-	1	1	-	1	5
Jáder dos Reis Sampaio	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Jair de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Jair Nascimento Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Jairo Alberto Machry Rambo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jairo Eduardo Borges-Andrade	Continuante	-	2	4	3	3	3	2	1	3	-	-	21
Jairo Simião Dornelas	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
James Alexandre Baraniuk	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
James Anthony Falk	Retirante	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Jamille Barbosa Cavalcante Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Janaina de Mendonça Fernandes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Janaina Machado Simões	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	-	4
Janaina Macke	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Janann Joslin Medeiros	Continuante	-	-	-	2	-	1	1	2	1	1	-	8
Janete Capel Hernandez	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Janete Lara de Oliveira Bertucci	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Janette Brunstein	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Janice Aparecida Janissek de Souza	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	3	1	-	-	4
Janice Janissek de Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Janna Rose	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jaqueline Loureiro Del Puppo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jássio Pereira de Medeiros	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jazan Mageski Alves	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Jean Martins de Souto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jean Moscarola	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Jeferson Kachan Verchai	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jenny Dantas Barbosa	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Jessé Alves Amâncio	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
João Adamor Dias Neves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
João Antônio da Silva Almeida	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
João Aprígio Guerra de Almeida	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
João Carlos Teixeira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
João Carlos Tenório Argolo	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	3
João Chang Junior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
João Gualberto Moreira Vasconcellos	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	1	1	-	3
João Helder A. S. Diniz	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
João Luiz Becker	Transiente	1	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	4
João Luiz Pereira Marciano	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
João Marcelo Crubellate	Continuante	-	2	2	1	2	2	3	1	3	1	3	20
João Mario Csillag	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
João Martins Tude	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
João Renato de Souza Coelho Benazzi	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
João Vieira da Cunha	Retirante	-	-	2	1	1	-	-	-	-	-	-	4
Joaquim Rubens Fontes Filho	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2
Jocimari Tres Schroeder	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Joel de Lima Pereira Castro Junior	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Joel Lincoln Oliveira Ferreira	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Joelsio José Lazzarotto	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
John Child	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	2	1	-	-	4
John Hassard	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Jonas Cardona Venturini	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Jones Louback	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Jorge Alexandre Barbosa Neves	Transiente	-	1	-	1	-	-	-	1	-	-	1	4
Jorge Augusto de Sá Brito e Freitas	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	3	-	4
Jorge Francisco Bertinetti Lengler	Transiente	-	-	-	-	1	1	-	-	1	-	-	3
Jorge Luiz Moraes Doval	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jorge Manuel Vitória Caetano Junior	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Jorge Oneide Sausen	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Jorge R. Bruno	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Jorge Renato Verschoore	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Jorge Santos Nêris	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Jorge Sündermann	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
José Afonso Mazzon	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
José Antônio Barros Alves	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
José Antônio de Sousa Neto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
José Arménio Rego	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
José Bezerra Honório	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
José Calixto de Souza Pires	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
José Carlos Marucci	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2
José Carlos Thomaz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
José Carlos Zanelli	Transiente	1	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	4
José Cláudio Cyrineu Terra	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
José dos Reis Gonçalves Rodrigues	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
José Edmilson de Souza-Lima	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
José Enrique Louffat Olivares	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
José Ernesto Lima Gonçalves	Retirante	1	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	4
José Gaspar Nayme Novelli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
José Henrique de Faria	Continuante	-	-	1	3	3	2	-	2	-	2	2	15
José Ivan de Paula Prohmann	Retirante	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
José Lindoval Aragão Matos	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
José Luís Abreu Dutra	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
José Luis Felício dos Santos de Carvalho	Continuante	-	-	-	-	2	2	-	3	1	3	-	11
José Luis Garcia Hermosilla	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
José Luis Salinas	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
José Luiz Thadeu Pereira Martins	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
José Manuel Portocarrero Canavarro	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
José Maria Carvalho Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
José Matias Pereira	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
José Mauro C. Hernandez	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
José Ricardo Costa de Mendonça	Transiente	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	3
José Ricardo Vargas de Faria	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
José Roberto Flores Reche	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
José Roberto Gomes da Silva	Continuante	-	-	-	1	1	3	2	3	1	2	2	15
José Rodrigues de F. Filho	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
José Rodrigues Filho	Retirante	1	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	3
José Santos de Jesus	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
José Vitor Bomtempo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Josete Florencio dos Santos	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Josiane Silva de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Josivânia Silva Farias	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Joyce de Souza Cunha Melo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Joysinett Moraes da Silva	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2	-	4
Juárez de Oliveira Chagas	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Julia Furlaneto Graeff	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Juliana Araújo Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Juliana Barreiros Porto	Continuante	-	-	1	-	-	-	1	-	1	1	1	5
Juliana da Silva Shimonishi	Retirante	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	2
Juliana de Carlo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Juliana Maria de Oliveira Leal Didier	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Juliana Mônica Yamamoto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Juliana Sena Calixto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Julianne Milward	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Julio Cesar de Santana Gonçalves	Continuante	-	-	-	-	1	2	1	2	-	2	1	9
Julio Cesar Donadone	Retirante	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
Julio Cunha	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Júnia Cerceau	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Júnia Marçal Rodrigues	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Juvêncio Braga de Lima	Continuante	-	-	1	1	1	-	-	2	1	1	1	8
Kamila Anderson Vasconcelos	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Karen Menger da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Luciana Campos Costa Rodrigues de Paula	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Luciana Castro	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Luciana Cramer	Retirante	-	-	-	-	2	1	2	-	-	-	-	5
Luciana de Oliveira Faria	Retirante	-	-	-	-	3	1	-	-	-	-	-	4
Luciana de Oliveira Miranda Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Luciana Giles da Silva	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luciana Grandi von Sperling	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Luciana Holanda Nepomuceno	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	4
Luciana Mourão	Retirante	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	2
Luciana Resende Ávila	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Luciano Barin Cruz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Luciano Costa Santos	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luciano Mendes	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Luciano Quinto Lanz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Luciano Rossoni	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	1	4
Luciano Thomé e Castro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Luciano Zille	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Luciene Jung de Campos	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Lucila Maria de Souza Campos	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Lucilaine Maria Pascucci	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Lucilio Linhares Perdigão de Moraes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Lucinéia Felipin Woitchnas	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Lúcio Flávio Renault de Moraes	Continuante	-	-	2	2	2	2	1	-	1	1	1	12
Lucy Woelner dos Santos	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Ludmila Mendonça Lopes Ribeiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Luis Antonio Aligleri	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Luis Carlos Ferreira de Sousa Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Luis Carlos Freire	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Luis Eduardo Carvalheira de Mendonça	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Luis Eduardo Duque Dutra	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Luis Fernando Filardi Ferreira	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luis Guilherme Galeão-Silva	Retirante	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	-	3
Luis Hernan Contreras Pinochet	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Luis Roque Klering	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luiz Akutsu	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Luiz Alberto da Costa Mariz	Transiente	-	-	-	2	-	-	-	2	1	1	-	6
Luiz Alcione Albandes Moreira	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	-	4
Luiz Alex Silva Saraiva	Continuante	-	1	-	-	-	1	-	2	1	1	2	8
Luiz Antônio Aligleri	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Luiz Antônio Antunes Teixeira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Luiz Antonio de Assis Ferreira	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Luiz Antonio Joia	Transiente	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2
Luiz Antônio Staub Mafra	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Luiz Arnaldo Stevanato	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luiz Carlos Castro	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Luiz Carlos de Oliveira Cecilio	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Luiz Carlos Honório	Retirante	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Luiz Carlos Jacob Perera	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Luiz César Ribeiro Carpinetti	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Luiz Fernando Paulillo	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luiz Fernando Penno	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Luiz Flavio Autran Monteiro Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Luiz Gonzaga Ferreira Capelão	Retirante	-	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	3
Luiz Henrique Aparecido Silvestre	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Luiz Henrique de Barros Vilas Boas	Retirante	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	3
Luiz Hernan Contreras Pinochet	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Luiz Marcelo Antonialli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Luiz Pasquali	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Luiza Maria Bessa Rebelo	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2
Lurdes Seide Froemming	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Lyana Jacqueline de Vasconcelos Salgues	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Lyla Collares dos Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
M. Teresa Martínez-Fernández	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Mac Amaral Cartaxo	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Macário Moraes Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Madiana Valéria Almeida Rodrigues	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Magali Cecili Surjus Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Magali dos Santos Machado	Retirante	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Magno Oliveira Macambira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Magnus Luiz Emmendoerfer	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	3
Máira Felistoffa de Oliveira	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Manoel Deusdedit Júnior	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Manoel Duarte	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Manuela Ramos da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marcel Ginotti Pires	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marcelo Afonso Almeida	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Marcelo Alves Lopes Sampaio	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marcelo Augusto Ribeiro Rodrigues da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marcelo Bedani	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Marcelo Bronzo	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Marcelo Dantas	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Marcelo Ferreira Trezza Knop	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marcelo Françoiso Mendes de Andrade	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Marcelo Gattermann Perin	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2
Marcelo Henrique Costa Pimenta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marcelo Márcio Romaniello	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Marcelo Marinho Aidar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marcelo Miele	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Marcelo Milano Falcão Vieira	Continuante	2	3	2	3	2	-	4	6	5	5	-	32
Marcelo Pomeraniec Carpilovsky	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marcelo Sanches Pagliarussi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marcelo Tyszler	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2
Márcia Carvalho de Azevedo	Transiente	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	3
Márcia de Macedo Cruz	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Márcia Di Creddo Maximo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Márcia Esteves Agostinho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Márcia Prezotti Palassi	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Márcia Regina Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Márcia Regina Gabardo da Câmara	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Márcia Zampieri Grohmann	Transiente	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	1	3
Marcelo Lima	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Márcio André Leal Bauer	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	1	2	5
Márcio Augusto Gonçalves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Márcio da Silveira Luz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Márcio Gomes de Sá	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Márcio Jacometti	Transiente	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	3
Márcio Silva Rodrigues	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Marco Antonio Bastoni	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marco Antonio Brandão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Marco Antonio Silva de Castro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Marco Aurélio N. de Barros	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marco Aurélio Nogueira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Marcos Abílio Bosquetti	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marcos Afonso Ortiz Gomes	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Marcos Antonio Martins Lima	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Marcos Barros	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Marcos Cavalcanti	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Marcos Cortez Campomar	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marcos Emanuel Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marcos Fava Neves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marcos Gilson Gomes Feitosa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marcos Gonçalves Ávila	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marcos Goulart Castelo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marcos Luís Procópio	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	2	-	3
Marcus Alban	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marcus Brauer Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marcus Santos Lourenço	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marcus Vinicius Gonçalves da Cruz	Retirante	-	-	-	-	1	2	-	1	-	-	-	4
Marcus Vinicius Soares Siqueira	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	3
Marcus Wilcox Hemais	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Margarida G. A. Brandão	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Antônia Rocha da Fonseca Lopes	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Aparecida Barbosa Lima	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Aparecida da Silva	Retirante	-	-	-	-	1	1	1	5	-	-	-	8
Maria Aparecida de Almeida Leal Wichert	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Maria Aparecida Ferreira de Aguiar	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Aparecida Gouvêa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Aparecida Pereira da Silva Oliveira	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Aparecida Viviani Ferraz	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Maria Arlete Duarte de Araújo	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Maria Auxiliadora de Mello Pereira	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Auxiliadora Diniz de Sá	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Maria Ceci A. Misoczky	Continuante	-	-	-	2	1	1	1	2	2	1	1	11
Maria Cecília Coutinho de Arruda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Cecília dos Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Cecília Lemos Gontijo	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	3

**TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)**

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Maria Cecília Pereira	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	2	3	-	6
Maria Cecília Pinto Marques	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Célia Furtado Rocha	Retirante	-	-	1	1	2	3	-	-	-	-	-	7
Maria Chalfin Coutinho	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	2
Maria Cristina Angélico Mendonça	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Cristina Dadalto	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Maria Cristina Ferreira	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Maria Cristina Moura	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Cristina Penido Lauria	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Cristina Sanches Amorim	Transiente	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2
Maria da Conceição Ponciano de Arruda	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria da Penha Felício dos Santos de Carvalho	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Maria das Graças Torres da Paz	Continuante	-	-	-	1	-	1	-	-	2	3	2	9
Maria de Fátima Araújo Frazão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria de Fátima Bruno-Faria	Transiente	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2	3
Maria de Fátima da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Maria de Lourdes Borges	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Maria do Carmo Leite de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Maria do Carmo Romeiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria do Carmo S. Reis	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria do Socorro Macedo Vieira de Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Eduarda Wildi Vinhaes de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Elisa Brandão Bernardes	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Elisa Moreira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Eliza Gonçalves de Siqueira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Elizabeth R. Fernandes	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	2
Maria Ester de Freitas	Transiente	1	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	3
Maria Ester Menegasso	Retirante	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	2
Maria Fernanda Caldeira Pimenta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Gracinda Carvalho Teixeira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Helena G. Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Iolanda Sachuk	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Irene Stocco Betiol	Retirante	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	3
Maria Isolda Castelo Branco Bezerra de Menezes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Ivete Trevisan Fossá	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria José B. Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria José Menezes Brito	Transiente	-	-	-	-	-	1	1	2	1	-	-	5
Maria José Tonelli	Continuante	1	-	-	2	2	5	1	2	-	-	1	14
Maria Júlia Pantoja	Transiente	-	-	-	-	-	1	2	1	2	-	-	6
Maria Laetitia Corrêa	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Maria Lucia Alves Pereira Cardoso	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Lucia Maximiano	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Luisa Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Luisa Conceição Bisi Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Luisa de Fátima Doyle	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Maria Luisa Mendes Teixeira	Continuante	-	-	-	-	-	1	1	2	2	5	1	12
Maria Mesquita Telles	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Nivalda de Carvalho-Freitas	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	4	7
Maria Priscilla Kreilton	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Regina de Carvalho Teixeira de Oliveira	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	2
Maria Stael Bittencourt Madureira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Tereza Chenaud Sá de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Maria Tereza Flores-Pereira	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	3
Maria Tereza Leme Fleury	Continuante	1	1	-	3	1	-	1	-	1	-	-	8
Maria Tereza Saraiva de Souza	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Terezinha Angeloni	Retirante	1	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	3
Maria Terezinha Lodi Liboni	Retirante	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	2
Maria Valéria Pereira de Araújo	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Maria Vilma Coelho Moreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Mariana Baldi	Continuante	-	1	1	-	-	1	-	-	2	3	-	8
Mariana Lima Bandeira	Retirante	-	-	1	1	-	-	-	1	-	-	-	3
Mariana Mayumi Pereira de Souza	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	1	4
Mariana Viana Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Mariane Miquel Chaves	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Mariângela Leal Cherchiglia	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marianne Hoeltgebaum	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marianne Kellner Haak	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Mariano Ferro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maria Anne Macadar	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marilene de Castilho Sá	Retirante	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Marilene Zazula Beatriz	Retirante	1	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	3
Marília Cristina da Silva Araújo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marilisa do Rocio Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1

**TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)**

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Marilore Andrea Jaeger	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marilson Alves Gonçalves	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marina Keiko Nakayama	Retirante	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Marinina Gruska Benevides	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Mário Aquino Alves	Continuante	-	-	-	1	-	2	1	2	-	3	-	9
Mario Couto Soares Pinto	Retirante	1	1	-	1	1	-	-	-	-	-	-	4
Mário de Figueiredo Cunha da Costa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Mario Nei Pacanhan	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Marisa Eboli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Marisa Guarezi Silvestre	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Marisa Pereira Eboli	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maristela Regina Morais	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Markus Schwanager	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marlene Catarina de Oliveira Lopes Melo	Continuante	1	-	-	2	1	1	1	4	3	4	3	20
Marli Dias Souza Pinto	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marli Elizabeth Ritter dos Santos	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Marlúcio Cândido	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Marta Biagi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Marta Fabiano Sambiase Lombardi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Martha Lúcia Catão Zenaide	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Martha Maria Freitas da Costa	Retirante	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Martinho Luís Kelm	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Mateus Cecílio Gerolamo	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	2
Matheus Alberto Consoli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Mauri Leodir Löbler	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Maurício Fernandes Pereira	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Maurício Henrique Benedetti	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	2	-	1	-	4
Maurício Reinert do Nascimento	Retirante	-	-	1	-	1	-	1	2	-	-	-	5
Maurício Serva	Continuante	2	-	-	1	1	1	-	2	-	3	-	10
Meiry Kamia	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Melissa Franchini Cavalcanti	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Mércya Rose de Oliveira Carvalho	Transiente	-	-	-	1	-	1	-	-	1	1	-	4
Michael J. Zyphur	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Michele Ferreira Fortunato de Menezes	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Michella Siqueira Ferreira	Transiente	-	-	-	-	-	1	2	-	1	-	-	4
Michelle Diniz Martins	Retirante	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Michelle Helena Kovacs	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Michelli F. F. de Menezes	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Miguel Angel Verdinelli	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Miguel Eduardo Moreno Afêz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Miguel Filho Ferreira de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Miguel P. Caldas	Continuante	2	5	4	3	3	4	1	1	6	2	-	31
Miguel Pina e Cunha	Continuante	-	-	3	1	1	-	-	-	1	1	1	8
Milena Aparecida Lopes da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Milena Cristiane Nascimento Mendonça	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	2	3
Milka Alves Correia	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2
Miramar Ramos Maia Vargas	Retirante	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Miriam Rodrigues	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Mirian Oliveira	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	2
Mirian Serrão Vital	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Mirlene Maria Matias Siqueira	Continuante	-	-	-	-	2	2	1	-	1	1	-	7
Moacir de Miranda Oliveira Junior	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Moema Miranda de Siqueira	Retirante	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Moisés Villamil Balestro	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Mônica Alves Amorim	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Mônica Birchler Vanzella Meira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Mônica Carvalho Alves Cappelletti	Continuante	-	-	-	-	3	2	1	2	2	2	1	13
Mônica Cristina Lopes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Mônica de Fátima Bianco	Continuante	-	-	-	1	-	1	-	3	-	2	1	8
Mônica Gantois	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Mônica Gonçalves de Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Mônica M. M. de Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Mônica Mac-Allister	Continuante	-	1	-	-	-	1	-	1	1	1	-	5
Mônica Mansur Brandão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Mônica Maria Barbosa Gueiros	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	2
Mônica Silva de Melo	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Monize Sâmara Visentini	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Mozar José de Brito	Continuante	2	-	-	-	3	1	1	3	2	4	2	18
Munilo Carneiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Myrian Constantino de Almeida Valença	Retirante	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	2
Myrle Godoy Martins Zanatta	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Myrna Suely Silva Lorêto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Nadine Helene Silva Rocha	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Paulo Sérgio Grave	Retirante	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
Paulo Tácito Gontijo Guimarães	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Paulo Tromboni de Souza Nascimento	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Paulo Vinícius de Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Pedro de Almeida Costa	Retirante	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2
Pedro Ivan Christoffoli	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Pedro Jaime Coelho Júnior	Transiente	-	-	-	-	2	1	-	-	-	1	-	4
Pedro José Steiner Neto	Continuante	-	1	-	1	-	1	-	1	-	1	-	5
Pedro Lincoln C. L. de Mattos	Continuante	-	-	-	2	-	1	2	-	1	-	1	7
Pedro Luís Büttenbender	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Pedro Luiz da Silva Bratkowski	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Pedro Mendes Hofmeister	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Pedro Paulo Gangemi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Pedro Salanek Filho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Peter Spink	Retirante	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	2
Philip D. Ghadiri	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Pierre Fayard	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	2
Rafael Alcadipani	Continuante	-	-	1	5	2	1	3	3	-	-	1	16
Rafael Augusto Vecchio	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	3
Rafael Caldas Ferreira da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rafael Derois Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rafael Kruter Flores	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	3	-	3
Rafael Pereira Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Raimundo S. Leal	Continuante	-	-	-	2	-	3	1	1	-	-	1	8
Raimundo Wellington Araújo Pessoa	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Ralph da Silva Santos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Randall Sleeth	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Raquel Cristina Radamés de Sá	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Raquel Margarida Nascimento Lopes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Raquel Oliveira Xavier	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Raquel Ribeiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Raymond Prada Daza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Rebeca Alves Chu	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Regina da Paixão	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Regina F. A. Lyra Toscano	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Regina Helena Perez Martins	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Regina Lucia Ramos Lourenço	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Reginaldo Sales Magalhães	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Reinaldo Cherubini Neto	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Rejane Prevot Nascimento	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Renan Petersen-Wagner	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Renata Augusto Gomes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Renata Buarque Goulart Coutinho	Retirante	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	2
Renata Costa Ferreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Renata de Almeida Bicalho	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2
Renata de Magalhães Gaspar	Retirante	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	3
Renata Guimarães Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Renata Ovenhausen Albernaz	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Renata Simões Guimarães e Borges	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Renato Cader da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Renato J. Casagrande	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Renato Santos de Souza	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Reno Augusto Diniz Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Reynaldo Cavalheiro Marcondes	Retirante	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	3
Reynaldo Josué de Paula	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Reynaldo Maia Muniz	Transiente	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	2
Rezilda Rodrigues Oliveira	Transiente	-	-	-	-	1	1	-	1	-	1	-	4
Ricardo Bezerra de Menezes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ricardo Campelo de Queiroz	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Ricardo Corrêa Gomes	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	1	5
Ricardo Dasilva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ricardo José Dória	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ricardo Miranda Barcia	Retirante	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	2
Ricardo Pandolfi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Ricardo R. B. Bresler	Retirante	-	-	-	2	1	1	-	-	-	-	-	4
Ricardo Roberto Behr	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Ricardo Rodrigues Silveira de Mendonça	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ricardo Simm Costa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ricardo Teixeira Veiga	Retirante	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Ricardo Uhry	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Rinaldo Sérgio Vieira Arruda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Rita de Cássia de Faria Pereira	Retirante	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	2
Rita de Cássia Klein	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE (cont.)

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Rita de Cássia Martins de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Rita Magna Reis Lobo de Vasconcelos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Rivadavia Correa Drummond de Alvarenga Neto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Rivanda Meira Teixeira	Retirante	-	-	-	-	-	3	-	1	-	-	-	4
Roberta Aparecida Neves Granito	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Roberto Coda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Roberto Costa Fachin	Continuante	-	-	-	1	1	1	1	-	1	-	-	5
Roberto da Costa Pimenta	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Roberto da Silva Dias	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Roberto de Mattos Soldi	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Roberto dos Reis Alvarez	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Roberto Funck	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Roberto Gonzalez Duarte	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Roberto Grün	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Roberto Lima Ruas	Retirante	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Roberto M. Protil	Retirante	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	-	2
Roberto Patrus Mundim Pena	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Roberto Rego Vieira da Rocha	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Roberto S. Vassolo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Roberto Salles Xavier	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Roberto Sanglard Leite da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Robson Amâncio	Transiente	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	3
Robson Quinello	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2
Robson Silva Rocha	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Robson Zuccolotto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Rocio Castro Kustner	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Rodrigo Bisognin Castilhos	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Rodrigo César Neiva Borges	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Rodrigo Gameiro Guimarães	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rodrigo Gomes de Magalhães	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Rodrigo Hübner Mendes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Rodrigo Jussi Lopes	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Rodrigo Prante Dill	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rodrigo Reszka Pinheiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rodrigo Serpa Pinto	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Rogério da Silva Nunes	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Rogério Faé	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rogério Hermida Quintella	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Rogério Sobreira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Romualdo Douglas Colauto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Ronald H. Humphrey	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Ronald Otto Hillbrecht	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Ronaldo André Rodrigues da Silva	Continuante	-	-	-	1	1	-	-	1	-	2	1	6
Ronaldo Héber Torres Barreto Sales	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Ronaldo Pilati	Continuante	-	2	2	1	1	-	-	-	1	1	-	8
Ronara Dias Adorno	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Rosa Maria Fischer	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	2
Rosa Maria Nader	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Rosa Maria S. A. Barbosa	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Rosalia Aldraci Barbosa Lavarda	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Rosana Aquery de Moraes Abreu	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Rosana Icassatti Corazza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Rosana Mara Mazaro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rosana Muñoz	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Rosana Vieira de Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rosane Schikmann	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Rosângela Gamba Crédio de Coimbra	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Rosângela Vianna Alves da Silva	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Rosângela Violetti Bertolin	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Roseli Caresia Romaniello	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Roseli da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Roseli de Oliveira Machado	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Rosemari Faça Viégas	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rosemeri Schneider de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Rosilene Marcon	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Rosimeri Carvalho da Silva	Continuante	-	-	-	2	1	1	1	3	1	3	1	13
Rosinha Machado Carrion	Transiente	-	-	-	1	-	-	1	1	-	2	-	5
Rozália Del Gáudio Soares	Retirante	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	2
Rubens Bauer Naveira	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Rudimar Antunes da Rocha	One-Timer	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Ruth Steuer	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2
Ruthy Nadia Laniado	Retirante	-	1	1	1	-	-	1	-	-	-	-	4
Sacha D. P. Ghadiri	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1

**TABELA 24 PARTICIPAÇÃO EM ARTIGOS POR CATEGORIA DE AUTOR E COMPONENTE
(cont.)**

Autor	Categoria	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total Geral
Stewart Roger Clegg	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Sueli Galego de Carvalho	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	2
Sueli Gandolfi Dallari	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Sueli Goulart	Continuante	-	-	-	-	1	2	2	2	2	1	-	10
Sueli Terezinha Vieira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Suerda da Silva Guedes Morais	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Susana Carla Farias Pereira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Susana Goerck	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Susane Petinelli-Souza	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Suzana Braga Rodrigues	Continuante	1	-	1	2	2	1	-	2	2	-	-	11
Suzana da Rosa Tolfo	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	1	-	1	1	4
Suzana Maria Valle Lima	Retirante	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	2
Sylvia Constant Vergara	Continuante	3	2	-	6	4	4	4	3	3	2	2	33
T. Diana L. V. A. de Macedo-Soares	Retirante	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	2
Taiane Las Casas Campos	Transiente	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	2
Tais Andrade Targa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Takeyoshi Imasato	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Tales Andreassi	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Talita R. da Luz	Continuante	-	1	1	-	-	1	-	2	-	1	-	6
Tamára Cecilia Karawejczyk	Transiente	-	-	-	1	-	1	-	-	1	-	-	3
Tamara Greffo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Tâmara Tenório Borges de Carvalho	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Tania Casado	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Tânia Fischer	Continuante	-	-	3	2	5	-	1	1	1	2	1	16
Tânia Maria Corrêa Estevaletto Macedo	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Tânia Maria da Cunha Dias	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Tânia Modesto Veludo-de-Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Tania Nobre Gonçalves Ferreira Amorim	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Tania Nunes da Silva	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Tânia Regina Belmiro	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Tanúzia Maria Vieira Espírito Santo	Retirante	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	2
Tarcizio Rego Quirino	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Tatiana C. de Carvalho Monteiro	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Tatiana Dias Silva	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2
Tatiana Iwai	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	2	4
Tatiana Régine Sachs	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Tatiana Tinoco	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Tatiane Paschoal	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Távia Correia Monte	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Telma Regina da Costa Guimarães Barbosa	One-Timer	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Tércio Antonio de Souza Xavier	Retirante	1	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	3
Teresinha de Jesus Gomes Costa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1
Teresinha de Jesus Loureiro de Oliveira Mourão	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Thais Nogueira Gil	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Thais Ribeiro de Oliveira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Thiago Duarte Pimentel	Entrante	-	-	-	-	-	-	-	-	2	2	2	6
Thomaz Wood Jr.	Continuante	2	3	2	4	3	4	-	1	1	2	-	22
Tiago Bergmann Borges Vieira	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Tiago Corbisier Matheus	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Tiziana Severi Freitas	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Tomas de Aquino Guimarães	Continuante	-	2	1	1	3	3	1	3	3	2	4	23
Umbelina O. Scapim Próspero	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Urânia Catão Maribondo da Trindade	One-Timer	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1
Ursula Wetzel	Continuante	-	-	-	1	-	1	-	1	-	2	1	6
Valcemiro Nossa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Valderez F. Fraga	One-Timer	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Valdinei Souza	One-Timer	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1
Valdir de Jesus Lameira	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1
Valdir Gomes	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Valdir Machado Valadão Júnior	Transiente	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-	-	3
Valéria da Glória Pereira Brito	Transiente	2	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	5
Valéria Silva da Fonseca	Transiente	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	3
Valérie Fournier	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Valeska Nahas Guimarães	One-Timer	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Valmir Emil Hoffmann	Transiente	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	3
Valmíria Carolina Piccinini	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	2	-	-	-	3
Valquiria Veiga Tessari Brito	One-Timer	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Valter de Assis Moreno Junior	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Valter João de Sousa	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Vanderli Correia Prieto	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Vaner José do Prado	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1
Vanessa Goldoni	One-Timer	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Vanessa Paternostro Melo	Retirante	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	2

